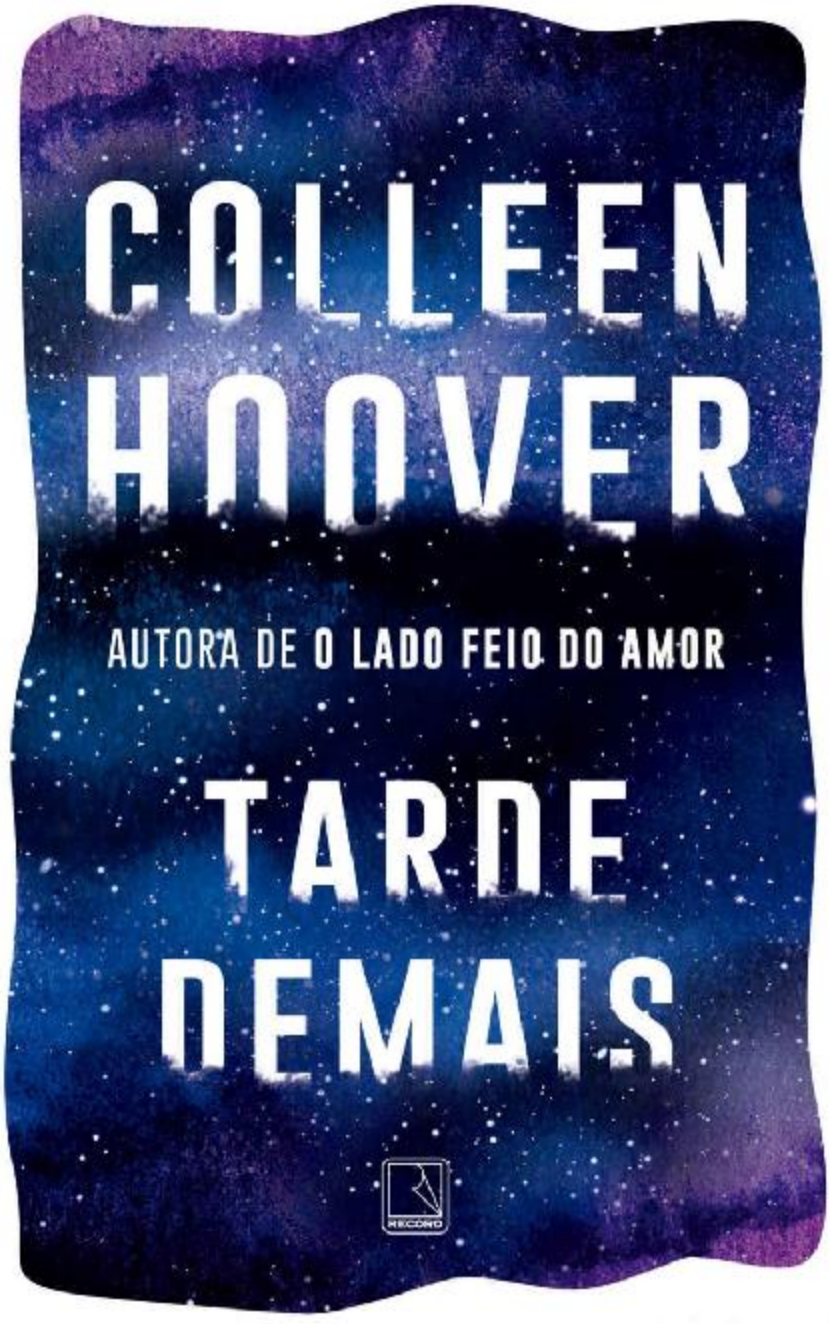
COLLEEN HOOVER

AUTORA DE O LADO FEIO DO AMOR

TARDE DEMAIS





Obras da autora publicadas pela Galera Record

***Série* Slammed** *Métrica*

Pausa

Essa garota

***Série* Hopeless** *Um caso perdido Sem esperança*

Em busca de Cinderela ***Série*** **Nunca jamais** *Nunca jamais*

Nunca jamais: parte dois O lado feio do amor Talvez um dia

Novembro, 9

Confesse

É assim que acaba Tarde demais

COLLEEN HOOVER

TARDE DEMAIS

Galera

Tradução:

Alda Lima

1ª edição

RIO DE JANEIRO

2018



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H759t

Hoover, Colleen, 1979—

Tarde demais [recurso eletrônico] / Colleen Hoover ; tradução Alda Lima. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2018.

recurso digital ; epub

Tradução de: Too late

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-10251-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Lima, Alda. II. Título.

18-49911

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária CRB-7/6439

Título original:

Too Late

Copyright © 2016 Colleen Hoover

Copyright da edição em português © 2018 por Editora Record LTDA.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editoração eletrônica: Abreu’s System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10251-5

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Queridos leitores,

Este livro começou como um projeto no qual eu trabalhava durante bloqueios criativos. Nunca tive a intenção de publicá-lo porque ele não se parece em nada com os outros livros que escrevo. É mórbido, é perverso, e era uma válvula de escape divertida quando eu ficava empacada em outro livro ou na reviravolta de outra história.

Disponibilizei os primeiros capítulos numa plataforma gratuita há dois anos porque havia comentado sobre escrevê-lo e alguns leitores pediram para ler o que eu já havia feito. Então, passei a ocasionalmente acrescentar capítulos a ele na tal plataforma.

O que começou como algo que eu nunca pretendi que alguém lesse logo se transformou em algo que eu mal podia esperar para concluir. Eu escrevia e subia os capítulos quase diariamente, então a história foi escrita em tempo real, diferentemente dos meus outros romances. O lançamento e o feedback imediatos de cada capítulo tornaram-se um vício para mim e para os leitores que viraram fãs da história. Tanto que mesmo quando o terminei e escrevi “Fim”, eu simplesmente não consegui parar de escrever. Escrevi diversos epílogos e até quebrei as regras ao inserir um prólogo ao final do livro. Os capítulos foram escritos e postados da forma como estão dispostos neste livro.

Também decidi deixar os títulos dos capítulos da versão impressa iguais ao original. Fiz isso porque quero que os leitores que pegarem este livro pela primeira vez o leiam exatamente como foi escrito e na ordem em que foi pensado.

Como *Tarde demais* e a experiência de escrevê-lo foram tão diferentes de meus outros trabalhos, eu queria uma maneira de mantê-los separados para os leitores. Estou lançando este livro usando minhas iniciais em vez do meu primeiro nome completo. Assim, os leitores que amam meus trabalhos publicados podem facilmente diferenciá-lo entre os livros que crio e entrego por meio da minha editora e os livros que crio à parte, por diversão.

Originalmente, escrevi e lancei *Tarde demais* de graça. Anunciei que ficaria de graça no site e não estaria disponível em versão impressa. No entanto, recebi muitos pedidos de pessoas querendo ler o livro no Kindle ou ter uma cópia em mãos. A história já está disponível online há quase um ano, mas não pela plataforma que os leitores mais pediram que estivesse. Portanto, resolvi tornar este livro gratuito pelo Kindle Unlimited, assim como em versão impressa, por tempo limitado. Muito obrigada a todos pelo apoio enquanto eu trabalhava nisso. Por favor, saibam que de maneira alguma este livro é apropriado para crianças e pré-adolescentes. Esta obra trata de assuntos muito mais sombrios que meus outros livros e inclui conteúdo adulto. Prossiga com cautela.

Atenciosamente,

Colleen Hoover

Este livro é dedicado a cada membro do grupo *Too Late* do Facebook.

Obrigada por tornar esta uma das minhas experiências de escrita favoritas.

Especialmente você, Ella Brusa.

SUMÁRIO

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

CATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

TRINTA E OITO

TRINTA E NOVE

QUARENTA

QUARENTA E UM

QUARENTA E DOIS

QUARENTA E TRÊS

QUARENTA E QUATRO
QUARENTA E CINCO
FIM
EPÍLOGO
LUKE
ASA
SLOAN
LUKE
ASA
PRÓLOGO
EPÍLOGO DO EPÍLOGO
DOIS MESES ANTES
DIAS ATUAIS
SLOAN
ASA
SLOAN
LUKE
LUKE

UM

Sloan

Dedos quentes se entrelaçam aos meus, pressionando ainda mais minhas mãos no colchão. Minhas pálpebras estão pesadas demais para abrir por causa da falta de sono desta semana. Da falta de sono do mês inteiro, na verdade.

Caramba, do maldito *ano* inteiro.

Gemo e tento juntar as pernas, mas não consigo. Há pressão em todo lugar. No meu peito, no meu rosto, entre minhas pernas. Demoro alguns segundos para desviar minha mente do estupor sonolento, mas estou acordada o bastante para saber o que ele está fazendo.

— Asa — balbucio, irritada. — Saia de cima de mim.

Ele continua empurrando seu peso contra mim, gemendo no meu ouvido, sua barba matinal arranhando minha bochecha.

— Estou quase terminando, gata — sussurra ele contra meu pescoço.

Tento tirar as mãos de baixo das dele, mas Asa as aperta com mais força, lembrando-me de que não sou nada além de uma prisioneira na minha própria cama, e que ele é o guarda do quarto. Asa sempre conseguiu fazer com que eu me sentisse como se meu corpo estivesse à sua disposição. Ele nunca é mau ou força a barra; é apenas carente — o que acho muito inconveniente.

Tipo agora.

Às seis horas da maldita manhã.

Adivinho a hora pela luz do sol entrando pela fresta da porta, e pelo fato de Asa estar vindo se deitar só agora depois da noite de ontem. Eu, por outro lado, tenho que chegar na aula em menos de duas horas. Não era assim que

eu teria escolhido ser arrancada do meu sono após apenas três horas dormindo, se tivesse escolha.

Envolvo a cintura dele com as pernas e torço para que ache que estou gostando. Quando pareço meio interessada, ele termina tudo mais depressa.

Ele agarra meu seio direito e dou o gemido esperado, bem na hora em que ele começa a estremecer.

— *Porra* — geme ele, enterrando o rosto em meu cabelo, balançando-se lentamente em minha direção.

Depois de vários segundos, ele cai em cima de mim e suspira pesadamente, então beija meu rosto e rola para o seu lado da cama. Ele se levanta e tira a camisinha, jogando-a no lixo, e pega uma garrafa de água na mesa de cabeceira. Então leva a garrafa até os lábios, dando uma olhada em minha pele exposta. Sua boca exibe um sorriso preguiçoso. — Adoro ser o único que já esteve dentro disso aí.

Ele fica de pé, confiantemente nu, ao lado da cama, e termina de beber o resto da água. É difícil aceitar elogios quando vêm de alguém que se refere ao seu corpo como “isso aí”.

Apesar da boa aparência, Asa tem seus defeitos. Na verdade, sua aparência deve ser a única coisa na qual *não* vejo defeitos. Ele é arrogante, tem temperamento forte, é difícil de lidar às vezes. Mas me ama. Ele me ama pra cacete. E eu estaria mentindo se dissesse que não o amo também. Se pudesse, eu mudaria muitas coisas em Asa, mas ele é tudo que tenho no momento, então aguento. Ele me trouxe para casa quando eu não tinha mais para onde ir. Ninguém mais com quem contar. Só por este motivo eu o aturo. Não tenho escolha.

Asa ergue uma das mãos e seca a boca, jogando a garrafa vazia no lixo. Ele passa as mãos pelo cabelo castanho e grosso e pisca para mim. Então se joga na cama e se aproxima, me beijando suavemente na boca.

— Boa noite, gata — diz ele, deitando-se de costas.

— Você quer dizer bom *dia* — corrijo, levantando com relutância da cama.

Minha camiseta está enrolada em volta da cintura, então a puxo para baixo e pego uma calça e outra camisa.

Atravesso o corredor até o chuveiro, aliviada por nenhum de nossos incontáveis colegas de apartamento estarem ocupando o único banheiro do andar de cima.

Verifico a hora no meu celular e me encolho quando percebo que não terei tempo nem para tomar um café.

É a primeira aula do semestre e já estou planejando usá-la para colocar meu sono em dia. Isso não parece nada bom.

Não tenho como continuar assim. Asa nunca vai para a faculdade, mas ele passa quase que com nota máxima em todas as matérias. Estou me esforçando para me manter em pé, e não faltei um único dia no semestre passado. Bem, fisicamente. Como moramos com várias outras pessoas, nunca há um momento de silêncio na casa. Acabo pegando no sono durante a aula com frequência; é o único momento em que tenho paz e tranquilidade. As festas parecem durar todas as horas do dia e da noite, independentemente de quem tem aula no dia seguinte. Não existe uma separação entre fins de semana e dias úteis em nossa casa, e o aluguel não tem influência sobre quem mora aqui.

Não sei nem *quem* mora aqui na maior parte do tempo. Asa é o dono da casa, mas ele ama estar rodeado de pessoas, então gosta do esquema “entra e sai de graça”. Se

eu tivesse condições, arranjaria um lugar só para mim em um piscar de olhos. Mas não tenho. Isso significa mais um ano de completo inferno antes de me formar.

Mais um ano antes de ser livre.

Tiro a camiseta e a largo no chão, e em seguida abro a cortina do chuveiro. Assim que aproximo a mão da torneira, grito o mais alto que consigo. Desmaiado na banheira, totalmente vestido, está nosso mais novo colega de apartamento em tempo integral, Dalton.

Ele acorda com um susto e bate a testa na torneira logo acima, gritando. Eu me abaixo e pego minha camiseta bem na hora em que a porta se escancara e Asa entra correndo.

— Sloan, você está bem? — pergunta ele freneticamente, me virando para ver se me machuquei.

Confirmo fervorosamente com a cabeça e aponto para Dalton na banheira. Ele geme.

— Eu não estou bem.

O rapaz põe a palma da mão na testa recém-machucada e tenta sair da banheira.

Asa olha para mim, para meu corpo nu sendo coberto pela camisa em minhas mãos, e então de volta para Dalton. Fico com medo de que entenda tudo errado, então começo a explicar, mas ele me interrompe com uma gargalhada alta e inesperada.

— Você fez isso com ele? — pergunta, apontando para a cabeça de Dalton.

Faço que não.

— Ele bateu a cabeça na torneira quando gritei.

Asa ri ainda mais e estende a mão para Dalton, ajudando-o a sair de vez da banheira.

— Vamos lá, cara, você precisa de uma cerveja. O melhor remédio para ressaca.

Ele empurra Dalton para fora do banheiro e segue atrás dele, fechando a porta ao sair.

Fico ali paralisada, ainda agarrando minha camiseta contra o peito. A parte triste é que esta é a terceira vez que isso acontece. Um idiota diferente cada vez, desmaiado na banheira. Faço uma anotação mental para checar a banheira de agora em diante antes de tirar a roupa.

DOIS

Carter

Tiro a tabela com os horários das aulas do bolso e a desdobro para procurar o número da sala.

— Que droga — digo ao telefone. — Me formei na faculdade há três anos. Não me inscrevi nessa merda para fazer dever de casa.

Dalton ri alto, me forçando a afastar o telefone da orelha.

— Que pena — diz ele. — Tive que dormir numa maldita banheira ontem à noite. Se conforme, cara.

Interpretar faz parte do trabalho.

— Fácil dizer. Você se inscreveu para uma aula por semana. Eu tenho três. Por que Young só te deu uma?

— Talvez eu faça um boquete melhor — responde Dalton.

Olho para meus horários e de volta para o número da sala à minha frente, e percebo que eles batem.

— Preciso ir. *La clase de Español.*

— Carter, espera. — O tom de voz dele fica mais sério. Dalton pigarreia e se prepara para a “conversa de incentivo” dele. Tenho sofrido com isso diariamente desde que começamos a trabalhar juntos. — Tente tornar isso divertido, cara. Estamos tão perto de conseguir tudo o que queremos... Você vai ficar aqui por no máximo dois meses. Encontre uma gostosa e se sente ao lado dela, isso vai fazer os dias passarem mais rápido.

Olho pela janelinha de vidro na porta da sala. Está praticamente lotada, com apenas três cadeiras vazias.

Meu olhar logo se fixa numa garota no fundo da sala, ao lado de um dos lugares vagos. Seu cabelo escuro cai no

rosto enquanto ela apoia a cabeça nos braços. Está dormindo. Posso me sentar ao lado dos dorminhocos; são os tagarelas que não consigo tolerar.

— Olhe só. Já encontrei a gostosa ao lado de quem sentar. Falo com você depois do almoço.

Encerro a ligação e abro a porta da sala, colocando o celular no mudo. Aperto a alça da mochila enquanto caminho até o fundo da sala. Eu me espremo ao passar por ela e chegar ao lugar vazio, largando a mochila no chão e o telefone na mesa. O barulho que o aparelho faz quando bate na madeira sólida acorda a garota. Ela se empertiga imediatamente, arregalando os olhos. Olha ao redor da sala, frenética e confusa, e então para o caderno em sua mesa. Puxo a cadeira e me sento ao seu lado. Ela olha feio para meu celular largado na mesa à nossa frente, e então me encara.

Seu cabelo está uma bagunça e há um rastro brilhante de saliva escorrendo do canto de sua boca, descendo até o queixo. Ela está me olhando feio, como se eu tivesse interrompido o único minuto de sono que já teve na vida.

— Ficou acordada até tarde? — pergunto.

Depois me abaixo e abro a mochila, tirando o livro de exercícios de espanhol que eu provavelmente poderia recitar de cor.

— A aula acabou? — questiona ela, estreitando os olhos para o livro que estou colocando na mesa.

— Depende.

— Do quê?

— De quanto tempo você ficou apagada. Não sei exatamente a que aula veio assistir, mas esta aqui é a de espanhol das dez horas.

Ela joga os cotovelos na mesa e resmunga, esfregando o rosto com as mãos.

— Eu dormi por cinco minutos? Só isso? — Ela se recosta e relaxa, apoiando a cabeça no encosto da cadeira. — Me acorde quanto terminar, ok?

Ela fica me olhando, esperando que eu concorde. Bato o dedo no queixo.

— Tem uma coisa bem aqui.

Ela seca a boca e olha para a mão para inspecioná-la. Achei que fosse ficar envergonhada por ter saliva escorrendo pelo rosto, mas ela apenas revira os olhos e puxa as mangas compridas até cobrirem suas mãos. Ela seca a poça de saliva na mesa com a manga, e então relaxa novamente na cadeira, fechando os olhos.

Já fiz faculdade. Sei como são as noites em claro, as festas, os estudos, e nunca ter tempo para tudo. Mas essa garota parece estressada ao máximo. Estou curioso para saber se é por trabalhar durante a noite ou por festejar além da conta.

Estico o braço até minha mochila e pego o energético que comprei a caminho daqui. Acho que ela precisa mais do que eu.

— Toma. — Coloco-o na mesa à frente dela. — Beba isso.

Ela abre lentamente os olhos, como se suas pálpebras pesassem quinhentos quilos cada. Ela olha para a bebida, e então a pega depressa e a abre. Ela bebe freneticamente, como se fosse a única coisa que bebesse em dias.

— De nada.

Eu rio.

Ela termina de beber e coloca a lata de volta na mesa, secando a boca com a mesma manga que usou para secar a saliva antes. Não vou mentir: seu comportamento desgrenhado e descuidadamente sexy é muito excitante, de um jeito estranho.

— Obrigada — diz ela, afastando uma mecha de cabelo dos olhos.

Ela olha para mim e sorri, esticando os braços logo em seguida e bocejando. A porta da sala se abre e todo mundo se remexe nas carteiras, indicando a entrada do professor, mas não consigo tirar os olhos da garota por tempo o suficiente para ao menos validar a presença dele.

Ela desembaraça as mechas do cabelo com os dedos. Ainda está ligeiramente úmido, e posso sentir o cheiro floral de seu xampu quando ela o joga para trás. É comprido, escuro e espesso, assim como os cílios que envolvem seus olhos. Ela olha para a frente da sala e abre o caderno, então copio seus movimentos.

O professor nos cumprimenta em espanhol, e damos respostas coletivas e fragmentadas. Ele começa a dar instruções sobre uma tarefa quando meu telefone acende na mesa entre nós dois. Olho para baixo e leio a mensagem de Dalton.

E essa gostosa do seu lado tem nome?

Imediatamente viro a tela do telefone para baixo, torcendo para que a garota não tenha lido. Ela leva a mão à boca para abafar uma risada.

Merda. Ela leu.

— Gostosa, é? — comenta.

— Desculpe. Meu amigo... Ele se acha engraçado. E também gosta de transformar minha vida num inferno.

Ela ergue uma das sobrancelhas e se vira para mim.

— Então você *não* me acha gostosa?

Quando ela me encara, tenho a primeira chance de realmente observá-la. Vamos apenas dizer que agora estou oficialmente apaixonado por esta aula. Dou de ombros.

— Com todo o respeito, você está sentada desde que te conheci. Nem vi sua bunda ainda.

Ela ri novamente.

— Sloan — responde, estendendo o braço para me cumprimentar.

Aperto a mão dela. Há uma pequena cicatriz na forma de lua crescente em seu polegar. Esfrego a marca com um dedo e giro a mão dela para trás e para a frente, inspecionando-a.

— Sloan — repito, pronunciando seu nome demoradamente.

— Geralmente é nesta hora que a pessoa responde *com seu próprio nome*.

Encaro seu rosto novamente e ela puxa a mão de volta, me olhando com curiosidade.

— Carter — respondo, mantendo o personagem que devo ser.

Foi bem difícil chamar Ryan de Dalton nas últimas seis semanas, mas me acostumei. Já usar o nome Carter... aí é outra história. Mais de uma vez, vacilei e quase disse meu nome de verdade.

— *Mucho gusto* — diz ela, com um sotaque quase perfeito, voltando a atenção para a frente da sala.

Não. O prazer foi *meu*. Pode acreditar.

O professor orienta a turma: devemos nos virar para o colega mais próximo e dizer três fatos sobre a outra pessoa em espanhol. Este é meu quarto ano de espanhol, então deixo Sloan começar para não intimidá-la.

Viramos um para o outro e aceno com a cabeça na direção dela.

— *Las señoras primero* — digo.

— Não, vamos revezar. Você primeiro. Vá em frente, diga um fato sobre mim.

— Ok — concordo, rindo de como ela assumiu o controle. — *Usted es mandona.*

— Isso é uma opinião, não um fato — declara. — Mas admito que sou.

Inclino a cabeça na direção dela.

— Você entendeu o que acabei de dizer?

Sloan assente.

— Se sua intenção era me chamar de autoritária, então entendi. — Ela estreita os olhos, mas exibe um sorrisinho. — Minha vez — continua. — *Su compañera de clase es bella.*

Eu rio. Ela acabou de elogiar a si mesma ao dizer que minha colega de turma é bonita? Balanço a cabeça, concordando.

— *Mi compañera de clase está correcta.*

Vejo seu rosto corar um pouco, mesmo através de sua pele bronzeada.

— Quantos anos você tem? — pergunta ela.

— Esta é uma pergunta, não um fato. E em inglês, ainda por cima.

— Preciso fazer uma pergunta para chegar ao fato. Você parece um pouco mais velho que a maioria dos veteranos de espanhol.

— Quantos anos acha que tenho?

— Vinte e três? Vinte e quatro?

Quase acertou. Tenho vinte e cinco, mas ela não precisa saber disso.

— Vinte e dois — respondo.

— *Tiene veintidós años* — diz ela, escolhendo um segundo fato a meu respeito.

— Você roubou — devolvo.

— Precisa dizer isto em espanhol se for um de seus fatos sobre mim.

— *Usted engaña*.

Pelo jeito como ela arqueia a sobrancelha, percebo que não esperava que eu soubesse dizer aquilo em espanhol.

— São três para você — diz ela.

— Você ainda tem um.

— *Usted es un perro*.

Caio na gargalhada.

— Você acabou de me chamar de cachorro por acidente.

Ela balança a cabeça.

— Não foi por acidente.

O telefone dela vibra, e Sloan o tira do bolso e foca toda sua atenção na tela. Recosto-me na cadeira e pego meu celular, fingindo fazer o mesmo. Ficamos sentados em silêncio enquanto o restante da turma termina a tarefa. Pelo canto do olho, observo-a digitar, seus polegares voando

rapidamente pela tela do celular. Ela é bonitinha. Acho que agora estou mais ansioso por esta aula. De repente, três dias por semana não parece o suficiente.

Faltam cerca de quinze minutos de aula e estou me esforçando para não encará-la. Ela não falou mais nada desde que me chamou de cachorro. Observo-a desenhando em seu caderno, não prestando atenção a uma palavra do que o professor diz. Ou ela está terrivelmente entediada, ou está em um lugar diferente. Eu me debruço sobre a mesa, tentando ver melhor o que está escrevendo. Eu me sinto um intrometido, mas, pensando bem, ela leu minha mensagem mais cedo, então acho que tenho esse direito.

Sua caneta está se movendo freneticamente sobre o papel, o que deve ser um efeito do energético que ela tomou. Leio as frases conforme ela as escreve. Não fazem o menor sentido, não importa quantas vezes eu as releia.

Trens e ônibus roubaram meus sapatos e agora preciso comer lula crua.

Rio da aleatoriedade de todas aquelas frases espalhadas pela folha, e ela ergue os olhos para mim. Eu a encaro de volta e ela sorri maliciosamente.

Ela volta a olhar para o caderno e bate nele com a caneta.

— Fico entediada — sussurra ela. — Minha capacidade de concentração não é muito boa.

Normalmente eu tenho uma ótima capacidade de concentração, mas, pelo visto, não quando estou sentado ao lado dela.

— A minha também não é — minto. Estico o braço e aponto para suas palavras. — O que é isto? Um código secreto?

Ela dá de ombros e larga a caneta, deslizando em seguida o caderno na minha direção.

— É só uma coisa boba que faço quando estou entediada. Gosto de ver em quantas coisas aleatórias consigo pensar sem de fato *pensar*. Quanto menos sentido fizer, mais eu ganho.

— Mais você ganha? — pergunto, esperando uma explicação. Essa garota é um enigma. — Como você poderia perder se é a única jogando?

Seu sorriso desaparece e Sloan desvia o olhar, encarando o caderno à sua frente. Ela passa delicadamente o dedo pelas letras de uma das palavras. O que diabos acabei de dizer para mudar seu comportamento de forma tão drástica e rápida? Ela pega a caneta de volta e a entrega a mim, deixando para trás seja lá quais pensamentos tenham acabado de obscurecer sua mente.

— Experimenta — pede ela. — É muito viciante.

Pego a caneta de sua mão e encontro um lugar vazio na página.

— Então é só escrever qualquer coisa? Qualquer coisa que venha à mente?

— Não. Exatamente o oposto. Tente não pensar. Tente não deixar *nada* vir à sua mente. Apenas escreva.

Encosto a caneta no papel e faço exatamente o que ela diz. Apenas saio escrevendo.

Deixei cair uma lata de milho na máquina de lavar, agora minha mãe chora arco-íris.

Largo a caneta, me sentindo ligeiramente bobo. Ela tapa a boca para conter uma risada depois de ler. Vira a página e escreve *Você nasceu para isso*, me devolvendo a caneta.

Obrigado. Suco de unicórnio me ajuda a respirar quando escuto música disco.

Ela ri novamente e pega a caneta da minha mão bem na hora em que o professor dispensa a turma. Todo mundo joga os livros na mochila e desliza para fora da cadeira depressa.

Todo mundo menos nós dois. Estamos encarando a página, sorrindo, imóveis.

Ela põe uma das mãos no caderno e o fecha lentamente, deslizando-o em seguida pela mesa e guardando-o na mochila. Ela olha de volta para mim.

— Não levante ainda — diz ela, ficando de pé.

— Por que não?

— Porque sim. Precisa ficar sentado aí enquanto me afasto para decidir se minha bunda é gostosa ou não.

Ela pisca para mim e dá meia-volta.

Ai, meu Deus. Mordo os nós dos meus dedos e faço exatamente o que ela manda, fixando o olhar em sua bunda. E, para minha sorte, é perfeita. Cada pedacinho de seu corpo é perfeito. Fico sentado sem me mexer enquanto a observo seguir para a saída.

De onde essa garota saiu? E onde ela esteve durante toda a minha vida? Torço para que, seja lá o que tenha acabado de acontecer entre nós dois, não seja tudo o que pode acontecer. Relacionamentos nunca começam bem com mentiras. Ainda mais com mentiras como as minhas.

Ela olha por cima do ombro antes de passar pela porta, e ergo o olhar de volta para os olhos dela. Faço um sinal de positivo com o polegar. Ela ri e desaparece da sala.

Junto minhas coisas e tento tirá-la da cabeça. Preciso estar focado esta noite. Há coisas demais em jogo aqui para

que eu me distraia com uma bunda linda e perfeita.

TRÊS

Sloan

Termino o dever de casa do dia na biblioteca, sabendo que não vou mais conseguir me concentrar no momento em que pisar em casa. Assim que fui morar com Asa, eu estava a uma noite de ser despejada do sofá onde dormia... sem falar de todos os outros problemas financeiros com os quais precisava lidar. Estávamos namorando havia dois meses, mas eu não tinha outro lugar para ir.

Isso foi há mais de dois anos.

Eu sabia, com base nos carros que ele dirigia e no tamanho da casa, que Asa tinha dinheiro. O que eu não sabia era se o dinheiro vinha da sua família ou se ele estava envolvido em alguma coisa na qual não devia estar. Eu esperava que fosse a primeira opção, mas a esperança e eu nunca tivemos muita química. Ele escondeu bem nos primeiros dois meses, justificando seus gastos com a ilusão de que tinha recebido uma bela herança. Acreditei por um tempo. Não tinha escolha a não ser acreditar.

Quando pessoas que eu não conhecia começaram a aparecer em horários estranhos e percebi que Asa só conversava com elas atrás de portas fechadas, ficou cada vez mais óbvio. Ele tentou explicar seus motivos e jurou que só vendia drogas “inofensivas” para pessoas que iriam encontrá-las em outro lugar, de qualquer forma. Eu não queria ter nada a ver com aquilo, então quando ele se recusou a parar, fui embora.

O único problema era que eu não tinha para onde ir. Dormi nos sofás de alguns amigos, mas nenhum deles tinha espaço nem dinheiro para continuar me sustentando. Eu teria apelado para um abrigo antes de voltar para Asa, mas não era minha vida que me preocupava, era a do meu irmãozinho.

Nunca foi fácil para Stephen. Ele nasceu com vários problemas, tanto mentais quanto físicos. Estava recebendo financiamento do governo para seu tratamento, e finalmente havia sido alojado em um bom lar, no qual eu confiava. Mas quando cortaram esses benefícios, eu não podia arriscar que o mandassem de volta para minha mãe. Eu não queria que ele voltasse para aquela vida, e faria qualquer coisa para me certificar de que Stephen nunca mais fizesse parte daquilo.

Eu tinha ido embora havia duas semanas quando fiquei sem ninguém a quem recorrer a não ser Asa. Bater de novo em sua porta e pedir ajuda foi a coisa mais difícil que já tive de fazer. Era como se correr de volta para os braços dele fosse o equivalente a renunciar ao meu respeito próprio. Ele me deixou voltar a morar lá, mas não sem consequências. Depois que soube exatamente o quanto eu dependia dele, parou de esconder seu estilo de vida. Cada vez mais pessoas apareciam lá, e as transações eram feitas a céu aberto em vez de atrás de portas fechadas.

Agora, tem tantas pessoas entrando e saindo de casa constantemente que é difícil saber quem mora aqui, quem só apaga aqui, e completos estranhos. Toda noite é uma festa, e toda festa é um pesadelo.

A cada semana que passa, o clima fica mais e mais perigoso, e, mais do que nunca, quero ir embora. Eu estava trabalhando por meio período na biblioteca do campus, mas este semestre eles não têm vaga para mim.

Estou na lista de espera, e tenho me candidatado a outros empregos, tentado desesperadamente engordar minhas economias e escapar. Não seria tão difícil se eu só tivesse que cuidar de mim mesma, mas com Stephen em jogo vou ter que arranjar um dinheiro que não tenho. Um dinheiro que não terei por um tempo.

Enquanto isso, preciso manter as aparências, agir como se ainda devesse minha vida a Asa, quando na verdade sinto que ele a está arruinando. Não me leve a mal, eu o amo. Amo quem ele costumava ser e quem ainda vejo de relance quando ficamos sozinhos. Amo quem sei que ele poderia voltar a ser algum dia, mas também não sou ingênua. Por mais que tenha feito promessas de que está diminuindo o ritmo dos negócios para se preparar para abandonar o barco, sei que isso não vai acontecer. Já tentei enfiar algum juízo na cabeça de Asa, mas quando você tem o poder nas mãos e o dinheiro no bolso, é difícil sair. Ele nunca vai sair. Vai fazer isso até ser preso... ou até morrer. E também não quero estar por perto em nenhuma das duas situações.

Nem tento mais identificar os veículos na entrada da garagem. Todo dia há um novo. Estaciono o carro de Asa e pego minhas coisas, então entro em casa para mais uma noite infernal.

Quando entro, a casa está estranhamente quieta. Fecho a porta e sorrio, aproveitando que todos estão nos fundos, na piscina. Nunca tenho chance de ficar sozinha, então tiro vantagem disso. Ponho os fones de ouvido e começo a limpar. Sei que não parece divertido, mas para mim é a única chance de escapar.

Para não mencionar que a casa vive num constante estado de chiqueiro.

Começo pela sala. Jogo fora garrafas de cerveja suficientes para encher um saco de lixo de cem litros.

Quando chego à cozinha e vejo a montanha de pratos empilhados na pia, sorrio. Isso vai levar pelo menos uma hora. Organizo os pratos sujos à esquerda e começo a encher a pia de água. Começo a dançar conforme a música em meus ouvidos. Não me sinto tão em paz nesta casa

desde os dois primeiros meses em que morei aqui. Na época em que o Asa *legal* estava presente.

Assim que as lembranças do Asa por quem me apaixonei surgem na minha mente, sinto os braços dele me envolvendo por trás e ele começar a se balançar junto com a música e comigo. Sorrio, mantendo os olhos fechados, e ponho as mãos nas dele, apoiando minhas costas em seu peito. Asa beija minha orelha, entrelaça os dedos nos meus e me gira até me colocar de frente para ele. Quando abro os olhos, ele está sorrindo para mim com uma expressão genuinamente fofa. Não vejo essa expressão em seu rosto há tanto tempo que realmente faz meu coração doer, percebendo como senti falta dela.

Talvez ele realmente esteja tentando. Talvez também esteja cansado dessa vida.

Ele pega meu rosto entre as mãos e me beija — um beijo longo e apaixonado que esqueci que ele era capaz de dar. Ultimamente, só sou beijada quando ele está em cima de mim na nossa cama. Envolvo o pescoço dele com os braços e retribuo seu beijo. Eu o beijo desesperadamente. Beijo o antigo Asa, sem saber quanto tempo o terei aqui comigo.

Ele se afasta e tira os fones do meu ouvido.

— Alguém está querendo uma continuação desta manhã, hein?

Eu o beijo novamente e sorrio, assentindo. Eu quero. Se este for o Asa que terei na cama, então eu realmente quero.

Ele põe as mãos em meus ombros e ri.

— Não na frente das visitas, Sloan.

Visitas?

Fecho os olhos, com medo de me virar para trás, sem saber que estamos sendo observados.

— Tem alguém que eu gostaria que você conhecesse — diz Asa.

Ele me gira e abro um dos olhos, e então o outro, esperando que meu estado de choque não esteja estampado no rosto. Inclinado no batente da porta, de braços cruzados e com uma expressão séria, está o um metro e oitenta de Carter.

Arfo, em grande parte porque ele é a última pessoa que eu esperava ver aqui. Estar diante dele de repente é mais intimidador do que foi estar sentada ao seu lado na aula esta manhã. Ele é muito mais alto do que imaginei — mais alto até do que Asa. Não tem o corpo tão definido quanto ele, mas Asa malha todo dia e, com base no tamanho de seu bíceps, ele provavelmente usa esteroides. Carter tem um corpo mais natural, pele e cabelo mais escuros, e, neste momento, olhos muito escuros e zangados.

— Ei — diz ele, suavizando a expressão com um sorriso, estendendo a mão para mim sem um rastro de reconhecimento no rosto.

Percebo que está fingindo que não me conhece para meu próprio bem, ou talvez para *seu* próprio bem.

Aperto sua mão, me apresentando a ele pela segunda vez hoje.

— Eu me chamo Sloan — digo, trêmula, torcendo para que ele não consiga sentir minha pulsação acelerada pela palma da mão. Interrompo logo o contato e me afasto. — E aí, como você e Asa se conheceram?

Não sei bem se quero saber a resposta, mas a pergunta sai assim mesmo.

Asa envolve minha cintura com os braços e me gira para a direção contrária a Carter.

— Ele é meu novo parceiro, e agora temos negócios para discutir. Vá limpar outro lugar.

Ele me dá um tapinha na bunda, tentando me espantar como a um cachorro. Eu viro para trás e olho feio para ele, mas não é nem de perto tão intenso quanto o ódio transbordando dos olhos de Carter ao observar o gesto.

Não costumo forçar as coisas com Asa, ainda mais na frente de outras pessoas, mas não consigo me controlar. Fico furiosa com sua atitude arrogante de trazer outra pessoa para cá, apesar de ter me prometido que ia largar tudo. Também não posso negar o fato de estar puta por essa pessoa ser Carter. Estou zangada comigo mesma por ter tido uma falsa primeira impressão dele na aula hoje. Achei que eu fosse melhor em identificar as pessoas, mas ele estar envolvido com Asa me mostra que não sou boa nisso. Ele é igual a todos os outros, mas a essa altura eu já devia imaginar. Por mais que eu tente — por mais difícil que tenha sido sair da casa onde cresci para fugir deste mesmo estilo de vida, apenas para voltar a ele —, me sinto ignorante. Como posso desejar e trabalhar tanto para ter uma vida normal, e ainda assim continuar caindo bem no meio dessa merda?

É uma porcaria de maldição.

— Asa, você prometeu. — Gesticulo na direção de Carter. — Contratar novas pessoas não é largar... é afundar mais.

Eu me sinto uma hipócrita pedindo para que ele pare de fazer o que faz. Todo mês deixo que Asa mande um cheque para os cuidados de Stephen com o mesmo dinheiro sujo que eu queria que ele não estivesse ganhando.

Mas é fácil permitir aquilo, considerando que não é para mim. Eu aceitaria dinheiro mais sujo ainda se garantisse o bem-estar do meu irmão mais novo.

Os olhos de Asa ficam sombrios e ele dá um passo em minha direção. Gentilmente põe as mãos em meus braços e os esfrega para cima e para baixo. Ele aproxima a boca do meu ouvido e aperta meus braços, espremendo-os até eu me encolher de dor.

— Não me envergonhe — sussurra ele, baixo o suficiente para que só eu escute. Ele afrouxa o aperto e leva as mãos até meus cotovelos, e então me beija carinhosamente na bochecha para se exibir. — Coloque aquele vestido vermelho sexy. Vamos dar uma festa hoje à noite para comemorar.

Ele se afasta e me solta completamente. Olho para Carter, que ainda está na soleira da porta, observando Asa como se fosse arrancar sua cabeça a qualquer instante. Ele encara e, por um segundo, tenho a impressão de que seus olhos ficam mais brandos, mas não fico tempo o suficiente ali para ter certeza. Dou meia-volta e subo correndo a escada até o quarto. Bato a porta e caio na cama. Os músculos dos meus braços estão latejando de dor, então tento esfregá-los até passar. É a primeira vez que ele me machuca fisicamente na frente de alguém, mas a ferida em meu orgulho dói muito mais. Eu nunca devia tê-lo questionado na frente de alguém. Sei muito bem disso.

Mas também sei que não mereço o que ele acabou de fazer comigo. Ninguém merece. Sinto vontade de pegar minhas malas e juntar tudo que tenho. Quero ir embora e nunca mais voltar. Quero sair daqui. Quero sair daqui, quero sair daqui, quero sair daqui.

Mas não posso. Isto não afetaria só a mim.

QUATRO

Carter

– Desculpe por isso — diz Asa, virando-se para mim.

Abro os dedos e tento esconder meu desdém. Eu o conheço há apenas três horas e nunca desprezei tanto alguém em toda minha vida.

— Tudo bem — respondo.

Ando até o bar e casualmente me aconchego num dos bancos, apesar de querer correr lá para cima e ver se Sloan está bem. Minha mente ainda está acelerada por saber que ela está envolvida nisso. Sloan era a última pessoa que eu esperava encontrar ao vir aqui. Ver Asa a beijar daquele jeito — e vê-la respondendo como respondeu — fez com que eu me arrependesse oficialmente da missão. Tudo acabou de se tornar muito mais complicado.

— Ela mora com você? — pergunto.

Asa pega uma cerveja na geladeira para mim e eu abro a tampa, levando a garrafa à boca em seguida.

— Mora. E vou cortar seu pinto fora se olhar para ela do jeito errado.

Olho feio para Asa, mas ele não se intimida. Fecha a porta da geladeira e desfila até a cadeira do outro lado do bar, como se aquela frase nunca tivesse saído de sua boca. Ser capaz de machucá-la fisicamente como acabou de fazer e depois agir como se ligasse para ela me deixa abismado. Tenho vontade de estourar a porra da garrafa na cabeça dele, mas em vez disso a seguro com mais força, mantendo a calma.

Ele abre a própria cerveja e ergue a garrafa.

— Ao dinheiro — diz ele, batendo a cerveja na minha.

— Ao dinheiro.

E a assistir filhos da mãe receberem o que merecem.

Dalton entra, nos interrompendo no momento certo. Ele olha para mim e acena com a cabeça, depois volta a atenção para Asa.

— Ei, cara. Jon quer saber o que fazer com a relação ao álcool. Esta noite cada um traz sua bebida ou vamos providenciar tudo? Porque não temos porra nenhuma aqui.

Asa bate a garrafa de cerveja na mesa e empurra a cadeira para trás, levantando-se.

— Mandei aquele babaca fazer um estoque ontem.

Ele sai como um furacão da cozinha.

Dalton inclina a cabeça na direção da porta da frente, então me levanto e o sigo até o lado de fora. Quando ficamos sozinhos no meio do jardim da entrada, ele se vira para mim e toma um gole da cerveja para manter o show, até porque Dalton detesta cerveja.

— Como foi? Acha que você está dentro? — pergunta ele.

Dou de ombros.

— Acho que sim. Ele está desesperado atrás de alguém que fale espanhol. Eu disse a ele que era bom, mas não fluente.

Dalton me olha boquiaberto.

— Simples assim? Nenhuma pergunta? — Ele balança a cabeça em descrença. — Nossa, ele é um idiota.

Por que os novatos acham que são tão intocáveis? Cretino pretensioso dos infernos.

— Pois é — digo, concordando de coração.

— Avisei a você sobre este trabalho, Luke. Vai foder sua cabeça ter que viver assim. Tem certeza de que quer entrar nessa?

Não tenho como recuar agora, sabendo como Dalton e os outros estão perto de pegá-lo.

— Você acabou de me chamar de Luke.

— Merda. — Dalton chuta a grama e olha de volta para mim. — Foi mal, cara. Ainda vamos nos encontrar amanhã? Young quer um relatório completo agora que você está dentro.

— Alguns de nós têm aula amanhã — digo, esfregando na cara dele mais uma vez que fiquei com a parte ruim da missão. — Mas saio ao meio-dia.

Dalton assente e se volta para a casa.

— Você convidou a gostosa da aula de espanhol para a festa?

— Não. Não é o estilo dela.

Para não mencionar o fato de que ela não precisa de convite. Está metida bem no meio dessa merda.

Ele concorda com a cabeça, sabendo que convidar alguém para este estilo de vida é algo que eu nunca faria.

Dalton já teve relacionamentos sérios e duradouros enquanto trabalhava disfarçado, chegando inclusive ao ponto de pedir uma delas em casamento uma vez, só para manter as aparências. É claro que, assim que o trabalho termina, ele não vê problema em desaparecer. Mas uma grande parte de mim sabe que toda pessoa que conheço quando sou Carter continua sendo isso... uma *pessoa*. Não quero enganar ninguém desnecessariamente, então faço questão de manter minha guarda erguida e nunca deixar essas coisas ficarem sérias demais.

Ele fecha a porta e eu fico sozinho no jardim, encarando a casa que acabou de se tornar minha missão pelos próximos dois meses, pelo menos. Trabalho infiltrado não foi exatamente o que me levou a entrar para a polícia, mas sou bom nisso. Infelizmente, estou com uma sensação bem ruim quanto a esse caso... e só estou aqui há um dia.

Passo as duas horas seguintes sendo escoltado por Asa para dentro e para fora de vários cômodos, cumprimentando mais pessoas que consigo contar. No começo, tento fazer anotações mentais sobre todos que encontro e como eles interagem com Asa, mas lá pela quarta cerveja que enfiam na minha mão, paro de tentar.

Vou ter tempo de sobra para conhecer todo mundo. Não preciso ficar tão focado agora. Ainda sou novo demais para essa galera, então não quero despertar suspeitas em ninguém.

Finalmente me livro para procurar um banheiro. Quando encontro um, descubro que o cara que sei que se chama Jon e duas garotas que não devem ter mais do que dezenove anos estão lá dentro. Fecho a porta mais rápido do que a abri, então subo a escada na esperança de encontrar um banheiro que não esteja sendo usado como bordel.

Fico no banheiro por uns bons dez minutos a mais do que realmente preciso. Jogo a cerveja na pia e encho a garrafa com água da torneira, porque já passei e muito do meu limite da noite. Preciso passar as semanas seguintes completamente sóbrio.

Fico me encarando no espelho, torcendo para que eu consiga dar conta desse caso. Não sou da região, então não me preocupo em ser reconhecido. O que me preocupa é que não sou como Dalton. Não consigo simplesmente me ligar e me desligar como ele. As coisas que vejo aqui são as

mesmas que vejo à noite quando fecho os olhos. E a julgar pelo que vi entre Sloan e Asa hoje, não vou dormir muito.

Enfio uma toalha debaixo da torneira e molho o rosto, me forçando a ficar sóbrio antes de sair do banheiro.

Depois jogo a toalha no cesto, que está cheio até a borda com roupas sujas, e me pergunto se Sloan é a única garota que mora aqui. Imagino que provavelmente sobre para ela ter que lidar com toda a roupa para lavar.

Para não mencionar o restante da casa.

Quando Asa e eu entramos e a vimos limpando a cozinha esta tarde, ele parou na porta e a observou lavar a louça por algum tempo. Fiquei olhando por cima do ombro dele, surpreso por ser a mesma menina da aula desta manhã... e mais ainda por ela estar tão bonita balançando junto com a música. A letra da icônica “Jessie’s Girl”, de Rick Springfield, passava por minha cabeça enquanto eu estava ali parado atrás de Asa, vendo-o observar Sloan. Queria que fosse eu a observá-la daquela forma.

Como se ela fosse minha.

Respiro fundo e abro a porta do banheiro. Meus olhos são atraídos para a pessoa parada do outro lado do corredor. Ela dá meia-volta quando escuta a porta se abrir, e seu vestido justo gira com ela. Quando Sloan para, não consigo tirar os olhos do vestido. Ele a abraça em todos os lugares certos, as alças finas sustentando uma parte de cima pequena que aperta seus seios, não deixando espaço para nenhum tipo de sutiã. Fico puto por estar mentalmente agradecendo a Asa por mandá-la colocar esta roupa.

Respire, Luke. Respire.

Meus olhos finalmente encontram os dela, e sua expressão não combina com a roupa sexy e confiante que está usando. Parece que Sloan andou chorando.

— Tudo bem? — pergunto, dando um passo em sua direção.

Ela olha para a escada com uma expressão de medo nos olhos, e então de volta para mim. Confirma com a cabeça e começa a descer, mas a alcanço e pego sua mão, puxando-a de volta.

— Sloan, espera.

Ela me olha. A garota para quem estou olhando agora não é a garota que conheci na aula hoje. Esta garota é frágil. Assustada. Machucada.

Sloan dá um passo em minha direção, cruzando os braços. Ela olha para baixo, para o espaço entre nós dois, mordendo o lábio inferior.

— Por que você está aqui, Carter?

Não sei o que responder. Não quero mentir, mas também não posso contar a verdade. Tenho certeza de que não seria muito seguro contar o verdadeiro motivo por que estou aqui para a namorada do cara que estou tentando prender.

— Fui convidado — digo.

Ela ergue a cabeça.

— Sabe o que quero dizer. Por que está envolvido nisso tudo?

— Você está namorando o exato motivo para eu estar aqui — respondo, referindo-me a nosso envolvimento mútuo com Asa. — É só trabalho.

Ela revira os olhos como se já tivesse escutado essa desculpa. Provavelmente de Asa. Mas a diferença entre a minha desculpa e a dele é que a minha é verdadeira. Ela só não faz ideia de que realmente é um trabalho.

Suspiro e tento aliviar um pouco da tensão entre nós.

— Acho que posso dizer que nós dois deixamos alguns fatos importantes de fora da nossa tarefa na aula hoje.

Ela dá uma risada sofrida.

— Pois é. O professor devia ter mandado a gente citar mais alguns. Acho que cinco teria dado conta.

— É — concordo. — Cinco fatos provavelmente teriam sido suficientes para eu ter uma pista de que você namora.

Ela olha para mim, o queixo voltado para baixo.

— Sinto muito — diz ela baixinho.

— Pelo quê?

Sloan relaxa os ombros e baixa ainda mais a voz.

— Pelo modo como agi na aula hoje. Por ter flertado com você. Eu não devia ter dito algumas das coisas que disse. Juro que não sou esse tipo de garota. Eu nunca teria...

— Sloan — interrompo, levantando o queixo dela com o dedo. Eu a encaro, sabendo muito bem que devia tirar a mão dali e correr para longe dela. — Não penso nada disso sobre você. Foi uma diversão inofensiva, só isso.

A palavra *inofensiva* fica pairando no ar feito uma nuvem pesada e escura. Nós dois sabemos que Asa é tudo menos inofensivo. Falar com ela na aula, estar com ela aqui no corredor... são momentos como esses que, se acontecerem com frequência, vão acabar sendo muito mais do que só inofensivos. A ameaça de Asa mais cedo se repete em minha cabeça. Tudo nessa garota está fora de cogitação. Asa deixou claro... Minha *carreira* deixa claro. Por que não consigo deixar para lá?

Começo a baixar a mão quando uma voz atrás de mim faz nós dois nos sobressaltarmos.

— Está perdendo a festa, cara.

Eu me viro e vejo Dalton no topo da escada, me olhando como se estivesse prestes a me dar uma surra. Ele tem todo o direito, considerando a confusão na qual quase me meti.

— É. — Respiro fundo e me volto para ela. — A gente se fala na aula — sussurro.

Ela assente e solta a respiração, aliviada pela voz no alto da escada pertencer a Dalton, e não a Asa. E não foi a única a ficar aliviada com isso.

Ela dá meia-volta e entra em seu quarto, em vez de descer. Sabendo onde ela mora, agora entendo por que nunca dorme.

Assim que a porta se fecha, me viro e dou de cara com Dalton. As narinas dele estão abertas, um sinal evidente de que está prestes a me bater. Ele me empurra contra a parede e encaixa o braço entre meu peito e meu pescoço.

— Não estrague essa merda — dispara. Ele bate com a palma da mão na lateral da minha cabeça. — Seja inteligente.

CINCO

Asa

Dobro os braços embaixo da cabeça e me deito no travesseiro.

— Tire a calcinha.

Ela sorri e se inclina para a frente, passando os polegares por baixo da calcinha enquanto lentamente a desce pelos quadris. Seus seios estão bem apertados num sutiã preto transparente. Acho que vou deixá-la ficar com eles.

— Venha cá.

Ela se abaixa na cama e engatinha na minha direção, seu cabelo comprido e loiro roçando em minhas pernas conforme ela desliza lentamente pelo meu corpo. A garota se posiciona em cima de mim, me montando. Ela sabe o que está fazendo, o que pode ser ao mesmo tempo bom e ruim. Gosto de garotas que saibam trepar, mas também fico pensando em quantos caras elas já tiveram que foder para ficarem tão boas assim. Alcanço a mesinha de cabeceira, pego uma camisinha e entrego a ela.

— Você coloca — mando. Ela mantém os olhos fixos nos meus enquanto abre o pacote, e então leva as mãos até o meu pau. Agarro seus pulsos e balanço a cabeça. — Com a boca.

Ela sorri e começa a abaixar a cabeça quando escuto passos. Então a maçaneta do quarto dá uma volta malsucedida. *Porra*.

— Asa, abre a porta! — grita Sloan do lado de fora.

— Merda!

Empurro a garota de costas. Eu me levanto e pego minha calça, vestindo-a enquanto a menina na cama olha

da porta para mim. Pego as roupas dela e as jogo no armário, apontando para que ela se esconda também.

A garota se levanta e zomba do meu pedido, balançando a cabeça.

Se essa piranha realmente acha que vai sair deste quarto com Sloan ali, do lado de fora da porta, ela está louca. Eu a agarro pelos ombros e a empurro para o armário.

— Calma aí — murmuro.

Ela começa a se recusar, então tapo sua boca com a minha. Qualquer coisa para que ela se cale. Ponho a mão entre suas pernas, sentindo-a depender de mim para se apoiar enquanto seus joelhos começam a vacilar.

Desnecessário dizer, mas a raiva dela se dissolve a cada carícia. Ela geme em minha boca e eu a empurro para o armário, bem na hora em que Sloan bate na porta pela segunda vez.

— Dois minutos — sussurro. — Vou me livrar dela.

Eu a beijo novamente e fecho a porta do armário. Pego uma toalha e seco as mãos, então vou até a porta do quarto e a abro.

— São quatro horas da tarde. Por que você está dormindo? — pergunta Sloan, me empurrando e passando por mim.

Ela está indo em direção ao armário, então a pego pela cintura e a deito na cama.

— Tive aula o dia inteiro. Estou cansado — digo, sabendo que a mentira vai abrandar sua determinação.

E dá certo.

Ela relaxa e se enrosca em meu peito.

— Foi mesmo à aula hoje?

Confirmo com a cabeça e levo as mãos até seu rosto, afastando uma mecha de cabelo de seus olhos e colocando-a atrás da orelha. Eu a deito de costas e pairo acima dela. Os roxos distintos em seus braços chamam minha atenção, e lembro que nem pedi desculpas pelo incidente na cozinha.

— Fui — minto, deslizando os dedos pelos braços dela, pelas marcas que deixei neles. — Estou levando a sério, Sloan. Tudo que prometi a você. Quero melhorar as coisas. — Eu me inclino e beijo os roxos que as pontas dos meus dedos deixaram. — Eu te amo, gata — digo baixinho. — Não quis machucar você. Às vezes esqueço como sua pele é frágil.

Ela aperta os lábios e engole em seco. Percebo que está tentando não chorar. Isso vai dar um pouco mais de trabalho do que pensei.

— Meu Deus, Sloan. Não mereço você. Juro que vou melhorar. Por nós dois, ok?

Pego seu rosto entre as palmas das mãos e a beijo intensamente. Sei que garotas gostam que o cara segure seu rosto enquanto se beijam; como se beijar fosse a única intenção dele.

É mentira. Se dependesse de nós, nossas mãos nunca se aventurariam acima dos peitos.

— Eu te amo — digo mais uma vez, descendo a mão até sua cintura.

Meu pau incha em minha calça, ficando muito mais duro do que a vadia no armário conseguiu deixar.

Por mais que já tenha transado com várias garotas, posso dizer sinceramente que Sloan me excita mais do que qualquer uma. Não sei o que ela tem que acho tão mais

atraente do que as outras. Seus peitos não são tão grandes e ela nem tem tantas curvas assim.

Acho que é sua inocência. Gosto de saber que sou o primeiro e único cara que a comeu. Gosto de saber que serei o *único* cara que vai comê-la.

Deslizo a mão sob sua camisa e puxo a renda de seu sutiã para baixo.

— Deixe eu compensar para você — sussurro.

Pressiono os lábios na fina camada de tecido que cobre seu mamilo, e o pego entre os dentes. Ela geme e arqueia as costas, mas empurra meu peito.

— Asa, acabei de vir da academia. Estou toda suada. Me deixe tomar um banho antes.

Solto o mamilo dela e tento fazê-la mudar de ideia passando a mão entre suas pernas, esfregando sua calça.

— Você está perfeita — afirmo, lambendo a pele doce e suada de seu pescoço. Ela se enrijece, então aumento a pressão em minha mão. — Relaxa — murmuro.

Ela luta, mas sinto que se derrete lentamente em minha mão. Deixo o movimento sutil de seus quadris me guiar até o lugar certo. Eu a provoco cada vez mais, até deixá-la prestes a desmoronar sob as pontas dos meus dedos.

Ela cede à minha pressão e relaxa os braços acima da cabeça. Fico de joelhos e desabotoo sua calça, descendo-a por seus quadris o suficiente para ganhar acesso. Passo os dedos por baixo da beirada de sua calcinha e enfio dois deles dentro dela. Sloan geme e agarra o lençol, amassando-o com as mãos, as articulações de seus dedos ficando esbranquiçadas. Lentamente enfio e retiro os dedos de dentro dela, provocando seu clitóris com o polegar. Observo seu corpo enquanto aumento a velocidade da minha mão.

Assim que sinto os tremores vindo de Sloan, cubro sua boca com a minha e a beijo com força. Ela dá um grito completamente abafado por meus lábios. Nossa, eu amo quando ela grita em minha boca. Sua respiração desce por minha garganta em ondas incansáveis, misturando-se à minha. Continuo esfregando-a até ela se enrijecer embaixo de mim e tentar afastar minha mão. Tiro os dedos de sua calcinha e os coloco em volta de seu quadril.

— Agora pode ir tomar banho.

Beijo-a novamente e ela segura meu rosto, então me faz deitar e sobe em cima de mim.

— E você? — pergunta ela, pronta para abrir o zíper da minha calça.

Pego sua mão e a tiro dali.

— Eu te devia uma — digo. — Agora vai tomar banho. A gente vai sair hoje.

Ela sorri.

— Tipo um encontro?

— Não *tipo* um encontro. *Vai ser* um encontro.

Ela abre um grande sorriso e pula de cima de mim, depois segue na direção da porta.

— Tranque ao sair — digo.

Ela para de andar e se vira.

— Por quê?

Agarro o volume em minha calça.

— Preciso terminar o que você começou.

Ela enruga o nariz e revira os olhos, mas tranca a porta ao sair. Dou um pulo e verifico a tranca, então me viro bem na hora em que seja-lá-qual-for-o-nome-dela está saindo do

armário. Ela aponta um dedo para mim e praticamente cospe veneno quando fala:

— Seu merda doentio!

Agarro o braço esticado e o dobro, prendendo-o nas costas da garota. Chego perto de seu ouvido e pressiono meu pau duro em sua barriga.

— Opa, opa — digo baixinho, tentando acalmá-la. — Guardei a melhor parte para você.

Empurro-a na cama, fazendo-a cair de bunda. Tiro minha calça e a chuto para longe, então pego a camisinha e a coloco. A garota se deita e arreganha as pernas.

Vadia.

Eu me ajoelho na cama e me posiciono entre suas pernas. Deslizo as mãos por baixo de suas costas e a levanto por trás, agarrando seus ombros com firmeza. Espero silenciosamente a água começar a cair do outro lado do corredor. Quando o chuveiro é ligado, agarro a garota com mais força e meto com tanta intensidade que ela grita. Imediatamente cubro sua boca com uma das mãos e continuo enfiando com força. Não sei se ela está gritando porque está gostando ou porque eu a estou comendo tão forte que dói. O fato de não saber a diferença me excita ainda mais.

Não demoro nem um pouco. Saber que fiz Sloan gritar neste exato lugar menos de dois minutos atrás é o bastante para me fazer gozar sem nem enfiar o pau até as bolas numa puta qualquer. Fecho os olhos e invisto uma última vez, me mantendo na posição por vários segundos, os gemidos dela ainda abafados pela minha mão. Eu me apoio nos cotovelos e pego um de seus mamilos com a boca, sugando e puxando até cada pedacinho meu esvaziar.

Relaxo no peito da garota e saio de dentro dela. Ela se queixa, apertando as coxas contra meus quadris, querendo mais. A ideia de fazer duas garotas gozarem com minutos de diferença é mais do que até mesmo *eu* já consegui. Jogo a camisinha no lixo e me deito ao lado dela. Afasto suas coxas e enfio profundamente dois dedos nela, observando enquanto seus olhos se reviram.

Encosto nossos rostos e mexo os dedos para dentro e para fora.

— Gosta disso? — sussurro em seu ouvido.

Ela geme e arfa um *sim*, então forço um terceiro dedo, sentindo a garota se alargar em volta da minha mão.

Ela arfa um *sim* bem mais alto dessa vez.

Enfio um quarto dedo, observando-a fazer caretas de dor. Esfrego o dedão em seu clitóris e dobro os dedos dentro dela, encontrando o exato ponto que a faz entrar em êxtase.

— Gosta quando te fodo com a mão?

Ela geme, grunhe e grita meu nome ainda mais alto. Preciso tapar sua maldita boca com a mão livre.

Eu me afasto e a encaro nos olhos.

— Você me viu foder minha namorada com esta mão? Isso te excitou?

Seus olhos se arregalam e ela não responde, então pergunto novamente.

— *Excitou?* — insisto, parando de mexer a mão, fazendo-a resmungar. Sei como está prestes a gozar, então tiro vantagem de seu desespero. — Me diga que gostou.

Ela geme e se esfrega contra a minha mão, silenciosamente implorando para que eu continue. Tiro os

dedos de dentro dela e os levo até sua boca.

— Sinta o gosto dela — ordeno, passando os dedos molhados por seu lábio inferior.

A garota vira o rosto para o lado, sem querer chupar meus dedos. Meu pau fica duro novamente, então vou para cima dela. A necessidade crescente entre suas pernas a deixa desesperada. Ela inclina o rosto de volta na minha direção, exatamente como eu sabia que faria, e abre a boca com relutância. Agarro sua mandíbula com a outra mão e forço sua boca a se abrir ainda mais, enfiando dois dedos lá dentro.

— Chupa — exijo. Ela fecha os lábios em volta dos meus dedos e os chupa devagar. — O gosto é bom? — pergunto, roçando nela mais rápido e mais forte, levando-a ao limite junto comigo.

Ela geme e assente, agarrando meu pulso, chupando alternadamente cada um dos meus dedos até as articulações. A sensação de sua língua subindo e descendo quase me faz gozar bem em cima dela.

— Pooorra. — Tiro a mão de sua boca. — Deixa eu provar.

Eu a beijo, lambendo o doce gosto das duas em sua língua. A garota arqueia as costas e não demora muito para se contorcer embaixo de mim. Eu me afasto de sua boca e continuo me esfregando nela. Quando finalmente começa a chegar ao auge, sinto o grito querendo escapar de seus lábios, então faço exatamente o que acabei de fazer com Sloan. Cubro sua boca com a minha e deixo que grite até não aguentar mais, enquanto estremece e se sacode embaixo de mim. Fecho os olhos e gemo quando me ergo levemente e pressiono o pênis na barriga da garota, gozando em cima dela.

Quando finalmente se acalma, saio de cima dela e lhe entrego uma camiseta que peguei no chão para se limpar.

— Vá se vestir — digo. — Tenho um encontro esta noite.

SEIS

Sloan

Entro no banheiro antes da aula para checar rapidamente meu cabelo e minha maquiagem. Nunca me importei em parecer que tinha acabado de sair da cama, mas saber que Carter estaria sentado a centímetros de mim durante a próxima hora me deixou mais preocupada que o habitual.

As luzes fluorescentes não perdoam. Minhas olheiras revelam suas próprias verdades sobre ontem à noite.

Só de olhar para o meu reflexo, vejo uma garota que ficou até tarde se preocupando com o cara que prometeu levá-la num encontro, mas não apareceu.

Asa saiu com seu amigo Jon enquanto eu estava no chuveiro, me arrumando para sair com ele pela primeira vez em mais de cinco meses. Apesar de nenhum dos dois estar em casa, o lugar ainda estava cheio de gente.

Fiquei acordada, preocupada com Asa, até não conseguir mais manter os olhos abertos. Quando ele finalmente se deitou na cama, subiu em cima de mim, mas fiquei tão puta que comecei a chorar.

Ele nem percebeu. Ou não se *importou*.

Chorei o tempo inteiro em que ele ficou se mexendo em cima de mim, me fodendo como se não desse a mínima para *quem* estava embaixo dele, desde que houvesse *alguém* ali. Quando terminou, rolou para o lado e dormiu sem dizer uma palavra. Nem um pedido de desculpas. Nem um agradecimento. Nem um *eu te amo*. Ele simplesmente rolou para o lado e dormiu sem uma única preocupação na cabeça. Eu me virei para o outro lado e continuei chorando.

Chorei por deixar que ele faça isso comigo. Chorei por sentir que não tenho escolha. Chorei por ainda estar com ele, apesar da pessoa que se tornou. Chorei por não ter

saída, por mais que eu queira ir embora. Chorei porque, apesar de todas as coisas horríveis em Asa, eu ainda morri de preocupação quando ele não voltou para casa. Chorei porque percebi que não importa quem ele tenha se tornado, uma parte de mim ainda está apaixonada por ele... porque não sei como *não* estar.

Eu me afasto do meu reflexo e vou para a aula, porque não quero mais olhar para mim. Estou com vergonha de quem me tornei.

Carter já está sentado à nossa mesa quando entro na aula de espanhol. Percebo que ele me observa pelo canto do olho, mas me recuso a retribuir o olhar.

Depois de assistir a uma hora de aula com ele outro dia, acho que posso dizer que estou um pouco atraída. Já fico empolgada só de pensar em passar um tempo com ele três dias na semana; uma sensação que tinha se tornado totalmente estranha para mim. Mas vê-lo na minha casa, com Asa ainda por cima, destruiu qualquer fantasia que eu poderia ter criado. Eu nunca tive a intenção de que acontecesse qualquer coisa com Carter.

Como poderia? Não tenho como sair do meu rolo com Asa, e não sou de trair. Eu só estava animada para ter um crush. Animada para flertar um pouquinho. Animada para me sentir desejada.

Agora, sabendo que Carter é mais parecido com Asa do que eu poderia ter imaginado, não quero me envolver com isso. Nem um pouco. O fato de que ele agora é mais uma presença constante na nossa casa faz com que esteja ainda mais fora de cogitação. Se Asa suspeitasse de que havia outro cara falando comigo, o cara estaria morto. Eu gostaria de dizer que não literalmente, mas essa é a verdade. Do jeito que ele não tem juízo, acredito cem por cento que Asa é capaz de matar alguém.

E é exatamente por este motivo que não vou colocar Carter nessa situação. Fico repetindo para mim mesma que Carter não passa de um Asa com aparência diferente. Não vale a pena o risco. Devo tratar essa situação exatamente como ela é: mais um empecilho para minha eventual fuga.

Olho ao redor da sala em busca de um lugar vazio que não seja ao lado dele. Devo ter passado tempo demais no banheiro, porque a sala já está quase lotada. Há duas cadeiras na segunda fila, mas ficam bem na frente de onde Carter está. Evito o olhar dele e ando até os lugares vazios com a cabeça baixa. Não sei se consigo fingir que não notei sua presença, mas com certeza vou tentar.

Escolho uma das cadeiras e me sento, então pego meus livros e os coloco na mesa à minha frente. Escuto uma súbita comoção vindo da fileira atrás de mim e não consigo evitar olhar. Carter está arrastando a mesa com sua mochila em mãos. Ele se levanta e puxa a cadeira vazia ao meu lado, então se senta.

— O que houve com você? — pergunta ele, virando-se e me encarando.

— Como assim *o que* houve comigo? — pergunto, abrindo na página onde paramos na segunda-feira.

Sinto que ele está me encarando, mas não diz nada. Continuo fingindo ler, e ele continua me encarando silenciosamente até eu não aguentar mais e me virar para ele.

— O que foi? — pergunto, irritada. — O que você quer?

Ele continua mudo. Fecho o livro com força e me viro na direção dele. É impossível ignorar o fato de nossos joelhos estarem imprensados juntos. Ele olha para nossas pernas e noto um ligeiro sorriso surgindo nos cantos de sua boca.

— Bom — começa ele —, eu meio que gostei de sentar do seu lado no outro dia, então pensei em fazer isso de novo. Mas acho que não é o que você quer, então...

Ele começa a juntar os livros e uma enorme parte de mim quer arrancá-los de suas mãos e fazê-lo ficar ali, bem onde está. Mas uma parte ainda maior está aliviada por ele ter se tocado.

Carter enfia o caderno na mochila e fico quieta. Se eu abrir a boca, sei que vai sair um pedido patético para que ele continue aqui.

— Você está no meu lugar — diz uma voz seca e monótona.

Carter e eu olhamos para cima e deparamos com um cara parado na nossa frente, nos encarando com uma expressão de indiferença.

— Eu já estava saindo, cara — responde Carter, colocando a mochila em cima da mesa.

— Você nunca devia ter se sentado aí para início de conversa. *Eu* sento aí. — O cara se volta em minha direção e estica o braço direito, apontando para mim. — E você não senta aí. Outra garota sentou aí na segunda, então você não pode ficar aí.

O cara parece perturbado. Ele está terrivelmente incomodado por estarmos em lugares diferentes hoje. Sinto pena, reconhecendo traços de um dos meus irmãos quando olho para ele. Começo a dizer que vamos sair, que ele pode ficar com o lugar, mas a raiva de Carter interrompe minha resposta. Ele se levanta.

— Tire o dedo da cara dela — exige ele.

— Saia da minha cadeira — insiste o cara, voltando a atenção para Carter.

Carter ri e larga a mochila no chão.

— Cara, o que é isso? Jardim de infância? Vai achar a porra do seu lugar.

O garoto abaixa o braço e, chocado, olha para Carter. Ele começa a responder, mas fecha a boca e anda na direção da fileira do fundo, derrotado.

— Mas esse lugar é meu — balbucia ele, se afastando.

Carter pega o caderno na mochila e o coloca de volta na mesa.

— Acho que você vai ter que ficar comigo — diz ele. — Agora não saio daqui de jeito nenhum.

Balanço a cabeça e me inclino em sua direção.

— Carter — sussurro. — Dá um tempo ao cara. Acho que ele tem Síndrome de Asperger, não é culpa dele.

Carter vira a cabeça para mim.

— Não brinca. Está falando sério?

Confirmo com a cabeça.

— Meu irmão tinha Asperger. Conheço os sinais.

Ele esfrega o rosto com as mãos.

— Merda — grunhe Carter. Ele se levanta rapidamente, pegando minha mão. Levanto-me com ele. — Pega suas coisas — diz ele, indicando minha mochila e meu caderno. Carter se vira e põe seus pertences na mesa que ocupava antes, em seguida pegando minha mochila e fazendo o mesmo. Ele olha para o sujeito e aponta para onde estávamos. — Foi mal, cara. Não sabia que eram seus lugares. A gente vai sair. O cara volta depressa à nossa fileira antes que Carter mude de ideia. Ao perceber que o restante da turma provavelmente está acompanhando a

comoção, não consigo conter o sorriso. Amei que ele tenha feito aquilo.

Nós dois voltamos para as cadeiras que ocupamos na segunda, e então colocamos nosso material na mesa.

De novo.

— Obrigada por ter feito aquilo — digo.

Ele não responde. Carter dá um meio sorriso e fica grudado no telefone até a aula começar.

As coisas ficam meio estranhas quando o professor começa a falar. Não querer me sentar ao lado de Carter fez com que ele me questionasse. Sei disso porque é exatamente o que está escrito com tinta preta bem diante de mim quando olho para o papel que ele acabou de deslizar na minha direção.

Por que não quis se sentar ao meu lado?

Rio da simplicidade da pergunta. Pego minha caneta e escrevo uma resposta.

Cara. O que é isso? Jardim de infância?

Ele lê e juro que consigo vê-lo franzir o cenho. Estava tentando ser engraçada, mas aparentemente ele não percebeu. Escreve alguma coisa, algo demorado, e desliza o papel de volta para mim.

É sério, Sloan. Ultrapassei algum limite naquela noite? Desculpe se foi isso. Sei que está com Asa

e respeito isso. Só achei você legal e gostaria de me sentar ao seu lado. Fico terrivelmente

entediado em espanhol, e ficar perto de você faz a vontade que tenho de furar meus olhos parecer

um pouco menos iminente.

Encaro o bilhete por muito mais tempo do que levo para terminar de ler. Carter tem uma caligrafia impressionante para um homem, e um jeito ainda mais impressionante de fazer meu coração acelerar.

Ele me acha legal.

É um elogio simples, mas que me afeta mais do que eu queria. Não tenho ideia do que responder, então pressiono a caneta no papel e não penso ao escrever.

As pessoas no Wyoming não existem de verdade, e nunca encontro a roupa certa para usar

quando vou comprar pinguins.

Deslizo o papel de volta para Carter. Quando ele ri alto, cubro minha própria boca, escondendo meu sorriso.

Adoro o fato de que ele entende meu senso de humor, mas ao mesmo tempo odeio. Cada segundo que passo com ele só me dá vontade de passar mais *dois* segundos com ele.

Carter devolve o papel.

Mosquitos sussurram nada no meu barril de macacos que demoraram demais para trazer a pizza

que pedi.

Eu rio e aperto a barriga. Ver a palavra *pizza* me lembra de como estou com fome. Estava chateada demais para jantar ontem à noite, então não como nada há mais de vinte e quatro horas.

Pizza parece uma boa.

Deixo minha caneta na mesa e não devolvo a folha para ele. Não sei por que dessa vez escrevi uma coisa em que de fato estava pensando.

— Concordo — diz ele em voz alta.

Olho para Carter, que me olha de volta com um sorriso que chega a doer. Ele é tudo o que eu quero, e tudo de que não preciso, e isso literalmente, *fisicamente*, dói.

— Depois da aula — cochicha ele. — Vou levar você para comer pizza.

A frase sai tão depressa de sua boca que parece que ele sabe que não devia estar falando isso, muito menos *fazendo*.

Mas eu concordo com a cabeça.

Droga, eu concordo com a cabeça.

SETE

Carter

Quando a aula termina, ela me acompanha lado a lado até o estacionamento. Percebo pela força com que segura sua mochila e pelo jeito como fica olhando para trás que está prestes a desistir. Quando ela para, virando-se para mim na calçada, nem sequer dou chance para que comece a falar.

— Está na hora do almoço, Sloan. Você precisa comer. Vamos comer pizza. Pare de tentar fazer isso parecer mais do que é, ok?

Seus olhos se arregalam de surpresa por eu saber o que ela estava pensando. Sloan aperta os lábios e assente.

— É um almoço — diz ela, dando de ombros e tentando casualmente convencer a si mesma de que isso é perfeitamente ok. — *Eu* almoço. *Você* almoça. Qual o problema de almoçarmos ao mesmo tempo? No mesmo restaurante?

— Exatamente.

Nós dois sorrimos, mas o medo em nossos olhos diz tudo.

Estamos ultrapassando um limite e sabemos disso.

Quando chegamos ao meu carro, vou naturalmente na direção da porta do carona para abri-la, mas mudo de ideia e sigo para o lado do motorista. Quanto menos eu tratar isso como um encontro, menos vai *parecer* um encontro. Não quero deixá-la mais nervosa do que já está com nosso “almoço casual”. A verdade é que estou nervoso o bastante por nós dois. Não sei que diabos acho que estou fazendo, mas sempre que fico perto dela, só consigo pensar em ficar ainda mais perto dela.

Fechamos as portas e ligo o motor, saindo do estacionamento. Sair da faculdade com ela em meu carro quase se assemelha a brincar de roleta-russa. Minha pulsação está acelerada e minha boca está seca, sabendo que estar com Sloan é um potencial suicídio profissional. Para não mencionar o que aconteceria se Asa descobrisse.

Afasto Asa da cabeça e olho para Sloan, decidindo que se este for meu último dia na Terra, vou focar nela e aproveitar até não poder mais.

— Tenho que confessar uma coisa — diz Sloan, me olhando envergonhada.

— O quê?

Ela põe o cinto de segurança e entrelaça as mãos sobre o colo.

— Não tenho dinheiro.

Fico com vontade de rir da sua confissão, mas no fundo fico triste por ela.

— É por minha conta — digo, porque teria sido de qualquer jeito. — Mas se eu não tivesse convidado você para almoçar hoje, como teria comido?

Ela dá de ombros.

— Não costumo almoçar. Almoços custam dinheiro, e dinheiro é algo que não tenho muito no momento.

Estou economizando para uma coisa mais importante.

Ela olha pela janela, um sinal claro de que não tem a intenção de revelar para o que está poupando. Não insisto. Mas insisto por uma resposta sobre o fato de que ela não tem dinheiro para comer.

— Por que não pede a Asa? Ele tem dinheiro. Aposto que se soubesse que a namorada não tem almoçado, daria um

pouco a você.

Ela balança a cabeça.

— Não quero o dinheiro sujo dele — dispara. — Prefiro morrer de fome.

Não respondo. Não quero lembrá-la de que pensa que trabalho para Asa, o que me levaria a pagar por nosso almoço com o mesmo dinheiro sujo. Em vez disso, mudo o assunto para algo mais leve.

— Me conte sobre seu irmão — peço, virando o carro na direção da rodovia.

— Meu irmão? — pergunta ela, receosa. — Qual deles?

— O que tem Asperger. Não sei muito sobre isso. Um vizinho meu em Sacramento tinha. Não sabia que era algo que se podia superar, mas você falou que seu irmão *tinha*... tipo, no passado.

Ela olha para baixo e entrelaça os dedos.

— *Não* é uma coisa que se supera — responde Sloan, baixinho.

Mas ela realmente falou no passado. Ou... acho que se referiu a *ele* no passado. *Sou um babaca insensível.*

Por que diabos toquei nesse assunto?

— Sinto muito. — Estendo o braço e aperto de leve a mão dela. — De verdade.

Ela puxa a mão de volta e pigarreia.

— Tudo bem — diz, forçando um sorriso. — Foi há muito tempo. Asperger não era o único problema dele, infelizmente.

E, com essa revelação, chegamos ao restaurante. Estaciono numa vaga e desligo o motor. Nenhum de nós

dois se mexe. Acho que ela está esperando que eu saia do carro, mas parece que acabei com seu bom humor.

— Eu oficialmente arruinei nosso passeio — digo. — Tem volta?

Ela dá uma gargalhada e sorri.

— Podemos elevar o nível do jogo da escrita. Tentar deixar o clima um pouco mais leve. Em vez de escrever coisas aleatórias sem pensar, podemos passar o almoço *falando* coisas aleatórias sem pensar.

Concordo e indico o restaurante.

— Depois de você — digo. — Lontras embaçam minha visão igual pudim de chocolate.

Ela ri e abre a porta.

— Tubarões-tigre de uma perna fazem mais bem a você que verduras.

OITO

Asa

– Jon!

Estou segurando o celular com tanta força que não me surpreenderia se ele se despedaçasse em minha mão.

Inspiro pelo nariz e expiro pela boca, me acalmando, tentando dar a ela o benefício da dúvida antes de surtar completamente.

— Jon!

Escuto, por fim, os passos dele subindo a escada. Minha porta se abre e ele entra no quarto.

— Que diabos foi isso? Eu estava cagando.

Olho para o relatório do GPS no meu celular.

— O que tem na Ricker Road 1262?

Ele olha para o teto, tamborilando os dedos no batente da porta.

— Ricker Road — repete ele. — Restaurantes, principalmente, acho. — Ele olha para o próprio telefone e digita o endereço. — Por quê? A gente tem uma entrega?

Balanço a cabeça.

— Não. Sloan está na Ricker Road.

Jon inclina a cabeça.

— O carro dela quebrou? Ela precisa de carona para algum lugar?

Reviro os olhos.

— Ela não precisa de uma porra de carona, seu imbecil. Ela está na Ricker Road quando devia estar no campus. Quero saber que merda ela está fazendo ou com quem ela está, cacete.

Finalmente ele parece entender.

— Ah, merda. Você quer ir lá ver? — Ele mexe novamente no telefone. — Parece italiano. Um lugar chamado Mi Amore.

Jogo o celular no colchão e me levanto, andando de um lado para o outro.

— Não — respondo. — Fica a meia hora daqui. Quarenta e cinco minutos com trânsito. Ela já vai ter ido embora antes da gente chegar.

Respiro fundo e aperto a ponte do nariz com as pontas dos dedos, tentando me acalmar.

Se ela está transando por aí, eu vou descobrir. E, se eu descobrir, ela está morta. O filho da mãe com quem estiver transando não vai ter tanta sorte.

— Vou pensar em alguma coisa — digo a Jon. — Hoje à noite.

NOVE

Sloan

Carter segura a porta para mim. É a primeira vez que piso num restaurante em meses. Esqueci como o cheiro é bom.

Pensamentos de Asa descobrindo que estou aqui insistem em passar pela minha cabeça, mesmo que eu esteja fazendo meu melhor para focar no fato de que só estou almoçando. Por mais inocente que eu possa fingir que seja, se Asa descobrir...

Não quero nem pensar no que ele faria.

A recepcionista sorri para nós, pegando dois cardápios.

— Mesa para dois?

— Sim, por favor — diz Carter. — Bananas gostam de água fervente em Reno — acrescenta ele, com uma expressão séria.

Caio na gargalhada. A recepcionista nos olha, confusa, e balança a cabeça.

— Sigam-me.

Carter me alcança e pega minha mão, me puxando. Ele não apenas segura minha mão até nossa mesa, mas entrelaça os dedos nos meus e sorri para mim, fazendo meu coração palpitar como um tambor.

Ai, meu Deus, isto é tão, tão, tão errado...

Quando encontramos nossa mesa e ele solta a mão da minha para se sentar, meu coração literalmente dói por ter que deixar de tocá-lo. Nós nos sentamos e apoiamos os cotovelos na mesa. Olho para as mãos dele... para a que acabou de segurar a minha. Não há nada particularmente especial ali. É estranho como o mais leve toque daquela simples mão foi capaz de causar uma perturbação tão

grande dentro de mim. É só uma mão. *Que diabo há de tão especial na mão dele?*

— O que foi? — indaga Carter.

O som de sua voz interrompe meu devaneio e olho para ele. Sua cabeça está inclinada e seus olhos estão focados nos meus. Fixos. Como se ele estivesse tentando ler meus pensamentos.

— O que foi o quê? — pergunto de volta, fingindo ignorância.

Ele se recosta na cadeira e cruza os braços.

— Eu só estava me perguntando no que você estava pensando. Estava olhando para as minhas mãos como se quisesse decepá-las.

Não me dei conta de que minha expressão estava tão descarada. Sinto meu rosto ficar quente, mas me recuso a parecer envergonhada. Então me recosto na cadeira e deslizo na direção da parede para não ficar mais sentada exatamente diante dele. Coloco os pés na cadeira ao lado de Carter e cruzo os tornozelos, me acomodando.

— Eu só estava pensando — respondo.

Ele põe os pés para cima ao meu lado, cruzando os tornozelos também. Não sei se está só se acomodando ou me imitando.

— Sei que estava só pensando. Quero saber *no que* estava pensando.

— Você é sempre tão enxerido assim?

Ele sorri.

— Quando se trata da segurança dos meus membros... sim.

— Bom, eu não estava pensando em decepar suas mãos, se isso faz você se sentir melhor.

Ele mantém os olhos fixos nos meus e a cabeça levemente apoiada na parede.

— Me conta — pede ele.

— Você é insistente — digo, pegando o cardápio.

Seguro-o na minha frente, bloqueando sua visão. Seus olhos escuros penetrantes fazem com que seja difícil dizer não, então decido não olhar para ele.

Os dedos de Carter deslizam até o cardápio e ele o puxa, me olhando, ainda aguardando uma resposta. Baixo o cardápio e suspiro.

— Não dá para escutar os pensamentos por um motivo, Carter.

Ele estreita os olhos e se inclina para a frente.

— Eu não devia ter segurado sua mão? Você ficou chateada com isso?

O tom sensual e suave de sua voz faz cócegas em meu estômago como se fosse uma pena, mas tento me convencer de que só estou com fome.

— Não fiquei chateada — respondo, ainda evitando sua urgência por uma resposta.

O problema em ter segurado minha mão foi que eu gostei. Muito. Mas não vou contar isso a ele.

Desvio os olhos dos dele e pego o cardápio mais uma vez. Não quero ver sua reação. Leio as opções de pizza por um tempo, muito consciente do silêncio entre nós dois. Estou enlouquecendo por Carter não estar falando nada. Sinto que está me encarando, me desafiando a olhar para ele.

— Posso pedir uma pizza? — pergunto, quebrando o gelo e mudando de assunto.

— Peça o que quiser — diz ele, finalmente pegando seu cardápio.

— Pepperoni e cebola. — Ponho o cardápio de volta na mesa. — E água. Vou ao banheiro.

Faço menção de deslizar pelo banco, mas os pés dele ainda estão em cima da cadeira ao meu lado, bloqueando meu caminho. Sou forçada a olhar para ele, que continua lendo o cardápio. Lentamente tira um pé da cadeira, depois o outro, com um ligeiro sorriso nos lábios o tempo todo. Saio da mesa e vou até o banheiro, trancando a porta atrás de mim. Apoio as costas na porta e fecho os olhos, soltando um profundo e reprimido suspiro.

Maldito Carter.

Maldito por se sentar ao meu lado na aula.

Maldito por aparecer na minha casa.

Maldito por estar envolvido com Asa.

Maldito por me trazer aqui.

Maldito por segurar minha mão.

Maldito por ser tão legal.

Maldito por ser tudo que eu queria que Asa fosse e tudo que eu queria ter.

Lavo as mãos não menos do que dez vezes, mas continuo sentindo seu toque. Sinto seus dedos entrelaçados aos meus, a pele áspera da sua palma contra a minha, o jeito como ele me puxou, me guiando pelo restaurante... o formigamento na palma da minha mão que não passa, não importa com quanta força eu esfregue.

Ponho mais sabão nas mãos e as lavo pela décima primeira vez, então tomo coragem para finalmente sair do banheiro e me sentar de novo à mesa.

— Achei que poderia querer um pouco de cafeína — diz Carter, apontando para o refrigerante na minha frente.

Ele imaginou certo.

Maldito.

Pego a bebida e coloco o canudo entre os lábios.

— Obrigada.

Ele coloca de novo os pés na cadeira ao meu lado, bloqueando o caminho novamente.

— De nada — diz ele, abrindo um sorriso quase sedutor, e até um pouco presunçoso.

Fico encarando seus lábios um segundo a mais do que deveria, e seu sorriso fica ainda mais largo.

— Não sorria para mim desse jeito — disparo, irritada por ele estar tornando isso mais difícil para nós dois com seus flertes sutis.

Forço as costas na cadeira e também ponho os pés de volta ao lado dele.

O sorriso desaparece de seu rosto e ele olha para meus braços. A raiva volta aos seus olhos quando nota as marcas roxas estampadas em mim como se eu tivesse sido marcada.

É assim que me fazem sentir, pelo menos.

Passo as mãos pelos braços e os cubro, me sentindo exposta de repente.

— Não quer que eu sorria para você? — pergunta ele, com uma expressão confusa.

— Não — respondo incisivamente. — Não quero. Não quero que sorria para mim como se gostasse de mim.

Não quero que se sente ao meu lado na aula. Não quero que segure minha mão. Não quero que flerte comigo.

Não quero nem que pague meu almoço, mas estou com fome demais para me importar com isso agora.

Levo a bebida até a boca para me calar.

Carter olha para seu copo e passa os dedos nele, limpando as gotinhas de água. Então inspira devagar, o tempo todo encarando o copo, e solta o ar demoradamente.

— Então quer que eu seja mau com você? — Ele me olha com uma expressão tão fria que nem o reconheço.

— Quer que eu te trate mal? Como Asa trata? — Ele se recosta, cruzando os braços sobre o peito largo. — Engraçado. Não achei que você levava jeito para capacho.

Devolvo seu olhar furioso com a mesma medida de raiva.

— Engraçado. Não achei que você levava jeito para traficante.

Ficamos nos encarando, nos recusando a ser o primeiro a desviar o olhar.

— Acho que tenho mesmo esses atributos — diz ele com um sorriso arrogante. — Traficante? Sim. Babaca?

Sim. O que mais seria preciso, Sloan? Do que mais preciso para você querer trepar comigo? Quer que eu te dê uns tapas por aí? Parece dar certo com Asa.

As palavras cruéis são como um soco no meu estômago, e me deixam sem fôlego.

— Vá se foder — digo, com os dentes semicerrados.

— Não, obrigado. Aparentemente eu teria que bater em você antes, e isso não faz muito meu estilo.

Mordo o lábio e prendo a respiração, me segurando para conter as lágrimas. Passei o último ano e meio aprendendo a não chorar na frente de babacas. Eu consigo.

— Me leve de volta para o meu carro — digo.

Ele fecha os olhos e esfrega as mãos no rosto. Então grunhe de frustração e junta as mãos atrás da nuca.

— Levo você depois que comer alguma coisa.

Deslizo na cadeira até minhas coxas encontrarem seus pés.

— Não estou com fome. Me deixe sair.

Ele não move os pés, então levanto as pernas e subo na cadeira, pulando por cima dele. Ando até a porta; nunca quis tanto sair de perto de alguém em toda minha vida.

— Sloan — chama ele. — Sloan!

Abro a porta e saio, uma rajada de vento frio atingindo meu rosto enquanto ofego em busca de ar. Eu me curvo e ponho as mãos nos joelhos, inalando pela boca e expirando pelo nariz repetidamente. Quando a ameaça de lágrimas diminui, eu me empertigo e ando até o carro dele. O alarme toca duas vezes e as portas destravam. Eu me viro para trás, mas ele não está ali; ainda está no restaurante.

Maldito. Ele acabou de destrancar o carro para mim.

Bato a porta com toda a força após entrar. Espero ele sair, mas Carter não faz isso. Vários minutos se passam, e percebo que ele não tem nenhuma intenção de vir atrás de mim. Vai comer antes. Ele é ainda mais babaca do que imaginei.

Pego o boné no painel e o coloco na cabeça, puxando-o para baixo para proteger meus olhos do sol. Se vou ter que esperar Carter almoçar antes de me levar de volta ao carro de Asa, posso pelo menos tirar um cochilo.

DEZ

Carter

– Pode botar para viagem? — pergunto, entregando nossas bebidas para a garçonete. — E a pizza também?

— Claro — responde ela, e se afasta.

Eu me inclino para a frente, apoiando a cabeça entre as mãos.

Não faço ideia do que me deu. Nunca deixei uma garota me afetar dessa maneira. Muito menos uma garota que nem estou namorando.

Mas que maldita! Ela é tão frustrante... Não entendo como pode ser tão cabeça dura e confiante quando está perto de mim, mas agir como a porra do capacho de Asa em casa.

E então, do nada, ela me repreende por ser *legal* com ela? Que porra é essa? Sei que algumas mulheres são atraídas por homens como Asa. Estou nesta carreira há tempo o suficiente para saber disso. Mas Sloan é diferente. Ela é mais esperta que isso. O que torna difícil para caramba ter que ficar sentado enquanto assisto a isso, porque não sei o que a prende ali. Mesmo não sendo minha responsabilidade, não posso ficar sozinho com Sloan e perder a oportunidade de convencê-la de que ela é melhor que isso. Apesar de eu ter certeza de que chamá-la de capacho e dizer as merdas que eu disse não são exatamente a maneira certa de convencê-la.

Sou mesmo um idiota, porra.

— Seu pedido está no balcão — diz a garçonete, me entregando a conta.

Pego o papel e pago, e então saio com a comida de Sloan.

Quando me aproximo do carro, paro antes de abrir a porta. Ela está sentada no banco do carona com os pés apoiados no painel. Está com meu boné enfiado na cabeça, puxado para baixo e cobrindo seus olhos. Seu cabelo escuro está jogado sobre o ombro direito, esparramando-se pelos braços, que estão cruzados sobre o peito.

Vê-la naquela noite com o vestido vermelho mexeu tanto com minha cabeça que não dormi a noite toda.

Mas vê-la aqui, dormindo no meu carro, usando meu boné...

Acho que nunca mais vou dormir.

Abro a porta e ela tira os pés do painel, mas não ergue o boné dos olhos. Sloan aproxima ainda mais o corpo da porta do carona, e eu estremeço diante do movimento.

Eu a magoei. Ela já estava abalada e eu a machuquei ainda mais.

— Aqui — digo, oferecendo o copo para viagem.

Ela levanta a aba do boné e me olha. Fico surpreso ao ver que seus olhos não estão vermelhos. Eu tinha presumido que o boné era para disfarçar o choro, mas ela não derramou uma única lágrima.

Sloan pega a bebida da minha mão, então estendo a caixa de pizza para ela. Ela aceita e me sento no banco do motorista. Sloan abre imediatamente a tampa e pega uma fatia, enfiando-a na boca. Depois vira a caixa de modo que a pizza fique de frente para mim, então a levanta, me oferecendo um pedaço. Pego um e começo a sorrir, mas lembro que ela me pediu para não fazer isso. Em vez disso, dou uma mordida na pizza e ligo o carro.

Não conversamos durante o caminho de volta ao campus. Sloan está terminando a terceira fatia quando paramos na vaga ao lado do seu carro. Ela dá um grande

gole no refrigerante, fecha a tampa da caixa e a coloca no banco traseiro.

— Leve a pizza com você — digo, minhas palavras abrindo um buraco no silêncio e na tensão que surgiu entre nós.

Ela coloca o copo no suporte e tira meu boné, ajeitando o cabelo.

— Não posso — responde, baixinho. — Ele vai querer saber onde arranjei isso.

Ela se vira em minha direção e alcança sua mochila no banco de trás. Voltando-se para a frente, enfia a mochila debaixo dos braços.

— Eu agradeceria pelo almoço — começa ela —, mas isso basicamente arruinou meu dia.

Sloan abre a porta do carro e sai antes que eu consiga processar suas palavras. Quando a porta bate, desligo o motor e desço também.

— Sloan — digo, dando a volta até alcançá-la.

Ela joga a mochila dentro do próprio carro e bate a porta de trás. Abre a do motorista e a usa como uma barreira entre nós dois.

— Não, Carter — diz ela, recusando-se a olhar para mim. — Não peça desculpas. Você deixou claro seu ponto de vista, e estou puta demais para escutar um pedido de desculpas agora. Então não faça isso.

Ela pode pedir para eu não me desculpar o quanto quiser, mas de jeito nenhum deixarei Sloan entrar no carro antes de levantar minha bandeira branca.

— Desculpe — digo mesmo assim. — Eu não devia ter dito aquelas coisas. Você não mereceu aquilo, mas, porra, Sloan! Você é melhor que isso. Se dê algum crédito.

Ela se recusa a olhar para mim enquanto falo, então coloco uma das mãos sob seu queixo e levanto seu rosto na direção do meu. Sloan olha para a direita, ainda teimosamente se recusando a manter contato visual comigo.

Eu me espremo entre a porta dela e meu carro até que ela esteja exatamente diante de mim. Seguro seu rosto entre as mãos, desesperado para ela me olhar. Preciso que escute o que tenho a dizer.

— Olhe para mim — imploro, segurando seu rosto com firmeza. — Desculpe. Perdi a linha.

Sloan mantém os olhos fixos nos meus enquanto uma gota solitária e grossa escorre por sua bochecha. Ela a seca com as costas da mão antes que eu tenha a chance de fazê-lo.

— Você não tem ideia de quantas vezes ouvi essa mesma desculpa.

Minhas mãos continuam em seu rosto; ela está olhando para o meu peito, evitando meus olhos. Tento fazer com que olhe em meus olhos, mas ela se recusa a ceder.

— *Não* é a mesma desculpa, Sloan. Não pode me comparar a ele.

Ela vira os olhos para o céu e ri, tentando conter mais lágrimas.

— Você não é melhor que ele. A única diferença entre vocês dois é que nada do que Asa já tenha me falado me machucou tanto quanto o que você disse hoje. — Ela tira minha mão do seu rosto e entra no carro. Alcança a maçaneta e olha de volta para mim. — Você não é diferente, Carter, então não *ouse* me julgar. Vá salvar outra pessoa.

Ela bate a porta e sou forçado a dar um passo para trás. Fico observando-a desmoronar completamente dentro do

carro. Sloan não olha outra vez para mim, mas vejo as lágrimas escorrendo pelo seu rosto enquanto ela dá ré.

— Desculpe — repito, observando-a ir embora.

ONZE

Asa

Depois de tudo que fiz por ela — depois de tudo que estou *fazendo* por ela —, é bom Sloan ter uma porra de uma boa desculpa para estar me fazendo passar por isso.

Ela não seria nada se não fosse por mim. Eu a acolhi quando ela não tinha nenhum outro lugar para ir. Se não fosse por mim, ela teria que rastejar de volta para a prostituta viciada em crack que é sua mãe. Com base apenas nas coisas que Sloan me contou sobre sua infância, ela está muito melhor comigo e sabe disso. Uma mãe que traz para casa um novo marido de quinta categoria a cada dois meses? Queria vê-la voltando para aquela merda.

Mas se Sloan está trepando por aí, lá é o primeiro lugar onde vou largá-la. Vou ser o primeiro a enfiá-la porta adentro da casa da mãe puta e viciada — de volta para um trailer cheio de padrastos rotativos que se masturbam escondidos no armário dela enquanto Sloan troca de roupa.

— Quer que eu tente outra coisa? — pergunta Jess, trazendo minha atenção de volta ao momento. Ela está de joelhos na beirada da cama. — Não está ficando duro.

Eu me apoio sobre os cotovelos e olho de cima para ela.

— Se você soubesse fazer essa porra direito... — respondo.

Eu me levanto e a empurro alguns centímetros pelo chão, apoiando as mãos na parede. Fecho os olhos e imagino Sloan ajoelhada na minha frente. Mas a imagino chorando, implorando para eu continuar com ela.

Implorando para eu salvá-la novamente, do modo como a salvei da última vez em que fez uma coisa tão idiota assim.

Pensar em Sloan é o suficiente. Agarro Jess pelo cabelo e enfio meu pau em sua boca. Continuo apoiando uma das mãos na parede e agarro seu cabelo com a outra, enquanto ela faz seu trabalho.

Quem em sã consciência levaria Sloan a um restaurante, sabendo que ela pertence a mim? A Asa Jackson?

Seja lá quem for, nunca teria tido a coragem se soubesse as coisas que posso fazer. Ninguém quer morrer tanto assim.

— Porra — digo, irritado com o modo como a camisinha me atrapalha a sentir a língua dela. Tiro o pau de sua boca e arranco a camisinha. — Isso — gemo, sentindo a língua da garota tocar minha pele. — Agora, sim.

Meto em sua boca algumas vezes enquanto ela retorce as mãos em volta do meu pau. Jess é boa, mas sei que pode ser melhor.

— Engula tudo — ordeno, tirando sua mão.

Agarro a nuca da garota com força e pressiono meu corpo contra sua boca até sentir o fundo de sua garganta.

Com o som de ânsia de vômito que Jess faz toda vez que invisto novamente, explodo em segundos. Agarro sua cabeça com as mãos enquanto ela tenta se afastar e seguro com firmeza até terminar. Ela está arranhando minhas coxas, tentando livrar a cabeça para respirar. Finalmente a largo e a observo se apoiar no chão com as mãos, tossindo e arfando por ar.

Subo a calça e a abotoo.

— Agradeça a Jon por compartilhar — digo. — Seu namorado é bem mais generoso que eu.

Ela limpa a boca e se levanta.

— Seu filho da puta maldito — diz ela, batendo a porta ao sair.

— Sua vadia maldita — murmuro.

Quando desço, Jon está sentado no bar com Dalton e Carter. Pego uma cerveja na geladeira e me acomodo ao lado deles.

— Você não me contou que Jess fazia garganta profunda — digo a Jon, abrindo a cerveja. — Seu filho da puta sortudo.

Jon me olha feio, recostando-se na cadeira.

— Eu não sabia que ela fazia.

Rio.

— Bom, acho que ela também não sabia até uns cinco minutos atrás.

Jon suspira e balança a cabeça.

— Porra, Asa. Falei para pegar leve com ela.

Rio novamente e tomo um gole da cerveja, colocando a garrafa de volta na mesa.

— A única garota com quem pego leve é Sloan.

Carter leva sua cerveja até a boca, me olhando enquanto joga a cabeça para trás e toma um gole. Esse moleque tem um problema sério de encarar.

— Falando em Sloan — diz Jon, chamando minha atenção —, quando você vai retribuir o favor?

Ele ri e leva a garrafa até a boca.

O babaca está rindo? Acha que fez a porra de uma piada? Jogo a perna para trás e chuto a cadeira dele com toda a força, mandando Jon e sua cerveja para trás,

diretamente para o piso de cerâmica. Eu me levanto e olho de cima para ele, os punhos cerrados.

— Sloan não é uma *puta*, porra! — grito.

Jon se levanta do chão, depois se curva para mim como o idiota que é.

— Não é? Então você deve ter descoberto por que ela estava na Ricker hoje. Não estava trepando com um cara qualquer como você achou?

Avanço nele e dou um soco na sua maldita boca suja. Ele cai no chão e eu o chuto nas costelas. Ajoelho e tento socá-lo de novo, mas Dalton e Carter me tiram de cima dele antes que eu tenha a chance. Jon foge de mim e limpa a boca ensanguentada. Ele olha para sua mão e depois de volta para mim.

— Seu filho da puta maldito — diz ele.

— Engraçado. Foi a mesma coisa que sua namorada disse quando tirei meu pau da garganta dela.

Jon fica de pé e avança para mim novamente. Entro na onda dele e deixo que me acerte em cheio no queixo.

Carter fica entre nós dois, empurrando-o para a geladeira enquanto Dalton segura meus braços com força.

— Vá lá para cima! — ordena Carter. — Vá ver como Jess está e procure se acalmar.

Jon assente e Carter o larga. Dalton não me solta até Jon ter subido a escada.

Ponho a mão no queixo e estalo o pescoço.

— Vou estar lá atrás. Me avisem assim que Sloan chegar.

DOZE

Carter

Assim que Asa sai pela porta dos fundos, agarro minha nuca, apertando-a.

— Caralho!

— Eu sei — concorda Dalton, sem fazer a menor ideia do que está se passando pela minha cabeça no momento.

— Preciso dar um telefonema — digo. — Espere aqui e não deixe os dois se atracarem de novo.

Saio pela porta da frente e sigo até meu carro. Tiro o celular do bolso e deslizo os dedos pelos contatos, atrás do número de Sloan. Dalton disse que havia gravado o número de todos que moram aqui no meu telefone assim que fui escolhido para esta missão. Procuro na letra S, mas não encontro o nome dela. Quando estou prestes a jogar meu celular longe de tão frustrado, o contato *Namorada de Asa* chama minha atenção. Clico nele. Clico várias vezes seguidas, torcendo para que ligue mais rápido.

Levo o telefone ao ouvido e escuto tocar. Na quarta chamada, ela finalmente atende.

— Alô?

— Sloan! — exclamo desesperadamente.

— Quem é?

— É o Lu... Carter. É o Carter.

Ela suspira alto.

— Não, não desligue — peço, torcendo para que ela espere tempo o suficiente para escutar que não estou ligando para pedir desculpas mais uma vez. — Ele sabe. Ele sabe que você foi almoçar na Ricker Road hoje.

Ela não responde nada por vários segundos.

— Você contou a ele? — pergunta, a voz cheia de mágoa.

— Não. Não, eu nunca iria... Ouvi Jon dizer alguma coisa sobre descobrir com quem você estava almoçando. Ele não sabe que era eu.

Olho para trás, para conferir se a barra está limpa. Dalton está parado na janela, me observando.

— Mas... como ele pode saber? — Consigo ouvir o medo em sua voz.

— Talvez ele rastreie seu telefone. Onde você está?

— Acabei de sair da academia. Estou a cinco minutos de casa. Carter, o que eu faço? Ele vai me matar.

O medo em sua voz faz com que eu me arrependa de cada segundo do dia de hoje. Eu nunca devia ter colocado Sloan nessa situação.

— Escute. A caixa da pizza ainda está no banco de trás do meu carro. Vou mantê-lo ocupado nos fundos.

Quando você chegar aqui, pegue a pizza e leve até o quintal. Aja como se não tivesse nada a esconder. Diga a ele que estava com fome, foi almoçar num restaurante e comprou pizza, e então a ofereça para a gente. Se você tocar no assunto antes, deve dar tudo certo.

— Ok — diz ela, respirando pesadamente. — Ok.

— Ok — repito.

Vários segundos se passam em silêncio e minha pulsação lentamente começa a se regularizar.

— Sloan?

— Oi? — sussurra ela.

— Não vou deixar ele machucar você.

Ela fica em silêncio por um momento. Escuto-a suspirar e depois desligar. Olho para o meu telefone e respiro fundo, então volto para a casa.

— Quem era no telefone? — pergunta Dalton, me olhando com curiosidade assim que passo pela porta. — A gatinha da aula de espanhol?

Concordo com a cabeça.

— É. Vou lá para os fundos. Quer me ajudar a acalmar Asa?

Dalton começa a me seguir.

— *Você* é que parece estar precisando se acalmar.

Abro a porta e Asa está sentado numa espreguiçadeira ao lado da piscina, tamborilando os dedos nos joelhos. Eu me sento ao lado dele e jogo os pés para o alto, tentando parecer o mais relaxado possível. Não ligo se ele descobrir que era eu quem estava almoçando com ela. Não ligo se ele cumprir com sua ameaça. Só me importo em não deixar que ele encoste mais um dedo em Sloan.

Dalton e eu mantemos Asa ocupado falando sobre uma negociação futura que ele quer fazer. Pouco depois, escutamos Sloan estacionando. Sinto Asa ficar tenso e percebo que ele parou de falar no meio de uma frase.

Começa a se levantar, imagino que para ir até ela na entrada. Faço o possível para distraí-lo.

— E essa mina do Jon? — pergunto.

Ele se vira para mim.

— O que tem?

— Só curiosidade. Ela faz mesmo garganta profunda?

Até fingir que estou interessado faz eu me sentir um babaca.

Asa sorri e começa a responder quando a porta dos fundos se abre. Sloan entra com uma caixa de pizza nas mãos. Sinto a raiva transbordar de Asa enquanto seus punhos se cerram.

— Oi, pessoal — diz ela, andando em nossa direção. — Alguém com fome? Trouxe as sobras.

Ela oferece a caixa de pizza e mantém o sorriso fixo.

Dalton se levanta e vai até ela, tirando a caixa de suas mãos.

— Pode crer — diz ele, pegando uma fatia.

Ele entrega a caixa para mim, então pego uma também. Dou a caixa a Asa enquanto Sloan se senta na espreguiçadeira com ele. Ela se inclina para beijá-lo, mas ele se afasta.

— Onde pegou isso? — pergunta Asa, fechando a tampa para ler o que está escrito.

Ela dá de ombros, tomando cuidado para não olhar para mim.

— Em um restaurante italiano. Uma das minhas aulas de hoje foi cancelada e eu estava com fome, então fui almoçar.

— Sozinha? — indaga ele, colocando a caixa no chão.

Ela sorri.

— É. Estou de saco cheio da comida do campus. — Ela pega a caixa de volta e escolhe uma fatia. — Prove — diz, oferecendo a ele. — É muito boa. Trouxe para você.

Asa pega a pizza das mãos dela e a larga de volta dentro da caixa. Ele se aproxima de Sloan e a pega pela mão, puxando-a para ele.

— Venha cá — diz, colocando-a em seu colo e agarrando sua nuca para beijá-la.

Desvio o olhar. Não tenho mais o que fazer.

Asa se levanta com Sloan ainda grudada nele. Vejo pelo canto do olho enquanto ele a levanta pela bunda, beijando seu pescoço. Ele anda na direção da casa e eu ergo a cabeça, bem na hora em que ela olha para mim por cima do ombro dele. Sloan me observa de olhos arregalados até Asa passar com ela pela porta de trás e carregá-la para dentro, provavelmente até sua cama.

Eu me recosto na cadeira e respiro fundo, passando as mãos pelo cabelo. Como devo ficar sentado aqui, sabendo o que está rolando dentro daquela casa?

— Queria que pudéssemos acabar com ele hoje — digo a Dalton.

— Não gosto de como ela olha para você — comenta Dalton, com a boca cheia de pizza. Olho para ele e percebo que continua encarando a porta dos fundos. — Ela é encrenca.

Pego a caixa de pizza e apanho mais uma fatia.

— Está com ciúmes? — Eu rio, tentando aparentar indiferença diante do comentário. — Você sempre pode ficar com Jess. Ouvi dizer que Jon é bem mais generoso que Asa.

Dalton ri e balança a cabeça.

— Essas pessoas são muito fodidas.

Nem todas.

— Acho que podíamos usá-la — continua Dalton.

Olho para ele e noto seu cérebro tramando algo.

— Usá-la como?

— Ela gosta de você — explica ele, sentando-se reto. — Precisa tirar vantagem disso, se aproximar dela.

Essa garota provavelmente sabe mais sobre as pessoas que trabalham com Asa do que conseguiremos descobrir com nossos papéis.

Merda. A última coisa que quero é envolvê-la nisso.

— Acho que não é uma boa ideia.

Dalton se levanta e diz:

— Palhaçada. Isso é perfeito. A garota é a brecha que estávamos esperando neste caso.

Ele começa a digitar um número no celular, andando na direção da porta dos fundos.

Usar mulheres para chegar mais perto de ganhar um caso não é nada para ele. Fez isso em quase toda missão em que trabalhamos juntos.

Mas não é algo que estou disposto a fazer.

Ainda assim, pode ser uma decisão que não cabe a mim...

TREZE

Sloan

– Seu coração está batendo tão rápido... — diz Asa, me soltando no colchão.

Claro que está. Esses foram provavelmente os cinco minutos mais assustadores da minha vida, sem saber se conseguiria mentir. Graças a Carter, funcionou.

— Você me beijou pela casa toda — justifico. — Claro que está batendo rápido.

Asa sobe em cima de mim e pressiona os lábios contra os meus, me beijando com delicadeza. Ele passa os dedos pelo meu cabelo, beijando meu queixo e meu pescoço inteiro. Ele para e me olha diretamente nos olhos.

— Você me ama, Sloan? — pergunta ele, e isso me pega totalmente desprevenida.

Engulo em seco e confirmo com a cabeça.

Ele se ergue sobre as palmas das mãos.

— Bom, então diga.

Forço um sorriso e olho para ele.

— Eu te amo, Asa.

Ele me encara por um instante, como se tivesse um detector de mentiras interno e estivesse esperando para descobrir se passei. Ele baixa lentamente o corpo em cima do meu e enterra a cabeça em meu pescoço.

— Também te amo — diz ele. Então rola para o lado e me puxa na sua direção. Ele me segura, fazendo círculos suaves com as mãos em minhas costas. Não me lembro da última vez em que ele me tocou na cama sem ter diretamente a ver com sexo. Ele beija a lateral da minha cabeça e suspira. — Não me abandone, Sloan — acrescenta com firmeza. — Não ouse me abandonar.

A expressão determinada, mas desesperada nos olhos dele me paralisa. Balanço a cabeça.

— Não vou te abandonar, Asa.

Os olhos dele examinam cada centímetro do meu rosto. Deitada nos braços de Asa, sentindo-o me olhar com tanta intensidade... Não sei se deveria me sentir amada ou apavorada. É um pouco das duas coisas.

Ele pressiona a boca na minha e me beija com força. Enfia a língua no fundo da minha garganta, como se tentasse reivindicar cada pedaço meu de dentro para fora. Não há nenhum carinho nisso, e quando ele afasta a boca da minha, está ofegante. Então fica de joelhos e tira a camisa.

— Faça de novo — exige ele, tirando minha camisa e meu sutiã por cima da cabeça ao mesmo tempo. — Diga que me ama, Sloan. Que nunca vai me deixar.

— Eu te amo. Nunca vou te deixar — sussurro, rezando para que a segunda frase em breve se torne uma mentira.

Ele volta a me beijar e passa as mãos pela minha barriga até alcançar minha calça. Está me beijando com tanta intensidade que é difícil respirar. Ele tenta baixar minha calça, mas não parece capaz de parar de se concentrar em minha boca por tempo suficiente para fazer isso. Levanto os quadris e tiro a roupa, exatamente como a putinha que me tornei para ele.

Essa não é a definição de puta? Alguém que comprometa seu respeito próprio por ganhos pessoais? Mesmo que meus ganhos pessoais sejam altruístas e não tenham nada a ver comigo e tudo a ver com meu irmão, isso não muda o fato de que estou fazendo sexo em troca de alguma coisa. O que, por definição, me torna uma puta.

A puta *dele*.

E pela expressão possessiva em seus olhos, isso é tudo que Asa me permitirá ser.

CATORZE

Carter

Existem poucas coisas piores que meu timing. Assim que abro a porta dos fundos para entrar na casa, meus ouvidos são invadidos pelo som derradeiro dos grunhidos de Asa vindo do andar de cima. Paro na cozinha, sem ter certeza de por que estou escutando o que ele está fazendo com ela. Só de pensar nisso, meu estômago se revira, especialmente sabendo o que ele fez com Jess há meras duas horas.

Quando escuto passos no andar de cima e a porta do banheiro se fecha com um baque, saio do meu transe e vou até a geladeira. Grudado na porta, há um quadrinho branco de avisos cheio de telefones. Pego uma das canetas, a encosto no quadro e começo a escrever. Passos descem a escada e coloco o marcador de volta no lugar, me virando para trás a tempo de ver Asa se aproximar.

— Ei — diz ele.

Está descalço e usando apenas uma calça jeans desabotoada. Seu cabelo está desgrenhado e ele exibe um sorriso presunçoso.

— Qual é?

Eu me encosto na bancada e o observo andar até o armário da cozinha e pegar um saco de batatas chips. Ele abre a embalagem e se apoia no outro lado da bancada.

— Como foi a noite passada? — pergunta ele. — Nem tive a chance de falar com você.

— Boa. Mas fiquei curioso. E se pudéssemos chegar diretamente ao seu fornecedor? Se o único motivo para ter um intermediário é a tradução, não há mais necessidade de mantê-lo.

Asa enfia mais uma batata chips na boca e lambe os dedos.

— Por que acha que eu trouxe você? — Ele larga o saco e abre a torneira da pia, molhando as mãos. — Minha mão está com gosto de boceta, porra — diz ele, esfregando-a com sabão.

Este é um dos poucos momentos da minha carreira em que eu gostaria de ter escolhido algo um pouco menos deprimente. Algo um pouco menos emocionalmente desgastante. Eu devia ter me tornado professor de literatura.

— Há quanto tempo você namora aquela garota? — pergunto.

Parte do meu trabalho aqui é sondar, mas as únicas perguntas para as quais pareço querer respostas são as relacionadas a Sloan.

Ele seca as mãos numa toalha e pega o saco de batatas, sentando-se em seguida no bar. Fico onde estou.

— Já faz um tempo. Dois anos, talvez?

Ele joga algumas batatas na boca e limpa a mão na calça jeans.

— Ela não parece gostar do seu trabalho — digo, sondando com cautela. — Acha que deduraria você algum dia?

— Porra, duvido — responde ele rapidamente. — Sou tudo o que ela tem. Sloan não tem escolha a não ser aceitar.

Concordo com a cabeça e seguro com força a beira da bancada atrás de mim. Não confio em uma única palavra que sai da boca desse cara, então espero realmente que

esse papo de Sloan ter só a ele seja apenas mais uma de suas mentiras.

— Só me certificando — justifico. — Tenho dificuldade em confiar nas pessoas, se é que me entende.

Asa estreita os olhos e se inclina para a frente.

— Nunca confie em *ninguém*, Carter. *Especialmente* nas putas.

— Achei que você tinha dito que Sloan não era uma puta — digo de forma desafiadora.

Ele mantém o olhar fixo em mim — imóvel e furioso. Por um instante, fico com medo de que faça comigo o que fez com Jon mais cedo. Em vez disso, ele leva a mão ao queixo e estala o pescoço, recostando-se no banco. O vislumbre de raiva em seus olhos se dissipa com o som dos passos de Sloan descendo a escada. Ela entra na cozinha e para quando nos vê.

Asa desvia o olhar de mim e encara a garota. Ele ri e se levanta, puxando-a para perto.

— As pessoas precisam ganhar minha confiança — diz ele, olhando por cima do ombro em minha direção.

— Sloan conseguiu.

Ela põe as mãos em seu peito e o empurra, mas ele não a solta. Asa se senta de volta e a puxa para si, de modo que Sloan fica entre as pernas dele, apoiando-se em seu peito, e de frente para mim. Ele passa os braços em volta da barriga dela e apoia o queixo em seu ombro, retomando o contato visual comigo.

— Gosto de você, Carter — diz Asa. — Você é profissional.

Forço um meio sorriso, apertando a bancada com toda minha força enquanto tento não olhar nos olhos de Sloan.

Não suporto o medo que vejo neles toda vez que Asa encosta nela.

— Falando em negócios — digo —, volto daqui a algumas horas. Tenho coisas para fazer.

Endireito as costas e passo por Sloan e Asa, seguindo para a porta da frente. Quando faço isso, ela me lança um olhar agradecido.

Asa abaixa a cabeça e beija o pescoço de Sloan, e em seguida leva uma das mãos aos seios dela. Ela fecha os olhos com força e faz uma careta, então vira as costas para mim.

Continuo andando na direção da porta, me sentindo completamente impotente. Preciso lembrar a mim de mesmo que estou aqui por um motivo... E este motivo não é Sloan.

Mando uma mensagem para Dalton antes de sair da casa e digo que vou até a delegacia fazer alguns relatórios... Mas, na verdade, saio com o carro sem a mínima ideia de para onde ir. Ligo o rádio e tento me livrar dos pensamentos assassinos que estou tendo em relação a Asa, mas todos os meus outros pensamentos se resumem a Sloan... e toda vez que me lembro dela, volto a pensar em matar Asa.

Sei que tenho um dever a cumprir. Meu dever é terminar o trabalho que estou sendo pago para fazer... Ou seja, acabar com o maior esquema de tráfico em campus universitário da história das faculdades. O problema com drogas na universidade local multiplicou por dez só nos últimos três anos. Dizem que Asa é o único motivo por trás disso. Ele e todos do seu círculo, e é por isso que Dalton e eu estamos aqui: para identificar os principais jogadores. Dalton e eu somos apenas uma pequena parte desta

operação, mas são as pequenas partes que formam o todo, e cada papel é essencial.

Asa está arruinando várias vidas, e Sloan é só uma delas. Posso focar no que vim fazer aqui e ajudar a derrubar todos os envolvidos nesta operação, o que vai salvar vidas, ou posso salvar uma garota do seu namorado abusivo.

Ter que separar o que eu deveria fazer do que *quero* fazer torna essa situação parecida com a teoria do general Patton, de como às vezes é necessário sacrificar as vidas de alguns pelo bem de muitos.

Parece que estou sacrificando a vida de Sloan pelo bem das outras vidas que Asa está arruinando. E pensar nisso me dói.

Fico duvidando se nasci ou não para trabalhar com isso por pelo menos a terceira vez esta semana.

Depois de uma hora dirigindo sem rumo, resolvo voltar para a casa de Asa. Dalton fica lá a maior parte do tempo, mas disse que eu moro no campus durante uma conversa com Asa há alguns meses. Por isso, precisei realmente arrumar um apartamento no campus caso algum dia Asa resolva me investigar a fundo. No entanto, fico mais tempo na casa dele, porque é onde vou conseguir mais informações, no fim das contas. Por estar por perto da sua “galera” e... possivelmente de Sloan.

Sei que Dalton tem razão. Sei que preciso usar Sloan para ajudar na investigação, mas ela precisaria permanecer na situação em que está para isso. Eu preferiria dar algum dinheiro a ela e forçá-la a fugir para o mais longe que pudesse.

Quando chego na rua dele, vejo Sloan sentada num banco de parque a duas quadras da casa. Ela está com alguns livros abertos numa mesa de piquenique. Desacelero

e paro perto da calçada. Olho ao redor, me certificando de que a garota está sozinha.

Fico sentado no carro observando-a por um tempo, pensando no que eu deveria fazer. Se eu fosse mais esperto, não estaria fechando a porta do carro e me preparando para atravessar a rua.

Se eu fosse mais esperto...

QUINZE

Sloan

Nunca vi Asa estudar. Estudo todos os dias, independentemente de como as coisas possam estar loucas ao meu redor. Tipo agora, tendo que sair de casa e andar até o parque só para ter um pouco de paz e silêncio.

Como é que ele pode ter uma média 3,5? Não duvido de que esteja subornando os professores.

— Oi.

Pego minhas chaves, com direito a spray de pimenta e tudo, e lentamente me viro para trás. Carter está andando em minha direção com as mãos nos bolsos da calça jeans. Seu cabelo escuro está bagunçado e caído na testa, entrando em seus olhos.

Ele para a alguns metros de mim, esperando minha permissão para se aproximar mais. Não está sorrindo desta vez. *Pelo menos ele presta atenção.*

— Oi — respondo secamente. Largo as chaves de volta na mesa. — Asa mandou você vir me buscar?

Ele chega perto da mesa de piquenique e passa uma das pernas sobre o banco, sentando-se. Está me olhando ainda com as mãos nos bolsos. Observo meus livros e me recuso a encará-lo de volta. O pequeno interesse que tive por Carter na aula se transformou em algo com potencial para se tornar uma verdadeira merda federal depois do almoço com ele. Preciso manter distância, e olhar para ele *não* está me dando vontade de ficar longe.

— Eu estava passando de carro e vi você sentada aqui. Pensei em ver como você estava.

— Estou bem — digo, voltando a atenção para o dever diante de mim.

Sinto que talvez devesse agradecer pelo aviso de hoje mais cedo. Se ele não tivesse ligado, não consigo nem imaginar o que aquela situação teria virado. Mas ele também podia estar avisando só para salvar a própria pele.

Mas sei que não foi o caso. Senti a preocupação em seu tom de voz antes de desligar o telefone. Estava com medo por mim. Estava com medo por mim, assim como eu estava por ele.

— Verdade? — pergunta ele, cético. — Está bem mesmo?

Olho para ele. Carter simplesmente não consegue deixar as coisas para lá, não é?

Largo o lápis na mesa e me viro para ele. Está sempre pressionando em busca de mais. Sempre querendo saber no que diabos estou pensando. Se é isso o que ele quer, é melhor eu despejar logo tudo de uma vez.

Respiro fundo e me preparo para responder todas as perguntas que ele já fez, e até mesmo as que ainda não conseguiu fazer.

— Sim, estou bem. Não estou ótima. Não estou péssima. Só estou *bem*. Estou bem porque tenho um teto sob o qual dormir e um namorado que me ama, apesar de fazer escolhas péssimas. Se eu queria que ele fosse uma pessoa melhor? Sim. Se eu tivesse como, largaria ele? Sim, com certeza. Se eu queria que não houvesse tanto entra e sai naquela casa para que eu pudesse ter um canto quieto para fazer meu dever de casa, ou, Deus me perdoe, dormir um pouco? Pode apostar que sim. Se eu queria poder me formar mais cedo e me livrar dessa confusão toda? Sim. Se tenho vergonha de como Asa me trata? Sim. Se eu queria que você não fizesse parte disso? Sim. Se eu queria que você fosse o cara que achei que era quando te conheci na aula? Sim. Se eu queria que você pudesse me salvar? — Suspiro

brevemente, me sentindo derrotada, e olho para minhas mãos. — Eu queria tanto, Carter — sussurro. — Queria que você pudesse me salvar de toda essa merda, queria tanto. Mas você não pode. Não estou nessa vida por mim. Se estivesse, teria ido embora há muito tempo.

Como ele poderia me salvar? Ele *faz parte* dessa vida. Se eu fugisse de Asa para os braços de Carter, seria exatamente o mesmo estilo de vida... apenas um par de braços diferentes. E Carter não faz ideia de que o único motivo que me prende nesta situação não tem a ver comigo ou com o que eu costumava sentir por Asa.

Balanço a cabeça para toda essa situação infeliz na qual estamos e pisco para tentar conter as lágrimas.

— Eu o deixei uma vez. No começo, quando descobri como ganhava dinheiro. Eu não tinha para onde ir, mas o deixei porque sabia que eu merecia algo melhor.

Faço uma pausa, escolhendo as palavras certas. Quando olho novamente para Carter, a primeira coisa que noto é uma preocupação genuína em seus olhos. É uma sensação estranha, confiar mais em alguém que você mal conhece do que na pessoa com quem divide a cama.

— Eu tinha dois irmãos mais novos. Eles nasceram quando eu tinha dois anos. Gêmeos. Minha mãe era viciada, então nasceram com complicações. Drew morreu aos dez anos. O outro, Stephen, precisa de muitos cuidados. Cuidados com os quais não consigo arcar sozinha, e quero construir uma vida boa para nós. Quando ele fez dezesseis anos, finalmente foi aceito em uma instituição onde poderia morar e receber os cuidados necessários vinte e quatro horas por dia. As coisas estavam ótimas, até algumas semanas depois, quando resolvi terminar com Asa. O fundo de Stephen foi cancelado pelo governo e eu não tinha para onde levá-lo, não tinha um lugar para cuidar dele. Minha

única opção era pagar a taxa do meu bolso, mas são milhares de dólares por mês. Eu não podia pagar, e a última coisa que eu queria era que ele fosse forçado a voltar a morar com minha mãe. Não é seguro para ele lá. Quando me dei conta da situação na qual havia nos colocado, me vi sem a quem mais recorrer. E quando Asa apareceu, implorando para que eu voltasse e prometendo pagar pelos cuidados com Stephen, eu não tive como dizer não. Voltei a morar com ele. Agora sou forçada a fingir que ele é bom para mim. Finjo não ver as coisas horríveis que ele faz. E, em troca, ele manda um cheque todo mês para pagar as despesas de Stephen. E é por isso que ainda estou aqui, Carter. Porque não tenho escolha.

Ele fica me encarando completamente mudo. Por um momento, quase me arrependo de ter me aberto tanto.

Nunca contei nada disso a ninguém. Por mais que Asa não me mereça, ainda sinto vergonha de só estar com ele por causa da ajuda. É constrangedor admitir a verdade a alguém.

O almoço de hoje parece ter sido há vidas atrás. Tanta coisa aconteceu entre esta manhã e este momento. Ele parece diferente. Não é o Carter brincalhão da aula desta manhã, nem o Carter arrependido de depois do almoço.

Ele parece... não sei... uma pessoa completamente diferente. Quase como se estivesse fingindo ser alguém que não é e pela primeira vez estivesse me lançando um olhar genuíno.

Ele desvia os olhos por um segundo e o noto engolir em seco para então falar: — Respeito o que você está fazendo pelo seu irmão, Sloan. Mas como vai ajudá-lo se estiver morta? Aquela casa não é segura para você. Asa não é seguro para você.

Suspiro e seco uma lágrima.

— Faço o que posso, Carter. Não tenho como me dar o trabalho de me preocupar com hipóteses.

Seus olhos acompanham a lágrima escorrendo pelo meu rosto e ele ergue uma das mãos e a seca.

De todas as lágrimas que já chorei para Asa, ele nunca tentou secá-las.

— Venha cá — diz Carter, pegando minha mão. Ele me puxa para perto e se aproxima mais de mim. Olho para a palma da mão dele segurando a minha e tento afastá-la. Ele a aperta e agarra meu cotovelo com a outra mão. — Venha cá — sussurra ele de forma tranquilizadora, me puxando para ainda mais perto.

Ele me envolve com os braços e leva minha cabeça até seu ombro. Depois me aperta com força, me embalando com uma das mãos. Ele encosta a bochecha quente no topo da minha cabeça e me segura.

É só isso que ele faz.

Não inventa desculpas. Não mente e diz que tudo vai ficar bem, porque nós dois sabemos que não vai. Ele não faz promessas que não pode cumprir como Asa faz. Ele apenas me segura com nada mais do que um simples desejo de me reconfortar — e é a primeira vez que sinto isso.

Eu me aproximo mais e relaxo no corpo dele, escutando o som de seu coração batendo depressa dentro do peito. Fecho os olhos e tento me lembrar de alguma vez em minha vida louca e fodida em que tenha sentido que eu importava, mas não consigo me lembrar de nada. Vivo neste planeta há vinte anos, e esta é a primeira vez que sinto alguém realmente se importar comigo.

Agarro sua camisa e tento me aproximar ainda mais de Carter, querendo me enroscar nele e me esbaldar nesta

sensação para sempre. Ele ergue o rosto e pressiona de leve os lábios no topo da minha cabeça.

Ficamos assim, agarrados um ao outro, como se o destino do mundo dependesse daquele abraço.

A camada fina da camisa de Carter está úmida por causa das lágrimas que escorrem dos meus olhos. Não sei nem por que estou chorando. Talvez porque, até este momento, eu não fizesse ideia do que era ser valorizada.

Do que era ser respeitada. Até este momento, eu não fazia ideia do que era ser cuidada.

Ninguém deveria levar uma vida sem nunca se sentir verdadeiramente cuidado — nem mesmo pelos pais que o criaram. E, no entanto, vivi isso durante vinte anos.

Até este momento.

DEZESSEIS

Carter

Fecho os olhos e continuo abraçando-a enquanto ela chora baixinho em meu peito. Eu a abraço até escurecer e o restante da luz ser engolida por um cobertor de estrelas.

Eu a abraço até escutar um carro prestes a virar a rua. Levanto a cabeça, mas ele dá meia-volta e segue na direção oposta. Ela continua encostada na minha camisa, mas não paro de pensar na possibilidade de Asa ou até mesmo Dalton nos ver.

Eu não devia estar aqui reconfortando Sloan. Isso só pode trazer mais problemas para ela.

Porque ela tem razão. Não posso salvá-la. Por mais que eu queira, estamos sem saída. Não posso correr o risco de arruinar uma coisa que é muito maior que nós dois. Não posso sacrificar o que vim fazer aqui só para ajudá-la a fugir. Isso é uma coisa que ela terá que fazer sozinha e quando for financeiramente capaz.

E cada momento que passo com Sloan nos braços, cada vez que pego sua mão, cada vez que me sento ao seu lado na aula, cada vez que a coloco em mais e mais situações inofensivas dessas, estou empurrando-a para perto da beira de um penhasco. Se eu não descobrir como me afastar dela... vou destruí-la.

Paro de apertá-la e me afasto um pouco, mas Sloan continua agarrando minha camisa. Pego suas mãos e as afasto de mim. Ela ergue a cabeça e me encara, os olhos vermelhos e inchados como eu subitamente desejo que seus lábios estivessem.

Para de pensar assim, Luke.

Fico de pé e ela pega minha camisa para me puxar de volta, confusão surgindo em seus olhos.

— Solte — sussurro.

Suas mãos caem no colo e ela desvia o olhar. Põe os pés em cima do banco e agarra os joelhos, chorando nos próprios braços. Sair de perto dela vai acabar com toda a minha força.

— Você tem razão, Sloan — digo, me afastando. — Não posso salvar você.

Dou meia-volta e começo a andar na direção do carro, cada passo mais difícil que o anterior. Não olho para trás quando abro a porta. Entro no carro e dirijo até a casa dela sem olhar para trás nenhuma vez.

Quando passo pela porta da frente e vejo o estado da sala de estar e ouço o barulho vindo do jardim, sei que vai ser uma noite longa.

Atravesso a casa até chegar ao quintal. Há várias pessoas espalhadas por ali, e ninguém sequer me olha quando passo. Há quatro garotas na piscina fazendo um espetáculo. Duas estão sentadas nos ombros das outras duas enquanto tentam derrubar umas às outras na água. Jon e Dalton estão em pé na beira da piscina, cerveja nas mãos, torcendo para aquela em quem apostaram.

Asa está sentado na beirada, os pés dentro d’água. Ele não está olhando para as garotas. Está me encarando com olhos sérios e desconfiados. Aceno com a cabeça em sua direção, fingindo não notar a expressão em seus olhos.

Dalton me vê e grita:

— Carter! — Ele dá a volta na piscina correndo, um pouco desequilibrado. Está rindo o tempo todo, derramando metade da cerveja. Quando me alcança, ele me abraça e se aproxima. — Não se preocupe, não estou tão fodido quanto pareço. Conseguiu alguma coisa com Sloan?

Eu me afasto e olho para ele.

— Como sabe que eu estava com ela?

Ele dá uma risadinha.

— Eu não sabia. Mas bom trabalho — diz ele, apertando meu ombro. — Você age rápido. Acho que ela sabe mais do que imaginamos.

Balanço a cabeça.

— Acho que ela não sabe de porra nenhuma — opino. — Focar nela seria perda de tempo.

Olho por cima do ombro de Dalton e noto Asa nos encarando. Ele tira os pés da água e se levanta.

— Ele está vindo para cá — aviso.

Dalton ergue uma sobrancelha e dá um passo para trás, erguendo sua cerveja. Ele sorri e se vira.

— Aposto cem pratas que consigo ficar debaixo d’água por mais tempo do que qualquer babaca aqui!

Jon imediatamente aceita a aposta. Eles jogam as cervejas longe e mergulham na piscina.

Asa anda em minha direção, mas então passa direto e entra na casa sem fazer contato visual comigo.

Não sei o que me deixa mais nervoso: suspeitar de cada movimento dele ou o fato de que ele parece suspeitar de *mim*.

DEZESSETE

Sloan

Demoro meia hora depois de Carter ir embora para me recompor o suficiente para guardar minhas coisas e voltar a pé para casa. Faz dez minutos que cheguei na entrada escura da garagem. Estou encarando a calçada, seguindo o caminho com os olhos. Seria muito fácil continuar andando. Não há nada naquela casa que eu queira. Nada de que eu ao menos precise. Eu poderia continuar andando pela calçada até estar longe demais para voltar.

Eu queria que fosse tão fácil quanto parece, mas... não é apenas por minha causa. E ninguém a não ser *eu* vai poder mudar isso.

Carter não pode me salvar. Asa com certeza não vai me salvar. Só preciso continuar economizando até ter dinheiro suficiente para sobreviver por conta própria e levar meu irmão comigo.

Piso na grama, andando na direção da casa, mas hesito. É o último lugar onde eu gostaria de estar neste momento. Queria estar no parque de novo, naquele banco, nos braços de Carter. Quero aquela sensação outra vez, mas tenho vergonha de admitir que também quero mais que aquilo. Quero saber como é ser beijada por alguém que me respeita.

Só esse pensamento já me faz sentir incrivelmente culpada. Que eu saiba, Asa é fiel a mim. Ele cuida de mim. Cuida financeiramente do meu irmão... uma responsabilidade que nem é dele. Faz isso porque me ama e sabe que quero ver meu irmão feliz. Não posso tirar esse crédito. É mais do que qualquer pessoa já fez por mim em toda minha vida.

Jogo a mochila com os deveres de casa feitos dentro do carro de Asa e passo pela porta da frente. Continuo

andando até chegar à cozinha. Faço como todas as noites: pego alguma coisa para comer e beber em meu quarto. Vou ficar lá sozinha e tentar dormir apesar do barulho de música e risadas e às vezes alguns gritos abafados. Vou dormir e esperar que Asa me dê pelo menos umas boas quatro horas de sono até me acordar de novo.

Programo o micro-ondas e encho meu copo de gelo. Fecho a porta do freezer e estou prestes a abrir a geladeira quando uma caligrafia familiar no quadro branco chama minha atenção. Prendo a respiração quando leio.

Preocupações voam de seus lábios como palavras aleatórias fluem de seus dedos. Estico o braço e

tento pegá-las, agarrá-las com as mãos, querendo nada mais que ficar com todas elas.

Olho para as palavras dele, evidentemente escritas para qualquer um ler, mas sei que são destinadas só para mim. É óbvio que ele jogou errado. *Pensou* no que ia dizer antes de escrever dessa vez. *Traidor*.

Apago as palavras, mas não sem antes gravá-las na mente. Pego o marcador e o encosto no quadro.

DEZOITO

Asa

M*inhas mãos estão molhadas de suor. O ar-condicionado quebrou de novo e está quente demais para sair.*

Passo as palmas suadas pelo braço de couro do sofá, deixando um rastro de suor por onde minha mão esteve.

De onde será que vem o suor?

De onde será que vem o couro?

Minha mãe disse que vem das vacas, mas sei que ela é uma mentirosa, então não acredito. Como couro poderia ser feito de vacas? Já toquei numa vaca e sei que elas são peludinhas. Não parecem couro. Couro parece mais ser feito de dinossauros do que de vacas.

Aposto que na verdade couro é feito de dinossauros. Não sei por que minha mãe sempre mente para mim.

Ela mente para o papai também. Sei que mente para ele porque toda hora ela se dá mal por mentir.

Papai sempre me diz para não confiar em vadias. Não sei o que é uma vadia, mas sei que é algo que ele odeia.

Às vezes, quando fica zangado com minha mãe, ele a chama de vadia. Talvez vadia seja outra palavra para mentirosa, e por isso ele as odeia tanto.

Eu queria que minha mãe não fosse uma vadia. Queria que ela parasse de mentir, para não se meter em tanta encrenca. Não gosto de ver ela se dando mal.

Mas papai diz que é bom para mim. Ele diz que se eu quero crescer e me tornar um homem, preciso ver como é uma mulher chorando. Papai diz que as lágrimas de uma mulher enfraquecem os homens, e quanto mais eu ver suas lágrimas enquanto sou novo, menos vou acreditar em suas

mentiras quando estiver mais velho. Às vezes, quando ele pune minha mãe por ser uma vadia, me faz vê-la chorar para eu crescer sabendo que todas as vadias choram e que isso não devia me incomodar.

"Não confie em ninguém, Asa", ele sempre diz. "Especialmente nas vadias."

Pego a tira de couro amarrada em volta do meu braço e a aperto mais, dando um tapa em minha pele em seguida. Agora sei que couro não é feito de dinossauros.

Minha mãe não estava mentindo sobre *isso*, pelo menos.

Não me lembro de muita coisa sobre a briga no quarto deles aquela noite. A gritaria tinha se tornado uma ocorrência diária, então não era nenhuma novidade para mim. Naquela noite, a novidade foi o silêncio. A casa nunca havia ficado tão quieta. Eu me lembro de estar deitado na cama, escutando minha própria respiração, porque era o único som na casa inteira. Eu odeio silêncio. Eu *odeio* silêncio.

Ficamos dias sem saber o que ele fez com ela. Encontraram o corpo enrolado num lençol ensanguentado, enfiado debaixo da casa e meio coberto de terra. Sei disso porque saí e os vi tirarem minha mãe de baixo da casa.

Depois que a polícia prendeu meu pai, fui mandado para a casa da minha tia, onde morei até fugir, aos catorze anos.

Sei que ele está na prisão em algum lugar, mas nunca tentei procurá-lo. Não o vi nem ouvi falar dele desde aquela noite.

Acho que também não se deve confiar em *homens* que se casam com vadias.

Apoio a ponta da agulha em meu braço e faço um pouco de pressão. Quando fura minha pele, aperto o êmbolo o

mais devagar possível. A inserção inicial e a ardência são minhas partes preferidas.

Empurro o polegar para baixo, sentindo a quentura descer pelo meu pulso e subir direto até meu ombro.

Deslizo a agulha para fora e a jogo no chão, então desamarro a tira de couro, deixando-a cair no chão também. Dobro o braço na direção do peito e o seguro com a outra mão enquanto encosto a cabeça na parede.

Fecho os olhos e sorrio sozinho, aliviado por não ter acabado com uma vadia como minha mãe.

Pensar que Sloan estava com outro cara deixou perfeitamente claro por que meu pai odiava vadias. Acho que nunca tinha entendido de verdade, não até aquele momento, quando senti por Sloan o ódio que ele sentia por minha mãe.

Estou aliviado por Sloan não ser uma vadia.

Deixo o braço cair no colchão, mole.

Porra, isso é tão bom...

Escuto os passos de Sloan subindo a escada.

Ela vai ficar puta por eu estar fazendo isso no nosso quarto. Sloan acha que eu só vendo essa merda, que não uso.

Depois de tudo que já me fez passar por hoje, é bom não dizer nem uma palavra sobre isso quando entrar no quarto.

Porra... tão bom.

DEZENOVE

Carter

Ela voltou para casa há uns dez minutos. Vi as luzes da cozinha serem acesas.

Estou sentado na beira da piscina com Jon, Dalton e um cara chamado Kevin. Estão concentrados num torneio ao vivo de pôquer, ao qual estão assistindo pelo laptop que Kevin colocou em cima da mesa.

Aparentemente, eles vão ganhar alguma coisa com aquilo.

Sei que Dalton está fazendo anotações mentais, seguindo as conversas como uma partida de pingue-pongue.

Eu o deixo. Minha mente está exausta demais por causa do dia que tive para acompanhar, e não consigo parar de me preocupar com onde Asa se meteu e o que Sloan está fazendo.

Estou com o olhar fixo na casa. Observo as janelas enquanto ela anda pela cozinha, preparando algo para comer. Quando parece que desapareceu no andar de cima, aproveito a oportunidade para dar um tempo.

Preciso me reagrupar, voltar o foco para a conversa ao meu redor. Só preciso de alguns minutos sozinho para poder fazer isso. Algumas pessoas se recarregam com a energia dos outros.

Eu não sou uma dessas pessoas.

Uma vez li que a diferença entre um extrovertido e um introvertido não é como a pessoa age em grupo; é se essas situações em grupo recarregam ou esgotam você. Um introvertido pode parecer um extrovertido por fora, e vice-versa. Mas tudo se resume a como essas interações influenciam você por dentro.

Definitivamente sou introvertido, porque pessoas me esgotam. E agora preciso de silêncio para recarregar.

— Quer uma cerveja? — pergunto a Dalton.

Ele balança a cabeça, então me levanto e vou até a cozinha. Nem quero beber. Só quero silêncio. Como Sloan vive assim todos os dias e ainda funciona é algo inacreditável para mim.

Passo pela porta dos fundos e a primeira coisa que noto quando entro na cozinha é a nova frase escrita no quadro de avisos da geladeira. Chego um pouco mais perto e leio.

Ele abriu as mãos e largou as preocupações dela, incapaz de pegá-las para si. Mas ela as pegou de

volta e espanou a poeira. Quer segurá-las sozinha agora.

Releio sem parar, até a porta do quarto do andar de cima bater e me tirar do transe. Dou um passo para longe da geladeira, bem na hora em que Sloan vira no corredor e entra na cozinha. Ela para de repente ao meu ver.

Leva as mãos rapidamente até o rosto e seca as lágrimas. Noto-a dar uma olhada na geladeira, e então de volta para mim.

Ficamos parados em silêncio, a apenas meio metro um do outro, nos encarando. Os olhos dela estão arregalados e observo seu peito subir e descer a cada respiração.

Três segundos.

Cinco segundos.

Dez segundos.

Perco a conta de quanto tempo se passa enquanto simplesmente nos olhamos, nenhum dos dois sabendo o que fazer com a corda invisível entre nós, nos puxando e

nos juntando com uma força muito maior que a nossa força de vontade.

Sloan funga e põe as mãos nos quadris, depois olha para baixo.

— Odeio você, Carter — sussurra ela.

Pelo seu tom de voz, sei que aconteceu alguma coisa quando ela subiu. Olho para o teto na direção do quarto deles, imaginando o que pode ter sido. Quando volto o olhar para Sloan, ela está me encarando.

— Asa está apagado — explica ela. — Está usando de novo.

Eu não devia ficar aliviado por ele estar apagado, mas é exatamente como me sinto.

— De novo?

Sloan dá dois passos até onde estou e apoia as costas na bancada, dobrando os braços. Ela seca mais uma lágrima.

— Ele fica... — Ela respira fundo e sinto que para Sloan é difícil falar sobre isso. Eu me aproximo e paro ao seu lado. — Ele fica paranoico. Começa a achar que está prestes a ser pego e a pressão é demais para ele. Acha que não percebo essas coisas, mas percebo. Então ele começa a usar e quando isso acontece, as coisas... ficam ruins para todo mundo.

Estou em conflito. Quero reconfortá-la, mas também quero pressioná-la de forma egoísta para obter mais informações.

— Todo mundo?

Ela confirma com a cabeça.

— Eu. Jon. Os caras que trabalham para ele. — Ela inclina a cabeça na minha direção. — *Você*.

Sloan diz aquela última palavra com uma dose de amargura. Ela morde o lábio inferior e olha na direção oposta. Continuo encarando a garota. Suas mãos estão retorcendo as mangas da camisa enquanto ela se abraça cada vez mais.

Não está mais chorando. Está com raiva agora, e não sei se é de mim ou de Asa.

Olho de volta para as palavras no quadro.

Ele abriu as mãos e largou as preocupações dela, incapaz de pegá-las para si. Mas ela as pegou de

volta e espanou a poeira. Quer segurá-las sozinha agora.

Reler aquelas palavras e vê-la agora esclarece as coisas para mim. Esse tempo todo estive preocupado com Sloan. Preocupado por ela estar sofrendo uma lavagem cerebral e não ter ideia de que tipo de pessoa Asa é.

— Eu estava errado sobre você — digo.

Ela me olha novamente. Dessa vez, seus lábios estão apertados e suas sobrancelhas se uniram em curiosidade.

— Achei que precisava ser protegida — explico. — Achei que talvez fosse ingênua em relação a Asa. Mas não é. Você o conhece melhor do que ninguém. Achei que ele estava usando você... mas é você que está usando *ele*.

Sua mandíbula fica tensa com as minhas palavras e ela cerra os dentes.

— Eu estou *usando* ele?

Confirmo com a cabeça.

Sua curiosidade vira raiva e ela estreita os olhos.

— Eu também estava errada sobre você. Achei que fosse diferente. Mas não passa de um canalha, assim como o resto deles.

Ela se vira para ir embora, mas agarro seu cotovelo e a puxo de volta. Ela arfa quando a viro para mim e seguro seus braços.

— Ainda não terminei — digo.

Ela parece chocada. Relaxo o aperto, passando os polegares por sua pele para, com sorte, abrandar um pouco sua raiva.

— Você ama Asa? — pergunto.

Ela respira profunda e lentamente, mas não responde.

— Não — respondo por ela. — Não ama. Provavelmente amava, mas a única coisa que faz um amor sobreviver é o respeito. E você não tem isso dele.

Ela continua calada, esperando eu terminar meu raciocínio.

— Você não ama Asa. Ainda está aqui não porque é fraca demais para ir embora, mas porque é *forte* demais para isso. Você aguenta essa merda porque sabe que não é só por você mesma. Não é sobre sua própria segurança. Você faz isso pelo seu irmão. Tudo o que você faz, faz pelos outros. Poucas pessoas têm esse tipo de coragem e força, Sloan. É inspirador pra caralho.

Ela abre a boca e puxa um pouco de ar. Com base nessa reação, eu diria que Sloan não está acostumada a ser elogiada. E isso é triste.

— Desculpe por ter dito aquelas coisas a você no restaurante — continuo. — Você não é fraca. Você não é o *capacho* de Asa. Você é...

Uma lágrima escorre de seu olho esquerdo e percorre sua bochecha. Ergo a mão e toco seu rosto, deixando a lágrima cair no meu polegar. Não a seco. Se bobear fico com vontade de colocá-la numa garrafinha e guardar.

Esta é provavelmente a primeira vez que ela chora por causa de um elogio em vez de um insulto.

— Eu sou o quê? — pergunta ela, a voz suave e esperançosa. Sloan está olhando para mim, *precisando* que eu termine a frase.

Meu olhar foca em sua boca e meu peito aperta quando imagino a sensação de seus lábios nos meus. Engulo em seco e termino de dizer as palavras que sei que ela precisa ouvir.

— Você é uma das pessoas mais fortes que já conheci — sussurro. — Você é tudo o que Asa não merece.

E... — Dou um passo para mais perto e ela ergue a cabeça quando me inclino e murmuro: — E tudo o que eu quero.

Ela suspira suavemente e estamos tão próximos que sinto sua respiração em meus lábios — tão perto que já sinto seu gosto. Passo a mão por seu cabelo para puxá-la para mim, mas assim que nossos lábios quase se tocam, a porta da cozinha começa a se abrir. Nos afastamos e viramos para direções opostas. Abro a geladeira exatamente no momento em que Jon entra na cozinha. Desvio meu olhar dele, mas não antes de notar a compreensão em seu rosto. A suspeita.

Merda.

Escuto Sloan abrir a porta de um armário atrás de mim. Olho dentro da geladeira.

— Quer uma cerveja? — pergunto a Jon, estendendo uma garrafa em sua direção.

Ele dá dois passos lentos e deliberados até mim, me olhando com seriedade, e pega a cerveja da minha mão.

Depois olha para Sloan e abre a garrafa.

— O que foi que eu interrompi?

Espero para ver se Sloan quer responder, mas ela não faz isso. Há um silêncio prolongado. Pego mais uma cerveja na geladeira e fecho a porta, olhando para Sloan. Ela está de costas para nós dois, servindo-se de um copo de água da pia.

Eu poderia reagir como se Jon estivesse exagerando. Poderia fingir inocência. Mas Jon perceberia. Sei o que parecia quando ele entrou aqui — nós dois nos virando de costas um para o outro, nos afastando, parecendo culpados.

Jon não me conhece. Pelo que sabe, sou igual a ele. Fazê-lo pensar que não me importo com as consequências provavelmente me faria ganhar mais respeito dele. Fazê-lo acreditar que acho que Sloan é só mais uma “vadia”, como diria Asa, seria, na opinião de Jon, melhor do que se eu a achasse diferente.

Olho de novo para Jon e sorrio ao andar em sua direção.

— Você bem que queria saber.

Ao passar por ele, dou uma piscadela, deixando-o pensar o que quiser.

Caminho com confiança para fora e, assim que a porta se fecha atrás de mim, apoio a mão na parede e solto o ar com força.

Sinto o impulso em cada parte do meu corpo, o sangue correndo até minha cabeça enquanto meus pulmões puxam todo o ar que Sloan tirou de mim na cozinha. Ou tirou de Luke, na verdade. Porque era eu lá, puxando-a para mim,

querendo beijá-la. Aquilo não teve nada a ver com o motivo que me trouxe aqui.

E recebi exatamente o que merecia por permitir que isso acontecesse. Jon sabe que interrompeu alguma coisa, e agora preciso descobrir como dar um jeito nisso antes que Asa descubra.

Essa merda acabou de ficar séria.

VINTE

Sloan

Minhas mãos estão tremendo enquanto bebo um copo d’água. Sei que Jon ainda está na cozinha, em pé em algum lugar atrás de mim, mas não quero me virar. Ele me dá quase tanto nojo quanto Asa, e saber que ele acha que viu alguma coisa entre Carter e eu lhe dá vantagem. Sei como ele funciona. Não sou burra.

Ponho o copo na bancada e olho para trás. Jon está apoiado na geladeira, olhando para as palavras que escrevi. Ele ergue a mão e circula com o indicador as palavras no quadro, em seguida passando o dedo por cima delas, apagando-as.

— Mas que porra significa isso? — pergunta ele, olhando de volta para mim.

Eu o encaro, cruzando os braços. Odeio como seus olhos examinam meu corpo. Odeio o modo como ele me olha, como se eu fosse a única coisa que não pode ter. Mas agora que acha que Carter quase me teve, de certa forma pareço mais alcançável.

Meu coração parece estar subindo pela garganta. Sinto a pulsação no meu pescoço quando Jon dá alguns passos na minha direção.

— Onde está Asa? — pergunta ele, os olhos fixos nos meus seios e, em seguida, no meu rosto.

— No quarto — respondo, querendo que ele saiba que Asa está bem aqui dentro de casa.

Não menciono que ele está apagado e provavelmente não vai acordar nas próximas horas.

É engraçado como as coisas são às vezes. Tenho mais medo de Asa que de qualquer pessoa, mas ele também é minha única proteção contra as pessoas nesta casa.

Jon olha para o teto.

— Está dormindo?

Nego com a cabeça.

— Não. Desci para buscar alguma coisa para ele beber.

Vejo em seus olhos que ele sabe que estou mentindo. Sabe que só estou tentando me proteger. Ele dá mais alguns passos em minha direção, até me alcançar. Alguma coisa muda na sua expressão. Vejo algo sinistro em seus olhos — ódio — e abro a boca para gritar. Quero gritar para Carter voltar para cá. Quero gritar para Asa descer. Mas não posso, porque a mão de Jon se fecha em volta do meu pescoço, abafando minha voz.

— Quer saber do que estou de saco cheio? — pergunta ele, me olhando feio enquanto aperta ainda mais meu pescoço. Meus olhos estão arregalados, mas não consigo balançar a cabeça. Estou agarrando sua mão, tentando afastá-lo de mim. — Estou de saco cheio de Asa ter tudo o que quer. E de não me deixar ter a mesma merda também.

Fecho os olhos com força. Alguém vai entrar em breve. Carter, Dalton... alguém vai interromper isso.

Bem na hora em que penso isso, a porta dos fundos se abre e me encho de alívio. Abro os olhos e Jon se vira para trás, ainda agarrando meu pescoço.

Meus olhos encontram os de Kevin. Ele para na soleira da porta, nos encarando. Mal o conheço, pois ele não vem muito aqui, mas não me importo. Ele está aqui agora e Jon acabou de ser pego. Vai ser obrigado a me soltar.

— Caia fora daqui — grunhe Jon para Kevin.

Kevin analisa a cena: Jon me prensando, uma de suas mãos nos meus quadris, a outra no meu pescoço, o medo estampado em meu rosto. Tento sacudir a cabeça para

implorar silenciosamente a Kevin para não ir embora, mas ele não entende a situação, porque ri. Ou... talvez ele tenha entendido. Talvez não se importe.

Talvez seja tão doentio quanto Jon. Kevin ergue as mãos e diz: — Foi mal, cara.

Ele volta para o quintal.

Mas que porra foi essa?

Jon me vira e me empurra na direção da sala de estar, de forma que saímos da cozinha. Tento gritar, mas não sai nada. Sua mão ainda está apertando meu pescoço.

A sala está escura e vazia, e me esforço para me soltar dele, mas estou ficando cada vez mais fraca, pois Jon aperta ainda mais toda vez que inspiro. Sinto o pânico chegando, mas me forço a reprimi-lo. Não posso perder o autocontrole logo agora.

Ele me empurra para o sofá e, assim que solta meu pescoço, eu arfo, ofego e respiro com dificuldade, tossindo e cuspindo até ter ar suficiente nos pulmões para gritar. Mas antes que eu consiga fazer isso, alguma coisa fria é colocada contra meu pescoço. Uma coisa afiada.

Ai, meu Deus.

Fecho os olhos assim que a outra mão de Jon começa a afastar meus joelhos. Nunca fiquei tão horrorizada quanto agora. Já estive em situações perigosas, geralmente nas mãos de Asa. Mas nunca temi pela minha vida.

Jon é diferente. Jon me machucaria só para punir Asa.

Sua mão sobe pela minha coxa e para entre as minhas pernas. Sinto que elas estão tremendo com o medo que sinto no corpo todo.

— Asa acha que não tem problema comer as garotas dos outros, mas só ele pode provar um pedaço seu? — Ele

leva a boca até o meu ouvido. — Ele me deve alguns favores, Sloan. E preciso que pague agora.

— Jon — engasgo. — Por favor, pare. Por favor.

Ele leva a boca até a minha.

— Diz por favor de novo — sussurra ele.

— Por favor — imploro mais uma vez.

— Gosto quando você implora.

A boca dele encosta na minha e imediatamente sinto o gosto da bile subindo pela minha garganta. Não há nada de gentil em sua língua forçando a entrada por entre meus lábios. Quanto mais tento me soltar, mais forte ele aperta a lâmina contra o meu pescoço.

Em meio a todo o medo e toda a luta, de alguma maneira consigo escutar o silencioso gatilho de uma arma.

Jon fica paralisado em cima de mim e, quando abro os olhos, vejo a ponta de metal encostada na têmpora dele.

— Sai de cima dela, porra — diz Carter.

Ai, meu Deus. Obrigada, Carter. Obrigada, obrigada, obrigada.

A mão de Jon solta lentamente meu pescoço. Ele a apoia nas costas do sofá.

— Vai se arrepender disso — diz a Carter.

Olho para Carter e noto algo que nunca tinha visto em seus olhos enquanto ele encara Jon.

— Está errado — responde, a voz equilibrada. — A única coisa da qual vou me arrepender é de não ter atirado em você três segundos atrás.

Jon engole em seco e aos poucos começa a se afastar de mim. Enquanto ele se senta, Carter não afasta a arma de

sua cabeça. Então aponta o cano para a testa de Jon e o encara de cima.

— Peça desculpas a ela.

Jon não perde nem um segundo.

— Desculpe — diz ele, a voz trêmula.

Afasto minhas pernas das dele e me esforço para me levantar do sofá. Eu me afasto, indo para trás de Carter.

Levo a mão ao pescoço, esfregando-o, tentando massageá-lo para melhorar a dor do aperto.

Carter dá um passo para trás, mas mantém a arma apontada para Jon.

— Acho que nós dois temos segredos que gostaríamos de esconder de Asa. Você não me viu na cozinha com Sloan e eu não vi você forçando as coisas para cima dela. Concorda?

Não sei o que acho de ser a barganha. Mas sei que se Jon contar a Asa sobre suas suspeitas depois do que viu entre Carter e eu na cozinha, ele vai machucar Carter. E isso é a última coisa que eu quero.

Jon assente.

— Não vi nada.

— Que bom. Então estamos quites — diz Carter. Ele pressiona a ponta da arma na testa de Jon, empurrando a cabeça dele nas costas do sofá. — Mas se encostar em Sloan de novo, não vou nem me preocupar em contar a Asa. Eu mesmo vou matar você.

Carter usa toda sua força para bater com a arma na lateral da cabeça de Jon, que não tem nem chance de desviar. Ele cai no braço do sofá, o corpo inteiro mole. Apagado com um único golpe na cabeça.

Estou olhando para Jon em choque quando sinto Carter pegar meu rosto. Olho para ele e percebo que está me examinando, procurando algum machucado.

— Você está bem? — pergunta ele.

Confirmo com a cabeça. Assim que começo a assentir, as lágrimas caem. Carter me puxa para perto e meu corpo inteiro começa a chacoalhar com os soluços.

Ele passa a mão pela minha nuca e encosta os lábios no meu ouvido.

— Sloan, odeio pedir isto a você, até porque o último lugar onde eu gostaria que você estivesse agora é com Asa. Mas vai estar mais segura lá em cima. Vá para o seu quarto e não saia de lá pelo resto da noite, está bem?

Concordo com a cabeça, porque sei que ele tem razão. Asa é o diabo em pessoa às vezes, mas pelo menos ele nunca deixaria alguém na casa me machucar. Além disso, ele está desmaiado. Assim como Jon.

Carter me leva até a escada.

— Está com seu celular?

— Estou.

— Me ligue se precisar de mim hoje à noite. Caso contrário, vejo você de manhã — diz ele, acariciando meu rosto.

Eu me esqueci completamente de amanhã. Tenho aula amanhã. Com Carter. Estar com ele na faculdade — longe de toda essa merda — é a única coisa pela qual anseio neste momento.

— Ok — respondo, com a voz ainda trêmula por causa da última meia hora.

Ele se inclina para perto e beija minha testa, me soltando em seguida. Jon começa a se remexer no sofá, então Carter indica a escada com um aceno de cabeça, querendo que eu saia do cômodo antes que Jon acorde.

Eu me viro para subir os degraus, chocada com o quanto a vida dentro desta casa é diferente da vida lá fora.

Normalmente, quando alguém é atacada, o fato é reportado à polícia. Mas nesta casa, tudo é resolvido internamente. Tudo é usado como barganha. E em vez de ir à polícia, subo a escada para ficar com um cara que é dez vezes mais perigoso do que a pessoa que quase me estuprou.

Esta casa não segue as mesmas regras do mundo lá fora. Esta casa é uma prisão com as próprias regras.

E Asa é o guarda. Sempre foi.

Mas acho que ele não sabe que, agora que Carter está aqui, pode facilmente ser derrubado.

Espero que ele *nunca* saiba. Porque não seria bom para nenhum de nós.

VINTE E UM

Asa

Minha boca está seca pra caralho. Parece que fiquei chupando a porcaria de uma toalha a noite toda.

Rolo para o lado atrás de uma das garrafas de água que Sloan sempre deixa do lado da cama. Não consigo abrir os olhos porque minha cabeça parece prestes a explodir, então tateio a mesinha de cabeceira até encontrar uma. Minhas mãos estão tremendo. Já quero mais uma dose. Mas vou ser mais inteligente da próxima vez. Não vou usar quando estiver tão fodido de uísque, para não desmaiar e desperdiçar a onda como aconteceu ontem.

Levo a garrafa de água até a boca e tomo tudo em dois goles enormes. Jogo a garrafa vazia do outro lado do quarto e me deito de volta no travesseiro.

Ainda estou com sede.

Estico os braços e acidentalmente bato no ombro de Sloan. Olho para ela, mas minha cabeça está grogue demais para focar. Ela se remexe um pouco, mas não acorda. Olho para o despertador e aperto os olhos. São 4h30. Ainda faltam duas horas para Sloan se levantar e se arrumar para a aula.

Levo um minuto para me ajustar à escuridão e conseguir olhar bem para ela. Então me deito de lado e a observo dormir.

Sloan agora dorme de barriga para cima. Nunca de lado, nunca de bruços. Quando eu era criança, meu pai sempre dormia de barriga para cima, até quando estava apagado no sofá por causa de seja lá qual substância tivesse abusado no dia. Uma vez perguntei por que ele dormia daquele jeito e ele respondeu: “Quando você está deitado de costas, está preparado para qualquer coisa. É mais fácil acordar e se proteger. Se ficar confortável demais, baixa a guarda.”

Com isso, fico pensando se Sloan dorme de barriga para cima para ter uma maneira de se proteger. Então eu me pergunto se ela dorme de barriga para cima para se proteger de *mim*.

Não. Ela não tem medo de mim assim. Sloan me idolatra pra caralho.

Mas ela costumava dormir de bruços. Talvez eu precise comprar um colchão novo. Vai ver ela não gosta dessa cama.

Sloan também costumava dormir nua, mas não faz isso há mais de um ano. Ela diz que é porque tem gente demais nesta casa e ela não se sente confortável. Eu ficava incomodado quando subia nela durante a noite e descobria que ela estava com a porra de um pijama e eu não podia meter antes de tirá-lo.

Depois de reclamar bastante, Sloan finalmente concedeu e passou a dormir só de camiseta. Mais fácil acesso, mas eu ainda preferia que estivesse nua.

Baixo as cobertas, com cuidado para não acordá-la. Às vezes gosto de observá-la enquanto dorme. Gosto de pensar que está sonhando comigo. Às vezes toco nela, leve o bastante para não acordá-la, mas o suficiente para fazê-la gemer durante o sono.

Sua camiseta está enrolada em volta da cintura. Eu a levanto lentamente, centímetro por centímetro, até seus seios ficarem de fora. Então me deito de volta, enfiando as mãos debaixo das cobertas e por dentro da minha cueca. Pego meu pau e começo a me acariciar enquanto a observo dormir, seus seios subindo e descendo a cada respiração lenta.

Ela é bonita pra cacete. Todo esse cabelo comprido e escuro. Esses cílios. Essa boca. Sinceramente nunca vi uma

garota tão bonita quanto ela na vida real. Soube que seria minha desde a primeira vez que a vi. Eu não poderia permitir que algo tão perfeito fosse de outra pessoa.

Mas não me permiti ir atrás dela logo de cara, porque gostava de como Sloan olhava para mim. Eu via a inocência em seus olhos quando ela me olhava na aula. Eu a deixava curiosa. E apesar de fingir que não a notava, ela *me* deixava curioso. Eu percebia que era diferente de qualquer garota com quem eu já ficara.

Nada me dá medo, não desde que eu era criança. Mas a maneira como eu era obcecado por ela chegava bem perto de dar medo. A possibilidade de poder corromper algo tão doce me fazia pensar nela mais do que em qualquer outra coisa.

Antes de Sloan, eu não era o tipo de cara que amava garotas. Não no sentido tradicional, de qualquer maneira. Eu usava a maioria delas para o que a maioria delas serve. Uma trepada rápida tarde da noite, às vezes uma antes do café da manhã, mas nunca depois das oito da manhã nem antes das oito da noite. Caras que permitem a presença de garotas em suas vidas entre 8h e 20h só podem ter merda na cabeça.

Esta citação saiu diretamente da boca do meu pai.

Eu costumava me lembrar disso toda vez que olhava para Sloan, antes de tomá-la para mim. Toda vez que a flagrava me observando na aula. Toda vez que meu pau mexia na calça quando eu pensava nela.

Merda na cabeça.

Quanto mais eu a observava, mais eu começava a questionar meu pai e se ele sabia ou não de que porra estava falando quando eu era mais novo. Ele provavelmente nunca teve uma garota como Sloan. Uma garota que

esperava para ser corrompida por um homem. Uma garota tímida demais para saber flertar com um cara.

Uma garota que ainda não tinha tido a chance de virar vadia.

Prometi a mim mesmo que iria testá-la. Ver se Sloan era a exceção à regra. Eu me aproximei dela em um dia qualquer depois da aula e perguntei se queria almoçar. Pensando bem, foi a primeira vez que chamei uma garota para sair. Eu esperava que ela sorrisse e aceitasse timidamente, mas Sloan me olhou de cima a baixo, deu as costas e continuou andando.

Foi quando percebi que estava enganado sobre ela. Sloan não era tímida. Ela não desconhecia como as pessoas podem ser cruéis. Sabia *exatamente* como o mundo é cruel e por isso se mantinha longe de todos.

Mas ela não sabia que seu falso desinteresse me fez querê-la ainda mais. Me fez querer ir atrás dela até que desejasse cada parte de mim... inclusive a crueldade. Me fez querer que ela *implorasse* por aquilo.

Não foi tão difícil quanto achei que seria. É incrível como a beleza e o humor podem levar você longe.

E... boas maneiras. *Quem diria?*

Basta abrir a porra da porta para uma garota e ela automaticamente vai achar que você é um cavalheiro. Vai achar que você é o tipo de cara que trata a própria mãe como uma rainha. Garotas veem caras educados e acham que não há como eles serem perigosos.

Abri cada porra de porta que encontrava para Sloan.

Até segurei um guarda-chuva para ela uma vez.

Mas isso foi há muito tempo. Na época em que dormia de bruços. *Nua*.

Às vezes me pergunto se Sloan não é mais feliz como costumava ser. Ela me deixou uma vez e eu odiei pra cacete. A cada segundo longe dela, parecia que eu havia me tornado todas as coisas que meu pai temia que eu me tornasse quando crescesse. *Um tolo apaixonado. Cheio de merda na cabeça.*

Mas eu amo Sloan. Foda-se ele e suas filosofias idiotas sobre o amor. Ela é a melhor coisa que já aconteceu comigo — descobri isso quando ela me deixou.

Eu sabia que se Sloan fosse embora de vez, uma hora ela encontraria outra pessoa. E eu não suportava imaginar a boca de outro sujeito na dela. Outras mãos tocando nela. Um pau nojento dentro dela. Até então, só eu estivera ali. Ela era minha.

E fiz o que foi preciso para Sloan voltar – mesmo que ela não perceba que não fiz isso por mim. Fiz pelo bem dela, porque eu a amo. E sei que ela me ama. Quando Sloan voltou para mim e pediu minha ajuda, nunca senti tanto orgulho de mim mesmo. Porque naquele instante eu soube que o jogo estava ganho. Ela seria minha para sempre.

Mas ainda tem aquela pequena falha em nosso relacionamento que me faz questionar sua duração. Ela se recusa a aceitar meu estilo de vida, sempre me fazendo prometer que um dia vou largar essa vida. No entanto, nós dois sabemos que isso jamais vai acontecer. Sou bom no que faço... Mas acho que talvez eu tenha que provar a ela que posso fazer as duas coisas. Ser o que ela precisa sem ter que comprometer meu trabalho.

Preciso garantir que Sloan nunca vá para outro lugar. Preciso que faça parte da minha vida permanentemente.

Eu poderia me casar com ela. Poderia comprar uma casa para ela, uma onde só nós dois morássemos. É

claro que eu ficaria *nesta* casa aqui entre as oito da manhã e as oito da noite, considerando que pelo visto sou o único que sabe comandar as coisas direito.

Mas Sloan poderia ficar na casa nova, cuidando dos bebês. Quando eu chegasse em casa à noite, ela poderia me alimentar, faríamos amor, e eu dormiria ao seu lado. Com ela de bruços.

Nunca tinha pensado em casamento. Por que será que esta brilhante ideia só surgiu agora?

Ela nunca tocou nesse assunto. Não sei nem se concordaria. Mas se ela engravidasse, não teria escolha.

Infelizmente, Sloan toma a pílula com mais frequência do que meu pau é chupado. Não que eu não pudesse interferir no contraceptivo. Só que, além disso, ela me força a usar uma maldita camisinha toda vez que transamos.

Mas... camisinhas são mais uma coisa na qual eu poderia interferir.

Imagino como seria estar dentro dela sem camisinha. Ela já deixou por alguns segundos, só para prepará-la antes de começarmos a foder. Mas nunca gozei dentro de Sloan.

Sua boceta quente apertando meu pau enquanto gozo nela, aproveitando cada sensação sem nenhuma barreira.

Eu gemo só de pensar naquilo e começo a bater com mais força. Porra, isso é bom. Olhar para ela, pensar em estar dentro dela. Preciso tocá-la. Eu me inclino para perto, levando a boca até seu seio exposto.

Normalmente tento não acordá-la, mas não vai ser a primeira vez que Sloan acorda comigo tocando uma punheta para ela.

Lambo seu mamilo e a provoco, circulando-o lentamente. Ela estica o braço pelo travesseiro e geme.

Gosto que ainda esteja dormindo. Gosto de ver o quão perto posso levá-la de um orgasmo sem acordá-la.

Ponho os lábios em volta do mamilo e o chupo com delicadeza. Ele imediatamente se enrijece dentro da minha boca.

— Humm — geme ela de novo, sua voz adormecida e sem fôlego. — Carter.

Minha mandíbula fica tensa com a porra do mamilo ainda dentro da boca.

Que porra foi essa que ela acabou de dizer?

Imediatamente me afasto, largando seu mamilo. Olho para a porra da cara dela e solto meu pau. Acabei de brochar com o som daquele nome saindo dos lábios de Sloan.

Que porra foi essa?

Que.

Porra.

Foi.

Essa?

Meu peito dói. Parece que alguém acabou de esmagá-lo. De jogar um tijolo em cima dele. De jogar a porra de um *prédio* em cima dele.

Em algum momento entre gemer o nome dele e recuperar a consciência, Sloan cobriu os seios com a camiseta novamente.

Em algum momento entre gemer o nome dele e recuperar a consciência, envolvo o pescoço dela com a mão.

Ela está me olhando. Seus olhos estão arregalados de medo. Aposto que é assustador acordar com a mão do seu namorado apertando seu pescoço, mas Sloan devia agradecer por não estar sentindo o mesmo que *eu* neste momento.

— Você está trepando com ele?

Preciso me esforçar muito para não ter que gritar aquilo com ela. Em vez disso, minha voz está calma e contida, diferentemente de cada outra parte de mim. Não estou apertando seu pescoço com muita força.

Ainda.

Minha mão está simplesmente ao redor dele, então Sloan *devia* estar me respondendo. Ela pode falar, mas não me responde. A vadia maldita fica apenas me encarando como se tivesse acabado de ser pega.

— Sloan? Você está trepando com Carter? Ele comeu você?

Ela nega imediatamente com a cabeça. Aperta as mãos no colchão e se empurra na direção da cabeceira da cama. Minha mão não desgruda do seu pescoço.

— Do que você está falando? — pergunta ela. — Não. É claro que não. Por *Deus*, não.

Ela me olha como se eu estivesse louco. É muito convincente.

Minha mãe também era convincente. Olha no que deu.

Aperto seu pescoço, observando seu rosto ficar um pouco mais corado. Ela estremece e soca os lençóis ao lado do corpo. Seus olhos começam a se encher de lágrimas.

Que bom que meu pai me ensinou a não deixar as lágrimas de uma mulher me enganarem.

Eu me aproximo de Sloan até ficar a cinco centímetros de distância dela. Analiso seus olhos, sua boca, cada parte mentirosa do seu maldito rosto.

— Você acabou de dizer o *nome* dele, Sloan. Eu estava com a porra do seu mamilo na boca, tentando dar *prazer* a você. Aí você gemeu a porra do nome dele. Você disse *Carter*.

Sloan balança a cabeça. Ela é tão taxativa, sacudindo tanto a cabeça, que solto um pouco seu pescoço para que consiga falar. Depois de pegar ar, ela dispara:

— Eu não disse *Carter*, seu idiota de merda. Eu disse *arder*. Estava acordada e senti você me beijando. Falei para

você meter até *arder*.

Eu a encaro.

Deixo suas palavras serem absorvidas.

Deixo a explicação dela massagear a dor em meu peito até que eu consiga respirar novamente.

Aos poucos, deslizo a mão do seu pescoço para baixo.

Porra.

Estou ficando paranoico.

Por que eu acharia que ela sonha com outro cara enquanto dorme ao *meu* lado? Ela não me trairia. Não *pode*.

Sloan não tem mais ninguém. Seria o pior erro de sua vida e ela sabe.

Preciso sair desta casa. Ficar longe de toda essa gente. Tenho mais certeza agora do que há dez minutos de que preciso torná-la mãe. Torná-la uma esposa. Dar a ela um lugar só nosso, onde outros homens nunca estão presentes para me deixar paranoico assim.

Sloan se aproxima de mim e agarra a barra da camiseta, tirando-a. Ela a joga no chão e me empurra para a cabeceira da cama, escorregando para o meu colo.

E, rápido assim, estou duro novamente.

Ela encosta o seio na minha boca e se oferece para mim. Pego seu mamilo com os lábios novamente e dou o que ela quer. Chupo com tanta força que machuca. Quero que ela sinta a dor que minha boca vai deixar nela pelo resto da porra deste dia.

Sloan agarra meu cabelo com as mãos, me puxando em sua direção enquanto geme e diz meu nome.

— *Asa.*

Ela fala *três* vezes.

O *meu* nome.

Agarro seus quadris e a levanto ligeiramente até deixá-la posicionada bem em cima do meu pau. Trago-a de volta para baixo até estar enterrado nela, e tenho quase certeza de que nunca estive tão profundo. Nossa, como ela é gostosa. É tão gostosa quando não a odeio...

Eu não gostava de como era odiá-la.

— Você é minha, Sloan — digo, subindo os lábios por seu pescoço até encontrar sua boca.

Ela sussurra:

— Sua, Asa.

Enfio a língua em sua boca até ela gemer, então a solto. Agarro seu pescoço de novo com a mão direita e guio seu quadril para cima e para baixo com a esquerda. Ela estremece um pouco quando aperto seu pescoço, e me pergunto se o machuquei mais cedo. Tiro a mão e vejo uma marca. Já está até meio roxo.

Porra. Eu a machuquei. Eu a machuquei muito mais do que pretendia.

Eu me aproximo e beijo gentilmente o hematoma, me desculpando silenciosamente. Então olho em seus olhos enquanto ela monta em mim.

— Quero me casar com você, Sloan. Quero que seja minha para sempre.

Ela não diz nada de imediato. Seu corpo todo se enrijece e ela para de se mexer.

— O que você disse? — pergunta, a voz vacilante.

Sorrio e esfrego suas costas com as mãos, agarrando sua bunda.

— Eu disse para se casar comigo, gata. Seja minha esposa.

Eu a tiro de cima de mim e a deito de costas. Deslizo mais uma vez para dentro dela, saboreando o fato de estar sem camisinha. Eu me mexo para dentro e para fora, aproveitando cada sensação enquanto ela me encara, muda.

— Vou comprar uma aliança para você enquanto estiver na faculdade hoje. A maior que encontrar. Só preciso que diga sim primeiro.

Uma lágrima escorre do olho dela.

E então tenho certeza de que ela me ama. A ideia de ficar comigo para sempre acabou de fazê-la chorar.

Acho um jeito de meter com ainda mais força e ela se encolhe. Quero estar o mais fundo nela que conseguir.

Quero que sinta cada pedaço meu. Quero que sinta o quanto a amo. Seus dedos se fincam nos meus braços enquanto ela me empurra, a reação natural do seu corpo contra a pressão entre suas pernas. Não importa quantas vezes já tenhamos transado, sei que ainda dói para ela às vezes. Sloan é apertada demais, e mal consigo entrar nela. Tenho que usar tanta força que às vezes ela se encolhe e me empurra.

Como agora. Eu provavelmente não deveria gostar de vê-la com dor, mas eu gosto. Amo pra caralho quando meu pau a machuca. Gosto de saber que mesmo depois de o sexo ter terminado, ela vai me sentir durante horas, a cada movimento que fizer.

Nossa, eu amo essa garota.

Falo entre as estocadas, olhando diretamente dentro de seus olhos cheios de lágrimas.

— Eu te amo, Sloan. Tanto. Preciso ouvir você dizer sim.

Eu gemo, sentindo como estou perto de gozar. De gozar *dentro* dela. Experimentando uma coisa nova com Sloan pela primeira vez. Beijo a lateral da sua cabeça e levo a boca até seu ouvido.

— Preciso ouvir você dizer sim, gata.

Ela finalmente solta um “Sim” baixinho.

Aquela palavra me deixa tão feliz que só preciso enfiar mais uma vez para gozar. E gozo dentro dela. *Bem* no fundo dela. Dentro da minha *noiva*.

Minhas pernas tremem e meu corpo todo se sacode contra ela. Não é como nada que eu já tenha sentido.

Estou tremendo, praticamente chacoalhando, quando termino, mas ela ainda está em choque. Continua completamente imóvel, sem conseguir se mexer nem falar embaixo de mim. Sei que foi tão bom para ela quanto para mim. Ela só está em choque porque não esperava um pedido de casamento. Ainda mais no meio da maldita noite. Ou da manhã. Depende do ponto de vista.

Saio de dentro dela e me deito de lado. Imediatamente levo a mão para o meio de suas pernas, querendo sentir o que deixei ali. Uma fonte de calor goteja de dentro dela, e eu a espalho com a mão, tocando-a, circulando meus dedos em sua umidade.

Já estou com vontade de comer Sloan de novo. Mas isso pode esperar. Agora só quero fazê-la gozar e depois dormir ao seu lado. Ao lado da minha noiva. Minha noiva nua que vai voltar a dormir de bruços.

Ela fecha os olhos enquanto a toco. Fecha com força, na verdade. Fico observando seu rosto enquanto a toco. Espero os gemidos saírem da boca que acabou de dizer *sim* para mim quando a pedi em casamento.

Nem precisei convencê-la. Já está sendo muito mais fácil do que achei que seria.

Asa e Sloan felizes para todo o sempre, porra.

Foda-se meu pai e suas filosofias idiotas sobre o amor.

VINTE E DOIS

Carter/Luke

– Não vou repetir. Não quero ela envolvida nisso.

Dalton — *Ryan* — cerra os punhos e se recosta de volta na cadeira, frustrado comigo.

— Ela já está envolvida, Luke. Você não a está colocando em perigo. Ela já morava lá antes mesmo de estarmos envolvidos. — Ryan se inclina para mim novamente. — Isso não foi um problema no último trabalho. Lembra de Carrie?

Eu me lembro de Carrie.

— Carrie era *seu* projeto. Não meu. Nunca me envolvi com ninguém por causa de uma missão, Ryan.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Mas vai se envolver com uma enquanto está *numa* missão, apesar de não ser *pela* missão? Vai deixar que o que sente por ela coloque nós dois em perigo?

Empurro a cadeira para trás e me levanto.

— Não estou colocando a gente em perigo. Não está acontecendo nada. Não sei quantas vezes vou ter que repetir isso.

Odeio o fato de que ele tem razão, mas nunca vou admitir isso. Fico de frente para o espelho unidirecional da sala de interrogatório e encaro meu reflexo. Pareço cansado. Passo uma das mãos pelo cabelo e fecho os olhos.

— Acredita mesmo que, seja lá o que está acontecendo, ela é inocente? Que não está nos colocando em risco de certa forma? — indaga Ryan. — Você não atacou Jon, o *melhor amigo* de Asa, porque ele estava beijando Sloan ontem à noite?

Olho feio para ele pelo espelho.

— *Beijando?* — Eu me viro para ficar de frente para Ryan. — Ele estava prestes a *estuprá-la*, Ryan! O que queria que eu fizesse? Voltasse lá para fora e dobrasse minha aposta na porra do jogo de pôquer?

Eu me volto para o espelho e o observo. Ele sabe que teria feito o mesmo se tivesse visto aquela cena.

É bem adequado estarmos fazendo isso dentro de uma sala de interrogatório, porque a avaliação deste caso está justamente começando a parecer um inquérito.

Ficamos em silêncio por um tempo. Passo as mãos pelo rosto e suspiro.

— Como é que induzir essa garota a acreditar que sinto algo por ela pode ajudar no caso?

Ryan dá de ombros.

— Não sei. Pode não ajudar. Mas vale a pena tentar. Especialmente considerando que você já parece ter uma amizade que ela valoriza. Ela baixaria a guarda perto de você. Pode revelar segredos que não sabemos ainda.

Ele se levanta e dá a volta na mesa, apoiando-se nela em seguida.

Tecnicamente, ele é meu superior. Preciso me lembrar disso às vezes por causa de como já tivemos que interagir e de quantos trabalhos disfarçados já fizemos juntos. Ele faz isso há uns cinco anos a mais que eu, e sei que sabe do que está falando. Por mais que eu não queira admitir.

— Não estou pedindo para se apaixonar pela garota. Não estou nem pedindo para *fingir* que gosta dela. Só estou pedindo para tirar vantagem do que ela sente por você. Pelo bem da investigação.

— E como eu faço isso? Asa está sempre por perto. Seria mais perigoso para nós envolvê-la.

— Sempre existem maneiras — insiste Ryan. — Você tem aula com ela hoje. Comece por lá. Sei que ela visita o irmão aos domingos. Vá com ela no próximo.

Eu rio.

— É, aposto que Asa acharia isso supertranquilo.

— Ele não vai saber. Asa comentou com Jon sobre a gente ir ao cassino no domingo. Vamos ficar fora o dia todo. Finja que tem outro compromisso e se ofereça para ir com Sloan. Vai passar um dia inteiro com ela, sem interrupções e sem ser monitorado por alguém que conheça Asa.

Sei que eu devia responder não. Mas a verdade é que eu me ofereceria para ir com Sloan quer ajudasse ou atrapalhasse o caso. É dessa forma patética que tenho feito as coisas ultimamente. Nada deveria vir antes do trabalho. Ainda mais alguém do *outro lado* do trabalho.

— Tudo bem — digo. Pego a jaqueta e a visto. Antes de abrir a porta para sair, eu paro. Lentamente me viro para trás e olho para ele. — Como sabe que tenho aula com ela?

Ryan dá um sorriso largo.

— Ela é a gatinha da aula de espanhol, Luke. Não sou idiota. — Ele pega a própria jaqueta e a veste também. — Por que diabos acha que foi inscrito nessa aula?

VINTE E TRÊS

Sloan

Ainda estou tremendo quando entro no prédio. Passaram-se horas desde o incidente com Asa, mas continuo ficando enjoada só de lembrar. Nunca senti tanto medo na vida. Nem ontem à noite, quando Jon subiu em cima de mim com uma faca no meu pescoço.

Não acredito que falei o nome de Carter enquanto dormia. Eu não só poderia ter me metido num problema sério com Asa como poderia ter sido responsável por seja lá o que ele teria feito com Carter.

Não sei como me safei tão bem. E ainda bem que o nome de Carter é parecido com “arder”.

Mas não estou aliviada com o que aconteceu depois. As coisas que Asa me disse. Sobre casamento.

E não ter usado camisinha.

Não sei o que Asa faz quando não estou por perto. Ninguém nunca me falou que ele me trai, a não ser o que Jon disse ontem à noite. Mas não sei o que aquilo significou. Também nunca o flagrei me traindo, mas não confio nele para pôr minha saúde e minha vida em risco.

Mas aquilo aconteceu de manhã, e é tudo em que consigo pensar. Assim que bateu oito horas, liguei para o meu médico e marquei uma consulta para a semana que vem para fazer os testes. Tomo pílula religiosamente, então não estou preocupada com a possibilidade de engravidar. Mas estou preocupada com tudo o mais que ele poderia me passar.

Vou tentar não pensar nisso até semana que vem. E vou fazer o que puder para me certificar de que não aconteça novamente. Nunca o vi me olhar com tanto ódio como olhou quando achou que tinha me escutado gemer o nome de Carter.

Quando ele me escutou gemer o nome de Carter.

Antes de entrar na sala e dar de cara com Carter, paro no banheiro e tento me acalmar. Como não estou debaixo do mesmo teto que Asa, consigo respirar melhor. Mas não faço ideia de como garantir que eu não fale mais durante o sono. Se isso significar nunca mais dormir na presença de Asa novamente, vou dar um jeito de fazer isso.

Quando termino o que estava fazendo no banheiro e vou até o corredor, a primeira coisa que vejo é Carter encostado perto da porta da sala.

Ele está me esperando.

Quando me vê, se endireita e espera eu alcançá-lo.

— Você está bem? — pergunta, e seu olhar vai diretamente para o meu pescoço.

Há alguns roxos por causa do que Jon fez ontem à noite, mas provavelmente vão ficar ainda piores hoje, graças ao que Asa fez de manhã.

Caramba, que vida de merda estou tendo para ser esganada por dois homens diferentes em um espaço de doze horas?

— Estou bem — digo de forma pouco convincente.

Carter ergue um dedo e toca meu pescoço.

— Está roxo. Asa notou?

Ele passa as costas do dedo pela minha pele. Sei que é por preocupação, mas sempre que ele faz algum contato comigo — não importa o motivo —, pareço me lembrar do quanto sou capaz de sentir as coisas.

Aprendi a me anestesiar nesses últimos dois anos com Asa, e Carter acaba com todo o meu esforço.

— Ele notou, mas não desconfiou. Achou que ele mesmo havia feito.

Minhas palavras fazem Carter estremecer. Seus olhos fitam os meus.

— Sloan — sussurra ele, balançando a cabeça.

Ele tira a mão do meu pescoço e a passa pelo próprio cabelo. Percebo que o que Carter engole em seco provavelmente é o ódio completo que sente ao imaginar as mãos de Asa em mim. Ele obviamente se preocupa comigo, o que é compreensível. Mas também sabe por que fico, e não parece me julgar. Ele de fato entende minha situação e simpatiza com ela. Gosto disso nele, da sua empatia.

Algo que Asa provavelmente nunca sentiu por ninguém em toda sua vida.

Carter encosta suavemente a mão em meu cotovelo.

— Venha. Vamos nos sentar.

Ele tenta me levar até a porta, mas eu o impeço.

— Carter, espere.

Ele se vira para mim novamente, dando um passo para o lado para deixar dois alunos entrarem. Olho pelo corredor para a esquerda e depois para a direita.

— Preciso te contar uma coisa.

Qualquer raiva que ele estava sentindo parece ser substituída por preocupação. Ele assente e me leva pelo corredor, procurando algum lugar mais reservado. Passamos por outra porta e ele espia pela janelinha de vidro, depois tenta girar a maçaneta. Está aberta, então ele a empurra e entra comigo.

É uma sala de música vazia, com diversos instrumentos pendurados em uma parede e várias mesas dispostas em

círculo no meio da sala. Quando a porta se fecha e finalmente conseguimos alguma privacidade, espero Carter me perguntar o que preciso contar a ele. Em vez disso, ele me puxa para perto assim que me viro, me envolvendo com os braços, embalando minha cabeça em seu ombro.

Ele me abraça.

É só isso que ele faz. Ele me abraça forte sem dizer uma só palavra, mas mesmo assim sinto tudo o que está dizendo. E percebo que, desde ontem à noite — desde tudo que aconteceu com Jon —, ele provavelmente está morrendo de preocupação por mim. Provavelmente queria ter me abraçado e me reconfortado na noite passada.

Assim que me viu esta manhã. Mas mesmo abraços não são tão simples na minha vida.

Jogo os braços em volta dele e enterro o rosto em sua camisa, sentindo a fragrância suave da sua colônia.

Carter tem cheiro de praia. Fecho os olhos e desejo que estivéssemos em uma. Longe de toda essa merda.

Ficamos em silêncio por vários minutos, sem nos mexer. Depois de um tempo, não consigo mais identificar quem está abraçando quem, quem está segurando quem. É como se estivéssemos quase suspensos, agarrados um ao outro, com medo de cair se um de nós soltar.

— Eu falei seu nome enquanto dormia — sussurro, quebrando o silêncio.

Carter imediatamente se afasta e olha para mim.

— Ele te ouviu?

Confirmo com a cabeça.

— Ouviu. Mas acho que disfarcei bem. Falei que ele tinha entendido errado, que eu havia dito outra coisa.

Mas ele ficou com muita raiva quando aconteceu, Carter. Mais raiva do que nunca. E eu só... achei que você devia saber. Acho que precisamos ter mais cuidado. Quer dizer, sei que não tem nada entre a gente, mas...

Carter me interrompe e diz:

— Não tem mesmo? Sei que tecnicamente não fizemos nada, mas isso não é uma coisa inocente, Sloan. Se Asa descobrir que tenho aula com você...

— Exatamente — concordo.

Carter assente, sabendo o que aquilo significaria. Ele não pode falar comigo na casa. Caramba, ele nem devia olhar mais na minha direção. Depois do que aconteceu esta manhã, Asa vai ficar desconfiado mesmo se tiver acreditado em mim. A última coisa que quero é causar problemas para Carter, mas parece que já o fiz.

— Desculpe — digo.

— Por que está se desculpando? Porque sonhou comigo?

Confirmo com a cabeça.

Carter leva uma das mãos ao meu rosto e o canto de sua boca se ergue e forma um sorriso.

— Se vamos pedir desculpas por isso, então já te devo uma dúzia de desculpas.

Mordo minha bochecha para esconder meu sorriso. Ele desce a mão e a apoia na minha lombar.

— Vamos nos atrasar se não formos logo.

Rio um pouco com a ideia de chegar atrasada. Que peso há em chegar atrasada na aula comparado a todas as outras merdas acontecendo em nossas vidas? Muito, muito pouco. Mas ele tem razão.

Eu o sigo porta afora e pelo corredor na direção da sala de espanhol. Antes de entrarmos, ele se aproxima e cochicha:

— Se vale de alguma coisa, você está muito linda hoje. Eu quase perdi o fôlego.

Ele continua andando, apesar de suas palavras terem congelado meus pés no chão.

E foram só isso. *Palavras*. Algumas simples palavras ditas juntas, mas poderosas o bastante para me paralisar.

Levo a mão até a boca enquanto respiro lentamente. Eu me forço a conter o sorriso que quer surgir em meu rosto e de alguma forma obrigo meus pés a entrarem na sala. Ergo a cabeça e vejo Carter puxando duas cadeiras na fileira do fundo, então vou até ele.

Meus joelhos parecem prestes a ceder. *É assim que devia ser. É assim que garotos deviam fazer as garotas se sentirem.*

Por que eu dei bola para Asa algum dia?

Quando chego ao meu lugar, ele ainda está de pé, esperando que eu me sente antes. Dou um breve sorriso de agradecimento a ele e me sento. Tiro os livros da bolsa e ele faz o mesmo. O professor entra justamente quando estamos prontos. Ele vira de costas e começa a escrever no quadro.

Gritei demais no jogo de futebol ontem. Estou sem voz. Leiam do capítulo oito até o dez e retomamos a aula semana que vem.

Metade da turma ri do recado. A outra metade resmunga. Carter abre o livro na página certa. Eu me inclino sobre a mesa e abro o meu para começar a ler. Não chego muito longe, porque Carter pega uma caneta e começa a escrever um bilhete. Estou inebriada de animação,

esperando que seja para mim e não alguma anotação para a aula.

Nem me sinto culpada. Devia me sentir culpada quanto a isso. Especialmente porque Asa me pediu em casamento esta manhã e, temendo pela minha própria vida, fui forçada a dizer sim. *Isso é tão errado. Vou para o inferno.*

Na verdade... pode ser que eu já *esteja* no inferno. Na maior parte do tempo, esta vida parece mais uma punição por alguma coisa horrível que devo ter feito na vida passada. Pelo menos até Carter aparecer. Não me lembro de muita coisa que já tenha me animado assim antes de ele aparecer.

Carter desliza o bilhete para mim. Está dobrado ao meio, então levanto o papel e leio o que ele escreveu.

Espero alguma coisa aleatória, como aquele jogo que já fizemos na aula. Em vez disso, é um simples pedido.

Coloque a mão debaixo da mesa.

Leio o bilhete duas vezes e olho para minhas mãos. O bilhete é meio aleatório, mas não como o jogo que ensinei a ele. Só parece aleatório porque me deixou confusa. Ponho o bilhete embaixo do livro e levo a mão para baixo da mesa, esperando ele me entregar o que quer que seja.

Para minha surpresa, ele não me dá nada. Sua mão quente escorrega pela minha e ele entrelaça nossos dedos, apoiando nossas mãos na minha perna.

Então ele volta a atenção para o livro, retomando a leitura como se não tivesse acabado de tentar me fazer pegar fogo.

É exatamente assim que me sinto com ele tocando minha perna, nossas mãos juntas. Sinto como se alguém precisasse apagar meu fogo com água. Meu coração dispara

e tenho a sensação de que meu corpo inteiro está formigando.

Ele está segurando minha mão.

Puta merda.

Eu não sabia que dar as mãos podia ser melhor que um beijo. Melhor que sexo. Sexo com Asa, pelo menos.

Fecho os olhos e foco no peso da mão de Carter na minha. A largura de seus dedos entre os meus. O modo como seu polegar ocasionalmente vai para a frente e para trás.

Depois de provavelmente uns quinze minutos fingindo ler o livro à minha frente, ele afasta a mão da minha.

Mas ele não me solta. Apenas começa a traçar círculos com as pontas dos dedos na palma da minha mão.

Carter toca cada pedacinho da minha mão, da minha palma, dos meus dedos, *entre* os meus dedos. A cada minuto que passa, começo a imaginar como seriam aqueles dedos passando pela minha perna. Pelo meu pescoço. Pela minha barriga.

Minha respiração fica mais pesada. Começo a respirar mais rápido a cada minuto que se aproxima do final da aula.

Não quero que a aula termine. Quero que não termine nunca.

Depois de explorar duas vezes cada parte da minha mão, os dedos de Carter deslizam até minha perna. Ele começa a acariciar meu joelho, cerca de sete centímetros da parte interna da minha coxa, e depois volta ao joelho. Meus olhos estão fechados e estou segurando com força o livro nas mãos. Ele faz isso por mais alguns minutos, me deixando completamente louca, quase a ponto de ter que levantar e ir ao banheiro para jogar água fria no rosto.

Mas não faço isso, porque de alguma maneira os cinquenta minutos de aula terminam e todo mundo começa a se aprontar para sair.

Encontro forças para abrir os olhos e encará-lo. Ele está me observando, os olhos estreitos e ardentes, lábios molhados que não consigo parar de encarar. Ele pega minha mão novamente e a aperta.

— Sei que eu não devia...

Balanço a cabeça.

— Não devia.

Nem sei o que ele ia dizer, mas tenho uma ideia de onde está o pensamento dele agora, porque o meu está no mesmo lugar.

— Eu sei — diz ele. — Mas eu... não consigo ficar tão perto assim de você sem te tocar.

— E eu não posso deixar.

Carter respira fundo, depois solta a respiração ao mesmo tempo que solta minha mão. Ele junta seus livros e os enfia dentro da mochila. Fica de pé e joga a mochila no ombro. Olho para ele, que está me olhando de cima.

Espero que se despeça ou vá embora, mas nada disso acontece.

Ficamos nos olhando por mais alguns segundos antes de Carter tirar a mochila e se sentar de volta na cadeira. Ele segura meu cabelo com a mão e encosta a testa na lateral da minha cabeça. Não tenho ideia do que ele está fazendo, mas o desespero na maneira com que está se pressionando contra mim faz eu me encolher.

— Sloan — sussurra ele, sua boca diretamente em cima do meu ouvido. — Quero tudo em você. Pra caralho. A ponto dessa vontade estar me cegando.

Suas palavras me fazem arfar.

— Por favor, tome cuidado. Até eu conseguir ajudar a tirar você de lá. Não sei quando isso vai acontecer, mas, por favor. Tenha muito, muito cuidado.

Fecho os olhos com força quando ele dá um beijo na lateral da minha cabeça. O que eu não daria para aqueles lábios estarem beijando minha boca agora...

Como posso sentir tanta coisa por alguém que acabei de conhecer? Por alguém que ainda nem beijei? Por alguém que é praticamente tudo o que quero, mas que também está envolvido com tudo o que mais detesto?

— Se eu for até sua casa hoje a noite, não vou nem olhar em sua direção — continua ele. — Mas saiba que você é tudo o que vejo lá. Você é tudo o que vejo lá, Sloan.

Ele me solta tão de repente quanto me segurou. Pega sua mochila de volta e se levanta. Eu o escuto se afastar enquanto permaneço sentada e completamente imóvel, meus olhos fechados, meu coração se debatendo dentro do peito.

Quero mais de seja lá o que ele me faz sentir. Mas quero longe daqui. Longe desta cidade. Longe de Asa.

Sei que Carter quer que eu vá embora, e eu também quero. Quero tanto, mas preciso estar mais preparada para que isso aconteça. E se eu for embora... Carter tem que ir embora também. Ele não só precisa cortar laços com Asa, como também preciso que corte laços com o estilo de vida corrupto que Asa criou.

Nós dois temos que ir embora.

Antes que seja tarde demais...

VINTE E QUATRO

Asa

Nunca fui do tipo de cara que lida com merda em excesso. Mais uma pérola de sabedoria que meu pai me ensinou.

“Se não é vantajoso para você, não deveria importar porra nenhuma.”

Este provavelmente foi o melhor conselho que ele já me deu. Aplico esse ensinamento a cada aspecto da minha vida. Minhas amizades. Meus parceiros de negócios. Minha educação. Meu império.

Sim, eu disse império. Não estou exatamente lá ainda, mas vale o pensamento positivo e essa palhaçada toda, certo?

Quando comecei a traficar, eu era pequeno. Traficava com o que podia, quando podia, para quem podia. Em grande parte, era ecstasy para quem tinha desistido da faculdade. Quando percebi que não era ali que o dinheiro ou o poder estavam, comecei a estudar.

Durante um ano inteiro, mais ou menos, na época em que comecei a faculdade, eu estudava cada minuto do dia. E não estou falando das baboseiras dos livros didáticos, que fazem você arranjar um emprego em tempo integral sentado num escritório e ganhando o suficiente por ano para comprar uma casa, um carro e uma esposa. Estou falando de estudo *de verdade*. Conhecer pessoas. Tornar-se quem os outros querem conhecer.

Experimentar as merdas boas, heroína, cocaína, só para sentir que tipo de droga se encaixa melhor em qual tendência demográfica. Saber não se viciar nessas porras. Conhecer tão bem seu traficante que você se torna melhor amigo do traficante do seu traficante. Conquistar a confiança de quem tem mais poder que você, mas

mantendo-se discreto o bastante para que não percebam quando de repente você tiver mais poder que eles.

Aprendi muito e aprendi do jeito mais difícil. Do jeito *certo*. Do fundo do poço ao topo.

Não trafico as merdas pequenas agora: bala, maconha, pílulas. Principalmente maconha. É um excesso.

Você quer maconha? Vai morar na porra do Colorado e compre um vale-presente na lojinha de maconha. Não desperdice a porra do meu tempo.

Mas se você quer coisa boa de verdade, a merda que faz você se sentir como se estivesse beijando pessoalmente os pés do maldito Criador, aí você vem até mim. Não vou lhe vender um Ford, mas vou vender a porra do Bugatti mais raro que você vai encontrar.

Ainda estou construindo. Sempre estarei construindo. No segundo em que alguém na minha posição sentir que não tem mais nada para aprender, vai ser superado pelo próximo da fila. Pelo que sei, não há mais vagas disponíveis acima de Asa Jackson nesta cidade. Tenho uma boa equipe sob meu comando. Caras que sabem seus lugares. Caras que sabem que vou ser justo com eles se forem justos comigo.

Ainda estou conhecendo meu mais novo cara, Carter. A maioria das pessoas é transparente, mas ele é como a porra de um rio lamacento. A maioria das pessoas, especialmente as que trabalham para mim, puxam meu saco porque sabem que é uma sorte da porra terem minha confiança.

Carter é diferente. Ele parece não se importar. Sua indiferença me dá nos nervos. Ele me faz lembrar um pouco de mim mesmo, e não sei se isso é bom. Só há espaço para um Asa.

Meu cara mais antigo, Jon, está começando a ficar desleixado. Ele já foi meu braço direito, mas ultimamente se tornou a porra do meu calcanhar de Aquiles.

O que me leva ao meu raciocínio inicial.

“Se não é vantajoso para você, não deveria importar porra nenhuma.”

Estou com dificuldade para entender como Jon ainda me beneficia. Ele parece não fazer nada além de causar merda aonde quer que vá. Semana passada ele perdeu um dos meus melhores clientes porque não conseguiu ficar com o pau quieto diante da esposa do cara. Até *eu* sei colocar limites entre meu pau e minha carteira.

Diferentemente de Jon, Carter é um benefício. É um bom tradutor, é quieto, aparece onde precisa estar e faz o que preciso que ele faça. E só por esse motivo ainda não me livrei dele, apesar das minhas suspeitas a seu respeito. Ele ainda não é um *excesso*.

Mas Jon... Jon está se tornando um peso morto.

Só que Jon também sabe demais, o que é um problema maior ainda.

Para ele. Não para mim.

Tirando os negócios, cortei todos os outros excessos da minha vida. A não ser Sloan. Mas ela está longe de ser um excesso. Se eu tivesse que compará-la a uma droga, Sloan seria heroína. Heroína é legal. Heroína deixa você maduro. Tendo em boa quantidade, a heroína seria uma coisa que você poderia alegremente injetar todo dia pelo resto da vida.

Talvez seja estranho comparar pessoas a drogas, mas quando drogas são tudo que você conhece, é normal.

Jon seria metanfetamina. Ele é presunçoso demais, fala demais, e às vezes é difícil demais. Difícil pra caralho.

Dalton seria pó. Sociável, amigável, faz você querer cheirar mais. Gosto de pó.

Carter seria...

O que Carter seria?

Acho que não conheço Carter bem o bastante para definir qual droga ele me lembra. Mas por uns dois minutos na noite passada, quando pensei ter escutado Sloan dizer seu maldito nome, ele foi a filha da puta de uma overdose.

Mas ela não disse o nome dele. Pelo que sei, ela nunca nem falou com o cara. E se ele for esperto, também nunca falou com ela além de quando foram apresentados na cozinha.

Logo, logo não vou mais ter que me preocupar com os caras por aqui porque Sloan não vai mais morar nesta casa. Vai morar na *nossa* casa.

Merda.

Porra!

Eu devia ter ido comprar a merda da aliança hoje. Sabia que estava esquecendo alguma coisa.

Vou até meu armário e me visto. Cogito usar o Armani. Sabe como é... dia especial e essas merdas. Em vez disso, pego uma camisa de botão azul-escura que sei que Sloan gosta e uma calça. Na verdade, não importa muito o que escolho no armário, é tudo espetacular pra caralho. Sempre me vesti no nível de respeito que quis receber.

E não, não foi o bosta do meu pai quem me ensinou isso. Ele provavelmente teria durado muito mais no mundo aqui fora se não tivesse passado a vida vestido como o maldito vagabundo que era.

Quando chego ao pé da escada e olho para a cozinha, noto Jon parado de frente para a pia e de costas para mim, segurando um saco de gelo na cabeça.

— O que houve com você?

Ele se vira para mim, e a porra da lateral do seu rosto está completamente azul e preta.

— Nossa, cara. Com quem foi que você se meteu?

Jon larga o saco de gelo na pia.

— Ninguém importante.

Entro na cozinha. O rosto dele está ainda pior de perto. E se ele acha que não vai me contar quem fodeu assim com ele, está enganado. Se ele perdeu mais um cliente nosso, o lado esquerdo do seu rosto vai ficar muito pior que o direito. Pego minhas chaves na bancada e pergunto mais uma vez: — Quem fez essa porra em você, Jon?

Ele estala a mandíbula e desvia o olhar.

— Um babaca qualquer me flagrou com a mulher dele ontem à noite. Me pegou desprevenido. Parece pior do que foi.

Idiota de merda. Eu rio.

— Não, tenho certeza de que foi tão ruim quanto parece. — Ando até a despensa e confiro o estoque de álcool. Está vazio, como sempre. Bato a porta com força. — Vamos comemorar hoje. Preciso que abasteça o estoque. Tenho que resolver uma coisa.

Jon assente.

— Ocasião especial?

— É. Estou noivo. Escolha com classe. Nada de merdas baratas. — Vou até a porta da frente e escuto Jon gargalhar.

Quando olho para trás, o escrotinho ainda está sorrindo. — Falei algo engraçado? — pergunto, voltando à cozinha.

Ele balança a cabeça.

— Tem alguma coisa que *não* seja engraçada em você se casar, Asa?

Eu rio. E então acabo com o lado esquerdo do rosto dele.

Excesso da porra.

VINTE E CINCO

Carter

Chego até meu carro no estacionamento. Não sei como. Agarro o volante e jogo a cabeça para trás.

Não faço ideia de qual é o limite agora, a linha está tão borrada... Estou tentando fazer o trabalho que vim fazer aqui, mas ao mesmo tempo Sloan está me fazendo questionar se esta é realmente a vida que eu quero.

Não faço ideia se agora há pouco era Carter ou Luke com ela. Luke está virando Carter.

Estou me dedicando demais a este trabalho, mas não faço ideia de como não ser eu mesmo quando estou com ela. Todas as coisas que quero dizer... As coisas que eu queria poder fazer com ela. A verdade que eu queria poder contar a ela.

Se eu contasse a verdade sobre quem sou e o que vim fazer aqui, estaria arriscando tudo. Minha vida. A vida de Ryan. Possivelmente a *dela*. Quanto menos ela souber, melhor.

Apoio a testa no volante e tento prever a inevitável tempestade de merda vindo na nossa direção.

Quero ficar com Sloan. Quero ficar com Sloan sendo Luke. Mas isso não pode acontecer até termos o bastante sobre Asa para prendê-lo para sempre. E não vamos conseguir prendê-lo para sempre até ele vacilar. E

ele está sendo cauteloso. É mais esperto do que pensei no início.

Porém, quanto mais tempo leva para conseguirmos estar no ponto em que precisamos nesta investigação, Sloan corre mais perigo. E sabendo o que sei agora sobre Asa, deixá-lo seria a pior coisa que ela poderia fazer.

Ele nunca a deixaria em paz. Ele a machucaria. E eu não me surpreenderia se machucasse o irmão dela também.

Sloan está presa até ele se dar mal, e isso pode levar meses.

Recosto-me de volta no banco e pego meu telefone. Como se eu estivesse numa pegadinha, aparecem duas mensagens de Asa.

Asa: Cadê você?

Asa: Me encontre para almoçar ao meio-dia. Peralta's. Estou com fome pra caralho.

Fico encarando as mensagens por vários segundos. Isso não é típico dele. Asa não me manda mensagens de texto do seu celular pessoal quando se trata de trabalho, então... ele literalmente só quer *almoçar*?

Eu: Chego em dez minutos.

Vinte minutos mais tarde, estou abrindo caminho pelo restaurante até onde Asa está sentado. Ele está olhando para o celular quando me sento.

— Oi — diz ele, e sequer levanta a cabeça. Termina de digitar e põe o telefone de lado. — Está ocupado hoje à noite?

Balanço a cabeça e pego o cardápio.

— Não. Por quê?

Olho para o cardápio, mas não preciso fazer contato visual com ele para saber que está sorrindo. Asa pega algo no bolso de trás e coloca o objeto em cima da mesa. Baixo o cardápio e meus olhos se fixam numa caixinha.

Uma caixa de joia.

Que porra é essa?

Ele a abre e a segura para que eu veja. Fico encarando o anel, o pânico fazendo minha pele coçar. *Ele vai pedi-la em casamento?*

Tento não rir. Ele está viajando se acha que Sloan vai aceitar. Ele também não conhece Sloan tão bem quanto pensa, porque este anel não tem nada a ver com ela. É espalhafatoso e exagerado. Ela vai odiar essa merda.

— Vai pedi-la em casamento? — pergunto, devolvendo a caixinha para ele e pegando o cardápio de volta como se não estivesse muito interessado.

— Não, já pedi. Hoje à noite é a comemoração.

Meu olhar se desvia rapidamente do cardápio e se fixa nos olhos dele.

— Ela disse sim? — Eu não fazia ideia que concordar com a cabeça podia ser algo presunçoso até então.

Forço um sorriso. — Parabéns, cara. Ela parece mesmo ser para casar.

Por que Sloan não me contou isso hoje de manhã? Por que concordaria em se casar com ele? Acho que se sente presa. Ela não pode dizer não a Asa na posição em que está. Concordar foi realmente a coisa mais segura a fazer, mesmo que me deixe enjoado por ela.

Só não entendo por que não me avisou.

Ele guarda a caixinha no bolso do casaco.

— Ela é para casar. Ela é heroína.

Ergo uma sobrancelha.

— Heroína?

Ele dispensa minha pergunta e chama o garçom.

— Quero uma cerveja. Qualquer uma de barril que você tiver. E um cheeseburger completo.

O garçom olha na minha direção.

— O mesmo para mim — digo.

Devolvemos os cardápios e sinto meu celular vibrar no bolso. Provavelmente é Dalton. Mandei uma mensagem para ele a caminho daqui para avisar que eu ia almoçar com Asa. Não faço ideia do que se trata este almoço, mas eu queria garantir que a equipe soubesse onde eu estava. Especialmente depois de Sloan dizer meu nome enquanto dormia. Eu meio que achei que aceitar este almoço era uma missão suicida.

Bebo um gole da água que já estava na mesa.

— Então, quando será o grande dia?

Asa dá de ombros.

— Não faço ideia. Logo. Quero que ela saia da porra daquela casa antes que se machuque. Não confio em ninguém perto dela.

Quanta consideração da parte dele. Mas está um dia atrasado, embora eu duvide que Jon tenha revelado o que fez.

— Achei que ela gostava de ficar lá — minto. — Vocês não têm um relacionamento aberto? Como isso funciona?

Asa estreita os olhos.

— Não, a gente não tem um relacionamento aberto. Por que acha isso?

Eu rio e casualmente cito os motivos pelos quais alguém na minha posição *poderia* pensar aquilo, mesmo sabendo que não devia.

— Jess? A garota que você comeu no seu quarto na semana passada? A garota na piscina duas noites atrás?

Asa ri.

— Você tem muito a aprender sobre relacionamentos, Carter.

Eu me apoio no encosto da cadeira. Tento manter a conversa fluindo sem parecer interessado demais, mas quero saber cada detalhe de por que ele está desperdiçando o tempo de Sloan.

— Talvez seja isso. Eu achava que a maioria dos relacionamentos era entre duas pessoas, mas devo estar errado. Relacionamentos me confundem. Assim como o seu o faz.

— *Assim como o meu o faz?* — repete ele. — Quem fala assim, porra?

Somos interrompidos pelo garçom trazendo nossas cervejas. Nós dois bebemos, depois Asa põe o copo de lado e se debruça sobre a mesa, tamborilando o indicador nela.

— Deixa eu te ensinar uma coisa sobre relacionamentos, Carter. Caso um dia você tenha um.

Isso vai ser interessante.

— Seu pai ainda está vivo? — pergunta ele.

— Não. Morreu quando eu tinha dois anos.

É mentira. Ele morreu há três anos.

— Bem, aí está seu problema número um. Foi criado por uma mulher.

— Isso é um problema?

Ele confirma com a cabeça.

— Você aprendeu sobre a vida com uma mulher. Muitos homens aprendem, tudo bem. Mas é isso que há de errado com a maioria. Homens precisam aprender com homens. Funcionamos de forma diferente do que a sociedade faz as mulheres acreditarem.

Não respondo. Espero que ele continue esta rara demonstração de caridosa *genialidade*.

— Homens, por natureza, não foram feitos para serem monógamos. Está enraizado em nós espalhar nossas sementes. Para manter a população crescendo. Somos procriadores por natureza, e não importa o que a sociedade tenta nos forçar, seremos procriadores até nos matarmos. É por isso que temos tanto tesão o tempo todo.

Olho para minha esquerda, na direção das duas mulheres mais velhas que estão boquiabertas ouvindo a definição de Asa sobre a espécie masculina.

— São as mulheres que dão à luz — alego. — Elas também não são procriadoras? Também não estaria na química delas querer popular o mundo?

Ele nega com a cabeça.

— Elas são protetoras. É trabalho delas manter a espécie viva. Não criá-la. Além disso, mulheres não gostam tanto de sexo quanto homens.

Eu queria estar gravando isso.

— Não gostam?

— Porra, não. Elas gostam de expressar o que pensam... emoções... sentimentos. Elas querem formar um laço... uma conexão para a vida toda. Por isso insistem em casar, porque é da constituição biológica delas querer um protetor. Um provedor. Elas precisam de estabilidade, de um lar, de um lugar para criar os filhos.

Mulheres não têm desejos físicos como nós. Então é justo formarmos as famílias para elas, mas também precisamos de uma válvula de escape para nossos instintos naturais. A traição do homem é diferente da traição da mulher.

Concordo com a cabeça como se estivesse entendendo a filosofia dele, mas isso está me deixando enjoado por Sloan.

— Então, na sua opinião, as mulheres não têm uma desculpa biológica para transarem com mais de um cara.

Mas os homens têm?

Ele assente.

— Exatamente. Quando um homem trai, é puramente físico. Somos atraídos pelo quadril de uma mulher, pelas pernas, pela bunda, pelos peitos. Não passa de um ato sexual. Enfiar e tirar o pau. Quando uma *mulher* trai, é puramente mental. Elas se excitam com emoções. Com sentimentos. Se a mulher fode com um cara, não é por que ela está com tesão. É por que quer que ele a ame. É por isso que traio Sloan. E é por isso que Sloan não pode me trair. Para um homem, traição é diferente do que para uma mulher, e isso é um fato provado pela própria mãe natureza.

Puta merda. Ainda existem pessoas assim. Deus nos ajude.

— E Sloan acha isso ok?

Asa ri.

— Essa é a questão, Carter. As mulheres não entendem porque não são como nós. Por isso os homens também recebem a distinta habilidade de mentir tão bem.

Eu sorrio, quando tudo o que queria fazer era pular na mesa e acabar com a habilidade dele de procriar, de criar

mais vidas que possam acabar como ele.

— Então qual o papel que as amantes têm nisso tudo? — pergunto.

Ele sorri de forma doentia.

— Por isso Deus criou as putas, Carter.

Forço mais um sorriso. Ele tem razão quanto a uma coisa: eu definitivamente sei mentir bem.

— Então as putas são para a natureza, e as mulheres, para proteger — concluo.

Asa dá um sorriso presunçoso, como se tivesse me ensinado alguma coisa. Ele levanta seu copo de cerveja.

— Um brinde a isso. — Brindamos nossas cervejas e ele toma um gole. — Meu pai costumava dizer algo desse tipo.

— Ele ainda está vivo?

Asa assente, mas noto uma súbita tensão em seu queixo.

— Está. Em algum canto.

Nossos pratos chegam, mas nem sei se estou com fome depois dessa lição distorcida de darwinismo.

Definitivamente não estou com fome agora que sei que vou ver Sloan esta noite. *Na porra da sua festa de noivado.*

— Você devia fazer um brinde hoje à noite.

Paro de mastigar.

— Como é?

Asa toma mais um gole da cerveja.

— Hoje à noite — explica ele, colocando o copo de volta na mesa. — Na festa. Você devia fazer um brinde depois que eu anunciar o noivado. Você sabe elaborar uma frase

melhor do que qualquer outro imbecil que vai estar lá. Me deixe bem na fita. Sloan vai adorar essa merda.

Forço a comida a descer pela garganta.

— Seria uma honra.

Filho da puta.

VINTE E SEIS

Sloan

Desperdiço o máximo de tempo possível antes de voltar para casa todos os dias. Quanto menos tempo passo nesse lugar, melhor. Quando as aulas terminaram hoje, por exemplo, fui até a academia e depois para a biblioteca. Só passei pela porta da frente da casa depois das sete da noite. Jon estava sentado no sofá, me olhando com raiva.

Corri até a escada e subi para o meu quarto o mais rápido que pude, mas não sem antes reparar em seus machucados. Não sei o que aconteceu depois que deixei ele e Carter ontem à noite, mas aparentemente a briga não parou ali, porque ambos os lados do rosto de Jon estão com hematomas.

Certifico-me de trancar a porta do quarto. Não sei se Asa está em casa ou não, mas nunca mais vou correr o risco de ficar sozinha com Jon.

Quando estou a salvo no quarto, jogo a mochila no chão. Meu olhar logo se fixa na cômoda.

Especificamente na *caixa de joias* sobre a cômoda.

Ele comprou uma aliança. Ele faz promessas quase todos os dias e nunca as cumpre. A única vez que quero que ele esqueça é a primeira que ele de fato cumpre.

Que sorte a minha.

Vou até a cômoda e abro a caixa. Não a pego, apenas a abro com os dedos, sem querer realmente olhar para ela.

Eu me encolho no mesmo instante. Claro que ele compraria logo este anel para mim, provavelmente o maior da joalheria. Três diamantes enormes preenchem a maior parte do aro de platina, cada um deles envolto por outros menores.

É feio pra caralho. Vou realmente ter que usar esta coisa?

Não há como esconder isso. Eu sabia que devia ter contado a Carter mais cedo. Eu só não sabia como contar para o cara de quem estou começando a gostar que acabei de ficar noiva de outro. De uma pessoa que ele detesta. Mesmo que esse noivado signifique bem pouco para mim.

Escuto risadas do lado de fora, então vou até a janela do quarto. Há coolers por toda parte e Dalton está parado diante da churrasqueira, grelhando hambúrgueres. Várias pessoas estão espalhadas pelo lugar. Talvez umas vinte. Asa deve ter aquecido a piscina. Está fazendo uns vinte graus e a água estaria fria demais, mas já têm algumas pessoas lá dentro.

Asa só aquece a piscina para festas grandes.

Merda.

Eu me viro para trás ao escutar uma batida na porta.

— Sloan!

Corro até ela e a destranco, deixando Asa entrar. Ele já está sorrindo antes mesmo de olhar em meus olhos.

— Oi, futura esposa.

Engraçado como o que ele considera um termo carinhoso pode parecer um insulto para mim.

— Oi... futuro marido.

Ele me envolve com os braços e beija meu pescoço.

— Espero que tenha dormido bastante ontem, porque hoje à noite não vai dormir nada. — Os lábios dele sobem pelo meu pescoço e param no cantinho da minha boca. — Quer seu anel agora ou mais tarde?

Não conto a ele que já o vi, e que o anel é apenas mais uma prova de que ele não me conhece nem um pouco. Digo que quero agora, porque se disser mais tarde, ele certamente vai fazer um espetáculo ao me dar. E

isso é a última coisa que eu quero.

Asa vai até a cômoda e pega a caixa. Ele a entrega a mim, mas então a puxa de volta.

— Espera. Preciso fazer isso direito.

Ele encosta um dos joelhos no chão e ergue a caixa, oferecendo a aliança a mim.

— Você me dá a honra de se tornar a Senhora Asa Jackson?

Sério? Este só pode ser o pior pedido de casamento da história. Se não contar o de hoje de manhã, logo depois de tentar me esganar.

— Eu já disse que sim, bobo.

Ele sorri e põe a aliança no meu dedo. Eu a observo, segurando-a sob a luz. *Nunca imaginei que o inferno brilharia tanto.*

Asa se levanta e corre até o armário. Ele tira a camisa azul que está usando e começa a escolher outra.

— Devíamos combinar hoje à noite. Camisa preta, vestido preto. — Ele tira uma camisa e joga um vestido para mim. Eu o pego. — Vou ficar tão aliviado quando tivermos nossa própria casa. Com armários separados.

Cerro os punhos em volta do vestido.

— Nossa própria casa?

Ele ri.

— Você não acha que vou me casar com você e mantê-la nesta casa, acha?

— *Me manter?*

Ele veste a camisa preta pela cabeça. Depois começa a rir sozinho enquanto a abotoa até em cima.

— Almocei com Carter hoje — diz ele casualmente, sentando-se na cama.

Almoço? O quê? Nossa aula acabou na hora do almoço. Carter saiu da sala despertando vários sentimentos em mim e foi diretamente almoçar com *Asa*?

Por quê?

Eu me sento na outra ponta da cama e tento soar desinteressada.

— Ah, é?

Asa começa a calçar um par de meias.

— Ele não é tão ruim. Meio que gosto dele. Posso até convidá-lo para ser padrinho do nosso casamento.

Ele já está planejando o casamento?

Asa calça os sapatos e se levanta, virando-se para o espelho. Passa as mãos pelo cabelo.

— Já pensou em quem vai chamar para ser madrinha? Não tem amigas de verdade, tem?

Você dificulta um pouco a minha vida na hora de arranjar amigas, Asa.

— A gente ficou noivo hoje de manhã — digo. — E depois tive aula o dia todo. Ainda não tive tempo para pensar nos detalhes do casamento.

— Pode chamar Jess para ser madrinha.

Concordo com a cabeça, mas por dentro estou gargalhando. Jess me odeia. Não sei por que, mas aquela garota não olha na minha cara há seis meses, por mais que eu tente falar com ela.

— É. Posso chamar Jess.

Asa abre a porta do quarto e aponta para o vestido que ainda estou apertando com força.

— Tome banho e se arrume. Quero você bem arrumada para o grande anúncio de hoje.

A porta se fecha quando ele sai. Olho para o vestido. Olho para o anel.

Este buraco que estou cavando para mim mesma está ficando cada vez mais fundo. Se eu não descobrir como sair dele, Asa vai enchê-lo de cimento.

Asa gosta mais do meu cabelo quando está liso. Sei disso porque algumas vezes tentei usá-lo cacheado e ele me pediu para refazer o penteado. A primeira vez foi bem no começo do nosso namoro, quando ele me apresentou a Jon e a Jess. E a outra foi em nosso primeiro aniversário, quando fomos jantar num restaurante que eu mesma reservei. O jantar de aniversário sobre o qual precisei lembrá-lo três vezes.

Ele falou que sua mãe tinha cabelo cacheado e que preferia que eu usasse o meu sempre liso.

Não sei nada sobre a família de Asa, a não ser que ele não tem uma. E aquele comentário sobre o cabelo de sua mãe foi o único que fez durante todos os anos que o conheço.

No entanto... aqui estou eu na frente do espelho com o *babyliss*, fazendo cachos no cabelo. Simplesmente porque sei que Carter gosta deles. Às vezes, eu o flagro encarando meu cabelo quando faço cachos. Como se desejasse tocar

neles, deslizar a mão por meus fios e puxar meu rosto para perto do seu. E mesmo que ele vá estar do outro lado do cômodo a noite inteira, sem nem olhar na minha direção esta noite, cacheio meus cabelos. Para ele.

Não para o meu *noivo*.

A música está alta, a casa, cheia de gente, e eu estou me arrumando no banheiro há uma hora e meia. Claro que uma hora foi só encarando meu reflexo no espelho, me perguntando como cheguei a tal ponto na vida. Mas preciso parar de remoer todas as más decisões que já tomei e dar um jeito de tomar outras melhores.

Vou ver meu irmão domingo. Agora que seus cuidados são particulares, não encontro mais a assistente social para assinar os formulários anuais. Mas acho que vou marcar um horário com ela enquanto estiver lá.

Quero saber o que posso fazer para recuperar os benefícios dele sem Asa descobrir.

Alguém bate na porta do banheiro, então ponho o *babyliss* na bancada e o tiro da tomada. Abro a porta e dou de cara com Asa segurando o batente. Ele me olha de cima a baixo.

— Puta merda — diz, entrando no banheiro. Envolve minha cintura com um dos braços e a outra mão vai até minha coxa, subindo meu vestido com os dedos. — Eu estava planejando esperar até estar com você na cama hoje à noite, mas não sei se consigo.

Seu hálito cheira a uísque. Acho que ainda nem passou das nove horas e ele já está quase em coma alcoólico.

Empurro seu peito.

— Bem, vai *ter* que esperar. Acabei de terminar de me arrumar. Gostaria de poder torturá-lo com esta roupa por pelo menos *algumas* horas.

Ele resmunga e me senta na bancada, pressionando seu corpo entre minhas pernas.

— Sloan, como é que um cara pode ter tanta sorte?

Fecho os olhos enquanto ele beija meu ombro. Como uma garota pode ter tão *pouca* sorte?

Ele agarra minha cintura e me tira da bancada. Mas não me põe de pé. Ele me pega nos braços e sou forçada a segurar seu pescoço para me equilibrar. Ele me carrega para fora do banheiro e depois pela escada. Antes de chegarmos lá embaixo, ele para e me põe de pé.

— Espere aqui — diz ele, descendo os últimos degraus e desaparecendo na cozinha.

Olho ao redor da sala para todos ali. Tem gente pra cacete. Meus olhos notam Jess me encarando e sorrio para ela. Ela desvia o olhar, mas tenho quase certeza de que se retrai antes de fazer isso.

Não tenho ideia do que fiz a ela nem de por que ela me odeia tanto. Mas, sinceramente, estou acostumada com pessoas me tratando desse jeito. Parei de me preocupar antes mesmo de chegar ao ensino médio.

Levo os dedos da mão direita até a esquerda e giro a aliança, nervosa. Acho que o único aspecto positivo deste anel ser tão grande é que provavelmente posso usá-lo para me defender. Pode ser útil caso algum dia eu fique sozinha com Jon outra vez.

Começo a sentir a ansiedade surgindo em meu estômago antes mesmo de notá-lo me encarando. Carter está do outro lado da sala, encostado numa parede, ao lado de Dalton. Seus braços estão cruzados e, conforme havia prometido, ele não está olhando para mim. Não tecnicamente. Está olhando para a minha mão.

Paro de girar o anel e, quando faço isso, seus olhos encontram os meus. Eles estão estreitos, sua mandíbula, tensa. Dalton está rindo ao seu lado e falando como se Carter estivesse completamente envolvido em seja lá o que ele está dizendo. Mas como Carter disse mais cedo, ele não consegue enxergar mais nada, só consegue me ver. Sua expressão não se altera. Mesmo quando Asa volta com duas taças de champanhe e força uma na minha mão, Carter não desvia o olhar. É quase como se ele estivesse torturando a si mesmo de propósito.

Tento poupá-lo um pouco do sofrimento e desvio o olhar primeiro. Provavelmente não ajuda muito olhar na direção de Asa. Ainda sinto Carter me observando quando Asa ergue a taça.

— Filhos da puta! — grita ele. — Desliguem o som!

Alguns segundos depois, a música é interrompida. Todos na sala se voltam para nós, e de repente sinto vontade de subir correndo a escada e me esconder. Tento não olhar para Carter.

Depois de ter a atenção de todos, Asa começa:

— A maioria de vocês já sabe, porque não consegui calar a boca desde que ela disse sim. — Ele levanta minha mão. — Mas ela disse sim!

Gritos coletivos de comemoração e parabéns ecoam pela sala, mas rapidamente param quando fica evidente que Asa não terminou de falar.

— Já faz um bom tempo que amo esta garota. Ela é a porra do meu mundo. Então já estava na porra da hora de tornarmos isso oficial.

Ele sorri para mim e eu estaria mentindo se dissesse que não existe nada dentro de mim que ainda sente alguma coisinha por ele, mesmo que apenas condolência a esta

altura. Em algum lugar lá no fundo, sei que ele é desse jeito por causa da infância que teve. Um pedacinho de mim ainda não consegue culpá-lo por isso. Mas só porque grande parte do comportamento de Asa provavelmente pode ser justificado por seja lá que tipo de pessoas horríveis o tenham criado, não significa que sou obrigada a me sujeitar a uma vida de infelicidade simplesmente porque ele me ama.

Porque ele me ama. Ele pode me amar com sua visão distorcida de amor, mas *ama*. Isso é óbvio.

Asa aponta para o outro lado da sala.

— Carter! Meu caro! Nos ajude a celebrar esta ocasião monumental com um brinde!

Fecho os olhos. Por que ele está colocando Carter no meio disso? Não consigo olhar. Não consigo.

— Alguém dá uma taça de champanhe pra esse puto! — berra Asa.

Abro os olhos e lentamente percorro a sala até encontrar Carter, que ainda está com a mesma expressão. Só que agora alguém está dando uma taça de champanhe a ele.

E uma cadeira na qual subir.

Minha vida é uma merda.

Asa me puxa para perto dele e beija a lateral da minha cabeça enquanto observamos Carter subir na cadeira.

A sala está incrivelmente quieta. Ele chamou a atenção de todos de um jeito que nem Asa conseguiu, e isso ainda sem dizer uma só palavra. Parece que todos ali se importam mais com o que Carter tem a dizer do que com o que Asa tinha. Espero que Asa não perceba isso.

Carter não olha para mim. Ele pisca para Asa e leva a taça de champanhe até a boca. Ele engole tudo de uma só vez antes de fazer o brinde. Quando sua taça se esvazia, ele a estende a Dalton, que está segurando a garrafa.

Dalton enche a taça novamente, Carter a leva até o peito e olha diretamente para Asa. Percebo que ele bufa por um instante logo antes de começar.

— É difícil acreditar que chegamos na idade dos noivados. Casamentos. Construção de famílias. Mas é mais difícil ainda acreditar que Asa Jackson saiu na frente de todos nós. — Algumas pessoas riem. — Nunca me vi como o tipo de cara que sossegaria. Mas depois de passar um tempo com Asa e de conhecê-lo melhor, de ver em primeira mão como ele *valoriza* seu relacionamento com Sloan, eu posso ter mudado de ideia. Porque se ele consegue uma garota tão bonita quanto ela, então talvez não seja tarde demais para o restante de nós.

Os convidados começam a erguer suas taças, mas Carter balança uma das mãos para que se calem. Sinto Asa ficando tenso do meu lado, mas eu já estou tensa desde que Carter começou a falar.

— Não terminei — diz Carter, percorrendo a multidão com os olhos. — Asa Jackson merece um brinde mais longo que este, seus babacas impacientes.

Mais risadas.

Carter vira sua segunda taça de champanhe e espera Dalton enchê-la pela terceira vez. Minha pulsação está tão acelerada que rezo para Asa não segurar meu pulso e sentir.

— Por mais que Sloan seja muito, *muito* bonita — continua Carter, tomando o cuidado de não olhar para mim —, aparência não tem merda nenhuma a ver com amor. O amor não é encontrado na atração que você sente por

alguém. O amor não é encontrado nas gargalhadas que vocês dão juntos. O amor não é encontrado nem nas coisas que vocês têm em comum. O amor não é, de nenhuma maneira, formato ou dimensão, definido nem encontrado no êxtase que traz para duas pessoas.

Ele vira a terceira taça de champanhe e, seguindo a rotina, Dalton a enche pela quarta vez. Tomo um gole da minha taça, pois minha boca e minha garganta ficaram completamente secas.

— O amor... — continua Carter, sua voz um pouco mais arrastada e alta. — O amor não é encontrado. O

amor *encontra*. — O olhar de Carter percorre toda a sala até achar o meu. — O amor o encontra no perdão após uma briga. O amor o encontra na empatia que você sente por outra pessoa. O amor o encontra no abraço que vem após uma tragédia. O amor o encontra na celebração depois de derrotar uma doença. O amor o encontra na devastação depois de se *render* a uma doença. — Carter ergue sua taça. — A Asa e Sloan. Que o amor os encontre em cada tragédia que enfrentarem.

A sala explode em comemoração.

Meu coração explode em meu peito.

Asa beija minha boca e então some, desaparecendo na multidão de pessoas ansiando por lhe dar um tapinha nas costas, parabenizá-lo e inflar seu ego.

Sou deixada na escada, encarando o cara ainda em pé na cadeira, que retribui meu olhar.

Ele me encara por mais vários segundos, e não consigo desviar o olhar. Então vira a quarta taça de champanhe, seca a boca e desce da cadeira, desaparecendo no meio dos outros.

Ponho a mão na barriga e solto todo o ar que estava prendendo desde que ele começou o discurso.

O amor encontra você nas tragédias.

Certamente é onde Carter me encontrou. No meio de uma série de tragédias...

Meus olhos examinam a multidão até encontrar Asa do outro lado da sala, olhando diretamente para mim. A suspeita substituiu o sorriso que passou a tarde toda estampado em seu rosto. Seus olhos estão focados nos meus com a mesma intensidade com que os meus estavam focados nos de Carter.

Não consigo encontrar forças nem para simular um sorriso.

Asa vira uma dose de alguma coisa e bate o copo na mesa ao seu lado. Kevin o enche de novo e Asa bebe.

Depois outro. Seu olhar não desvia de mim nem por um segundo.

VINTE E SETE

Asa

– Mais um.

— Você já tomou cinco, Asa — diz Kevin. — Mal passou das nove. Vai apagar às dez se continuar assim.

Desvio os olhos de Sloan e olho feio para Kevin. Ele concede, servindo o sexto shot, e eu o viro. Quando olho de volta para a escada, ela não está mais lá.

Dou uma olhada na sala, mas não a encontro. Imediatamente abro caminho pela multidão e subo os degraus, indo até nosso quarto.

Quando abro a porta, vejo Sloan sentada em nossa cama, olhando para sua mão. Ela ergue a cabeça para mim e sorri, mas parece forçado. *Tudo tem parecido bem forçado aqui ultimamente.*

— Por que está aqui em cima? — pergunto.

Sloan dá de ombros.

— Não sei. Não gosto de festas.

Ela costumava gostar. Assim como costumava dormir nua. De bruços.

Dou dois passos até ficar de frente para ela, olhando-a de cima.

— O que achou do brinde de Carter?

Ela lambe os lábios e dá de ombros mais uma vez.

— Foi meio difícil de acompanhar. Meio confuso, na verdade.

Concordo com a cabeça, observando sua reação com cuidado.

— Foi, é? Por isso ficou encarando o cara depois que saí de perto?

Ela inclina um pouco a cabeça, um movimento que as pessoas fazem quando estão confusas. Ou talvez um movimento que as pessoas fazem quando só estão fingindo estarem confusas.

A única coisa em Sloan que *não* gosto é que ela é esperta. Mais esperta que a maioria das garotas. Mais esperta até do que vários homens que conheço. Ela pode até ser uma boa mentirosa, porque ainda não a peguei mentindo nenhuma vez. Levo a mão até seu rosto e levanto seu queixo na minha direção.

— Já te perguntei uma vez. Esta vai ser a última, Sloan.

Se eu não a conhecesse bem, diria que está tremendo. Mas podem ser os seis shots na minha corrente sanguínea. Passo os dedos pela maçã de seu rosto. Paro em sua boca e então lentamente a contorno.

— Quer trepar com ele?

Ela enrijece o pescoço e se afasta.

— Não seja ridículo, Asa — diz ela, dispensando minha pergunta.

Balanço a cabeça.

— Não sou burro, Sloan, então não me trate como se eu fosse. Notei como você olhou para ele lá embaixo.

E ainda não sei se estou convencido de que não foi o nome dele que você gemeu enquanto dormia ontem.

Então me responda... quer trepar com ele? Imagina a boca desse cara em você?

Ela nega com a cabeça.

— Não faça isso de novo, Asa. Você está bêbado. E fica paranoico. — Ela se levanta e fica cara a cara comigo. Minha mão desce até sua cintura. Sloan olha no fundo dos meus olhos. — Não dou a mínima para Carter. Nem o conheço. Não faço ideia de por que você fica falando nele, mas se ele te incomoda tanto, *mande ele embora*. Não deixe mais ele entrar na nossa casa. Eu não dou a mínima, Asa, e se você se sente tão ameaçado assim, faça algo a respeito. Se eu quisesse outra pessoa, não estaria com essa aliança no dedo. — Ela ergue a mão esquerda e sorri. — Aliás, é lindo — diz ela, admirando o anel. — Fiquei meio sem palavras mais cedo, então me esqueci de dizer como o achei perfeito.

Ou sou um maluco iludido ou ela é a melhor mentirosa que já conheci. Se eu for obrigado a escolher entre as duas hipóteses, fico com a primeira.

Abraço-a pela cintura.

— Vamos lá para baixo — peço. — Quero olhar para você a noite toda.

Ela me dá um beijinho na bochecha.

— Vou descer em meia hora. Quero ficar olhando para o meu anel um pouquinho antes de todas as garotas lá embaixo começarem a pedir para experimentá-lo.

Ela gira o anel no dedo, admirando-o novamente.

Garotas. São tão fáceis de agradar. Eu devia começar a comprar mais dessas porcarias de joias para ela.

Eu a solto e vou até a porta.

— Não demore demais, você tem um monte de shots para tomar e me alcançar.

Abro a porta, mas paro quando ela me chama. Ao olhar para trás, ela está sentada de novo na cama.

— Eu te amo — diz, seus doces lábios curvando-se em volta daquelas palavras.

Isso me deixa desesperado de vontade de estar dentro dela.

Vou estar. Mais tarde.

— Sei que ama, baby. Seria idiota não amar.

Fecho a porta e desço de novo. Eu provavelmente não devia ter dito isso, mas ainda estou meio amargurado pelo jeito como ela me fez sentir quando a flagrei encarando Carter. Quando atravesso a sala, Kevin ainda está em pé na mesa com toda a bebida. Pego um shot da sua mão.

— Mais um — exijo, apontando para a garrafa e virando o copo em minha mão.

Vou precisar do dobro do que já tomei para acalmar meu sangue, fervendo só de pensar em Carter e Sloan.

Por falar em Carter...

Eu o vejo pelo canto do olho assim que ele se inclina e cochicha alguma coisa no ouvido de uma morena baixinha. Ela ri e bate no peito dele. Meu olhar segue as mãos dele, que estão na cintura dela, imprensando-a na parede.

Sloan tem razão. Estou sendo paranoico. Se estivesse rolando alguma coisa entre Carter e Sloan, ele estaria me encarando ou procurando por ela. Não deslizando a língua pelo pescoço de uma garota qualquer, como está fazendo neste exato momento.

Bom para ele. Acho que é a primeira vez que o vejo se soltar um pouco. Deve ter sido a meia garrafa de champanhe que virou durante o discurso.

Tomo mais um shot e passo pelos dois a caminho da porta dos fundos. Dou um tapinha nas costas de Carter, mas

acho que ele não percebe. As pernas da menina estão em volta de sua cintura. Ela tem pernas bonitas pra caralho.

Filho da puta de sorte.

Roço levemente os dedos por uma das pernas dela ao passar. Carter ainda está com a boca enterrada no pescoço da garota, mas ela olha nos meus olhos quando me sente tocá-la. Dou uma piscadela e ando na direção da porta.

Não dou cinco minutos para ela inventar uma desculpa e me seguir para fora da casa.

Eu devia me sentir mal com isso, por roubar a garota de Carter bem debaixo da fuça dele. Mas o babaca ocupou minha cabeça mais do que o suficiente nas últimas vinte e quatro horas em relação a Sloan. É o mínimo que ele merece.

VINTE E OITO

Carter

– Ele já saiu? — sussurro no ouvido dela.

Tillie confirma e desenlaça as pernas da minha cintura.

— Já — responde, secando o pescoço. — Sei que você teve que parecer convincente, mas, por favor, nunca mais encoste a língua em mim. Que nojo. — Eu rio. Ela ajeita o cabelo passando os dedos pelos fios. — Agora suma. Tenho trabalho para fazer. Pode ser até mais fácil do que eu tinha imaginado.

Ela bate a mão em meu peito e me empurra para o lado, saindo pela porta dos fundos em busca do seu novo projeto. *Asa*.

Tillie já ajudou em algumas missões nas quais trabalhei, mas geralmente ela é a acompanhante de Dalton.

Achei que trazê-la aqui esta noite não só viria a calhar para mim, como também para a investigação. Se existe alguém capaz de tirar os olhos de Asa de Sloan por um tempo, esse alguém é Tillie. Não por causa de sua aparência, mas porque ela é um camaleão. Pode se tornar quem for preciso para entender a mente de um cara, e Asa Jackson é o próximo da sua lista.

Quando ela desaparece do lado de fora, olho pela sala para ter certeza de que ninguém está prestando atenção em mim. Quando percebo que estou livre, vou até a escada.

É claro que não foi para ir de fininho até o quarto de Sloan que chamei Tillie. Na verdade, Dalton me mandou ficar longe de Sloan esta noite e aguardar até domingo para lhe dar atenção, quando Asa estiver longe de nós dois.

Felizmente, Dalton está lá fora. Assim como Asa.

E agora Tillie também. Tenho pelo menos dez minutos para ver como Sloan está.

Ela provavelmente está confusa com o brinde que fiz lá embaixo. Caramba, nem eu entendi ainda o motivo de Asa ter me pedido para fazer isso, para início de conversa. Ou ele está começando a confiar em mim, ou é uma daquelas situações *mantenha seu inimigo por perto*.

Não perco tempo batendo ao chegar no quarto dela. Abro a porta e a fecho com a mesma rapidez. Em seguida a tranco, só por precaução. Sloan está sentada na cama e, assim que levanta a cabeça e percebe que sou eu, fica de pé.

— Carter — diz ela, secando uma lágrima. — Você não devia estar aqui.

Nossa, ela está linda. Fiquei tão enjoado quando vi Asa descendo a escada com ela no colo mais cedo, que me recusei a prestar atenção nisso. No jeito como seus cachos escuros caem em cascata pelos ombros nus, a maneira como seu vestido justo a abraça da forma que eu queria estar fazendo agora. *Porra*. Sei que fui obrigado a tomar meia garrafa de champanhe para suportar aquele brinde, mas só está começando a fazer efeito agora.

Passo por ela sem tocá-la e vou até a janela, de onde olho para o quintal. Asa está numa espreguiçadeira ao lado da piscina, Tillie está sentada numa cadeira perto dele. Ela está inclinada para a frente, envolvendo-o numa conversa. As mãos dele estão relaxadas atrás da cabeça, e até mesmo daqui percebo que ele está encarando os seios dela.

Dalton está conversando com Jon do outro lado da piscina.

Olho de volta para Sloan, que está em pé atrás de mim, balançando a cabeça.

— Por que você está aqui? Ele já está desconfiando, Carter. Está *louco*?

Confirmo com a cabeça.

— Parece que sim.

Nervosa, Sloan está abraçando a si mesma e olhando para mim. Meu coração parece prestes a atravessar o peito. Sinto isso às vezes, quando faço coisas idiotas.

— Quer que eu saia? — pergunto.

Ela puxa o lábio inferior e o morde por um instante.

— Ainda não — sussurra.

Eu a alcanço e puxo seu braço direito para longe do peito. Passo os dedos por sua aliança.

— Não posso fazer isso enquanto você estiver com este anel.

Tiro a joia de sua mão e a jogo na cama.

— Fazer o quê? — sussurra ela, me olhando com uma antecipação considerável.

Reduzo o espaço entre nós dois.

— Beijar você. — Levo as mãos até seu rosto, passando-as lentamente por seu cabelo, até sua nuca. — Vou beijar você até eu ficar sóbrio ou ser pego. O que acontecer primeiro.

O peito de Sloan sobe quando ela arfa.

— Rápido — diz, sem fôlego.

Rápido é a última coisa que vou ser quando se trata dela.

Inclino a cabeça, sentindo seus dedos agarrarem a frente da minha camisa. Mal encosto meus lábios nos seus, passando a boca de forma tão leve quanto uma pena na dela. Nós dois soltamos uma respiração trêmula assim que

fazemos contato; uma respiração que estávamos segurando desde o primeiro dia em que nos vimos na aula.

Ela está na ponta dos pés, precisando que eu a beije completamente, que enfim dê a ela o que nós dois queremos. Em vez disso, afasto a cabeça e a encaro. Sloan abre os olhos quando percebe que estou fazendo exatamente o oposto do que quer.

Encaro sua boca, querendo saboreá-la por mais um segundo antes de devorá-la. Coloco a mão direita em seu rosto, esfregando lentamente meu polegar pelo seu lábio superior.

— Por que está demorando tanto?

Encaro a boca de Sloan conforme contorno seu lábio superior com o polegar.

— Estou com medo de não conseguirmos mais parar quando começarmos.

Ela desliza as mãos pelo meu pescoço, me causando arrepios.

— Acho que você devia ter pensado melhor nisso antes de entrar no meu quarto. É meio tarde demais para mudar de ideia agora.

Concordo com a cabeça, puxando-a para mim. Abraço suas costas com uma das mãos e mantenho a outra em seu cabelo.

— É. Definitivamente é tarde demais.

Pressiono meus lábios nos dela e minha pulsação acelera sob a minha pele. Ela abre a boca para minha língua passar, e quando finalmente sinto seu gosto, ela é tão doce que gemo. Sua boca é quente, seus lábios, frios, e o jeito como ela me beija de volta faz o quarto parecer mais quente que o inferno. Tento puxá-la para mais perto, beijá-la

mais intensamente, mas não é o bastante. Estamos agarrados um ao outro, tentando conseguir mais com esse beijo do que sabemos que podemos. Mas os lábios dela, seus puxões, seus gemidos...

Não consigo parar.

Não consigo parar.

Acabamos com as costas de Sloan contra a parede e minhas mãos ao lado de sua cabeça. Nosso beijo desacelera, acelera, desacelera de novo.

E para.

Estamos praticamente ofegando quando olho para ela. Sloan retribui meu olhar com a expressão mais trágica de todas. Beijo-a suavemente na boca, depois na bochecha. Encosto a testa na dela enquanto recuperamos o fôlego.

— É melhor eu ir para casa — sussurro. — Preciso fazer isso antes que minha estupidez mate você.

Ela concorda e desesperadamente agarra meus braços.

— Me leve com você.

Eu não me mexo.

— Por favor — insiste Sloan, seus olhos se enchendo de lágrimas. — Vamos. Agora, antes que eu mude de ideia. Quero sair daqui e nunca mais voltar.

Merda.

Ela está mesmo dizendo isso?

— *Por favor*, Carter. — Suas palavras soam desesperadas. — Podemos tirar meu irmão da clínica para Asa não ter como usá-lo contra mim. E onde quer que paremos, vou dar um jeito de dar a ele os cuidados de que precisa. Só vamos embora.

Meu coração está murchando, assim como a esperança dela está prestes a murchar também. Se ao menos ela soubesse o quanto eu queria poder fazer isso...

Começo a balançar a cabeça e ela leva as mãos dos meus braços até meu rosto. Uma lágrima grande cai de um de seus olhos.

— Carter, *por favor*. Não deve nada a ele. Você pode sair. Nós dois podemos. Agora mesmo.

Fecho os olhos com força e apoio a testa na lateral da cabeça de Sloan. Meus lábios estão diante de seu ouvido quando sussurro:

— Não é tão fácil assim, Sloan.

Se dependesse de Luke — e se Carter não precisasse existir —, já estaríamos do outro lado do estado. Mas se eu tirá-la daqui esta noite, se eu simplesmente fugir e abandonar Ryan no meio disso tudo... isso comprometeria a investigação inteira. Tornaria Asa ainda mais perigoso. E eu decepcionaria uma porrada de gente, isso sem falar que estaria desistindo de toda a minha carreira. Eu não teria nem como sustentá-la.

— Eu quero tirar você daqui, Sloan. Só não posso ir embora ainda. Não posso explicar por que e não sei quando vou poder, mas eu vou. Prometo. Juro.

Dou um beijo na lateral de sua cabeça, e Sloan começa a chorar. E por mais que eu queira segurá-la em meus braços até sua devastação passar, não posso. Cada segundo neste quarto com ela é mais um segundo arriscando sua vida.

Pressiono minha boca na dela uma última vez e então me afasto. Sloan deixa sua cabeça tombar para trás, contra a parede, e está ainda mais triste agora do que quando entrei no quarto.

Ela continua segurando meu pulso quando tento ir embora. Como se recusa a soltar, levanto seus dedos dos meus pulsos, soltando-a. Observo seus braços caírem, moles, ao lado do corpo. Ter que me afastar dela assim é devastador, no mínimo.

É trágico.

E é onde o amor encontra você... nas tragédias.

VINTE E NOVE

Sloan

Nunca perdi uma única visita de domingo ao meu irmão. E mesmo que eu tenha ficado na cama desde que Carter foi embora na sexta à noite, fingindo estar doente, de alguma maneira consegui sair do fundo do poço hoje.

Asa e todos os seus amigos foram ao cassino. É uma viagem de três horas de carro para o norte, e meu irmão fica a uma hora para o sul. É triste, mas sinto que quanto mais distância eu colocar entre Asa e eu hoje, melhor vou me sentir. Mais capacidade vou ter de respirar.

Pouco antes de sair do quarto, paro na porta. Ergo a mão direita e tiro o anel, deixando-o em cima da cômoda. Vou chegar em casa bem antes de Asa voltar, então ele não vai notar que não o usei hoje.

Mas minha mão vai parecer milhões de quilos mais leve.

Paro na cozinha para preparar alguma coisa para beber na estrada. Quando vou até o freezer para pegar gelo, meus olhos se fixam nas novas palavras rabiscadas no quadro de avisos.

Picles não se sentem culpados quando as pessoas cantam, então por que os lençóis nunca são

dobrados às terças-feiras?

Não faço ideia de quando Carter escreveu isso, mas sei que foi para tentar fazer com que eu me sentisse melhor pela maneira como ele teve que ir embora na sexta. Foi para tentar me fazer rir.

Funciona, porque estou sorrindo pela primeira vez em dois dias quando abro o freezer.

Encho o copo de gelo e refrigerante, depois pego uma lata a mais para Stephen. Eles não deixam meu irmão guardar refrigerante no quarto por causa das suas

restrições, então sempre levo uma lata escondida para ele aos domingos. Com a permissão do médico, é claro. Só não conto isso a Stephen.

Pego a bolsa, as chaves e as bebidas e ando na direção da porta quando recebo uma mensagem. Espero até estar dentro do carro para tirar o telefone da bolsa e ler.

Carter: Me busque na esquina da Standard com a Wyatt.

Quero ir com você.

Meu rosto esquenta com a mensagem inesperada. Achei que ele estava com Asa e os outros caras hoje.

Começo a responder, mas chega mais uma mensagem.

Carter: Outra coisa. Nunca responda as minhas mensagens.

E delete as duas.

Faço o que ele pede e saio da entrada da garagem rumo à esquina da Standard com a Wyatt. Fica a apenas duas ruas de casa, e sei que ele quer que eu o busque lá porque é mais seguro do que ele simplesmente parar o carro diante da casa. Mas ainda estou confusa em relação a como ele sabia que eu ia a algum lugar hoje.

Fico ansiosa enquanto procuro por ele. Quando viro na esquina da Standard, ele está exatamente onde prometera que estaria, sentado sozinho no meio-fio, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans. Ele sorri ao me ver e isso dói. E é incrível. Quando paro o carro, ele abre a porta e entra.

— O que você está fazendo? — pergunto.

— Indo visitar seu irmão com você.

— Mas... como? Como conseguiu escapar do cassino? E como sabia que horas eu ia sair?

Carter sorri e se inclina para mim, colocando a mão em meu cabelo. Ele encosta os lábios nos meus e responde:

— Tenho meus métodos. — Ele me beija e volta para seu lado do carro, colocando o cinto. — Se achar arriscado demais eu entrar no prédio com você, não me importo de esperar no carro. Eu só precisava muito de um tempo sozinho com você.

Tento sorrir, mas estar assim tão perto de Carter me faz lembrar da noite de sexta-feira, e em como fui patética ao implorar para que ele me levasse embora.

Eu não estava raciocinando direito. Não posso simplesmente virar as costas e ir embora. Estou no meio da faculdade. Não posso tirar Stephen da clínica e arrastá-lo numa viagem de carro pelo país. Ele está feliz lá, e eu o estaria prejudicando.

Só quero tanto sair dessa... E depois de sentir o que senti quando Carter me beijou, deixei as emoções tomarem conta. E desejei que ele estivesse errado, que realmente pudesse me salvar.

Carter pega minha mão.

— Sloan, pode me prometer uma coisa hoje?

Olho para ele.

— Depende do quê.

— Estou vendo pela sua expressão que está pensando na noite de sexta. Não vamos falar sobre Asa hoje. Ou sobre o que nós dois sabemos que precisa acontecer. Não quero nem discutir a possibilidade de sermos pegos, ou como sou burro por estar indo com você. Vamos ser apenas Sloan e Luke hoje, ok?

Ergo uma sobrancelha.

— *Luke?* Quem é Luke? Vamos fingir ser outras pessoas?

Ele enrijece a mandíbula e diz:

— Quis dizer Carter. Eu usava o nome do meio quando era mais novo. Hábito difícil de largar.

Balanço a cabeça e rio.

— Deixo você tão nervoso assim que não lembra nem o próprio nome?

Ele aperta mais minha mão e sorri.

— Pare de zombar de mim. E nunca me chame de Luke. Só meu avô me chamava assim e é estranho.

— Ok, mas não vou mentir. Eu meio que gosto de Luke. Luke.

Ele se aproxima e aperta meu joelho.

— Sloan e *Carter*. Vamos ser Sloan e Carter hoje — corrige ele novamente.

— E quem sou eu? — provoco. — Sloan ou Carter?

Ele ri, tira o cinto de segurança e se inclina no banco. Então encosta a boca em meu ouvido e desliza a palma da mão pela minha coxa. Prendo a respiração e agarro com força o volante quando ele sussurra: — Você vai ser Sloan. Eu vou ser Carter. E quando estivermos voltando para casa esta tarde, vamos parar em algum lugar tranquilo e você pode ser Sloan no banco de trás *com* Carter. Acha uma boa?

Solto a respiração enquanto confirmo com a cabeça:

— Aham.

TRINTA

Carter

– Quando foi a última vez que Asa veio visitá-lo? — pergunto.

Ela desliga o motor e começa a juntar seus pertences.

— Há dois anos. Ele só veio uma vez. Disse que se sentiu desconfortável.

Claro que ele diria isso.

— Então ninguém acharia estranho se eu entrasse com você?

Sloan balança a cabeça.

— Acho que os funcionários estão tão acostumados a me verem sozinha que só ficariam curiosos por eu finalmente aparecer com alguém. Mas não ficariam desconfiados nem contariam a Asa, considerando que nem o conhecem. — Ela joga a chave e o celular na bolsa e segura o volante. Em seguida, fica encarando o estacionamento. — Isso é muito triste, não é? Eu não ter ninguém? *Literalmente* ninguém. Sempre apenas Stephen e eu contra a porcaria do mundo todo.

Chego perto dela e coloco uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. Quero consolá-la, dizer que ela tem a mim. Mas Sloan está sendo tão sincera agora que não quero contar mais uma mentira. Ela não sabe nem meu nome verdadeiro, e quanto mais mentiras eu contar em momentos como este, mais difícil vai ser para ela me perdoar quando descobrir a verdade.

E ela *quase* descobriu mais cedo. Juro por Deus, às vezes me pergunto como consegui esse emprego. Sou o pior policial infiltrado que já existiu. Sério, deviam me chamar de Pantera Cor-de-Rosa.

Às vezes acho que talvez ela entendesse se eu lhe contasse a verdade. Que talvez pudesse ajudar de alguma maneira. Mas eu só a colocaria em mais perigo ainda, e já estou fazendo isso o bastante.

Talvez com o tempo eu consiga fazê-la ganhar a confiança de Ryan, e ele veja a vantagem de contar tudo a Sloan. Mas por enquanto é melhor ficar de boca fechada.

Sloan ainda está inexpressiva, encarando a janela, então a puxo para mim e a abraço. Ela retribui meu abraço e suspira em meu pescoço, e desejo que Asa morra na porcaria da volta do cassino.

Merda. Isso foi demais.

Mas será que Asa não vê como seria melhor para a vida de todos ao redor se ele não existisse?

Claro que não. Um narcisista sádico não vê nada além do próprio umbigo.

— Você dá abraços muito bons — diz Sloan.

Eu a abraço mais forte.

— Acho que você apenas não recebeu abraços suficientes na vida.

— Tem isso também — concorda, suspirando.

Eu a seguro por mais um instante, até ela sussurrar em meu pescoço: — Cinquenta e seis caranguejos comeram cadarços no jantar de Páscoa e depois tossiram um arco-íris pelas narinas.

Eu rio e beijo o topo da sua cabeça.

— Não dá pra comprar manteiga ilegal com uma roda de bicicleta nem com uma corda.

Sinto seu sorriso quando ela se aproxima da minha boca e me beija.

Era tudo que eu queria antes de sairmos deste carro: que ela voltasse a sorrir.

— Você disse que ele não gostou de Asa — comento, enquanto descemos o corredor na direção do quarto de Stephen. — Se ele não se comunica, como sabe se gosta ou não de alguém?

Sloan me contou mais sobre a condição do irmão enquanto caminhávamos até o quarto dele. Ela listou umas cinco coisas com as quais ele foi diagnosticado, mas não me lembro dos nomes de cada uma, então o mínimo que posso fazer é tentar entendê-las.

— Temos nosso próprio meio de comunicação. Eu praticamente criei meu irmão desde que ele era um bebê de colo. — Ela vira no corredor e aponta para outro. — Ele está aqui, no final desse.

Ainda tenho perguntas, então puxo sua mão até pararmos.

— Mas você é só alguns anos mais velha. Como assim o criou?

Ela me olha e dá de ombros.

— Fiz o que era preciso, Carter. Não tinha mais ninguém para fazer.

Acho que nunca conheci alguém como Sloan. Eu a beijo, em parte porque quero beijá-la o máximo de vezes possíveis hoje, e em parte porque ela merece um pouco mais de afeto. De afeto *sem interesses*. Eu não pretendia que o beijo durasse mais que um ou dois segundos, mas não tivemos a oportunidade de nos beijar assim desde nosso primeiro beijo. Fico imediatamente perdido nele, e todo o resto desaparece.

Até alguém atrás de nós pigarrear. Nos afastamos e vemos uma enfermeira tentando passar pela porta que

estamos bloqueando. Sloan se desculpa e começa a rir, então nos apressamos até o quarto de Stephen.

Ela bate na porta e a empurra. Sigo-a para dentro do quarto, imediatamente impressionado com o lugar. Eu esperava mais uma decoração de asilo ou de quarto de hospital, mas parece um apartamento em miniatura. Há uma pequena sala de estar anexa a um quarto e uma cozinha. Percebo que ainda assim não há fogão nem micro-ondas, o que provavelmente significa que ele precisa de alguém para preparar todas as suas refeições.

Sloan vai até a sala de estar para cumprimentar o irmão, mas espero na entrada, sem querer interrompê-los.

Stephen está sentado no sofá, assistindo à televisão. Ele olha para Sloan e eu noto imediatamente a semelhança. Eles têm a mesma cor e textura de cabelo, e os mesmos olhos.

Mas o rosto dele é inexpressivo. Ele volta a atenção para a TV e meu coração logo se aperta por Sloan. A única pessoa que ela ama no mundo não tem capacidade de expressar seu amor. Não é de admirar que ela pareça tão sozinha. Provavelmente é a pessoa mais solitária que já conheci.

— Stephen, quero que conheça uma pessoa — começa Sloan, apontando na minha direção. — Este é meu amigo Carter. Estudamos juntos.

Stephen olha para mim, mas depois se volta para a TV com a mesma rapidez.

Sloan dá um tapinha no sofá ao lado dela, me pedindo para sentar ao seu lado. Obedeço, observando-a interagir com o irmão. Ela começa a tirar coisas da bolsa. Um cortador de unha, papel, caneta, um refrigerante.

Conversa com ele o tempo todo, contando sobre a viagem até lá e dizendo o que achou do novo vizinho que ela notou no quarto ao lado.

— Quer gelo? — pergunta.

Olho para Stephen, mas ele não dá sinal de que quer qualquer coisa. Sloan aponta para a cozinha.

— Carter, pode pegar um copo com gelo para ele? E o canudo azul na gaveta do alto à esquerda?

Afirmo com a cabeça e vou até a cozinha pegar o copo de gelo. Noto que Sloan pega uma caneta e começar a escrever alguma coisa. Desliza o papel para Stephen e ele o lê imediatamente, pegando a caneta e se debruçando sobre a folha para escrever uma resposta.

Ele sabe ler e escrever? Ela não mencionou essa parte.

Quando termino de pegar o gelo, volto para a sala de estar e o entrego a Sloan. Ela escreve mais alguma coisa e devolve o papel a Stephen, em seguida servindo o refrigerante no copo. Assim que ela põe o canudo, Stephen pega a bebida de sua mão e começa a engolir. Ele devolve o papel a ela, que o passa para mim. Leio o que escreveu primeiro.

Livros feitos de jujubas ficam grudentos demais quando você usa luva de pelinhos.

Leio o que Stephen escreveu depois. Sua caligrafia não é tão legível quanto a dela, mas dá para entender o que diz:

Cestas de lagartos na minha cabeça partem o algodão ao meio para você.

Olho para Sloan e ela abre um sorrisinho. Lembro do nosso primeiro dia juntos na aula, quando a vi fazendo isso pela primeira vez. Ela falou que era só um jogo que fazia às

vezes. Acho que era a isso que estava se referindo. Sloan joga aos domingos com Stephen.

— Ele consegue ler quase tudo? — pergunto.

Ela balança a cabeça.

— Ele não entende totalmente. Eu o ensinei a ler e a escrever quando éramos mais novos, mas elaborar raciocínios completos é algo que nunca o vi fazer por escrito. Esse é o jogo favorito dele.

Olho para Stephen e pergunto:

— Posso escrever uma coisa, Stephen?

Olho para a caneta e ele a entrega a mim, mas ainda não me olha. Encosto-a no papel.

Sua irmã é incrível e você tem muita sorte de tê-la.

Dou a folha a Sloan e ela lê antes de entregá-la a Stephen. Ela fica vermelha e me cutuca de leve no ombro, passando o papel e a caneta ao irmão.

E é o que fazemos por mais dez páginas. Stephen e Sloan escrevem palavras aleatórias alternadamente, e eu apenas escrevo um monte de elogios sobre Sloan.

Sua irmã tem um cabelo lindo. Gosto principalmente de quando ela o usa cacheado.

Sabia que sua irmã limpa a bagunça de vários caras que não sabem levantar a bunda da cadeira?

E provavelmente ninguém nem a agradece. Obrigado, Sloan.

O dedo anelar da sua irmã está lindo e livre hoje.

Gosto da sua irmã. Muito.

Depois de mais ou menos uma hora, uma enfermeira entra e interrompe a brincadeira para levar Stephen à fisioterapia.

— A assistente social veio hoje? — pergunta Sloan.

A enfermeira nega com a cabeça.

— Ela não vem aos domingos. Mas quando Stephen terminar a terapia, vou deixar um bilhete para que ela entre em contato com você amanhã.

Sloan responde que seria ótimo, e vai até o irmão para abraçá-lo. Quando termina de se despedir, sinceramente fico sem saber o que fazer. Não quero fingir que sou um expert em interagir com pessoas como Stephen, mas também não quero fazer nada que não deveria.

— Posso dar um aperto de mão nele?

Sloan balança a cabeça.

— Ele não deixa ninguém tocar nele a não ser eu.

Ela entrelaça os dedos nos meus.

— Foi legal conhecer você, Stephen — digo.

Sloan pega sua bolsa e começamos a sair do quarto para a enfermeira poder fazer seu trabalho e prepará-lo para a fisioterapia. Quando já estamos quase na porta, sinto um tapinha em meu ombro. Viro o corpo e me deparo com Stephen parado na minha frente, olhando para o chão, balançando o corpo para a frente e para trás.

Ele me dá a caneta e uma folha de papel em branco. Aceito o que me oferece, sem saber como dizer a ele que estamos indo embora e não podemos mais brincar.

Olho para Sloan em busca de alguma pista do que fazer, e fico confuso com a expressão dela. Stephen volta para a

sala de estar, se afastando de nós. Olho para a folha em branco e para a caneta.

— Ele quer que você volte — sussurra ela. Quando olho novamente, Sloan está sorrindo e assentindo. — Nunca vi isso acontecer, Carter. — Ela tapa a boca com a mão e solta uma mistura do que poderia ser ao mesmo tempo uma risada e um choro. — Ele gostou de você.

Olho de volta para Stephen, que está de costas para nós. Quando me viro para Sloan, ela fica na ponta dos pés e me beija, me puxando para fora do quarto. Dobro o papel e o guardo junto com a caneta no bolso da calça.

Não sei o que eu estava esperando hoje, mas certamente não era isso.

Estou feliz por ter vindo, mas não só por causa de Sloan.

TRINTA E UM

Asa

Eu me lembro dessa porra ter sido bem mais divertida no mês passado.

Dobro a aposta e passo a mão pelo cabelo, apertando minha nuca. Estou com fome. Olho para Kevin e Dalton, que estão conversando com uma bartender que parece mais uma garota que Jon levaria para os fundos do prédio do que alguém que qualquer um dos dois entreteria.

O único motivo para Jon provavelmente *não* estar comendo-a nos fundos do prédio agora é o fato de ele ter saído com duas prostitutas baratas do estacionamento de caminhão do prédio ao lado. Provavelmente as levou ao banheiro masculino. O que me surpreende, considerando que sua cara inchada e azul parece a porra de um mirtilo.

Ele já devia ter voltado, porque tenho certeza de que não dura mais do que dois minutos com uma garota.

Haviam duas. Isso dá apenas quatro minutos, mas não o vejo há mais de uma hora.

Onde Jon se meteu?

Olho ao redor, e quando não o encontro por perto, pego minhas fichas. Grito para o outro lado da mesa — *por cima do barulho irritante dos caçaníqueis* —, avisando a Dalton e Kevin que vou procurar Jon. Dalton assente.

Atravesso até o outro lado do cassino e não o encontro. Viro e passo por uma mesa de blackjack quando meu olhar se fixa em um cara falando arrastado com um crupiê.

— Toda vez que venho nessa merda de cassino vejo os mesmos filhos da puta miseráveis debruçados sobre essas mesas, dando seus salários suados para vocês, malditos filhos da puta, e vocês continuam tirando tudo deles. Tirando, tirando, tirando.

O crupiê tira as fichas da frente do cara. Um homem do outro lado da mesa responde: — E em nove a cada dez vezes, o filho da puta miserável é você.

Eu rio e olho nos olhos do cara que acabou de falar.

E paro de rir.

Ele desvia o olhar sem qualquer vislumbre de reconhecimento.

O chorão empurra o banco para longe da mesa e se levanta. Ele aponta para o cara que estou encarando e diz:

— Você teve sorte, Paul. Foi só isso. Não vai durar.

Estou cerrando os punhos com tanta força que minhas unhas tiram sangue da minha mão. Posso senti-lo molhando minhas palmas.

Não preciso nem ouvir o nome do sujeito para confirmar que é ele. Um filho não esquece seu pai.

Não importa quão fácil tenha sido para o pai esquecer seu filho.

Dou as costas para ele e limpo o sangue das mãos na calça jeans. Tiro o celular do bolso e faço uma rápida busca no Google. Depois de alguns minutos lendo os resultados e olhando do meu telefone para ele, finalmente encontro o que estava procurando.

O filho da puta ganhou liberdade condicional no ano passado.

Deslizo o celular para o bolso e vou até o lugar vazio de frente para ele. Nunca fiquei tão tenso, mas não porque ainda tenho medo do que ele vai fazer comigo. Estou tenso porque tenho medo do que quero fazer com *ele*. Faço uma aposta e tento não encará-lo de forma muito óbvia, mas meu pai nem está prestando atenção em mim. Está concentrado no crupiê.

Seu cabelo está tão ralo que ele poderia ser considerado calvo, se não fossem pelos últimos fios aos quais pateticamente se apegou. Passo a mão pelo meu cabelo. Parece cheio como sempre.

Talvez ele tenha perdido cabelo por causa do estresse e não seja algo hereditário. Porra, espero que nada neste homem seja hereditário, ele parece uma merda de desperdício de espaço.

Eu me lembro do meu pai ser muito mais alto. Muito maior. Muito mais intimidador. Estou meio desapontado.

Na verdade, estou muito desapontado. Sempre odiei o filho da puta, mas as lembranças que tenho dele me faziam considerá-lo invencível. O que me dava a sensação de que talvez tivesse herdado um pouco disso dele.

Mas ver o que meu pai se tornou fere meu orgulho pra caralho.

— Ei, garoto — diz ele, estalando os dedos ossudos. — Tem um cigarro?

Olho nos seus olhos, e ele me encara de volta, tentando filar um cigarro da porra do seu único filho, que ele nem reconhece. Nem um pouco.

— Não fumo essa merda, babaca.

Ele dá uma risadinha e ergue a palma da mão.

— Opa, opa, amigo. Dia ruim?

Ele acha que isso sou eu tendo um dia ruim? Viro uma ficha nos dedos e me debruço sobre a mesa.

— Pode-se dizer que sim.

Ele balança a cabeça e ficamos em silêncio durante a rodada seguinte. Uma mulher mais velha, com peitos mais

enrugados que os dedos do meu velho pai, surge ao lado dele e põe o braço ao seu redor.

— Estou pronta para ir — resmunga ela.

Ele a empurra com o cotovelo e responde:

— Eu não. Avisei que ia procurar você quando estivesse pronto.

Ela geme um pouco mais até ele tirar uma nota de vinte do bolso e mandá-la ir brincar num dos caçaníqueis. Depois que a mulher sai, aceno com a cabeça em sua direção.

— Sua esposa?

Ele ri mais uma vez.

— Não. Porra, não mesmo.

Viro a primeira carta. É um dez de copas.

— Já foi casado? — pergunto.

Ele leva uma das mãos ao pescoço e o estala, mas não me olha.

— Uma vez. Não durou muito.

É, eu sei. Eu estava lá.

— Ela era uma vadia? — insisto. — Por isso não está mais casado com ela?

Ele ri e me olha nos olhos de novo.

— Era. É, ela era.

Solto a respiração lentamente, e viro minha segunda carta. Um ás de paus.

Blackjack.

— Eu vou me casar — digo. — Mas minha noiva não é uma vadia.

Acho que não devo estar fazendo sentido algum para ele, porque inclina a cabeça e estreita um pouco os olhos. Então ele se debruça sobre a mesa e bate na beirada.

— Deixe eu dar um conselho, filho.

— Não me chame de *filho*.

Ele faz uma pausa e reconheço um pouco do olhar de condescendência que ele costumava me dar. Então continua:

— *Todas* elas são vadias. Você é jovem, não se prenda. Aproveite a vida.

— Eu *aproveito* a porra da minha vida. Aproveito pra caralho.

Ele balança a cabeça e balbucia:

— Você é o filho da puta mais nervosinho que já conheci.

Ele tem razão. Sou mesmo.

Nunca estive tão nervosinho quanto agora.

Quero subir na mesa e enfiar minhas cartas pela goela dele, por mais que eu esteja ganhando.

O crupiê anuncia minha vitória, mas me levanto e me afasto antes de fazer alguma estupidez dentro de um prédio cheio de câmeras de segurança e guardas.

— Senhor! — exclama o crupiê. — Não pode deixar suas fichas!

— Fique com as fichas, porra!

Atravesso o cassino de um lado a outro o mais rápido que consigo. Finalmente encontro Jon, rodeado pelas duas prostitutas na merda de um jogo de bichona de Roda da Fortuna.

— Vá atrás de Dalton e Kevin. Estamos indo embora.

Vou até a saída e, assim que empurro as portas, me curvo, arfando em buscar de ar.

Não sou como ele.

Não sou *nada* como ele.

Ele é patético. É fraco. É a porra de um *careca*, cacete!

Minhas mãos estão tremendo.

— Ei! — Chamo a atenção de um cara que acabou de sair. — Pode me arranjar um desses?

Ele põe um cigarro na boca para pegar outro no bolso. Depois o entrega para mim e me oferece um isqueiro.

Eu o aceito e murmuro um obrigado, em seguida dou um longo trago. Ainda estou andando de um lado para o outro quando os caras finalmente saem.

Mas não muito atrás deles, eu o vejo outra vez, a prostituta de peitos enrugados pendurada em seu braço.

Estão indo para a saída.

— Vamos nessa — diz Jon, quando todos saem.

Balanço a cabeça sem tirar os olhos do meu pai.

— A gente já vai.

Continuo encarando os dois enquanto se aproximam. Assim que abrem a porta e saem do prédio, os olhos do meu pai encontram os meus. Ele nota o cigarro na minha boca quando passa por mim.

— Achei que tinha dito que não fumava.

— Não fumo — respondo, soprando a fumaça na cara dele. — É meu primeiro.

Mais uma vez aquela expressão condescendente. É a mesma expressão que ele me dava quando eu era criança, só que dessa vez não vem acompanhada de uma surra.

Da parte dele, pelo menos.

Eles continuam andando, e quando estão a um metro e meio de distância, digo: — Tenha uma tarde adorável, Paul Jackson.

Meu pai para de andar, esperando alguns segundos antes de se virar para trás. Quando finalmente o faz, eu noto. Reconhecimento. Ele inclina a cabeça e diz:

— Eu não disse meu nome para você.

Dou de ombros e deixo o cigarro cair no concreto, pisando nele com o calcanhar do sapato.

— Foi mal. Acho que eu devia ter dito *pai*.

Não tenho dúvidas de que é mesmo reconhecimento estampado em seu rosto.

— Asa?

Ele dá um passo para a frente, mas esse foi seu segundo erro.

O *primeiro* foi não se lembrar de mim, para início de conversa.

Ando a passos largos e avanço nele com ambos os punhos. Aquele patético de merda cai no chão antes mesmo de eu acertar um soco em cheio nele. Sinto um dos caras tentando me tirar de cima dele. A piranha está gritando no meu ouvido, arranhando meu rosto, tentando me afastar dali.

Dou outro soco nele. Dou um soco por cada ano em que ele me deixou sozinho. Dou um soco por cada vez que ele chamou minha mãe de vadia. Dou um soco por cada

conselho fodido que ele já me deu. Continuo socando-o até minhas mãos estarem cobertas de sangue e eu não conseguir mais ver o rosto do meu pai. Há tanto sangue que tenho certeza de que confundo o concreto com sua cabeça, porque é no concreto que o soco dói mais.

Quando os caras finalmente me tiram de cima dele e começam a me arrastar até o carro, sinto aquela merda molhada no meu rosto. A merda que meu pai dizia ser o que diferenciava homens de mariquinhas.

Sim, estou falando de lágrimas. Eu as sinto e não posso segurá-las. Nunca me senti tão poderoso e tão fraco em toda a minha bosta de vida.

Não faço ideia de como vou parar no banco do carona, nem de quem me coloca lá, mas estou espancando a porra do painel do carro, socando-o com tanta força que ele racha. Kevin está saindo depressa do estacionamento, aposto que tentando escapar da segurança antes que encontrem a merda sangrenta que larguei na porta de entrada deles.

Jon se estica até o meu banco e tenta prender meus braços atrás de mim, mas ele é mais burro do que eu pensava se acha que vai conseguir me segurar. Solto meus braços e volto a socar o painel. Vou socá-lo até minhas mãos ficarem dormentes ou até essa merda parar de escorrer da porra dos meus olhos.

Não estou me tornando ele. Não estou me tornando a porra daquele cretino patético.

Não quero mais me sentir assim.

— Alguém me dá a porra de alguma coisa! — grito.

Sinto como se meus ossos estivessem tentando atravessar minha pele. Puxo o cabelo e soco a porra da janela.

— Não consigo respirar!

Kevin abre a janela, mas não adianta.

— *Me dá* alguma coisa! — insisto. Eu me viro para trás e tento agarrar Jon, mas ele se recosta e levanta a porra da perna como se isso fosse protegê-lo de mim. — Agora!

— Está no porta-malas! — grita Jon. — Que merda, Kevin! Pare o carro para conseguirmos acalmá-lo!

Eu me sento de frente de novo e soco o painel mais uma vez. Vários socos depois, Jon volta a entrar no carro.

— Me dá dois segundos — pede.

Ele é um mentiroso da porra, porque está mais para dez segundos o tempo que leva para me entregar a agulha. Arranco a tampa com os dentes e a enfio no braço.

Eu me recosto no banco.

— Vá — digo a Kevin.

Fecho os olhos e sinto o carro começar a andar.

Não sou nada parecido com ele.

E elas não são todas vadias. Sloan não é uma vadia.

— Ela é heroína — sussurro. — Heroína é legal.

TRINTA E DOIS

Carter

– Está com vontade de comer o quê? — pergunto.

Sloan quis que eu dirigisse na volta, então estou procurando um restaurante pelos últimos oito quilômetros.

— Não ligo. Qualquer coisa menos comida grega.

— Não gosta de comida grega?

Ela dá de ombros.

— Gosto. Mas não tem nenhum restaurante grego até a próxima cidade e estou com fome. Se você quisesse comida grega, eu teria que esperar demais para comer.

Eu rio. Sloan é adorável pra caralho. Eu me estico para pegar sua mão, mas recebo uma mensagem. Eu normalmente não leio enquanto dirijo, ainda mais com Sloan no carro, mas Dalton disse que me avisaria se eles resolvessem voltar mais cedo.

E, claro, a mensagem é dele.

Dalton: Hora de voltar. Asa não está bem.

Ah, merda. Será que meu desejo de que ele morresse foi atendido?

Eu: Sofreram algum acidente de carro?

Dalton: Não. Ele deu uma surra no pai e está tendo a porra de um colapso nervoso.

Dalton: Não para de falar em Sloan, é bom ela estar lá quando ele voltar. Nunca vi o cara desse jeito.

Apago as mensagens e ponho o celular de volta no apoio de copo. Seguro firme o volante.

— Desculpe, mas não podemos parar para comer. Dalton disse que Asa surtou e eles estão voltando.

— Surtou?

— É, alguma coisa com o pai dele... Aparentemente deu uma surra no pai no cassino.

Sloan olha pela janela.

— O pai dele está vivo?

Olho para ela. Sloan não sabia que o pai de Asa foi condenado por assassinato? Acho que faz sentido ele não ter contado. Não é uma coisa que alguém gostaria que a namorada soubesse.

— Ele não sabe que você está comigo. Não precisamos voltar agora. Estou com fome — insiste ela.

Odeio ter que forçá-la a voltar para casa quando ela precisava ficar longe de lá.

— Dalton disse que Asa faz questão que você esteja lá. Ele parece estar muito mal.

Ela suspira.

— Não é problema meu. Por que Dalton sabe que você está comigo, aliás? Não confio nele. Nem em Jon.

Nem em Kevin.

— Não se preocupe. Confio minha vida a Dalton. — Pego a mão dela e a puxo para o meu colo. — Vou parar onde deixei meu carro e de noite passo na sua casa. Acho que precisa ter um intervalo entre você chegar e eu aparecer.

Ela assente, porém não diz mais nada no caminho. Estamos temendo o inevitável, que é dar de cara com um Asa Jackson instável. Ele já é ruim o suficiente quando está de *bom* humor. Não quero nem pensar em como vai tratar Sloan esta noite.

Quando chegamos ao meu carro, olho em volta para ter certeza de que não tem ninguém por perto.

Estacionei a alguns quilômetros da casa dela e andei o restante do caminho.

Antes de sair do carro, puxo-a para perto e a beijo. Ela retribui meu beijo e suspira, o que é meio triste.

Como se estivesse cansada de se despedir assim.

— Por que parece que toda vez que damos um passo à frente, somos forçados a dar mais dez para trás? — pergunta ela.

Afasto uma mecha de cabelo de sua testa.

— Vamos ter que começar a dar passos mais largos para a frente.

Ela força um sorriso e confessa:

— Odeio que não vou poder falar com você quando estiver lá em casa hoje à noite. Ou tocar em você.

Beijo a testa dela.

— Eu também. Devíamos combinar um sinal para usar, já que não podemos nos falar. Algo sutil, que só a gente perceba.

— Tipo o quê?

Levo a mão até meu rosto e passo o polegar pelo lábio inferior.

— Este é o meu — digo.

Ela enruga o nariz tentando pensar no dela.

— Você podia torcer uma mecha de cabelo em volta do dedo — sugiro. — Gosto quando faz isso.

Ela sorri.

— Está bem. Se me vir fazendo isso, significa que eu queria estar sozinha com você.

Ela pega uma mecha de cabelo e a enrola no dedo.

Eu me inclino e a beijo, então me forço a sair do carro. Espero ela se afastar antes de mandar mais uma mensagem para Dalton.

Eu: Não a deixe sozinha com ele antes de eu chegar lá.

Tenho medo do que pode acontecer.

Dalton: Entendido. Não sei direito o que está havendo com Asa. Ele injetou, dormiu dez minutos, e agora está falando sem parar. Fica falando que quer espaguete e que tem cabelo grosso. Não faz nenhum sentido. Até fez Kevin passar a mão no cabelo dele.

Porra. Ele já é imprevisível normalmente. Isso não é bom.

Eu: Me avise assim que chegar. Vou esperar uma hora e então ir para a casa.

Dalton: Boa ideia. A propósito, ele acabou de me olhar e dizer que você era LSD. O que acha que significa?

Eu: Não faço ideia, porra.

Dalton: Ele falou que "Carter causa as piores alucinações e é difícil pra caralho de achar. Ele é LSD."

Eu: Asa está completamente louco.

TRINTA E TRÊS

Sloan

Meu telefone toca assim que passo pela porta da frente. Olho para ele e descubro que é Asa.

Ótimo.

Deslizo o polegar pela tela para atender.

— Oi.

— Oi, baby — diz ele. Parece ter acabado de acordar, mas dá para ouvir que continua no carro. — Está em casa?

— Sim. Acabei de entrar. Ainda estão no cassino?

— Não. Voltando.

É, fiquei sabendo.

— Estamos com fome. A gente quer espaguete. Pode fazer?

— Estou cheia de dever de casa. Não estava planejando cozinhar hoje.

Ele suspira e diz:

— É, bom, eu não estava planejando sentir vontade de comer espaguete.

— Parece que temos um dilema — respondo, desinteressada.

— Faça a porra do espaguete, Sloan. *Por favor*. Estou tendo um dia ruim aqui.

Fecho os olhos e afundo no sofá. Vai ser uma noite longa. É melhor eu fazer com que seja o mais tranquila possível para mim.

— Ok, vou preparar espaguete para você. Quer almôndegas por cima, querido?

— Eu adoraria almôndegas. A gente quer almôndegas, né, pessoal?

Escuto alguns dos caras no carro murmurarem que sim.

Jogo as pernas por cima do braço do sofá e coloco o telefone no viva voz, apoiando-o no peito.

— Por que está tendo um dia ruim?

Ele fica quieto por um tempo, e então responde:

— Já contei a você sobre meu pai, Sloan?

— Não.

Ele suspira.

— Exatamente. Não tem porra nenhuma para contar.

Caramba. O que esse homem fez a ele? Esfrego a têmpora com os dedos.

— Que horas você chega?

Asa não responde. Em vez disso, pergunta:

— Carter está aí?

Eu me sento imediatamente. Culpe a paranoia, mas minha voz fica um pouco mais hesitante. Tento disfarçar quando respondo:

— Não, Asa. Ele está com você.

Há uma breve pausa.

— Não, Sloan. Ele *não* está.

A ligação fica ainda mais silenciosa, e quando olho para a tela, percebo que ele desligou. Pressiono o aparelho contra a testa. *O que será que ele sabe?*

Uma hora mais tarde, todos eles entram pela porta da frente. Ainda não terminei de cozinhar o espaguete porque precisei ir ao mercado comprar a porcaria da massa. Asa

aparece na cozinha e fico ofegante quando o vejo. Sua camisa está coberta de sangue e sua mão está quase irreconhecível. Imediatamente corro para pegar o kit de primeiros socorros na despensa.

— Venha cá — digo, chamando-o até a pia.

Molho a mão dele, tentando encontrar de onde está saindo tanto sangue, mas parece estar vindo de toda parte. Os punhos de Asa parecem estar em carne viva. Meu estômago se revira, mas me obrigo a terminar a limpar para fazer um curativo e não ter que olhar mais.

— O que foi que você *fez*, Asa?

Ele se encolhe e olha para a própria mão. Então dá de ombros.

— Não o bastante.

Passo pomada em toda sua mão e a enfaixo, mas isso mal vai ajudar. Ele provavelmente precisa levar pontos. Muitos pontos.

Sinto sua mão apertar a minha com força, e meus olhos se fixam nos dele.

— Cadê a porra da sua aliança?

Merda.

— Na cômoda. Não queria que sujasse enquanto eu cozinhava.

Ele se levanta e puxa meu braço, me empurrando na direção da escada. Sinto o puxão reverberar até meu pescoço.

— Asa, para!

Mas ele não me solta. Enquanto me arrasta pela sala, Dalton se levanta.

— Asa — chama ele.

Mas Asa não dá atenção. Para não cair, preciso correr para acompanhá-lo enquanto ele sobe dois degraus de cada vez. Asa empurra a porta do quarto e pega o anel na cômoda, levantando minha mão direita.

— Você vai ficar com a porra da aliança na mão. Por isso comprei, para os outros saberem que não podem mexer com você.

Ele bate meu braço na cômoda e abre a primeira gaveta, imobilizando minha mão embaixo da dele.

— O que você está fazendo? — pergunto, com medo da resposta.

Ele abre a segunda gaveta e remexe seu conteúdo.

— Ajudando você a se lembrar de nunca tirá-la — diz ele, pegando um tubo e batendo a gaveta ao fechá-la.

Meus olhos notam o tubo de cola em sua mão.

A merda que isso vai dar.

Tento puxar a mão de volta, mas ele usa ainda mais força para prender meu pulso. Ele tira a tampa da supercola e começa a esguichá-la em meu dedo, espalhando-a debaixo do anel.

As lágrimas começam a arder em meus olhos. Nunca o vi assim e não quero piorar ainda mais as coisas.

Paro de lutar e fico o mais imóvel possível, apesar do meu coração disparado. Carter não está aqui, e sinceramente estou com medo demais para brigar neste instante, porque não sei se algum daqueles caras lá embaixo me defenderia.

Asa joga o tubo de cola na cômoda e ergue minha mão, soprando para secar. Ele fica me encarando durante todo o

tempo em que sopra. Seus olhos estão sombrios. Enormes, sombrios e aterrorizantes.

— Terminou? — sussurro. — Não quero cozinhar demais seu espaguete.

Ele sopra minha mão por mais alguns segundos e então se inclina e a beija.

— Pronto. Agora você não vai mais esquecer.

Ele é louco. Ele é louco pra caralho. Acho que eu sempre soube que ele não era uma boa pessoa, mas não fazia ideia de como era louco até olhar em seus olhos agora há pouco.

Asa me segue para fora do quarto e escada abaixo. Dalton está em pé na frente da escada, e vejo a preocupação em seu rosto.

Ainda assim não confio nele.

Volto para a cozinha e vou direto para o fogão. Tiro o macarrão da panela e começo a derramá-lo na peneira quando um carro para na entrada.

Carter.

Termino de escorrer o macarrão, o tempo todo olhando para meu anel.

Não está nem reto. Vai ser uma merda tirar a cola, e isso provavelmente vai levar dias. O mínimo que o babaca podia ter feito era colar direito. Isso vai me deixar totalmente louca.

Não olho para a porta da frente quando ela se abre. Volto para o fogão e mexo o molho do espaguete, então checo as almôndegas no forno. Asa está na pia, lavando o sangue dos braços, quando Carter entra na cozinha e abre a geladeira.

— O que aconteceu com você? — pergunta ele.

Não entendo o que Asa responde, porque minha pulsação ainda está acelerada em meus ouvidos, mas Carter ri.

— Levaram a grande bolada?

Eu me viro e ando até a pia, vendo Carter de relance.

Asa balança a cabeça e diz:

— Nada. Nada como a bolada que estava enroscada em você na sexta à noite.

Parece que todo o sangue se esvai do meu coração. Não consigo olhar para Carter agora. Não posso. Ou Asa está me testando para ver se reajo àquela declaração, ou Carter não é nada do que achei que fosse.

— Ela era a porra de uma safada — acrescenta Asa. — Bom trabalho, cara. Definitivamente fiquei impressionado.

Vou até o forno dar uma olhada nas almôndegas, mas é uma desculpa para olhar a cara de Carter. Ele toma um gole da cerveja, sem estabelecer contato visual comigo.

— É só uma amiga — responde ele.

Preciso segurar a porta do forno com toda a minha força, porque sinto que estou prestes a desabar no chão.

Que garota? Quando? Sexta à noite foi quando Carter entrou no meu quarto e me beijou. Como não fiquei sabendo que ele estava aqui com outra pessoa?

Estou me sentindo mais idiota neste momento do que já me senti namorando Asa. Pelo menos eu sempre soube que Asa era um babaca.

Acreditei de verdade que Carter era diferente.

— Amiga meu ovo — insiste Asa. — Você imprensa Dalton contra a parede da sala daquele jeito? Ou Jon?

De onde eu venho, amigos não fazem aquilo com amigos, meu chapa.

Tiro as almôndegas do forno e sou forçada a dar a volta na ilha da cozinha, indo de volta até o fogão, só para evitar que qualquer um dos dois note minhas lágrimas. Alguns segundos depois, sinto o braço de Asa envolvendo minha cintura. Ele beija meu pescoço, e eu ligo o foda-se e me viro para beijá-lo na boca. Por mais que eu o odeie e por mais que tenha vontade de cortar seu pau pelo que acabou de fazer comigo lá em cima, esse beijo não é só para ele.

Quero que Carter sinta exatamente o que acabei de sentir. Como se uma ferida enorme se abrisse no meu peito.

Filho da puta. São todos uns filhos da puta.

Empurro Asa para longe.

— Está atrapalhando minha concentração. Vocês precisam sair da cozinha para que eu possa terminar de cozinhar.

Não sei nem como consigo falar, porque cada palavra que digo parece querer se tornar um pranto. Jogo todas as almôndegas no molho, e quando começo a juntar com o macarrão, Dalton entra na cozinha.

— Caramba, Asa. Vá tomar a porra de um banho. Vamos perder o apetite se tivermos que ficar olhando para todo esse sangue enquanto comemos.

Uso a distração que Dalton provoca para dar uma olhada em Carter. Ele está me encarando, os olhos repletos de preocupação. É como se estivesse tentando me dizer um milhão de coisas. Ele ergue uma das mãos e passa o polegar pelo lábio inferior.

Não enrolo meu cabelo no dedo. Em vez disso, esfrego a boca com o dedo do meio e me viro de frente para Asa. Ele joga meu cabelo por cima do ombro.

— Você podia tomar banho comigo. Vai ser meio difícil com uma mão só.

Balanço a cabeça.

— Mais tarde. Preciso terminar de cozinhar.

Asa passa os dedos pelo meu braço, descendo até minha mão e meu anel. Ele dá meia-volta e sai da cozinha.

Dalton o segue. Assim que fico sozinha com Carter, ele corre na minha direção. Para quando chega o mais próximo possível de mim sem parecer suspeito. Seguro a bancada na minha frente e não olho para ele.

— Não foi assim, Sloan. Juro. Você precisa confiar em mim.

Suas palavras saem num sussurro apressado e desesperado.

Não olho para ele quando respondo:

— Você estava beijando outra *garota*?

Lentamente viro a cabeça e olho em seus olhos. Quase posso jurar que ele está prestes a arriscar ser pego e me puxar para perto.

Carter começa a negar com a cabeça.

— Eu não faria isso com você. Não foi assim.

Suas palavras são lentas e precisas dessa vez. Tudo nele me faz querer confiar no que fala, mas minha experiência com homens me diz para nunca confiar em alguém com um pênis.

Ele olha em volta para ter certeza de que ninguém está nos vendo. Todos os caras na sala estão de costas para nós e de frente para a TV. Carter chega mais perto e aperta meu pulso.

— Eu nunca faria nada para magoar você. Nunca. Juro pela vida do seu irmão, Sloan.

E é nesse momento que fico *realmente* brava. Ninguém jura pela vida do meu irmão.

Acontece antes que eu me dê conta do que fiz. Dou um tapa tão forte na cara de Carter que todos na sala de estar olham para trás.

Não acredito que bati nele. Não sei nem quem fica mais chocado: eu, ele ou todo mundo nos encarando.

Estou mais magoada do que provavelmente já estive em toda a minha vida, mas ainda sou esperta o bastante para saber que preciso disfarçar o tapa para que não pareça algo pessoal.

— Não coloque o dedo no molho, seu babaca! Isso é nojento!

Carter logo percebe o que estou fazendo. Ele força uma risada e esfrega o rosto, mas vejo a decepção em seus olhos quando se vira para a sala. Não me sinto mal por ele. Meu irmão e eu já tivemos azar suficiente. A última coisa de que precisamos é Carter mentindo e fazendo promessas falsas enquanto jura pela vida de Stephen.

Eu me viro para o fogão e mexo a porra do espaguete. Paro para secar as lágrimas com a manga da camisa, e então volto a mexer. Um minuto depois, Dalton aparece ao meu lado. Ele pega uma colher e a enfia no molho, levando-a até a boca para provar. Ele assente e larga a colher na pia, e em seguida se aproxima de mim.

— Ele está falando a verdade, Sloan.

Dalton se afasta, e não consigo mais controlar as lágrimas. Não sei no que acreditar. Em quem confiar. De quem ficar com raiva, quem amar. Vou até a pia e lavo o molho do espaguete das mãos.

Preciso sair desta casa.

Vou até a porta dos fundos e grito por cima do ombro:

— A porra do espaguete de vocês está pronto, seus malditos filhos da puta!

TRINTA E QUATRO

Carter

Enxáguo o último prato e o coloco na máquina de lavar louça.

Asa não desceu para comer. Sloan não entrou mais em casa. Mandei uma mensagem para Dalton há alguns minutos pedindo que ele fosse lá em cima ver como Asa estava antes de eu arriscar sair e conversar com ela.

Passo um pano na bancada e ligo o lava-louças. Escuto Dalton descendo a escada na mesma hora em que recebo uma mensagem dele.

Dalton: Está desmaiado nu na cama. Parece que vai ficar assim por um tempo, mas te aviso se ele começar a descer.

Não desligue o telefone.

Checo três vezes as configurações de som e vibração do meu celular e o guardo no bolso. Então, saio da casa para tentar apaziguar as coisas com Sloan.

Ela está no meio da piscina, boiando de costas, olhando para as estrelas. Não olha para mim ao ouvir a porta dos fundos bater.

Quando começo a andar em sua direção, noto sua camisa e sua calça jeans jogadas em uma espreguiçadeira.

Puta merda.

Ela está nadando de lingerie.

Pode ser uma prática normal nessa casa, mas me sinto num campo minado aqui fora com Sloan não usando um maiô.

Chego na beira da piscina e a observo, mas ainda assim ela não me olha de volta. A água está cobrindo a maior

parte do seu rosto, mas com a luz vindo de dentro da casa, noto a vermelhidão em seus olhos.

É tudo meio fodido quando você para e pensa. Ela está chateada por eu supostamente estar ficando com outras garotas, mas ela dorme na cama de outro cara toda noite.

Porra, mais cedo ela o *beijou* daquele jeito só para me irritar.

Mas eu entendo. E não a culpo, porque sei como estava sofrendo. Como está sofrendo.

E essa é a parte mais difícil disso tudo. Não é ter que convencê-la de que realmente sinto alguma coisa por ela. A parte mais difícil é saber o que ela sente agora que duvida dos meus sentimentos.

Se eu pudesse contar a Sloan toda a verdade, as coisas seriam muito mais fáceis. Mas isso seria violar meu trabalho. Seria desobedecer a uma ordem direta de Ryan. E por mais instável que Asa seja, quanto menos Sloan souber, melhor.

Quando ele mencionou Tillie na cozinha, Sloan ficou completamente pálida. Eu poderia ter matado Asa naquele exato minuto.

Sloan balança os braços e agita as pernas, empurrando o corpo mais para o meio da piscina.

— Ele se esqueceu de desligar o aquecedor da piscina este fim de semana — diz ela baixinho. — Está uma delícia. Acho que vou ficar aqui para sempre.

Sua voz está triste. Eu queria poder jogar longe meus sapatos, pular na água e ficar ali *com* ela para sempre.

Não apenas nesta piscina ou nesta casa.

— Qual é o nome dela? — pergunta Sloan, ainda baixinho e ainda encarando o céu noturno.

Aperto a nuca, me perguntando o quanto eu devia revelar.

— Tillie.

Ela ri, mas não por achar engraçado.

— Ela é sua namorada?

Suspiro.

— É só uma amiga. Ela às vezes me faz alguns favores.

O corpo de Sloan afunda completamente dentro d'água. Ela mergulha até o fundo. Quando emerge de volta, está me olhando feio. Só quando noto sua expressão percebo o que acabei de insinuar.

Levo as mãos para trás da cabeça.

— Não *esses* tipos de favores, Sloan. Meu Deus.

Ela afasta o cabelo molhado da testa e tento não olhar para nenhuma outra parte de seu corpo que não o rosto, mas é difícil pra caralho fazer isso com ela encharcada desse jeito.

— Que favor Tillie estava fazendo para você na sexta à noite que exigia suas mãos por todo o corpo dela?

Odeio como Sloan está calma, porque sei que está fervendo por dentro. O que significa que ela pode explodir a qualquer momento. Sinto como se a beira dessa piscina fosse a beira de um vulcão.

— Responda. Que favores ela estava fazendo na sexta à noite?

Decido responder honestamente.

— Ela estava me ajudando a convencer Asa de que não estou interessado em transar com você.

Não preciso olhar para seu peito para percebê-la arfar. Mas Sloan tenta esconder. Ela me encara por um instante e mergulha de novo. Nada até a parte rasa, se levanta e sai da piscina. Seu sutiã e calcinha são bege, completamente transparentes, e estão me deixando paranoico. Estou com medo de Asa ouvir as batidas do meu coração.

Sloan continua andando em volta da piscina até parar bem na minha frente. E então chega ainda mais perto.

Tão perto que sinto os pingos caindo do seu sutiã no meu peito.

— E você *está*? Interessado em me foder?

Puta merda. O que ela está fazendo?

Tento conter minhas mãos quando elas escorregam até os quadris de Sloan.

— Na verdade, não — respondo, com a voz rouca. — Estou muito mais interessado em fazer amor com você.

Ela está respirando pesadamente, mas nada comparado a mim. Quero tanto beijá-la, mas este definitivamente seria meu beijo da morte, porque eu nunca mais pararia.

Ou ela mesma me mataria se eu tentasse. Não consigo identificar se ainda está zangada comigo ou não. Ela age como se quisesse que eu a tocasse, a beijasse. Mas me olha como se quisesse me jogar na piscina e segurar minha cabeça embaixo d’água.

Ela leva a mão até o próprio quadril, cobrindo a minha. Depois envolve meus dedos com os seus e arrasta lentamente minha mão pela barriga até chegar ao seu seio.

Engulo em seco e olho para a janela do seu quarto.

— O que está fazendo, Sloan?

Ela se inclina para a frente e fica na ponta dos pés, até seus seios encostarem em mim. Fecho os olhos e passo uma das mãos por suas costas. As pontas dos meus dedos alcançam o elástico de sua calcinha e a puxo para mim.

Seus lábios encostam no meu ouvido, e ela sussurra:

— Você é promovido se tocar nos seios da noiva do seu alvo?

Meus olhos se abrem de repente.

Com cuidado, passo os dedos pelo cabelo dela, puxando sua cabeça para trás a fim de olhar bem para seu rosto.

— Você não está fazendo sentido, Sloan.

Ela sorri, mas a expressão de traída em seus olhos é muito mais evidente.

— Sei o que você é. Sei o que está fazendo aqui. E agora faz muito sentido que esteja tão interessado em mim.

Sloan se afasta, indo para trás até minhas mãos não a tocarem mais. Ela está me olhando feio.

— Nunca mais abra a porra da boca para falar comigo, ou vou contar para cada um deles que você é um agente disfarçado, Luke.

Ela tenta passar por mim, mas imediatamente paro na sua frente e cubro sua boca com a mão. Sloan tenta gritar, e meus olhos vão automaticamente para a porta dos fundos. Ninguém nos viu ainda, mas preciso levá-la a algum lugar mais reservado antes que ela faça algo que resulte em nós dois sendo mortos.

Sloan tenta afastar minha mão, cravando as unhas nela. Eu a abraço e a forço a andar até a lateral da casa comigo. Ela fica ainda mais furiosa quando percebe o que estou fazendo, e começa a lutar com toda a energia que tem. Odeio usar tanta força contra ela, mas é para sua

segurança. Quando finalmente consigo levá-la para a lateral da casa, sob o escudo protetor das árvores, eu a empurro contra a parede e mantenho a mão sobre sua boca.

— Para, Sloan — digo, olhando-a nos olhos. — *Escute*. Fique quieta e me escute. *Por favor*.

Ela está respirando pesadamente contra minha mão, agarrando meus pulsos. Quando enfim para de resistir, começo a retirar devagar a mão de sua boca.

Ela está arfando de medo. Encosto minha testa na dela.

— Tudo o que disse a você, cada olhar que lancei em sua direção, cada vez que toquei em você... Nunca foi pelo trabalho, Sloan. Nenhuma vez, porra. Entende isso?

Ela não responde.

Estremeço porque odeio colocá-la nesta posição. Odeio que duvide de mim. Odeio ter dado todos os motivos para isso. E odeio não saber o que devo fazer para que Sloan acredite no que sinto por ela.

Eu me aproximo e beijo a lateral de sua cabeça, então abaixo os braços e os coloco em volta dela.

Não tento convencê-la com mais palavras.

Não dou desculpas tardias.

Apenas a abraço, porque não aguento saber que ela está se sentindo assim.

Depois de vários segundos paralisada em meus braços, Sloan lentamente vai relaxando. Suas mãos sobem e ela agarra minha camisa, e em seguida se derrete em meu corpo. Ela pressiona o rosto no meu peito e começa a chorar, então a abraço e a envolvo o mais apertado que consigo.

Fecho os olhos com força e sussurro contra seu cabelo molhado: — Você é tudo o que vejo, Sloan. Além do trabalho, além do que é certo e errado. Você é tudo o que vejo.

Pressiono os lábios na lateral de sua cabeça e, quando sinto sua boca tocando meu pescoço, eu a puxo para mais perto. Ela ainda está arfando em busca de ar, provavelmente uma combinação de medo, raiva e nossa atual proximidade. Estamos no escuro quando nossos lábios enfim se tocam, e é como se ela estivesse silenciosamente me implorando para beijá-la até suas dúvidas acabarem.

E eu a beijo. Nossas bocas lutam em desespero. Eu a pressiono na parede da casa mais uma vez. Cada segundo que se passa é um segundo que nunca devia ter existido, mas não consigo impedir o que está acontecendo. Tudo em que consigo pensar é em ter mais dela.

Quando a imprenso, ela geme contra a minha boca, e esse som faz todo o resto desaparecer. A ansiedade, o bom senso. Minha necessidade por Sloan toma conta de tudo, e, baseado na maneira como as mãos dela estão se movendo por baixo da minha camisa, ela sente o mesmo.

Estou cercado por uma neblina e não me vejo saindo dela tão cedo.

Que inferno.

Minha boca desce pelo seu pescoço. Levo uma das mãos até seus seios e a deslizo sob seu sutiã. Encontro uma pele macia como seda.

— Meu Deus, Sloan — sussurro, subindo pelo seu pescoço novamente. Quando chego aos seus lábios, ela enfia a língua na minha boca e desce as mãos até o botão da minha calça. Levanto uma de suas pernas até meu

quadril. E depois a outra. — Meu carro — sussurro, envolvendo-a.

Está bem escuro lá fora, e a casa é cercada por árvores o suficiente para eu não me preocupar com vizinhos nos vendo quando entramos no banco de trás. A única coisa que me preocupa é o fato de o noivo dela estar dentro da casa, e que ser pego significaria...

Não quero nem pensar nisso agora. Dalton ainda não me mandou nenhuma mensagem, então temos tempo.

Fecho a porta do carro e estico o braço para o banco da frente, pegando uma camisinha no porta-luvas.

Quando caio de volta no banco, Sloan está subindo em mim, sua boca na minha, suas mãos no meu peito.

Descendo pelo meu peito.

Tiro seu sutiã pela cabeça e cubro-a com minha boca ao mesmo tempo que ela tira minha calça jeans.

Depois de colocar a camisinha, agarro seus quadris e a posiciono em cima de mim, enquanto ela puxa a calcinha para o lado. Encosto a cabeça no banco para observar seu rosto quando penetrá-la.

Nós nos encaramos e eu começo a descer Sloan sobre mim, lentamente. Tudo fica bem mais quieto no carro, e nós dois prendemos a respiração. Meus olhos não desgrudam dos de Sloan enquanto ela me sente. Quando estamos pele com pele e estou completamente dentro dela, soltamos o ar ao mesmo tempo.

— Meu Deus — sussurro.

É a melhor coisa que já senti, finalmente estar dentro de Sloan.

É a maior sensação de *culpa* que já senti, sabendo no perigo em que minha falta de força de vontade a está

colocando.

Ela se inclina para mim e abraça meu pescoço.

— Luke — sussurra contra a minha boca.

E eu desabo.

Ela me chamou de Luke.

Minha boca encontra a dela novamente e eu a beijo como Sloan merece ser beijada. Com convicção. Com respeito. Com vontade.

Sloan começa a se mover em cima de mim e ela é tudo o que vejo.

Fecho meus malditos olhos e ela é tudo o que vejo.

TRINTA E CINCO

Sloan

Eu não fazia ideia de que era capaz de me sentir assim.

Isso parece muito clichê, até mesmo em pensamento. Mas as mãos dele, sua boca, o jeito como me toca... é como se minha reação fosse o motivo de sua existência.

E, neste momento, a única coisa na qual estou focada é em como ele move as mãos sobre mim e me toca nos lugares certos, de modo que fico com medo de acordar não só Asa, mas a vizinhança inteira. Como se Carter sentisse isso, ele cobre minha boca com a dele, abafando meus gemidos enquanto me imprenso contra ele.

Minhas pernas começam a tremer, meus braços, meu corpo inteiro, enquanto a melhor sensação que já tive toma conta de mim.

— Luke — gemo em sua boca.

Por mais fraca que eu esteja neste momento, encontro forças para continuar me movimentando até ser eu quem precisa abafar os gemidos *dele*. Sua boca é incrível. Ele tem gosto de fruta. Tem um gosto doce.

Nada como o amargor que engulo quando beijo Asa.

Quando paramos de tremer e ainda estou em cima de Luke, ele se inclina na minha direção e passa os lábios leves como uma pena sobre meu ombro.

Não sei como fui de odiá-lo há duas horas na cozinha a sentir mais por ele neste instante do que em todos os dias anteriores juntos.

Saber que ele não é como Asa, que é o completo *oposto* de Asa, é tão... *atraente*.

Luke é bom. Ele é um dos *bonzinhos*. Eles realmente existem.

Tudo se encaixou como uma epifania enquanto eu boiava na piscina. Ele se referir a si mesmo pelo nome errado. Estar fazendo aulas de espanhol vários níveis abaixo de sua habilidade, só para convenientemente estar comigo. A maneira como insistentemente me pedia para confiar nele, mas nunca dizendo *por quê*. Usar outra garota como disfarce.

Essa foi a peça final. Entendi essa parte antes mesmo de ele contar a verdade na piscina.

Quando Dalton disse que Carter... ou melhor, *Luke*... estava dizendo a verdade, eu soube que havia mais por trás daquela história. Mais por trás daquela garota. Mais do que ele estar descaradamente beijando outra pessoa debaixo do mesmo teto que eu. Disse a mim mesma que se ele saísse e negasse ter ficado com ela, eu saberia que era um mentiroso. Que era igualzinho a Asa.

Mas se saísse e me contasse a verdade — que estava usando a garota para diminuir as suspeitas de Asa —, então eu saberia que estava certa. Que o havia descoberto.

Eu só não sabia qual das duas coisas preferia ouvir. Que ele era como Asa... ou que me usou durante todo esse tempo.

Assim que ele percebeu que eu havia descoberto tudo, eu esperava que fosse o fim. Achei que temeria por seu emprego e tentaria fazer algum trato comigo para eu ficar de boca fechada. Porque caras como ele, caras com carreiras, que são bons, bem-sucedidos e gentis, não se apaixonam por garotas como eu.

Ou pelo menos fui criada para acreditar nisso.

Mas eu estava errada, porque ele não está preocupado com o emprego. Quando Luke diz que tudo o que vê sou eu,

acredito. Porque tudo o que vejo é ele. E, neste momento, quero absorver cada segundo dele.

Seus braços estão ao meu redor enquanto tentamos recuperar o fôlego. Isso foi uma burrice. Nós dois sabemos disso, mas eu diria que valeu totalmente a pena.

— Por mais que eu queira que fique aqui para sempre, é melhor voltar lá para dentro — diz ele.

Sei que tem razão, mas eu queria não precisar fazer isso. Lá dentro é o último lugar onde quero estar. Passo os dedos pelo cabelo de Luke e sinto o cheiro fresco de xampu. Eu me inclino na direção dele e cheiro seu cabelo.

— Você tomou banho antes de vir para cá?

Vejo seu sorriso até mesmo naquele breu.

— Então você tomou banho *e* tinha camisinha? Estava esperando se dar bem esta noite?

Ele encosta a cabeça no apoio do banco e abre um lento e satisfeito sorriso.

— Tomei banho porque gosto de estar bonito para você. Tenho camisinha no carro porque gosto de estar preparado. E ela estava aí há seis meses, caso esteja curiosa.

Eu estava, mas não tenho o direito. Ele sabe o que ainda acontece entre Asa e eu à noite. Se eu pudesse parar, pararia, mas simplesmente não é uma opção agora. Não até eu não estar mais nesta casa.

Mas não falamos sobre isso. Sobre eu ainda estar com Asa e o que aconteceu entre Luke e eu não ser certo, mesmo que tenha parecido. Mas sinceramente não ligo de ter acabado de trair Asa. Devia me sentir culpada, mas não me sinto.

Carma não falha, Asa Jackson.

Luke passa o polegar pelo meu braço e desce a alça do meu sutiã. Ele enfia o dedo por baixo dele, esfregando para a frente e para trás.

— Sloan?

Estou passando os dedos por seu queixo. Ele tem um rosto lindo. Masculino em todos os lugares certos, mas com um toque de feminilidade nos lábios.

— Oi?

— Como descobriu?

Eu sorrio.

— Você é tudo o que vejo, Luke. E sou muito inteligente.

Ele assente.

— Sim, você é. — Ele aperta as mãos em minhas costas e me puxa para perto.

Antes de seus lábios tocarem os meus, no entanto, minhas costas batem no banco e ele fica em cima de mim, cobrindo minha boca com a mão.

— Fique quieta — sussurra, olhando pela janela. Meu coração parece prestes a sair pela boca.

Estamos mortos. Estamos mortos.

Estamos. Mortos.

Escuto alguém batendo com força na janela, mas talvez seja só meu coração.

— Abra a porra da porta!

Fecho os olhos, mas sinto a boca de Luke em meu ouvido.

— É só Dalton — sussurra ele. — Fique abaixada.

Assinto e me cubro com os braços quando Luke se senta e abre a porta. Alguma coisa voa até o banco de trás e Luke a pega em seus braços.

— Mas que porra?! — diz ele, juntando seja lá o que Dalton tenha jogado.

Dalton se inclina pela porta e olha para mim.

— Da próxima vez que vocês resolverem fugir para foder, não se esqueçam de levar as roupas junto.

Luke me entrega a camisa e a calça jeans que Dalton acabou de jogar em cima dele. Enfio a camisa pela cabeça rapidamente, com vergonha de ter sido tão descuidada.

— Ele está acordado? — pergunta Luke.

Dalton o olha feio, dizendo tantas coisas com aquele olhar que não entendo nem metade.

— Não. Mas vocês precisam sair daí antes que matem nós dois. — Então ele se vira para mim. — E você precisa voltar lá para dentro antes de Carter matar *você*. — Ele se levanta e, pouco antes de bater a porta do carro, diz: — Precisamos conversar antes de você ir para casa, Carter.

Eu me esforço para vestir a calça e Luke me ajuda. Eu devia continuar pensando nele como Carter, ou provavelmente vou dar mole e chamá-lo de Luke perto de Asa.

— Está encrencado? — pergunto.

Abotoo a calça e ajudo a desamassar sua camisa. Ele passa a mão na minha nuca.

— Estou *sempre* encrencado, Sloan. Eu queria poder dizer a você que sou bom no meu trabalho, mas acho que acabei de provar que minhas prioridades estão meio confusas.

Eu rio.

— Eu particularmente acho que suas prioridades durante a última meia hora foram certeiras.

Ele me beija e diz:

— Vá. Tenha cuidado.

Eu o beijo de volta com força. E quando me afasto dessa vez, não dói tanto. Porque agora tenho esperança.

Esperança de que ele tenha um plano que nos tire dessa confusão.

Sorrio durante o banho inteiro, porque quando abri a porta dos fundos e entrei numa cozinha impecável, não tive dúvidas de que Carter a havia limpado.

Ninguém — e quero dizer ninguém *mesmo* — nunca levantou um dedo para me ajudar nesta casa. Não sei se já ouvi que faxina é o segredo para conquistar uma garota, mas com base na minha reação, eu diria que funciona para mim. Porque quase chorei quando ouvi a máquina de lavar louça ligada.

Isso é triste. Um lava-louças cheio e ligado significa mais para mim do que um anel de noivado? Para quem vê de fora, parece que minhas prioridades também estão meio confusas.

Mas prefiro assim.

Asa está apagado na cama quando entro em nosso quarto. Ele está espalhado pela cama inteira, nu.

Ótimo. Vou precisar tentar acordá-lo ou empurrá-lo para seu lado da cama, mas ele é pesado demais para mim.

Vou até seu lado e pego o braço dele, tentando puxá-lo pelo colchão. Asa não se move, mas grunhe em meio aos roncos.

E então... ele *vomita*.

Em cima do meu maldito edredom.

Fecho os olhos e tento manter a calma. É claro que Asa arruinaria esta linda noite.

Ele continua vomitando em meio aos acessos de gemidos, enchendo o quarto de um cheiro ácido. Corro até a escrivaninha para pegar a lata de lixo, e então me debruço na direção dele e levanto sua cabeça para que vomite ali.

Asa vomita mais duas vezes e, depois de alguns minutos quieto, finalmente abre os olhos. Quando me vê, a expressão aterrorizante de mais cedo se vai, substituída por uma inocência infantil.

— Obrigado, baby — murmura.

Coloco a lata de lixo de volta no chão e ponho a mão em sua cabeça.

— Asa, preciso que tente se levantar. Tenho que tirar o edredom da cama.

Ele rola para longe do vômito e põe um travesseiro em cima do peito, dormindo de novo quase imediatamente.

— Asa.

Dou uma sacudida em seu corpo, mas ele apagou de novo.

Eu me levanto e olho pelo quarto, tentando pensar em como vou fazer isso sem ter que descer e pedir ajuda.

É impossível levantar Asa sozinha, e não vou dormir lá embaixo no sofá. Não com Jon aqui. Estou rezando para Dalton ou Carter ainda estarem presentes, porque deixar Jon ou Kevin cientes de que Asa está apagado não vai me ajudar em nada.

Para meu alívio, os dois estão em pé na porta, prontos para irem embora, quando chego lá embaixo. Carter fica em alerta quando me vê.

— Preciso que alguém me ajude a levantar Asa para eu trocar o edredom. Ele vomitou tudo.

— Boa sorte — Jon balbucia do sofá.

Carter olha feio para o rapaz e imediatamente anda até a escada. Vejo o olhar de reprovação no rosto de Dalton, mas ele vai atrás do amigo.

Quando chegamos ao quarto, o fedor está tão insuportável que sou forçada a cobrir o nariz para não ter ânsia de vômito.

— Puta merda — murmura Dalton.

Ele vai até uma das janelas e a abre. Ficamos olhando para Asa, e sinto um pouco de vergonha por ele estar nu. Mas como o conheço bem, sei que não se importaria. E mesmo se ligasse, não é culpa de ninguém ele estar nesta posição.

Carter se abaixa e tenta sacudi-lo até ele acordar.

— Asa. Acorda.

Asa grunhe, mas ainda não acorda.

— O que ele tomou? — pergunta Carter, olhando para Dalton, que dá de ombros.

— Não faço a mínima ideia. Eu o vi engolindo algumas pílulas a caminho do cassino. Heroína na volta.

Carter não hesita e se debruça sobre a cama, passando os braços por baixo de Asa. Então fica de pé, tirando— o da cama.

Imediatamente pego o edredom e o enrolo. Não vou nem tentar lavar. Jogo no corredor e troco os lençóis, só por

precaução.

— De que lado ele dorme? — pergunta Carter, ainda o segurando nos braços.

Aponto para o lado de Asa e Carter o arrasta até ali. Dalton ajuda a colocá-lo de volta e eu tiro outro cobertor do armário para cobri-lo.

Quando estou terminando de cobrir Asa, ele abre os olhos e olha para mim. Depois passa a mão pelo rosto, se encolhendo.

— Que cheiro é esse? — resmunga.

— Você vomitou na cama.

Ele faz uma careta.

— Você limpou?

Confirmo com a cabeça e sussurro:

— Sim, troquei os lençóis. Volte a dormir.

Ele não fecha os olhos. Em vez disso, ergue a mão e agarra uma mecha do meu cabelo.

— Você cuida tão bem de mim, Sloan.

Eu o encaro por um segundo — essa versão vulnerável dele. E, de alguma maneira, mesmo com Carter ali no quarto, sinto pena dele.

Não tenho como *não* sentir.

Asa não é desse jeito porque *escolheu* ser. Sinto que ele é assim porque nunca lhe mostraram como ser diferente.

Por isso, ele sempre vai ter minha compaixão. Nunca o meu coração, e provavelmente nunca o meu perdão.

Mas não posso deixar de sentir compaixão por ele.

Começo a me levantar, mas ele agarra meu pulso, me puxando de volta. Eu me ajoelho ao lado da cama e Asa segura minha mão. Seus olhos estão fechados quando ele sussurra: — Uma vez, quando eu tinha cinco anos... vomitei na minha cama. Meu pai me fez dormir em cima da sujeira. Disse que ia me ensinar a nunca mais fazer isso. — Ele solta uma risadinha, mas aperta ainda mais os olhos. — Acho que o filho da puta estava errado quanto a isso também.

Ai, meu Deus.

Ponho a mão no peito, sentindo pena do menininho que há dentro dele.

Eu me viro para Carter e Dalton, que olham para Asa com tanta pena quanto eu. Quando me volto novamente para Asa, ele está se virando de bruços, enfiando o rosto no travesseiro.

Ele agarra o travesseiro com as mãos e pressiona o rosto com tanta força que tenho certeza de que está tentando se sufocar. Seus ombros começam a sacudir.

— Asa — sussurro, passando uma das mãos por sua cabeça.

Ele vira um caco de tanto soluçar. É o tipo de choro tão profundo e desolador que não tem nem som.

Completamente silencioso.

Nunca vi Asa chorar. Nem sabia que ele era capaz de produzir lágrimas de verdade.

Ele não vai se lembrar de nada disso amanhã. Não vai saber se o deixei aqui sozinho ou se subi na cama e o segurei nos braços. Continuo acariciando sua cabeça e olho para Carter. Dalton não está mais no quarto. Somos só nós três agora.

Carter se aproxima de mim e vejo a compaixão em seus olhos. Ele ergue a mão e a passa em meu rosto, então se inclina e beija minha testa.

Mantém os lábios ali por vários segundos antes de andar até a porta. Quando chega lá, se vira e me olha por um instante. Ele ergue a mão e lentamente passa o polegar pelo lábio inferior. Meu coração é dele, mas fico plantada no chão, reconfortando Asa.

Levanto a mão e puxo uma mecha do cabelo, torcendo-o em volta do dedo. Carter quase abre um sorriso, então me olha por mais alguns segundos, fechando a porta em seguida.

Subo na cama, me cubro e abraço Asa, apaziguando suas lágrimas até ter certeza de que ele finalmente dormiu.

Mas pouco antes de eu adormecer também, o escuto cochichar:

— É bom você nunca me deixar, Sloan.

TRINTA E SEIS

Asa

A primeira coisa que vejo quando abro a geladeira é um prato de espaguete. *Graças a Deus*.

— Viu, pai? — murmuro sozinho. — Ela é a porra de um anjo.

Coloco o espaguete no micro-ondas e vou até a pia jogar um pouco de água no rosto. Sinto como se tivesse dormido com a cabeça na merda da privada a noite toda. Porra, se considerar o fedor que estava no quarto esta manhã, provavelmente dormi mesmo.

Eu me inclino na bancada, esperando o macarrão esquentar. Fico observando o prato girar dentro do micro-ondas.

Será que eu o matei?

Duvido. Já faz quase um dia inteiro desde que saímos daquele cassino. Se ele tivesse morrido, a polícia já estaria aqui a essa altura. E, se sobreviveu, tenho quase certeza de que não prestaria queixa. Ele sabe que merece o que recebeu.

O micro-ondas apita.

Tiro o espaguete e pego um garfo, enfiando um pouco da comida na boca. Quase consigo engolir antes de ter que procurar a lata de lixo. Vomito duas vezes, enxáguo a boca, então me forço a tentar mais uma garfada.

Vou suportar essa abstinência como um filho da puta, porque não vou acabar como aquele cara.

Como mais um pouco e engulo junto com a bile.

Força, Asa.

A porta da frente se abre e Sloan entra. Olho para o relógio e descubro que mal passa das duas. Ela nunca volta

da aula tão cedo. Ou ela não me notou em pé na cozinha, ou está naquela época do mês em que fica irritadinha, porque corre direto para a escada e sobe para o quarto.

Menos de um minuto depois, eu a escuto fazendo uma zona. Coisas caindo no chão. Seus pés atravessando de um lado para outro. Encaro o teto, me perguntando que porra ela está aprontando. Minha cabeça dói demais para eu subir e ver com meus próprios olhos. Mas não preciso, porque alguns segundos depois ela desce furiosamente pela escada.

Quando entra na cozinha, meu pau se retorce na calça. Sloan está zangada pra caralho e mais gostosa ainda.

Sorrio enquanto ela marcha na minha direção.

Antes que eu consiga dizer uma só palavra, Sloan está cara a cara comigo. Ela põe um dedo no meu peito.

— Cadê os papéis, Asa?

Papéis?

De que merda ela está falando?

— De que merda você está falando?

O peito dela está agitado, e caso Sloan se aproximasse mais alguns centímetros, eu o sentiria.

— O arquivo do meu irmão! Onde está, Asa?

Ah. *Aqueles* papéis.

Coloco cuidadosamente o prato de espaguete sobre a bancada e cruzo os braços.

— Não sei do que você está falando, Sloan.

Ela inspira de forma meticulosa, expira com ainda mais precisão e dá meia-volta. Põe as mãos nos quadris, tentando juntar forças para permanecer calma.

Eu sabia que ela ficaria puta se descobrisse o que fiz. Mesmo assim, nunca pensei muito no assunto e em como me safaria.

— Dois anos — diz Sloan, cerrando os dentes.

Ela se volta para mim e seus olhos estão cheios de lágrimas.

Ah, merda. Eu não queria fazê-la chorar.

— Por dois anos, achei que você estava pagando pelos cuidados dele. Você me mostrou os papéis, Asa. A carta enviada pelo estado. Os canhotos dos cheques. — Sloan começa a andar de um lado para outro. — A assistente social achou que eu era uma idiota quando perguntei se os benefícios de Stephen podiam ser renovados. Sabe o que ela me disse, Asa?

Ela me encara novamente.

Dou de ombros.

Sloan dá um passo à frente, cruzando os braços.

— Ela disse: *os benefícios nunca foram cancelados, Sloan. Os cuidados de Stephen nunca foram particulares.*

Lágrimas escorrem por seu rosto. Pela primeira vez desde que entrou aqui, começo a ficar meio desconfortável por talvez ter levado essa mentira um pouco longe demais. Ela está com mais raiva agora do que jamais a vi.

Ela não pode me deixar.

— Sloan. — Dou um passo à frente e ponho as mãos em seus ombros. — Baby, escute. Tive que fazer o possível para ter você de volta. Você me *deixou*. Desculpe se está chateada. — Levo as mãos até seu rosto. — Mas você não devia ficar zangada por causa disso. Foi preciso muito esforço e dinheiro da minha parte. Você devia é ficar lisonjeada por ser tão importante para mim.

Ela põe as mãos entre as minhas e me empurra para longe.

— Seu filho da puta de *merda*! — grita. — Você forjou um arquivo inteiro para sustentar suas mentiras, Asa! Cartas mensais do governo! Quem *faz* uma merda dessas?

Ela nem imagina quanto dinheiro precisei pagar para o cretino que manda aquelas cartas, senão estaria me agradecendo agora.

Sloan aponta para mim do outro lado da cozinha.

— Você me encurralou. Esse tempo todo me fez acreditar que não havia saída.

Engulo de volta minha raiva. Dou um passo em sua direção. *Será que ouvi isso mesmo?*

— Eu *encurralei* você?

Ela está tão furiosa que respira com dificuldade. Seca as lágrimas e assente, baixando a voz.

— Sim, Asa. Você me encurralou. Fui a porra da sua prisioneira pelos últimos dois anos, achando que meu irmão estava prestes a ter que voltar para minha mãe imprestável. Tudo porque você *sabia* que se não tivesse aquilo para me chantagear, eu teria largado você.

Ela está dizendo isso tudo da boca para fora. Está com raiva. Ela nunca me deixaria. Sim, menti para ela.

Sim, paguei uma bolada para parecer que os benefícios de seu irmão haviam sido cancelados. Mas foi uma solução temporária. Ela teria voltado de joelhos para mim mais cedo ou mais tarde se não fosse aquilo. Só facilitei a decisão para ela.

— É isso que você acha? Que tem sido uma prisioneira aqui? Eu não dou um lugar para você dormir?

Compro sua comida? Dou coisas legais para você? Permito que faça faculdade? Dirija meus carros? — Ando pela cozinha e não diminuo o passo quando chego perto dela. Eu a faço andar para trás até ficar imprensada contra a parede, presa entre minhas mãos. — Não ouse ficar aqui, na *minha* casa, e insinuar que não teve toda oportunidade do mundo para sair por aquela porta. — Tiro as mãos da parede e aponto para a sala. — Vá. Se não me ama mais, dê o *fora*, porra!

Ela nunca iria embora. Sei disso porque, se Sloan realmente fosse embora, significaria que esteve se aproveitando do meu dinheiro nos últimos dois anos. Esteve me usando como um meio de sustentar o maldito desperdício de espaço que é seu irmão. Se fosse esse o caso, ela seria uma puta por definição.

E não vou me casar com uma maldita puta.

Sloan olha para a porta e de volta para mim. Ela balança a cabeça, e juro que chega a sorrir.

— Adeus, Asa. Tenha uma vida boa.

Ela começa a caminhar na direção da porta.

— Eu tenho uma vida boa. Tenho uma vida boa pra caralho!

Deixo Sloan chegar na porta da frente antes de ir atrás. Ela ainda nem pisou na grama quando a pego pela cintura, tapando sua boca com a mão. Eu a viro e a levo de volta para a porra da casa pela qual é tão ingrata.

Eu carrego Sloan direto para o quarto e abro a porta com um chute. Então a jogo na cama e observo enquanto tenta se soltar e fugir de mim.

Que bonitinha.

Eu a agarro pelo cabelo e a jogo de volta na cama. Ela grita, mas dou um fim no barulho com a mão. Subo em cima dela, ainda cobrindo sua boca com uma das mãos e prendendo seus pulsos com a outra. Não tenho muito o que fazer com suas pernas enquanto ela se esforça ao máximo para me chutar de cima dela; mas eu tenho mais força em um só dedo do que ela tem no corpo inteiro. Parece mais que está me fazendo cócegas do que tentando me machucar.

— Escuta aqui, gata — sussurro, encarando-a de cima. — Se você tentar insinuar que não me ama, vou ficar bem chateado. Chateado pra *cacete*. Porque isso significaria que você está fingindo para mim desde o dia em que entrou de novo pela minha porta. Significaria que esteve fingindo cada orgasmo, cada beijo, cada palavra que já me disse, simplesmente por um cheque mensal. E se essa fosse a verdade, isso faria de você uma puta, Sloan. Sabe o que homens como eu fazem com putas?

Os olhos dela se arregalam de medo. Espero que isso signifique que ela está me ouvindo. Não está mais tentando me chutar para longe, então é um bom sinal.

— Foi uma pergunta, gata. Você *sabe* o que homens como eu fazem com *putas*?

Uma lágrima escorre de seu olho e ela balança a cabeça. Sinto sua respiração em minha mão; ela está respirando com dificuldade.

Aproximo a boca de seu ouvido.

— Por favor, não me obrigue a demonstrar.

Ficamos naquela posição por mais alguns instantes, enquanto me certifico de que minhas palavras estão surtindo efeito. Eu me afasto um pouco e olho para ela de cima. Sua expressão não mudou, mas Sloan está chorando

com tanta força que tem catarro saindo do seu nariz. Escorreu até a porra da minha mão agora. Tiro-a da sua boca e limpo na cama. Então pego a manga da minha camisa e limpo o rosto de Sloan.

Os lábios dela estão tremendo. Não sei como nunca notei, mas isso é atraente pra caralho. Eu a beijo suavemente, fechando os olhos enquanto os lábios dela tremem nos meus.

— Você me ama? — sussurro com cautela contra sua boca. — Ou é uma puta?

Ela respira tremulamente.

— Eu te amo — responde ela. — Desculpe. Só estava chateada, Asa. Não gosto quando você mente para mim.

Pressiono a testa na lateral de sua cabeça e expiro. De certa forma, ela tem razão. Eu provavelmente não devia ter mentido sobre seu irmão. Mas se ela estivesse no meu lugar, teria feito a mesma coisa.

— Nunca mais fique zangada assim comigo, Sloan. — Eu me afasto e tiro uma mecha de cabelo de seu rosto. Está suada e grudando nas minhas mãos. Passo os dedos por ela, ajeitando-a em meio ao restante do seu cabelo. — Não gosto do que isso faz comigo — continuo baixinho. — Do que me deixa com vontade de fazer com *você*.

Ela assente.

— Também não gosto.

Seus olhos estão repletos de arrependimento, mas não me sinto mal. É culpa dela mesma ter vindo para cima de mim como veio. Pelo menos isso está esclarecido, então. Estava ficando entediante manter aquela mentira por tanto tempo, e eu estava começando a ficar descuidado.

Solto os pulsos dela e levo a mão até seu rosto, passando as juntas dos dedos por sua bochecha.

— Vamos nos beijar e fazer as pazes agora?

Ela assente. Quando a beijo, suspiro de alívio. Porque, por uma fração de segundo, quando Sloan estava indo até a porta da frente, achei que talvez estivesse falando sério quanto a ir embora. Achei que talvez nunca mais fosse ficar assim com ela.

Fico aliviado por ser uma ameaça vazia. Não sei o que eu faria se descobrisse que ela não me ama de verdade. Ela é a única que me ama.

Sloan vira a cabeça para o lado e me dá acesso a seu pescoço. Beijo todo seu corpo, e ela começa a relaxar.

Quando finalmente tiro sua última peça de roupa, ela abre as pernas para mim e me imprenso contra ela.

— Você me ama, Sloan?

Ela assente e responde:

— Sim, Asa. Eu te amo.

Minha língua mergulha em sua boca ao mesmo tempo que meu pau mergulha dentro dela.

Dentro dela, onde fui o único homem a estar. Onde sou o único homem que jamais *estará*.

— Você é minha, Sloan — sussurro, comendo-a exatamente como ela gosta.

Ela agarra meus braços e fecha os olhos com força.

Sente aquilo tão profundamente que chora o tempo inteiro.

TRINTA E SETE

Sloan

Fecho os olhos e deixo a água espirrar no meu rosto.

No que eu estava pensando?

Confrontá-lo sozinha? Sem avisar a Carter o que eu ia fazer? Foi muita burrice.

Mas, em minha defesa, é difícil ser racional quando se está cega de raiva.

Depois que saí da consulta médica esta manhã, recebi o telefonema da assistente social. Eu estava dirigindo para a faculdade, mas quando ela contou que os cuidados com meu irmão não eram particulares, enlouqueci.

Enlouqueci *completamente*. Dei meia-volta com o carro e fui até a unidade clínica do meu irmão para encontrá-la. Quando saí de lá, estava mais zangada do que nunca.

A única coisa na qual eu conseguia pensar era em Asa e em como eu queria matá-lo. A raiva realmente cega uma pessoa. Quando entrei na cozinha para confrontá-lo, não estava nem aí se ele ia me machucar ou não. Eu só queria saber se era verdade, se Asa realmente estava me mandando cartas falsificadas do governo. Não quis acreditar, porque isso significaria que ele é definitivamente louco. Mas o único tipo de pessoa capaz de inventar uma mentira daquelas e mantê-la por dois anos *só pode* ser definitivamente louco.

Eu me lembro do dia em que ele trouxe minha correspondência após terminarmos pela primeira vez. A carta sobre os benefícios estava no topo da pilha. Depois de ler aquilo, fiquei devastada. O canalha até me tranquilizou, disse que se um dia eu precisasse de qualquer coisa, me ajudaria em um piscar de olhos. Ainda falou que “é isso que se faz pelas pessoas que amamos, Sloan. A gente as ajuda.”

Isso foi na época em que eu acreditava que ele me amava e que seu gesto era de coração. *Agora acho que foi mais por causa de uma obsessão psicótica.*

Eu não tinha mais para onde ir, e graças ao que eu achava que ia acontecer com Stephen, acabei sendo forçada a pedir ajuda a Asa. Foi minha última opção, com certeza. Caramba, naquele dia até liguei para o número de telefone na carta para saber se tinha mais opções. Agora sei que obviamente era um número falso com um dos amigos de Asa do outro lado da linha, mas na época não percebi.

A água quente se mistura com as lágrimas que estão escorrendo pelo meu rosto.

Como pude cair nessa por tanto tempo? Todas as peças estão começando a se encaixar, até mesmo o motivo de Asa só me deixar usar o carro dele para visitar Stephen aos domingos.

A assistente social não trabalha aos domingos. Eu não teria como encontrá-la e começar a conversar sobre os benefícios do meu irmão.

Ainda não consegui me conformar com tudo isso e já tem horas desde que descobri. Tento me convencer de que demorei tanto para perceber a verdade porque eu não tinha motivos para pensar que Asa faria algo desse tipo. Mas eu tinha *todos os motivos do mundo*.

É isso que Asa faz.

Ele é um mentiroso. Um traidor. Ele sabota as pessoas. Arma para elas.

Estou tão zangada comigo mesma que esfrego meu corpo com mais força ainda, querendo tirar o cheiro dele de mim. Estou esfregando o pescoço quando as cortinas do chuveiro se abrem de repente. Ofego e me mexo para ficar

de costas para a parede e lutar contra quem quer que seja, caso necessário.

Asa está parado na minha frente, completamente vestido, de calça jeans azul-escuro e uma camiseta branca bem passada. Faz com que as tatuagens em seus braços pareçam mais vivas, mas zangadas. Sua expressão não é mais de raiva. Ele parece confuso.

E está olhando para minha cara e não para os meus seios.

— Você acha estranho ninguém mais vir aqui? — pergunta ele.

Seus pensamentos estão cada vez mais imprevisíveis. Eu bufo e me volto para a água, enxaguando o condicionador do cabelo.

— Não entendi o que quis dizer, Asa.

— Costumava ter muita gente aqui, o dia todo, todo dia, a noite toda. Agora só tem, tipo, quatro ou cinco pessoas, a não ser que eu dê uma festa.

É porque você é imprevisível e assusta as pessoas pra caralho.

— Talvez elas estejam ocupadas.

Ele volta a olhar em meus olhos. Os seus ainda estão confusos. Um pouco desapontados. Não sei muito sobre drogas, ou qual é a sensação que fica quando a onda passa, mas a paranoia pode ser um sintoma da abstinência. Espero que sim, porque do contrário, não sei bem o que pensar desta versão de Asa.

— É — concorda ele. — Talvez só estejam ocupadas. Ou não e só queiram que eu *pense* que estão. Porque todo mundo *finge* pra caralho por aqui.

Suas palavras são severas, mas sua voz é calma, ainda com uma pontada de confusão. Estou rezando para que ele não esteja falando de Carter quando diz que todo mundo finge. Ou de mim. Preciso avisar Carter. Tem alguma coisa errada com ele hoje. Nunca temi tanto pela minha vida quanto na hora em que Asa me puxou de volta para dentro de casa. Estou tentada a não contar para Carter o que aconteceu porque sei que ele vai ficar chateado por eu ter confrontado Asa sozinha.

— A gente devia convidar algumas pessoas para jantar hoje. Você cozinha?

Concordo com a cabeça.

— Para quantas pessoas?

Ele nem hesita na resposta:

— Eu, você, Jon, Dalton, Kevin e Carter. Quero a comida pronta às sete. Vou mandar uma mensagem para eles agora.

E ele fecha a cortina do chuveiro.

O que há de errado com Asa?

Bufo mais uma vez e pego a esponja. Estou esfregando a sola dos pés quando ele abre mais uma vez a cortina. Quando o encaro nos olhos, Asa ainda está, para minha surpresa, olhando para meu rosto e nada mais.

Ele abre e fecha a boca, então para por dois segundos antes de perguntar: — Está zangada comigo, Sloan?

É uma pegadinha?

Eu te odeio com todas as minhas forças, Asa.

Avalio sua expressão e respondo:

— Não estou muito feliz com você.

Ele suspira, depois assente como se não me culpasse. Agora realmente sei que há algo errado com ele.

— Eu não devia ter mentido para você sobre os benefícios do seu irmão. Às vezes acho que eu podia te tratar melhor.

Engulo em seco o nó em minha garganta.

— Então por que não trata?

Os olhos dele se estreitam com uma ligeira inclinação de cabeça, como se estivesse de fato pensando no meu caso.

— Eu não sei como.

Ele fecha a cortina.

A porta do banheiro bate.

Ponho a mão na barriga, porque acho que estou prestes a vomitar. Tudo o que Asa faz me deixa muito nervosa. Depois dessa conversa estranha, meu nervosismo se multiplicou.

Graças a Deus Asa vai convidar todo mundo para vir aqui esta noite, porque eu realmente não quero ficar sozinha com ele. Preciso que Carter esteja aqui.

Estou quase desligando a água quando a porta do banheiro se abre de novo. Segundos depois, a cortina é puxada, dessa vez do lado oposto. Minha mão fica paralisada sobre a torneira quando o escuto entrar no chuveiro.

Não, não, não. Por favor, não me obrigue a transar com você de novo. Respiro calmamente pelo nariz, esperando que ele só esteja aguardando sua vez de tomar banho.

Alguns segundos se passam, mas não o sinto se aproximar de mim. Ele não diz nada. Meu coração está tão

acelerado que fico tonta.

Eu me empertigo e lentamente me viro para trás. A camiseta branca dele está ensopada e ele ainda está de calça jeans. Está apoiado na parede do chuveiro, descalço, olhando para o chão.

Espero um instante para descobrir o que ele quer. Quando não se mexe nem fala qualquer coisa — *e continua encarando o nada* —, finalmente resolvo perguntar, deixando o medo evidente em minha voz.

— O que está fazendo, Asa?

Minha pergunta o tira do transe. Asa ergue o olhar para mim. Ele me encara por cerca de cinco agonizantes e longos segundos, então olha para o chuveiro e de volta para suas roupas. Ele passa as mãos nelas como se não tivesse ideia de por que estão molhadas. Então balança a cabeça e confessa: — Não faço a mínima ideia.

Meus joelhos ficam bambos com sua resposta. Nem desligo o chuveiro. Saio do banho o mais rápido possível e pego uma toalha. Nem me dou o trabalho de me vestir antes de abrir a porta e correr para o quarto.

Só preciso ficar o mais longe possível de Asa até Carter chegar aqui e eu saber que estou um pouco mais segura.

Assim que piso no corredor, alguma coisa à direita chama minha atenção. Eu olho e me deparo com Jon prestes a entrar no quarto ao final do corredor. Ele está com a mão na porta e me encara, seus olhos percorrendo meu corpo coberto apenas pela toalha.

Quando noto o sorriso nojento se abrindo em seu rosto, percorro os nove centímetros até a porta do meu quarto.

— Nem pense nisso, seu *merda*.

Bato a porta do quarto e me tranco para fora do alcance de cada um desses babacas loucos. Pego meu celular e mando uma mensagem para Carter.

Sloan: Ele está enlouquecendo de vez. Por favor, venha cedo.

Apago a mensagem em seguida e tento escutar o barulho da água do chuveiro sendo fechada.

Mas isso não acontece.

Depois de me vestir e ficar pronta para ir ao mercado, resolvo ver como Asa está. Abro a porta do banheiro e vejo que ele não está mais em pé. Está sentado na banheira, ainda completamente vestido, a água caindo nele.

Seus olhos estão arregalados, e a água escorre por cima deles.

Seguro a maçaneta e dou um curto passo para trás.

— Estou indo ao mercado, Asa. O que quer que eu prepare para hoje à noite?

Ele não mexe a cabeça, mas seus olhos percorrem o banheiro até encontrarem os meus.

— Bolo de carne.

— Ok. Quer mais alguma coisa de lá?

Ele me encara por alguns segundos e então sorri.

— Traga uma sobremesa para a comemoração.

Comemoração? Minha garganta de repente começa a coçar e fica difícil engolir.

— Ok — respondo debilmente. — O que vamos comemorar?

Ele desvia o olhar e o volta para a frente.

— Você vai ver.

TRINTA E OITO

Carter

Não faço ideia de por que Asa nos convidou para jantar. Temos ido naquela casa quase todas as noites; esta não seria diferente. Eu tinha esperanças de Sloan estar sendo paranoica com aquela mensagem sobre ele estar enlouquecendo, mas estou meio preocupado porque ela pode estar certa.

Sinto o cheiro da comida antes mesmo de abrir a porta da frente. Quando entro e olho ao redor, percebo que Dalton é o único que ainda não chegou. Jon e Asa estão ocupando as duas poltronas e Kevin está no sofá.

Asa está debruçado para a frente com os cotovelos apoiados nos joelhos, o controle remoto na mão, passando pelos canais de notícias. Ele se vira quando me escuta fechar a porta.

Aceno com a cabeça em sua direção e ele se volta para a TV.

— Você acompanha as notícias, Carter?

Olho na direção da cozinha e encontro Sloan parada no bar, limpando-o com um pedaço de pano. Consigo vê-la de onde estou, mas Asa não.

— Às vezes — respondo.

Sloan olha para mim e retorce uma mecha de cabelo com o dedo. Passo o polegar pelo meu lábio inferior.

Ela ergue a outra mão e enrola o cabelo com mais três dedos. E depois cinco. E depois com os dez. Então começa a fingir que está arrancando o cabelo com as mãos, girando em todas as direções, sinalizando que está enlouquecendo.

Quero sorrir para ela, mas me forço a entrar na sala e me sentar ao lado de Kevin.

— Por que queria saber se vejo as notícias? — pergunto a Asa.

Ele muda de canal.

— Não ouvi falar do meu pai. Só queria garantir que ele sobreviveu e que não vou ser preso por assassinato.

Ele diz isso tão casualmente, como se a possibilidade de ser preso por assassinato fosse algo corriqueiro.

Concordo com a cabeça, mas não conto a ele que seu pai sobreviveu. Ele nem se machucou tanto, na verdade.

O cassino chamou uma ambulância, mas além do nariz e da mandíbula quebrados, ele não sofreu ferimentos sérios. O cara nem quis prestar queixa. Dalton me contou tudo depois de descobrir, hoje mesmo.

Ele também me contou que o cara era um viciado, diagnosticado como esquizofrênico e paranoico, além de uma porrada de outros problemas. Odeio dizer isso, mas lá no fundo sinto um pouco de pena de Asa. Não tem como saber pelo que ele passou durante a infância com um pai desses. Mas dá para ter pena de alguém e ainda assim querer que esse alguém morra.

Guardo a informação sobre o estado do seu pai só para mim. Acho bom Asa se preocupar com a repercussão. Preocupação não é algo que ele experimente com muita frequência.

Asa suspira após passar por todos os canais de notícias duas vezes e não encontrar nada. Ele se levanta e joga o controle para Jon.

— Tratem de lavar as mãos. Minha noiva trabalhou duro para fazer este jantar e não quero um bando de merdas sentados à minha mesa com as mãos imundas.

Ele anda até a escada e corre para o quarto. A porta se fecha e olho para Kevin, que está encarando a escada vazia.

— Ele está estranho pra caralho — comenta.

Jon começa a pular de um canal para outro e acrescenta:

— Conte uma novidade.

Nenhum dos dois se dá o trabalho de ir até a cozinha lavar as mãos, então aproveito a oportunidade para ir até lá. Sloan está tirando um bolo de carne do forno quando passo por ela.

— Oi, Sloan — digo casualmente.

Ela me olha, mas não sorri. Só me lança um olhar que diz que precisamos conversar. E não há como fazer isso agora. Abro a torneira e ela coloca o bolo de carne na bancada ao meu lado. Ela encaixa uma faca entre a comida e a assadeira e começa a soltá-la.

— Fiz uma besteira hoje — sussurra.

Diminuo a pressão da água para ouvi-la melhor.

— Descobri que Asa estava mentindo sobre os benefícios do meu irmão. E tive que confrontá-lo. Disse que ia embora. Ele ficou furioso.

— Sloan — respondo baixinho. *Por que ela faria aquilo?* — Você está bem?

Ela dá de ombros.

— Agora estou. Mas tem algo de errado com ele, Carter. Estou assustada. Ele ficou sentado na banheira com roupa e tudo durante meia hora. Depois, quando voltei do mercado, olhei pela janela e ele estava sentado numa das espreguiçadeiras, observando a piscina. E então começou a bater na própria testa. Bateu trinta e seis vezes.

Eu contei.

Cacete.

Sloan olha para mim e odeio que esteja tão assustada. Eu devia levá-la embora agora. Pegar sua mão, puxá-

la para fora enquanto Asa está no andar de cima e dar o fora daqui com ela.

— Agora ele fica repetindo que tem uma surpresa para mim. Está falando como se esse jantar fosse alguma comemoração — cochicha ela. — Estou com medo de descobrir o que vamos comemorar.

Escutamos os passos de Asa no andar de cima, como se ele estivesse se preparando para descer. Sloan pega a assadeira e vai até a mesa.

Os outros devem ter ouvido Asa descendo também, porque imediatamente aparecem na frente da pia, preparando-se para lavar as mãos como ele tinha mandado.

Ajudamos Sloan a levar o restante do jantar para a mesa, bem na hora em que Dalton chega. São só 18h55, mas ele vê Asa descendo e se desculpa por ter se atrasado.

— Não está atrasado, chegou bem na hora.

Ocupo uma cadeira, e acabo sentando bem na frente de Asa. Na diagonal de Sloan. Todos estão estranhamente silenciosos enquanto passam as comidas, servindo-as nos pratos. Depois que cada um se serve, Asa pega o garfo e diz:

— Devemos fazer uma prece?

Ninguém responde. Nós apenas o encaramos, tentando decidir se está brincando ou se alguém precisa começar a rezar antes de Asa surtar.

Ele cai na gargalhada e diz:

— Seus burros de merda.

Então enfia uma garfada de purê de batata na boca e engole.

— É a segunda noite seguida que jantamos aqui. O que houve? É isso que acontece quando se é domesticado? — pergunta Jon.

Asa estreita os olhos na direção dele e engole mais purê junto com um gole da cerveja.

— Cadê Jess hoje?

Jon dá de ombros.

— Não a vejo há alguns dias. Acho que terminamos.

Asa dá uma risadinha e em seguida olha para mim.

— E Tillie?

Passo o polegar pelo lábio inferior.

— Trabalhando. Pode ser que ela dê um pulo aqui amanhã à noite.

Asa lambe os lábios, tomando mais um gole da cerveja.

— Seria legal — diz ele. Então se volta para Dalton. — Por que você nunca trouxe nenhuma garota para cá?

Dalton responde com a boca cheia de carne:

— Ela mora em Nashville.

Asa assente e continua:

— Qual o nome dela?

— Steph. É cantora. Foi por causa dela que quase me atrasei, na verdade. Ela assinou um contrato para gravar um CD hoje e me ligou para contar tudo. — Ele parece orgulhoso quando fala dela.

Isso quase me fez rir, porque não existe nenhuma Steph. Ele acabou de inventar essa merda toda em cima da hora, e Asa engole como um copo de leite morno.

— Que maneiro — responde Asa.

Ele gosta de Dalton. Percebo pela maneira como o olha, sem qualquer resquício de suspeita. Não é como olha para mim.

— Tem alguma coisa errada com a porra da sua boca, Carter?

Olho para ele e ergo as sobrancelhas.

— Está esfregando tanto esse lábio que vai ficar em carne viva.

Nem percebi que ainda estava fazendo isso. Tiro a mão da boca.

— Tudo bem — respondo, dando uma mordida no bolo de carne.

A última coisa que quero é provocá-lo. Não com ele agindo do jeito que vem fazendo ultimamente.

Asa dá mais uma garfada e apoia as mãos na mesa.

— Então — começa. — Tenho uma surpresinha. — Ele sorri e olha para Sloan.

Noto que ela engole em seco.

— O que é? — pergunta, com cautela.

Asa abre a boca para falar, mas é interrompido por alguém batendo com força na porta da frente. Vejo a irritação transbordando de seus olhos quando ele se vira e olha para a porta da sala. A segunda batida alta vem logo em seguida.

Ele faz barulho ao largar os talheres na mesa e olha para nós.

— Tem alguém esperando companhia? No meio da porra do jantar?

Ninguém responde.

Ele empurra a cadeira para trás e joga o guardanapo ao lado do prato. Quando se vira para entrar na sala, Sloan olha através da mesa para mim. Parece assustada, mas também aliviada pela grande surpresa ter sido interrompida. Eu me viro para Dalton e ele ergue uma sobrancelha.

Ficamos observando Asa espiar pelo olho mágico. Ele encara a porta por vários segundos e encosta a testa ali.

— Porra. — Ele se vira e volta correndo para a cozinha, agarrando Sloan pelo braço e puxando-a da sua cadeira. Ele segura seus ombros e diz: — Suba para o quarto e tranque a porta. Não abra em hipótese alguma.

Deslizo a cadeira para trás e me levanto. Dalton faz o mesmo. Olhamos um para o outro e então para Asa.

— Quem está batendo? — pergunta Jon, levantando-se também.

Acho que nenhum de nós nunca viu Asa tão preocupado.

Asa olha para o alto da escada e depois ao redor da cozinha, como se tentasse descobrir uma maneira de fugir.

— É a porra do FBI, Jon. É a merda da *porra* do FBI.

O quê?

Imediatamente me viro para Dalton, mas ele balança a cabeça demonstrando que estava tão alheio quanto eu. Também o noto cerrando os punhos.

— Merda! — exclama ele.

Tenho certeza de que a reação de Dalton era esperada por Asa. Mas só eu sei o quanto ele está puto. O FBI está prestes a entrar nesta casa e arruinar a nossa investigação.

Mais batidas na porta.

Asa passa as mãos pelo cabelo.

— Merda! *Merda!*

Percebo que ele olha para a porta dos fundos. Já o vejo tentando planejar uma maneira de fugir. Resolvo falar para atrair sua atenção.

— Se estão aqui para prender alguém, a casa já está cercada, Asa. Podem ter vindo só para fazer algumas perguntas sobre seu pai. Apenas abra a porta e aja normalmente. Vamos ficar sentados aqui como se não tivéssemos nada a esconder.

Dalton concorda com a cabeça.

— Ele tem razão, Asa. Se todo mundo sair correndo, terão motivo para achar que você está escondendo alguma coisa.

Asa assente, mas Jon balança a cabeça de um lado para o outro.

— Foda-se. A gente tem merda espalhada pela casa toda. Se abrirmos essa porta, vai ser o fim. Para todos nós.

Os olhos de Asa estão arregalados enquanto ele pensa no que fazer. Todos olhamos novamente para a porta assim que as batidas recomeçam.

Vejo as veias saltadas no pescoço de Dalton, e sei que ele está com medo de que todo nosso trabalho tenha sido em vão. A investigação inteira não vai significar merda nenhuma, e ainda vai parar nas mãos de outras pessoas.

Já vimos isso acontecer algumas vezes — uma investigação ser assumida por uma força de maior escalão.

Mas Dalton se dedicou tanto a isso que não vai aguentar ver tudo indo pelo ralo.

— Vá para o quarto, Sloan — ordena Asa. — Não precisa estar aqui quando eu abrir aquela porta.

Sloan olha para mim com uma expressão repleta de preocupação. Ela quer saber se deve seguir as instruções de Asa, se deve sair da sala.

Mais batidas.

Aceno delicadamente com a cabeça para que faça o que Asa mandou. Pelo menos Sloan vai estar de fora de seja lá o que vai acontecer.

Mas Asa começa a andar a passos largos na direção de Sloan. Ele para na frente dela.

— Por que está olhando para *ele*? — grita, gesticulando para mim. — Por que você fica olhando para ele, porra?

Merda. Começo a dar a volta na mesa, mas Dalton segura meu braço. Asa agarra o pescoço de Sloan e a empurra na direção da escada.

— Suba a porra da escada!

Ela nem olha para trás antes de subir correndo.

Asa está me encarando. Dalton pode não estar feliz com a aparição do FBI, mas eu estou aliviado.

Provavelmente Asa vai ser preso por qualquer que seja o motivo de eles estarem aqui. O que significa que é minha chance de sobreviver a esta noite, porque o jeito como ele está me olhando agora me diz o contrário.

Ele sabe. Ele percebeu pela forma como Sloan me olhou que tem alguma coisa acontecendo entre ela e eu.

Mas entre as batidas na porta e a iminente possibilidade de ser preso, Asa felizmente deixa isso para depois.

Ele aponta para nós quatro.

— Sentem-se, porra. Comam. Vou abrir a maldita porta. — Todos voltam a seus lugares. Asa corre até a cozinha e abre um dos armários, tirando algo de lá. Ele sai com uma arma e a desliza para o cós da calça.

Quando passa pela mesa, diz: — Se eu descobrir que algum de vocês é responsável por isso, *todos* morrem. — Asa se vira na direção da porta, e, pouco antes de abrir, ele encosta a testa nela como se fizesse uma prece rápida. Quando a abre, sorri. — Como posso ajudá-los, senhores?

Escuto uma voz perguntar:

— Asa Jackson?

Asa assente, mas a porta se abre e vários homens o cercam, derrubando-o no chão.

Quando Jon vê o que está acontecendo, dispara na direção da porta dos fundos, mas ela também se abre e três homens entram na casa. Jon é imediatamente contido e jogado no chão da cozinha.

Só neste momento me dou conta de que esses caras não fazem a mínima ideia de que Dalton e eu estamos disfarçados. Nem estou com meu distintivo para provar. Eles vão simplesmente achar que estamos do lado de Asa.

Os segundos seguintes são um caos completo.

Mais homens entram pela porta, armas são apontadas para nossas cabeças, somos deitados de barriga para baixo, rostos colados no chão, mãos sendo algemadas nas costas.

Estou deitado ao lado de Dalton. Antes de o levantarem, ele sussurra: — Fique calmo. Espere até ficar sozinho para dizer alguma coisa.

Concordo, mas um dos agentes nos vê conversando. Dalton é puxado pelos braços por um deles.

Ouço alguém lendo os Direitos de Miranda para Asa e dois homens me puxam do chão. Estão disparando ordens, nos separando em diferentes partes da casa. Sou levado para um quarto vazio perto da cozinha.

Só consigo pensar em Sloan e em como ela deve estar surtando agora.

A porta bate atrás de mim e sou jogado na cadeira da escrivaninha. Há dois homens no quarto comigo. Um é mais alto que eu, de cabelo louro-escuro e barba. O outro é mais baixo, atarracado, de cabelo ruivo e um bigode mais ruivo ainda. O ruivo fala primeiro.

— Sou o agente Bowers. Este é o agente Thompson. Vamos lhe fazer algumas perguntas e agradeceríamos se cooperasse.

Concordo com a cabeça. O agente Bowers se aproxima de mim e pergunta: — Você mora aqui?

Nego com a cabeça.

— Não.

Começo a contar a eles o que estou fazendo aqui e como estão cometendo a porra de um erro, mas o agente alto me interrompe e pergunta:

— Como se chama?

— Carter — respondo.

Não digo *Luke* ainda, porque nem sei se Asa vai ser preso mesmo. A última coisa de que preciso é do FBI estragando a porra do meu disfarce.

— *Carter?* — repete o agente Bowers. — Só tem um nome? Então você é tipo a Madonna? A Cher? — Ele se

inclina na minha direção, me encarando nos olhos. — Qual é a porra do seu sobrenome, espertinho?

Torço as mãos às costas, tentando aliviar a pressão que corta a circulação em meus pulsos. Minha cabeça está latejando, em parte por causa dos últimos minutos e em parte porque estou puto por eles estarem prestes a acabar com tudo e levarem todo o crédito. É claro, podem estar aqui para prender Asa. E, sim, fico aliviado por Sloan estar em segurança agora. Mas saber que os últimos meses inteiros não serviram para nada e que coloquei Sloan em perigo mais de uma vez *realmente* me irrita.

Há um silêncio e ouço Asa gritar “Foda-se!” em outro cômodo.

O agente Thompson chuta minha cadeira, chamando minha atenção de volta para ele.

— Qual é seu sobrenome, filho?

Mal sabe ele que sei como conduzir uma investigação apropriadamente, e esses babacas já quebraram pelo menos três regras. Mas o FBI, e até a polícia, não é exatamente conhecido por seguir as regras em situações específicas como esta. Sei disso em primeira mão.

Abro a boca para responder, mas sou interrompido pelo grito de Sloan no andar de cima. Imediatamente me levanto, mas os dois me empurram de volta na cadeira.

— Ou me prende ou me deixa ir, porra! — grito.

Preciso chegar até Sloan. Ela provavelmente está apavorada, sem saber o que está acontecendo. Preciso ver como ela está antes de perder a cabeça, mas eles não me deixam sair do quarto.

— Estou do lado de vocês — digo, tentando manter a voz calma, quando minha vontade é gritar. — Se tirarem

minhas algemas, posso provar e voltar a fazer a porra do meu trabalho!

O detetive Thompson me encara por um instante, olha de volta para o agente Bowers e ri. Ele aponta para mim.

— Ouviu isso? — pergunta. — Ele é da polícia.

O agente Bowers também ri e, com sarcasmo, diz:

— Foi mal. Está livre.

Ele aponta na direção da porta.

Eu podia passar sem o sarcasmo. Também sei que acabei de foder com meu disfarce, mas não vou ficar nem mais um minuto aqui com esses babacas. Mais tarde me preocupo com a reação de Dalton.

— Vão encontrar meu distintivo embaixo do banco do carona do meu carro. É o Charger preto.

O agente Thompson estreita os olhos e me olha como se de fato estivesse considerando a hipótese de eu não estar mentindo. Ele olha para o agente Bowers e inclina a cabeça na direção da porta, silenciosamente pedindo que ele vá verificar.

Ainda estou ouvindo Asa no outro cômodo, gritando com seja lá quem o está interrogando. Agora ele está exigindo um advogado. Não acho que vá ajudá-lo a esta altura.

O agente Thompson não me pergunta mais nada quando ficamos sozinhos. Uso a oportunidade para falar de Sloan.

— Tem uma garota num quarto lá em cima. Pode se certificar de que ela está bem quando seu parceiro voltar?

O agente Thompson assente.

— Sim, podemos fazer isso. Tem mais alguém na casa sobre quem precisamos saber?

Balanço a cabeça. Já me arrependi de ter me exposto, então a última coisa que vou fazer é expor Ryan. Ele pode fazer isso sozinho quando achar melhor. Provavelmente vai esperar Asa ser detido.

Odeio que não foi a nossa investigação que terminou com o esquema de Asa, mas estou aliviado por isso estar finalmente chegando ao fim. Pelo bem de Sloan. Ryan, entretanto, provavelmente está soltando fogo pelas narinas neste momento.

Um minuto depois, a porta do quarto se abre. Ergo a cabeça para ver se o agente Bowers encontrou o envelope com meu distintivo. Primeiro vejo o envelope aberto, mas assim que noto quem o está segurando, meu alívio se torna uma mistura de confusão e terror.

Mas que merda está acontecendo?

Asa me encara.

Que porra é essa?

Ele olha para o envelope em suas mãos e o bate duas vezes na palma. Olha para o agente Thompson e diz: — Eu gostaria de ter um pouco de privacidade com meu amigo, por favor.

O agente Thompson assente e começa a sair da sala. Antes que possa passar pela porta, Asa aponta para sua jaqueta azul do FBI, as três grandes letras amarelas nas costas.

— Parece tão *real*, não é? — comenta ele. Então olha de volta para mim. — Comprei na loja de fantasias no centro da cidade. — Ele ri e fecha a porta. — Os *atores* toscos foram um pouco mais caros que as jaquetas.

Não.

Porra.

Porra.

Não.

Caí como um patinho.

Sinto a bile subindo pela garganta. Sinto o sangue escorrendo pelos meus pulsos enquanto tento com todas as forças me livrar das algemas.

Asa joga o envelope com meu distintivo no colchão, depois leva a mão para o cós da calça e saca a arma.

Ele se senta na beirada da cama, os lábios comprimidos de tanta raiva.

— Gostou da minha surpresa? *Luke*.

Estou olhando fixamente para ele... De repente me dou conta de que acabei de cometer o maior erro da minha carreira. O maior erro da minha vida.

E só consigo pensar em Sloan.

Fecho os olhos com força e tudo o que vejo é Sloan.

TRINTA E NOVE

Asa

– **J**á viu o filme *Caçadores de Emoções*? — pergunto a ele.

Luke está me olhando fixamente. O peito dele sobe e desce com força, suas narinas se inflam. *Estou adorando essa porra.*

Ele não me responde. É engraçado ter aberto a boca tão rápido para se gabar sobre ser da polícia, mas mal se esforçar para conversar comigo.

— Não estou falando do remake de merda, Luke. Estou falando do filme original, com Keanu Reeves e Patrick Swayze. Ah, e aquele sujeito do Red Hot Chili Peppers. O vocalista?

Olho para Luke em busca de ajuda com o nome do cara, mas ele não fala nada. Fica apenas me encarando.

Não sei por que fico esperando que ele responda. Me inclino na cama e continuo: — Tem uma parte no filme em que Keanu Reeves e sua equipe invadem uma casa de tráfico. Mas o que eles não sabem é que um dos caras que mora lá é um policial disfarçado. E por causa da impaciência e falta de planejamento deles, acabam estragando a porra da investigação inteira para o pobre coitado. Meses e meses de trabalho duro. Lembra-se dessa parte?

Naturalmente, ele não responde. Fica só mexendo nas algemas em suas costas, tentando se soltar.

— Eu provavelmente tinha uns dez anos quando vi esse filme pela primeira vez, mas não consegui parar de pensar nessa parte. Fiquei obcecado. Sempre me perguntei o que teria acontecido se a equipe de Keanu estivesse só *fingindo* ser do FBI. Imaginei como teria sido a cena se o babaca disfarçado tivesse confessado quem era, só para depois descobrir que Keanu não era do FBI coisa nenhuma. Ele

estava só fingindo para pegar o traidor. Isso sim seria reviravolta.

Carter olha para a porta como se alguém fosse entrar e salvá-lo. Detesto dizer isto a ele, mas não vai rolar.

— De qualquer maneira — continuo, me levantando. — Achei que valia a pena tentar. Ver se um de vocês era burro o bastante para tentar me trair, e se fosse, talvez também seria burro o bastante para cair na reviravolta. — Inclino a cabeça e sorrio para ele. — Você deve estar se sentindo *muito* burro agora.

Sua mandíbula se contrai. A minha também, porque não faço ideia de como chamá-lo agora e isso está me deixando puto. Carter? Luke? *Morto?*

Sim. Vou chamá-lo de *morto*.

— Burro pra *caralho* — repito, rindo. — Por que revelou quem era tão rápido? Não sou nenhum policial, mas imagino que sair do disfarce não seja algo que vocês relevem muito.

Ando de um lado para o outro no quarto diversas vezes, tentando entender tudo. Por que alguém teria tanta pressa em sair de uma situação se isso comprometesse sua identidade? É como se fosse uma questão de vida ou morte para ele. Como se, caso não se apressasse para socorrer alguém, fosse ser tarde demais.

Lentamente me sento de volta na cama.

— A não ser... — Olho para ele. — A não ser que tenha revelado seu disfarce porque é o tipo de cara que deixa as emoções falarem mais alto que a razão. Como é que chamam esse tipo de cara? Tenho certeza de que conversamos sobre isso durante um almoço recentemente. — Olho para o teto fingindo pensar. — Ah, é.

Mariquinhas.

Ele não ri com a minha piada.

Isso provavelmente é uma coisa boa, porque eu poderia ter ficado mais puto ainda se ele tivesse rido.

Olho para a porta e percebo que não lembro se a tranquei ou não. Eu me levanto e vou conferir, então me viro de volta e encaro Luke.

— Mas a verdadeira pergunta aqui é *por que* você estaria tão emotivo numa hora dessas, quando devia estar protegendo seu disfarce a todo custo... O que podia ser tão mais importante na sua cabeça que o seu treinamento e bom senso?

Dou cinco passos na direção dele, até não poder chegar mais perto. Ele mantém contato visual comigo o tempo todo, erguendo o queixo para continuar me encarando.

— Ah, é. Isso. Estava preocupado demais com a porra da minha *noiva* para fazer a bosta do seu trabalho direito!

Bato a arma na lateral da sua cabeça, que se vira para o lado. Tenho certeza de que o golpe foi forte o suficiente para quebrar um ou dois dentes, mas ele age como se não estivesse abalado. Ele me olha nos olhos mais uma vez, parecendo até mais calmo do que antes de eu bater nele.

Filho da puta.

Odeio ainda gostar desse lado dele. O lado quieto e introspectivo que não se borra de medo. É

impressionante.

Pena que a única coisa que o faz se borrar de medo seja Sloan.

Há quanto tempo será que esse merda tem feito lavagem cerebral nela? Usando-a para sua investigação? Ele provavelmente vem colocando-a aos poucos contra mim desde o dia em que os dois se conheceram.

Achei que o incidente no cassino tinha sido ruim. Achei que descarregar no meu pai havia sido o meu momento de maior fúria. Mas eu estava errado. *Cara, como eu estava errado.*

Ver Sloan olhar para ele em busca de instruções mais cedo foi com certeza o momento em que fiquei mais furioso na vida. *Na vida.* Nunca quis tanto matar alguém quanto quis matar Carter naquele momento. Mas aquilo teria arruinado minha surpresa, então precisei ter paciência.

Levanto a arma devagar, a aponto para a lateral da cabeça do sujeito e imagino como será quando eu finalmente apertar o gatilho. Ver a porra do cérebro dele se espalhar pelo chão todo. Eu me pergunto qual vai ser o tamanho do estrago na cabeça dele. Será que vai continuar reconhecível? Quando eu trouxer Sloan aqui para olhar para ele pela última vez, será que ela vai saber que é Carter mesmo? Ou a cabeça dele toda vai explodir?

Eu me forço a afastar a arma, porque por mais curioso que eu esteja para ver como Carter vai ficar quando eu o matar, ainda tenho algumas perguntas que precisam de respostas antes disso acontecer.

Eu me agacho na frente dele e descanso meus braços em suas coxas.

— Você trepou com ela?

Sei que nesse caso é uma pergunta retórica, porque ele seria burro se respondesse. Mas Carter já provou não ser o mais inteligente da turma hoje.

— Onde estavam quando comeu ela pela primeira vez? Na minha cama? Ela gozou?

Ele comprime os lábios, lambendo-os. Mas ainda assim não responde. Seu silêncio está realmente começando a me irritar. Eu me levanto e vou até a porta, verificando mais

uma vez se está trancada. Nem sei por que a quero trancada, afinal os caras já estão com a casa sob controle. Um deles recebeu ordens de subir direto e vigiar Sloan. Quatro outros estão divididos entre Jon e Kevin, apesar de eu não estar preocupado com nenhum deles. São burros demais para serem policiais, mas gosto da ideia de deixá-los cagando nas calças por mais uns dez minutos.

Ainda não tenho certeza quanto a Dalton. Mas ele está na sala com duas armas apontadas para sua cabeça, então acho que vou me preocupar com ele depois que terminar com Carter.

— Quer saber como foi a primeira vez que trepei com ela? — pergunto.

Desde o segundo em que entrei aqui, essa é a primeira vez que ele reage a uma de minhas perguntas. Carter mal balança a cabeça de um lado para o outro, duas vezes. É tão sutil que nem sei se ele percebeu que fez aquilo. *Realmente* não deve querer saber como foi a primeira vez que a fodi.

Bom, que pena, Carter. Vou contar tudo mesmo assim.

Eu me sento de volta na cama, mas dessa vez me encosto na cabeceira. Cruzo os tornozelos e ponho a arma em cima da minha coxa.

— Sloan tinha dezoito anos. Inocente. Intocada. A pobre garota cuidava do irmão há tanto tempo que nem tinha tido a chance de ser criança. De sair, se divertir, ficar com os garotos. Você acredita se eu te contar que fui o primeiro cara que ela beijou?

Ele está olhando para a frente agora, recusando-se a olhar para mim. Vejo as veias em seu pescoço saltando.

Sorrio e resolvo detalhar ainda mais minha história porque gosto de observá-lo se contorcendo.

— Ela não era inexperiente porque era tímida, deixe-me esclarecer isso logo. Ela era inexperiente porque não confiava facilmente. Cresceu com uma mãe patética, nem conheceu o pai. Então quando entrei na história, ela não sabia o que pensar. Não tinha nenhum ex-namorado para comparar comigo, então eu não precisava ser melhor do que ninguém. Ninguém para superar. Eu só sabia que se fosse melhor do que os pais dela, Sloan acharia que tinha sido abençoada. E eu fui, Carter. Fui bom pra caralho para ela.

“Felizmente, Sloan não era o tipo de garota que queria ir com calma. No nosso primeiro encontro, eu a beijei antes mesmo de chegarmos ao restaurante. Empurrei-a contra uma parede de tijolos em um beco qualquer e ela gostou tanto que parecia querer se afogar na porra da minha saliva.”

Puta merda. Meu pau acabou de ficar duro só de me lembrar disso.

— Eu já tinha ido naquele restaurante, então sabia a hora perfeita da noite para levá-la sem que estivesse lotado. E conhecia a mesa perfeita para pedir e termos privacidade. Ela não conseguia tirar as mãos de mim quando nos sentamos. Era como se eu tivesse libertado essa necessidade nela que eu nem sabia que as garotas sentiam. E me fez ter vontade de jogá-la de cara na mesa, levantar seu vestido, e comê-la bem ali em cima dos aperitivos.

“Nunca vou me esquecer daquele vestido. Era um vestidinho branco bonito com alças finas e flores amarelas. Parecia seda nas minhas mãos, e eu não conseguia parar de tocar nele. Ela usou sandálias brancas para ressaltar as unhas dos pés pintadas de cor-de-rosa, e em algum momento durante o jantar as tirou. Eu amei aquela porra. Você curte pés, Luke?”

Ele está me encarando. Não sei em que momento aconteceu, mas não parece mais tão calmo quanto estava depois de eu bater nele.

Eu tinha razão. Este é o único assunto que o faz ceder. Sorrio e continuo: — Enquanto comíamos, não parei de jogar meu charme nela. Disse como era bonita, como era especial, que o que estava fazendo pelo irmão era a coisa mais bondosa que eu já tinha visto. E o tempo todo em que eu falava exatamente o que ela precisava ouvir, minha mão subia devagar por sua coxa. Quando trouxeram o cardápio de sobremesas, eu já tinha enfiado a mão embaixo de sua calcinha. O garçom mal se virou e meu dedo entrou nela. — Expiro com força, tentando controlar minha pulsação. Nem consigo *pensar* naquilo sem ficar excitado. — Vai ser difícil descrever o que aconteceu depois, porque só estando lá para entender. Mas vou tentar.

Eu me sento na cama e passo a arma pela minha bochecha.

— A boceta dela... puta que pariu. Foi a coisa mais quente, molhada e apertada que já toquei. Eu queria engatinhar para baixo da mesa e enterrar minha boca em Sloan. E ela respondia *tão* bem. Acho que como nunca tinha sido tocada por um cara, era natural. Mas havia algo mágico... uma coisa espiritual que rolou dentro de mim quando as pontas dos meus dedos tocaram seu hímen perfeitamente intacto.

“O primeiríssimo orgasmo de Sloan aconteceu nos fundos daquele restaurante indiano, com gosto de curry em sua língua, minha mão dentro do seu vestido, meus dedos enfiados nela. Foi lindo. Lindo pra caralho.”

Suspiro ao lembrar, e então rio quando me dou conta de que nem cheguei na parte boa ainda.

— Eu precisava tomá-la para mim. Precisava foder aquele hímen até ela sangrar em cima de mim, então a levei de carro para minha casa. Mas claro que depois de nos beijarmos durante meia hora, ela me pediu para esperar. Disse que estávamos indo rápido demais. Mas eu precisava foder com ela, Luke. Eu não conseguia *respirar*. Então fiquei deitado de conchinha por duas malditas horas. Esperei até o meio da noite, e então comecei a beijá-la. A tocá-la. Subindo e descendo a língua pelo clitóris dela, excitando-a em seu sono para que, quando Sloan finalmente acordasse, implorasse. E foi exatamente o que aconteceu.

“Ela acordou com minha cabeça entre suas pernas e em dez segundos estava me implorando. Na *primeira* noite, Luke. Ela tinha acabado de ter seu primeiro encontro oficial. Acabado de dar seu primeiro beijo. De ter seu primeiro orgasmo. E então, como o milagre que foi aquilo, eu estava entrando nela, vendo-a se encolher, sentindo-a se alargar em volta de mim. Pus a mão em sua barriga porque queria sentir o estouro quando eu metesse com força. Ela gritou quando aconteceu.

“Foi meio que inesperado para Sloan, o jeito como simplesmente meti nela e a possuí enquanto ainda estava meio que dormindo. Acho que ela não tinha acordado de verdade até aquele momento. Então comecei a comê-

la. Com força. Com tanta força, Luke. Eu nunca tinha sentido vontade de ser parte de alguém, de estar dentro de alguém com mais do que só meu pau. Simplesmente continuei metendo, porque, por algum motivo, parecia que eu nunca ia fundo o bastante. As marcas na parede deixadas pela cabeceira da cama ainda estão lá, aliás.

Posso mostrar antes de matar você.”

Eu me levanto e esfrego o rosto com as mãos.

— Depois de dois anos, ainda penso naquela noite. Em como foi a sensação de ser a primeira pessoa dentro dela. A primeira pessoa a fazê-la gozar. A primeira pessoa a fazê-la gritar um nome. E toda vez que olho para ela, a amo um pouco mais, sabendo que o que rolou entre a gente será para sempre sagrado. Que terei todas as primeiras e todas as últimas vezes. Que ela nunca permitiria que outro homem a beijasse. A tocasse. Enfiasse o pau dentro dela e a *arruinasse* para mim.

Ando calmamente até Luke e me agacho na frente dele de novo.

— Se eu descobrir que você tirou isso de mim, Luke, ela vai se tornar imprestável. Me dê licença enquanto vou lá em cima buscá-la. Acho que nós três precisamos ter uma conversa séria.

Mando dois dos merdas na casa ficarem de olho em Luke enquanto corro para o andar de cima para buscar Sloan.

QUARENTA

Sloan

A primeira coisa que fiz depois de subir correndo a escada até meu quarto foi procurar meu celular na mesinha de cabeceira. Não estava lá. Procurei no chão, na cama, *embaixo* da cama.

Então lembrei que Asa passou aqui em cima antes do jantar.

O filho da puta escondeu meu telefone.

Assim que ouvi os gritos no andar de baixo, a briga, coisas se quebrando... corri para me esconder no closet.

Menos de dez segundos depois, alguém bateu na porta. Fui tomada por alívio quando ouvi as palavras “FBI, abra a porta!”

Engatinhei para fora do armário e fiz o que mandaram, mas imediatamente percebi que tinha alguma coisa errada. O agente me empurrou de volta para dentro do quarto e bateu a porta, apontando uma arma em minha direção. Ele me mandou ficar na cama e não me deixou falar nem me mexer.

Já faz um tempo. Tempo demais. Às vezes consigo identificar a voz de Dalton. Às vezes a de Jon ou de Kevin.

Mas não a de Asa.

Nem a de Luke.

Meu estômago se revira só de pensar que Asa pode ter algo a ver com isso. Não seria a primeira mentira ridiculamente elaborada dele. Está se tornando seu forte.

— Estou presa? — pergunto ao agente.

Ele continua na frente da porta, mas não me responde.

— Se não vou ser presa, gostaria de descer.

Ele balança negativamente a cabeça.

Foda-se esse cara.

Eu me levanto e tento passar por ele, mas o cara agarra meu braço e me joga de volta na cama. Então tenho certeza de que tem alguma coisa estranha nessa situação toda. Eu me levanto num pulo e tento de novo.

— Socorro! — grito, torcendo para chamar a atenção de alguém na casa.

Ele tapa minha boca com a mão e me empurra contra a parede.

— Sugiro que cale sua boca e se sente de volta na cama.

Piso no pé dele, sabendo que só estou piorando as coisas para mim. Mas estou cansada de não revidar. Ele põe as mãos em meus ombros e me empurra com tanta força contra a parede que bato a cabeça. Eu me encolho e tento pôr a mão no ferimento, mas ele segura meus pulsos e os imprensa na parede.

— Você até que é corajosa — diz, sorrindo como se aquilo o excitasse.

De onde saiu esse cara? Do mesmo útero que Jon?

— Socorro! — grito novamente.

Dessa vez ele balança a cabeça e diz:

— Não sabe manter a boca fechada?

Ele pressiona seus lábios contra os meus. Eu *odeio* homens pra caralho. Eu *odeio*! *Odeio!*

Meus olhos estão arregalados, e tento manter a boca bem fechada para conter a força da língua dele. Estou olhando por cima do ombro do cara, lutando para me soltar, quando a porta do quarto se abre.

Fico ao mesmo tempo horrorizada e aliviada ao ver que é Asa.

O que está acontecendo?

Ele percorre o quarto e nos vê — o cara ainda tentando enfiar a língua em minha boca. A mão dele está subindo por baixo da minha camisa. Então me dou conta de como vivo num mundo fodido, rezando para Asa vir me salvar, mas também temendo pelo momento em que vou ficar a sós com ele.

Asa não leva nem dois segundos para processar o que está acontecendo. Os olhos dele brilham de raiva.

— Dei uma porra de trabalho para você, babaca! — grita ele, andando a passos largos até nós dois. Quando o cara me larga e começa a se virar para trás, Asa levanta sua arma e a encosta na testa do cara. — *Um* trabalho!

Zumbido.

Não escuto mais nada além do zumbido em meus ouvidos. A ardência de um líquido em meus olhos, em meu rosto. Cubro os ouvidos com as mãos e fecho os olhos com força.

Não, isso não acabou de acontecer.

Não, não, não.

Escuto o cara cair no chão e preciso dar um passo para o lado para tirar meu pé esquerdo de baixo dele.

— Não, Asa. Não, não, não — repito, minhas mãos ainda tapando os ouvidos, meus olhos ainda fechados.

— Ele provavelmente achou que você era uma vadia, Sloan — diz ele, agarrando meu braço. — Pode culpá-

lo?

Asa me puxa com força para a frente e tropeço no cara caído no chão. Asa não larga meu braço enquanto me põe de pé novamente e me puxa na direção da porta.

Meus olhos ainda estão fechados. Acho que posso estar gritando, porque minha garganta está ardendo, mas não sei se sou eu ou o zumbido em meus ouvidos. De repente sou levantada do chão e colocada sobre o ombro dele.

Enquanto Asa me carrega pela escada, os últimos dez segundos ficam se repetindo na minha cabeça.

Isso não está acontecendo.

Momentos depois, ele me deita numa cama. Ainda estou com muito medo para abrir os olhos. Vários segundos se passam e sinto meu pulmão se esforçando para pegar ar. Ofego em meio às lágrimas, e é quando escuto a voz de Asa acima de mim.

— Sloan, olhe para mim.

Abro lentamente os olhos e o vejo. Está ajoelhado ao lado da cama, tocando meu rosto, alisando meu cabelo.

Há respingos de sangue em seu rosto, em seu pescoço.

Olho em seus olhos e vejo que suas pupilas tomaram conta deles. Duas enormes íris pretas estão me encarando de volta, e isso faz meu corpo já trêmulo se arrepiar todo.

— Sloan — sussurra ele, ainda passando a mão pelo meu cabelo. Tento olhar ao redor do quarto, mas Asa agarra meu queixo e me força a olhar de volta para ele. — Gata, tenho notícias bem chatas.

Acho que meu coração não vai aguentar seja lá o que ele está prestes a dizer. Fico com medo de vomitar se abrir a boca para responder.

— Eu sei sobre você e Luke.

Meu coração dispara ao ouvir aquele nome. Luto contra a enxurrada de lágrimas que tenta voltar. Ele o chamou de Luke.

Como sabe que o nome dele é Luke?

Junto todas as minhas forças para me fazer de desentendida.

— Quem é Luke?

Seus olhos examinam meu rosto. Suas pupilas se contraem e se dilatam novamente. Um lento sorriso se espalha em seu rosto e ele pressiona os lábios na minha testa.

— Foi o que pensei — sussurra, se afastando de mim. — Não é culpa sua, Sloan. Ele fez lavagem cerebral em você. Tentou botar você contra mim. Mas o nome dele nem é *Carter*, gata. É Luke. Pode perguntar.

Ele põe a mão por baixo das minhas costas e me levanta até me colocar sentada na cama.

De repente estou cara a cara com meu pior pesadelo.

Luke está sentado numa cadeira, as mãos algemadas atrás das costas. A agonia estampada em seu rosto diz tudo sobre o que ele acha dessa situação.

Não.

Asa está me observando, esperando minha reação. Tento me controlar, esconder meu medo, meu sofrimento, minha agonia. Mas saber que nós dois estamos nas mãos de Asa neste momento deixa poucas forças para fingimentos.

Não reaja. Não reaja. Não reaja.

Repito essas palavras mentalmente enquanto Luke me diz a mesma coisa com o olhar.

É isso que Asa quer. Uma reação. Faço o possível para não ter a reação que ele espera. Ele está de pé agora, então olho para cima com a expressão mais inocente que consigo fazer.

— Asa, do que você está falando? Por que Carter está algemado?

Ele me olha de cima como se estivesse decepcionado. Como se esperasse que eu falasse que sabia que Luke estava disfarçado, ou pelo menos que eu estava dormindo com ele. Asa dá um sorriso irônico.

— Ainda acha que sou burro, Sloan? — Seu olhar lentamente se volta para Luke. — Então acho que não tem problema se eu fizer isso, né?

Ele levanta a arma e anda na direção de Luke, exatamente como fez um segundo antes de atirar no cara lá em cima.

Imediatamente pulo, agarro sua arma e grito:

— Não! Asa, não!

Ele não atira.

Em vez disso, a mão segurando a arma faz uma volta e me bate com tanta força que voo de volta para a cama. *Nem foi preciso admitir o que estava acontecendo entre Luke e eu. Minha reação simplesmente me denunciou.*

Agora ele está em cima de mim, agarrando meus pulsos, pressionando a testa na lateral da minha cabeça.

— Sloan, não — diz ele, com a voz forçada. — Não, *não*, gata. — Asa afasta a cabeça, seus olhos cheios de mágoa. — Ele esteve dentro de você? Você deixou ele *entrar* em você?

Estou chorando demais para admitir. Estou chorando demais para negar.

Seu rosto inteiro vira uma careta, como se ele achasse aquela a pior coisa que pudesse estar acontecendo neste momento. *Ele acabou de atirar num cara lá em cima e está mais chateado porque eu o traí?*

Viro a cabeça para o lado e fecho os olhos com força.

É isso.

É assim que vou morrer.

Asa enfia a cabeça no espaço entre meu pescoço e meu ombro e murmura: — Não lembro se tranquei a porta.

Quando ele sai de cima de mim, tento processar o que acabou de dizer, mas foi tão aleatório e minha pulsação está tão acelerada para compreender meus pensamentos, que nem sei o que achar disso. Enquanto Asa anda até a porta, viro a cabeça e olho para Luke. As mãos dele estão algemadas nas costas da cadeira. Mas ele se levanta rapidamente, deslizando os braços pelo encosto e se senta de novo, dessa vez com os braços apoiados diretamente nas costas, sem a barreira da cadeira. Tudo acontece tão rápido que levo um segundo para entender que ele não está realmente algemado à cadeira.

Asa não deve ter percebido isso, ou nunca teria se virado de costas para ele.

Meu olhar vai para a porta que Asa está trancando. Olho de novo para Luke, que balança a cabeça, me avisando para ficar calma. Ele não pode levar o polegar até o lábio, mas está mordendo a boca, deslizando os dentes por ali.

Enrolo uma mecha do cabelo, bem na hora em que Asa apoia as costas na porta do quarto. Ele põe a arma junto a seu rosto e olha diretamente para Luke.

— Já contei sobre a primeira vez em que *eu* comi Sloan — diz ele. — Agora é a sua vez.

QUARENTA E UM

Asa – Vários anos antes

Meu pai está parado na janela, em alerta para caso os homens apareçam.

Ele está sempre esperando pelos homens. Já me disse que se descobrirem onde moramos, vão atirar nele. E

depois vão atirar na minha mãe e em mim. Ele disse que depois de atirarem na gente, os homens provavelmente nem vão avisar a polícia. Vão nos deixar aqui, então nossos corpos vão apodrecer dentro desta casa e os ratos e as baratas vão comer o que restar.

— Asa! — grita ele da janela, apontando para a porta da frente. — Vá conferir a porta de novo!

Eu já olhei duas vezes, mas ele nunca acredita quando digo que está trancada. Só fala *Vá conferir a porta de novo* toda vez que olha pela janela.

Não sei por que em alguns dias ele acha que os homens estão vindo atrás dele e em outros ele simplesmente não liga. Desço do sofá e engatinho até a porta. Minhas pernas funcionam, então eu poderia muito bem andar até lá, mas às vezes tenho medo de os homens estarem do lado de fora e atirarem em mim, por isso engatinho quando passo diante da janela grande.

Verifico a porta.

— Está trancada.

Meu papai me olha e sorri.

— Obrigado, filho.

Odeio quando meu pai me chama de *filho*. Ele só me chama assim quando está com medo dos homens que vão atirar nele e depois na minha mãe e em mim. Quando meu

pai está com medo, é muito legal comigo e me obriga a ajudá-lo com algumas coisas, como empurrar o sofá até a porta e tirar da tomada tudo que use eletricidade. Já o ajudei bastante hoje, mas ele continua me chamando de filho. Prefiro quando ele não me chama de nada e só fica sentado na poltrona o dia inteiro.

Engatinho de volta ao sofá, mas antes de alcançá-lo, sinto meu pai apertando meu braço.

— Eles estão aqui, Asa! — sussurra, me pondo de pé e acrescentando: — Você tem que se esconder!

Meu coração bate depressa no peito e obedeço.

Meu pai anda sentindo muito medo dos homens, mas eles nunca apareceram. Olho pela janela grande enquanto ele me puxa pela sala, mas não vejo ninguém. Não vejo os homens.

Meu pai me puxa pela porta dos fundos e me faz descer os degraus. Ele se ajoelha e segura meus ombros.

— Asa, se esconda embaixo da casa e fique lá até eu ir te buscar.

Balanço a cabeça.

— Eu não quero.

É bem escuro lá embaixo, e uma vez vi um escorpião.

— Você não tem escolha! — sussurra. — Não saia até eu ir buscar você, senão eles vão matar todos nós!

Ele me empurra na direção da abertura que leva para a parte de baixo da casa. Caio de joelhos e minhas mãos afundam na lama. Não olho para trás. Engatinho até o mais longe que consigo para que os homens não possam me ver.

Levo os joelhos até o peito e tento não fazer barulho enquanto choro para os homens não me ouvirem.

Senti muito frio e fome e chorei até o sol nascer novamente. Mas meu papai disse para eu não me mexer, então não me mexi. Ainda não me mexi. Espero que ele não fique zangado, mas fiz xixi na calça enquanto dormia.

Não faço xixi na calça durante o sono desde antes do meu último aniversário. Se os homens ainda não tiverem matado meu pai, ele vai ficar muito bravo por isso.

Escuto eles andando dentro da casa. Não sei se mataram meu pai. Minha mãe estava no quarto onde ela passa a maior parte do tempo, então devem ter matado ela também, se a tiverem encontrado.

Mas eles não me mataram, porque fiz exatamente o que meu pai mandou. Fiquei aqui e não vou sair até ele vir me buscar.

Ou até os homens irem embora.

Senti muito frio e fome e chorei até o sol ir embora. Mas mesmo assim não me mexi. Meu pai disse para eu não sair, então obedeci. Só que minhas pernas nem parecem mais fazer parte do meu corpo. Meus olhos ficam fechando. Não estou mais com tanta sede porque tinha um pouco de água escorrendo de um cano ao meu lado e coloquei a boca embaixo para beber um pouco.

Acho que os homens mataram minha mãe e meu pai, porque agora está bem quieto na minha casa. Não escutei mais os homens andando desde que o sol nasceu, então eles já devem ter ido embora.

Sei que meu pai disse para eu não me mexer, mas se ele ainda estivesse vivo, já teria vindo me buscar.

E ele nunca veio.

Engatinho para fora. Está bem escuro agora, então isso quer dizer que fiquei embaixo da casa durante mais de um dia inteiro. Acho que os homens não matariam minha mãe e

meu pai e ficariam na casa por mais um dia, então eles já devem ter saído. É seguro entrar.

Quando tento me levantar, caio de volta no chão. Minhas pernas estão dormentes e meus dedos doem. Subo engatinhando a escada dos fundos e percebo que minhas roupas estão sujas de lama. Fico com medo de sujar o chão. Tento limpar um pouco no tapete, mas a lama se espalha ainda mais pela minha roupa.

Seguro a maçaneta e me forço a levantar. Não consigo sentir direito as pernas, mas agora já estão funcionando. Quando abro a porta e entro em casa, vejo o corpo do meu pai. Está na poltrona reclinável da sala.

Prendo a respiração. Nunca vi um cadáver e não queria ver um agora, mas sei que preciso ter certeza de que é meu pai e não um dos homens. Ando na ponta dos pés até a sala e estou com tanto medo que meu coração parece bater na minha garganta.

Quando chego na poltrona dele, respiro fundo e dou a volta para olhar melhor. Fico meio surpreso ao notar que mortos não são tão diferentes dos vivos.

Achei que ele estaria cheio de sangue, ou que estaria de outra cor — como um fantasma. Mas está igual.

Levanto o dedo para tocar em sua bochecha. Ouvi dizer que gente morta é mais gelada que gente viva, então pressiono a ponta do dedo na bochecha do meu pai para sentir sua pele.

Ele leva a mão até meu pulso e o aperta. Seus olhos se abrem e levo um susto tão grande que grito.

Os olhos do meu pai ficam muito bravos quando ele vê minhas roupas.

— Onde você estava, garoto? Está imundo!

Achei que ele estivesse morto.

Ele não está morto.

— Debaixo da casa, onde mandou eu me esconder ontem. Você falou que ia me buscar.

Ele aperta meu pulso com força, se inclina para a frente e diz: — Nunca mais ouse me acordar da porra do meu sono, seu maldito! Agora vá para o chuveiro, está cheirando a uma porcaria de esgoto!

Meu pai me empurra para longe. Dou um passo para trás, ainda confuso por ele estar vivo.

Achei que os homens tinham vindo. Achei que tinham matado meu pai.

Ele aperta meu pescoço e me empurra até eu sair tropeçando da sala. Ele falou que ia me buscar, mas acho que nem se lembrou de que eu estava embaixo da casa.

Sinto meus olhos ficando quentes, então saio correndo da sala. Não posso chorar na frente do meu pai, ou ele vai ficar muito bravo.

Atravesso o corredor na direção do banheiro, mas na verdade eu só queria comer alguma coisa. Meu estômago nunca sentiu tanta fome. Quando passo pelo quarto onde minha mãe fica a maior parte do tempo, encontro a porta aberta. Ela está dormindo na cama, então eu entro e pergunto se posso comer alguma coisa.

Balanço seu corpo e tento acordá-la, mas ela apenas resmunga e rola para o lado.

— Me deixe dormir, Asa.

Não gosto de como ela dorme tanto. Mamãe diz que não consegue dormir muito bem sozinha, então toma um monte de remédios que a ajudam a dormir melhor. Diz que os

brancos são para a noite, mas às vezes toma enquanto ainda está sol. Já vi ela fazer isso.

Ela tem umas pílulas amarelas também, e diz que são suas pílulas *especiais*. Diz que as guarda para dias em que quer ir para outro lugar em sua cabeça.

Olho para o seu vidrinho de remédios e me pergunto se ela perceberia se eu roubasse uma das amarelas.

Porque eu quero ir para outro lugar na minha cabeça. Não quero mais que minha cabeça esteja dentro desta casa.

Pego o vidro de pílulas amarelas e tento várias vezes, mas não consigo abrir. Não sou muito bom em ler porque ainda estou na primeira série, mas finalmente entendo que na tampa está escrito que preciso empurrar para baixo e depois girar.

Quando faço isso, consigo abrir. Olho para minha mãe, mas ela ainda está virada para o outro lado. Me apresso e pego uma das pílulas amarelas, ponho na boca e mastigo. Enrugo o nariz porque é a coisa mais nojenta que já comi. É muito amarga e deixa minha boca seca. Tomo um gole da água da minha mãe para terminar de engolir.

Espero que ela esteja certa. Espero que esse comprimido me leve para outro lugar em minha cabeça, porque estou ficando bem cansado de ser desta família.

Tampo o vidrinho de volta e saio de fininho do quarto da minha mãe. Quando chego ao banheiro para tomar banho, minhas pernas parecem não pertencer a mim novamente.

Assim como meus braços. Meus braços parecem estar flutuando.

Olho no espelho depois de ligar o chuveiro, porque parece que meu cabelo está crescendo. Só que não está mais comprido. Continua igual. *Mas sinto que está crescendo.*

Meus dedos dos pés começam a formigar, assim como minhas pernas. Tenho a impressão de que vou cair, então me sento depressa na banheira. Eu me esqueço de tirar as roupas, mas tudo bem, porque elas estão muito sujas. Acho que minhas roupas também precisam de água.

Fico pensando em quanto tempo devo ter passado embaixo da casa. Provavelmente perdi um dia de aula.

Não gosto muito da escola, mas eu queria ter ido hoje para ver o que a mãe do Brady preparou para o almoço dele.

Brady se senta ao meu lado na mesa do almoço e leva uma merendeira todo dia. Uma vez a mãe dele colocou um pedaço de bolo de coco. Ele não gosta de bolo de coco, então disse que eu podia comer. Estava muito bom. Depois voltei para casa e contei à minha mãe como estava bom, mas até hoje ela não comprou bolo de coco para mim.

Às vezes a mãe de Brady escreve bilhetinhos e põe dentro da merendeira. Ele lê para a gente e ri porque acha que são bobos. Mas eu nunca rio. Não acho os bilhetinhos bobos.

Uma vez vi um dos bilhetes que ele jogou no lixo e peguei. Dizia: “Querido Brady. Eu te amo! Tenha um ótimo dia na escola!”

Rasguei a parte do papel com o nome dele e guardei. Fingi que minha mãe tinha escrito aquilo para mim e às vezes eu o lia. Mas isso foi há muito tempo, e recentemente eu perdi o bilhete. Por isso queria ter ido para a escola hoje, porque se Brady tivesse outro bilhete de sua mãe, eu ia roubá-lo e fingir de novo que era para mim.

Como seria ter alguém dizendo isso para mim?

Eu te amo!

Ninguém nunca disse que me amava.

Eu me sinto tonto. Parece que minha cabeça está flutuando no teto e meus olhos estão vendo meu corpo de cima, sentado na banheira. Será que é por isso que minha mãe toma as pílulas amarelas? Por que faz as partes importantes dela flutuarem até o alto, onde ninguém pode alcançá-la?

Fecho os olhos e sussurro “Eu te amo” enquanto flutuo. Um dia vou encontrar alguém e vou fazer essa pessoa gostar de mim o bastante para me dizer essas palavras. Quero que seja uma garota. Uma garota *bonita*.

Uma que meu pai não ache uma vadia.

Seria legal. Talvez ela me ame a ponto de fazer um bolo de coco para mim. Eu gosto muito de bolo de coco.

Se um dia eu encontrar uma garota que diga essas palavras e ainda faça um bolo de coco para mim, vou ficar com ela. Não vou jogar ela fora, como Brady faz com os bilhetes da mãe.

Vou guardar ela para sempre, e nunca vou deixar que me abandone. Vou fazer com que diga que me ama todo santo dia.

Eu te amo, Asa, ela vai me prometer. *Nunca vou te deixar.*

QUARENTA E DOIS

Asa

Eu nunca matei ninguém. Não até alguns minutos atrás, quando atirei no cara no segundo andar por ter tentado pegar o que não era dele.

Ainda não sei bem como me sinto.

Eu provavelmente devia estar preocupado, porque um assassinato é sempre acompanhado de repercussão.

Também devia estar puto, porque assim que atirei no cara e trouxe Sloan para este quarto, os outros babacas que estavam aqui saíram correndo feito ratos.

Acho que estão com medo de que eu atire neles também.

Talvez eu esteja um pouco preocupado com a repercussão e toda essa merda. Em geral, quando uma arma é disparada, alguém chama a polícia. O que significa que eles provavelmente estão a caminho daqui agora, graças a algum vizinho intrometido.

E estou falando da polícia *de verdade*. Não desse trapo sentado na minha frente.

Estou decepcionado por isso não estar acontecendo como planejei. Atirei em *um* cara em autodefesa e o restante deles simplesmente desiste do trabalho e foge? Isso quer dizer que Jon, Kevin e Dalton não estão mais sendo detidos pelos atores. O que significa que pelo menos um deles está prestes a bater nesta porta, perguntando por que armei essa situação.

O que significa que... *estou na merda agora*. Ficando sem opções. Acho que a única opção que ainda me resta, na verdade, é atirar na maldita cara presunçosa de Luke e tirar Sloan daqui enquanto ainda posso. Ela vai ficar meio traumatizada, claro. Mas podemos fazer terapia ou coisa

assim quando nos acalmarmos de novo. Ela vai precisar, principalmente depois da lavagem cerebral que sofreu.

É meio triste só me restar uma opção e mais ou menos um minuto para colocá-la em prática, porque eu realmente queria ouvir Luke me contar como foi que ele comeu Sloan.

Não porque eu ficaria excitado. *Não sou mórbido, porra*.

Eu queria ouvir porque preciso visualizar. Preciso saber o que Luke falou para Sloan cair na dele. Preciso saber se ele teve que convencê-la como eu. Preciso saber se ela fez os mesmos sons que faz quando está comigo. Quero saber em que posição ele a comeu. Ele estava em cima? Ou ela? Ele estava por trás?

Só preciso saber para me certificar de não fazer nem dizer as mesmas coisas que ele quando eu fizer amor com Sloan no futuro. Preciso me certificar de nunca comê-la nas mesmas posições que *ele* a comeu.

Mas agora estou sem tempo, pois tem alguém batendo na porta e Luke ainda não abriu a boca.

— Asa!

É Dalton.

Ainda não sei o que pensar de Dalton. Gosto muito dele. Ele é cocaína, e todo mundo gosta de cocaína. Mas todo mundo sabe que cocaína é uma das drogas mais falsificadas que existem. Uma cambada de impostores.

Traficantes vendendo aspirina triturada nas esquinas para viciados em crack quase mortos que nem percebem a diferença.

Dalton pode até *não* ser cocaína. Ele provavelmente é a porra de um vidro de *Advil*, triturado e despejado num saquinho.

— Asa, abra a porta! — grita Dalton.

Ponho a mão na maçaneta e me certifico de que a porta continua trancada.

— Cadê todo mundo? — grito para ele. — Está quieto aí fora!

— Abra a porta e a gente conversa.

Ele está bem do outro lado.

Eu rio e repito:

— *Cadê* todo mundo, Dalton? Cadê Jon e Kevin?

— Eles vazaram. Ficaram paranoicos e foram embora.

Claro que vazaram. Melhores amigos da porra. *Cuzões*.

Olho para Sloan, que está sentada na cama com os joelhos junto ao peito. Ela olha em minha direção, os olhos arregalados.

Luke também está me observando. Não importa para onde eu ande ou o que eu esteja fazendo, os olhos dele estão sempre fixos em mim. Isso acontece desde o dia em que o conheci. Desde o dia em que *Dalton* o apresentou a mim.

Inclino a cabeça até minha boca estar na fresta da porta.

— Por que você ainda está aqui, Dalton? Está esperando o reforço chegar?

Ele não responde tão rápido dessa vez. Depois de uma pausa, diz: — Estou aqui porque meu amigo está aí dentro. Se deixá-lo sair, vamos embora.

Não acredito que caí nessa porra. Meses praticamente morando com esses babacas e eles estavam aqui só para me destruir.

Meio que parece minha infância de novo.

Pelo menos Sloan me ama.

Pelo menos.

Percorro o quarto com o olhar até parar nela.

— Lembra quando eu estava no chuveiro mais cedo e você perguntou se eu queria alguma coisa do mercado?

Ela assente muito de leve.

— Eu disse que queria sobremesa para comemorar. Você comprou?

Ela assente de novo e sussurra:

— Sua preferida. Bolo de coco.

Viu? Ela me ama, porra.

— Dalton — digo, exigindo a atenção dele. Não que ele tenha parado de prestar atenção.

Eu provavelmente devia mudar de lugar. Ele está bem do outro lado da porta, não duvido de que o cretino atire em mim através dela.

Encosto na parede e confiro mais uma vez se a porta está trancada.

— Me faz um favor? Traga o bolo de coco para a gente.

Mais uma vez Dalton espera para responder.

— Você quer *bolo*? — pergunta ele, confuso. — Você quer a porra do *bolo*?

Por que isso parece tão ridículo?

— Sim, eu quero bolo! Traga a porra do bolo de coco, babaca!

Escuto os passos de Dalton cada vez mais baixos conforme ele vai até a cozinha. Luke está me encarando como se eu tivesse enlouquecido.

— Algum problema?

Ele balança a cabeça e abre a boca para falar. *Finalmente*.

— Existem remédios que podem ajudar você, Asa.

Remédios?

— De que merda está falando?

Luke olha para Sloan e então de volta para mim. Odeio quando ele olha para ela. Me dá vontade de arrancar os olhos dele e engolir como se fossem os comprimidos amarelos da minha mãe.

— Você verificou a tranca da porta quinze vezes nos últimos cinco minutos — responde ele. — Esse não é um comportamento normal. Mas pode ser controlado. Assim como o comportamento do seu pai podia ter sido.

Sou obrigado a interromper aquele bosta.

— Fala sobre meu pai mais uma vez, Luke. Eu *desafio* você.

Ele olha para a arma apontada em sua direção, mas por algum motivo nem assim cala a porra da boca.

— Você sabia que ele foi diagnosticado com esquizofrenia paranoica quando tinha só vinte e sete anos? Li no arquivo dele. Seu pai nunca tomou os remédios, Asa, nem uma vez. As coisas que se passam dentro da sua cabeça podem parar. Tudo isso pode parar. Você não precisa ser como ele.

Dou passos largos pelo quarto e aperto a porra da arma na cabeça de Luke.

— Eu *não* sou como ele! Não tenho *nada* a ver com ele!

Antes que eu puxe o gatilho, Dalton bate na porta.

— Como devo entregar o bolo? — berra ele.

Merda. Boa pergunta.

Começo a andar até a porta, mas a ansiedade pelo bolo de coco é interrompida quando escuto sirenes. O som está distante... talvez a quatro ou cinco ruas.

Ainda tenho tempo. Se tivesse a porcaria de uma janela neste quarto, eu poderia pegar Sloan, atirar em Luke e pular pela janela antes de eles chegarem.

Mas a porra do Dalton está no meu caminho.

Se ele está do outro lado da porta segurando um bolo, significa que está provavelmente... bem... *aqui*.

Miro e assim que disparo, uma coisa dura bate em minhas costas. Caio para a frente, meus joelhos batem no chão, e a arma voa da minha mão. Olho para trás e Luke está em cima de mim, recuando a perna para chutar meu rosto. Rolo para o lado e dou uma rasteira nele, derrubando-o. Ele cai de costas.

Imediatamente começa a tentar passar as pernas pelos braços para que suas mãos algemadas fiquem na frente do corpo, em vez de atrás. Eu me sento e tento pegar minha arma, mas Sloan pula da cama e avança pelo chão. Nossas mãos alcançam a arma ao mesmo tempo, mas as minhas são mais experientes e sabem onde segurá-la melhor. Suas mãos rastejam pelas minhas até ela se dar conta de que a arma está firmemente encaixada na minha palma. Empurro-a para longe, mandando-a de volta para o maldito canto.

Ela bate na parede e corre para o mais longe possível de mim. Quando aponto a arma novamente para Luke, vejo que de algum jeito o filho da puta conseguiu colocar as mãos para a frente. Ele está se levantando, então me adianto e aperto a porra do gatilho. Observo a pele da coxa de Luke explodir em mil pedacinhos.

Caralho, isso deve ter doído.

Ele está de joelhos.

Suas costas batem na parede. Luke está se encolhendo, apertando o ferimento com as mãos. Dalton está batendo na porta.

— Asa, abra a porra da porta ou eu vou atirar na maçaneta! Três... dois...

— Se abrir essa porta, mato os dois! — grito.

Dalton não chega no um.

Olho para Sloan e vejo que ela está encolhida na parede, tapando os ouvidos com as mãos, lágrimas jorrando dos olhos. Está encarando Luke, e parece prestes a surtar de vez. Preciso tirá-la daqui antes que surte. Mas as sirenes estão mais próximas agora. Provavelmente aqui na rua.

Merda.

Pense, Asa. Pense.

Bato a arma na minha própria testa três vezes. Não posso perdê-la. Não posso. Se eu for preso, não vou ter como protegê-la. Não vou poder tocar nela. Ela vai cair nas mentiras de outra pessoa. Talvez até nas de *Luke* de novo.

Ela é a única pessoa que já me amou. Não posso perdê-la. Não posso.

Engatinho até Sloan e pego suas mãos, mas ela fica se afastando de mim. Preciso apontar a maldita arma para a cabeça dela para que fique quieta. Encosto a testa na lateral de sua cabeça.

— Diga que me ama, Sloan. — Ela está tremendo tanto que não consegue nem falar. — *Por favor*, gata.

Preciso ouvir você dizer.

Ela tenta falar três vezes, mas só consegue gaguejar. Nunca vi seus lábios tremerem tanto. Ela finalmente consegue formar uma frase:

— Deixe Luke ir e eu digo.

Aperto a arma em uma das mãos. Então agarro o pescoço de Sloan com a outra e o esmago. Ela está tentando *negociar* por ele, cacete?

Solto o ar pelas narinas. Minha mandíbula está tensa demais para deixar o ar sair pela minha boca. Quando me acalmo o suficiente para falar, cerro os dentes e sussurro: — Você me ama, certo? Você não ama ele. Você *me* ama.

Afasto a cabeça e vejo seus olhos petrificados. Ela ergue o queixo e diz: — Vou responder depois que deixá-lo sair. Ele precisa de um médico, Asa.

Um médico? Ele não precisa de um *médico*. Ele precisa da porra de um milagre.

— Não preciso que responda — digo. — Acho que se eu matar Luke de uma vez, vou descobrir se você o ama por meio da sua reação.

Ela arregala os olhos e imediatamente começa a balançar a cabeça.

— Não amo — dispara. — Por favor, não mate ele. Vai piorar as coisas para você. Eu amo *você*, Asa. Por favor, não mate mais ninguém.

Estou encarando-a fixamente, olhando de um olho para o outro. É difícil ver a verdade ali, porque só vejo sua preocupação por Luke estampada por toda a sua cara.

— Não se preocupe, Sloan. Ele provavelmente está usando um colete à prova de balas.

Viro a cabeça e levanto a arma, mirando-a diretamente no peito de Luke. Eu disparo. O corpo dele é empurrado

para a parede. Suas mãos sobem até o peito assim que o sangue começa a jorrar por entre seus dedos. Ele logo cai imóvel de lado.

— Ih. Foi mal. Eu estava enganado.

Sloan está gritando. Gritando a porra do *nome* dele, gritando *não*, gritando *o que você fez*, gritando o *nome* dele de novo, *gritando*, *gritando*, *gritando*.

Ela está *berrando*.

Está cheia de *lágrimas*, porra.

Por *ele*.

Agarro-a pelos braços e a levanto, jogando-a de volta na cama. Subo em cima de Sloan enquanto ela cobre a cabeça e grita ainda mais alto, as lágrimas jorrando dos seus olhos.

— Por que está gritando, Sloan? *POR QUÊ?*

Ouço a voz do meu pai repetindo *vadia*, *vadia*, *vadia*. Bato na minha testa para ver se para.

Para, para, para.

Ela não ama Luke. Ela *me* ama. Para sempre.

— Você não ama ele, Sloan — digo, meu rosto se retorcendo de dor. — *Não* ama, ele fez lavagem cerebral em você.

Seguro o rosto dela e beijo sua boca. Ela tenta se afastar de mim, tenta lutar contra mim.

— Sim, eu amo! — grita ela. — Eu amo Luke, eu odeio você. Eu amo Luke, eu odeio você pra *caralho*!

Ela vai se arrepender disso. Vai se arrepender mais do que já se arrependeu em toda sua merda de vida imprestável. Se ela acha que está triste agora, vendo esse filho da mãe morrer, espera só até *me* ver morrer.

Ela mal conhecia o cara. E me ama há *dois malditos anos*! Minha morte a deixaria *devastada*. Ela vai chorar tanto que não vai ter nem ar para dizer que odeia alguém.

Vadia, vadia, vadia.

Bato na minha testa de novo e encosto minha cabeça na de Sloan. Ela não está mais gritando. Está apenas soluçando descontroladamente.

— Você vai se arrepender disso, Sloan. Acha que está chorando muito agora? Quando eu morrer, você vai *morrer* junto de tanto sofrimento. *Você. Vai. Morrer. De. Tanto. Sofrimento.*

Ela balança a cabeça de um lado para o outro, soluçando em meio a suas palavras: — É *tarde demais* para me matar, Asa. Você me matou há muito tempo.

Ela está delirando.

Está delirando completamente.

Eu rio, sabendo que isso vai chateá-la. Eu rio sabendo como ela vai se arrepender do que acabou de me dizer. Eu queria estar lá para ver a reação de Sloan quando ela finalmente se der conta do significado que tenho para ela. Do quanto fiz por ela. De como vai ser sua vida sem mim.

Pressiono a boca nos lábios trêmulos de Sloan.

E então encosto a arma na minha cabeça e aperto a porra...

QUARENTA E TRÊS

Luke

S*abe o que dizem sobre como é morrer?*

Não. Você *não* sabe o que dizem porque ninguém *diz*. As pessoas que morrem não continuam aqui para contar o que sentiram no momento da partida. As pessoas que vivem nunca morreram, para início de conversa, então não sabem descrever.

Mas estou passando por isso agora. Então me deixe contar a você enquanto ainda posso.

Há um instante — uma fração de segundo logo antes de fechar os olhos pela última vez — em que você realmente aceita a morte.

Sente o coração batendo mais devagar, preparando-se para parar.

Sente o cérebro desligando, os circuitos sendo interrompidos.

Sente os olhos se fechando, não importa o quanto você tente mantê-los abertos. E então você se dá conta de que, seja lá o que estava observando antes de fechar os olhos, vai ser a última coisa que jamais verá.

Eu vejo Sloan. Ela é tudo o que vejo.

Eu a vejo gritando.

Vejo Asa a levantando e jogando-a na cama.

Vejo-a tentando se desvencilhar dele.

Vejo-a desistindo.

E é por isso que me recuso a fechar os olhos.

Olho para baixo e noto o sangue saindo do meu peito, a vida se esvaindo de mim para o chão. Já cometi erros

suficientes para deixar Sloan na posição em que está agora. Eu me recuso a morrer sem corrigir alguns deles.

Preciso reunir toda a força que ainda há em mim, mas estico os braços até pegar a arma no meu tornozelo.

Minhas mãos estão encharcadas de sangue, então é difícil segurá-la com firmeza, mas finalmente consigo.

Posso não ser o melhor da minha profissão em diversas áreas, mas tenho uma mira do caralho.

Assim que levanto a arma, Asa aponta a dele para a própria cabeça.

De jeito nenhum ele vai se safar assim tão fácil.

Eu me recuso a fechar os olhos ao colocar o dedo no gatilho e apertar, vendo a bala penetrar no pulso de Asa, jogando sua arma longe.

Eu me recuso a fechar os olhos quando o som de mais três tiros enchem meus ouvidos, dessa vez vindos da porta do quarto.

Eu me recuso a fechar os olhos enquanto observo Ryan abrir a porta com um chute e entrar correndo, seguido por diversos homens.

Eu me recuso a fechar os olhos até Asa estar no chão — a diversos metros de Sloan — sendo algemado.

Eu me recuso a fechar os olhos até encontrar os de Sloan.

Ela desceu da cama, atravessou o quarto e está de joelhos, pressionando meu peito com as mãos, fazendo o que pode para evitar que o restante de vida me deixe.

Não tenho energia suficiente para dizer a ela que é tarde demais.

Fecho os olhos pela última vez.

Mas, tudo bem, porque ela é tudo o que vejo.

Ela é a última coisa que vou ver.

QUARENTA E QUATRO

Sloan

A sensação não é nenhuma novidade para mim. Já tive que viver depois que alguém que eu amava morreu.

Uma morte horrorosa, desesperadora, desoladora.

Foi um mês antes de eu fazer treze anos.

Eu tinha irmãos gêmeos, Stephen e Drew. Desde cedo fui basicamente a cuidadora deles. Os dois tinham vários problemas de saúde, mas minha mãe costumava ficar na rua a noite toda, independentemente das necessidades deles. Tinha fases em que ela conseguia ser a mãe que precisava ser. Levava os dois ao médico para pegar os remédios dos quais eles precisavam para convencer o estado de que era uma mãe decente. Mas então ela deixava a maioria dos cuidados diários por minha conta enquanto saía, festejava e fazia sei lá o que mais até amanhecer.

Na noite em que Drew morreu, meus irmãos estavam sob meus cuidados. Não me lembro de todos os detalhes porque tento não pensar muito sobre aquele dia, mas sei que o escutei caindo em seu quarto. Ele tinha convulsões com frequência, e eu sabia que provavelmente era só mais uma delas, então corri até o quarto para ajudá-lo.

Quando abri a porta, Drew estava no chão, seu corpo todo se sacudindo. Eu me ajoelhei e o segurei o mais imóvel que conseguia, mas desde que eles completaram dez anos, passou a ficar cada vez mais difícil ajudá-

los, porque Stephen e ele já eram maiores que eu. Dei o meu melhor, segurando a cabeça dele até aquilo acabar.

Foi só quando a convulsão parou totalmente que notei o sangue. Estava nas minhas mãos e roupas. Comecei a entrar em pânico quando vi o corte na lateral da cabeça dele. Havia sangue por toda parte.

Quando Drew caiu por causa da convulsão, bateu na dobradiça da porta. Não tínhamos telefone, então fui forçada a deixá-lo sozinho no quarto enquanto corria até a casa dos vizinhos e ligava para a emergência.

Quando voltei, ele não estava mais respirando. Não sei se chegou a respirar mais alguma vez depois que o deixei. Na hora, eu não sabia que ele tinha morrido por causa da batida na cabeça, mas agora percebo que ele provavelmente já estava morto antes mesmo de eu discar o número da emergência.

Mudei depois daquela noite. Antes, eu ainda tinha alguma expectativa de uma vida melhor. Achava que ninguém podia ser amaldiçoado na infância com pais tão terríveis, para depois ter uma adolescência e idade adulta tão terríveis quanto. Até aquele ponto, eu achava que talvez a vida de todo mundo tivesse um equilíbrio entre coisas boas e ruins, e a única diferença era que a boa e a má sorte eram dadas a cada pessoa em momentos diferentes. Eu tinha esperança de ter recebido toda a minha má sorte nos primeiros anos de vida, e pensava que as coisas só podiam ficar mais fáceis a partir dali.

Mas aquela noite mudou minha maneira de pensar.

Drew podia ter caído em qualquer lugar no quarto, não naquele. Na verdade, o médico disse que o local do ferimento foi tão infeliz, que se ele tivesse caído a meros seis centímetros para a esquerda ou para a direita ele teria ficado bem.

Seis centímetros. Foi tudo o que separou Drew da vida.

O impacto em sua têmpora o matou quase imediatamente.

Fiquei obcecada por aqueles seis centímetros durante meses. Muito mais tempo do que minha mãe levou para

parar de fingir que estava triste pela morte dele.

Fiquei obcecada com aquilo porque eu sabia que se ele tivesse caído seis centímetros para a esquerda ou para a direita, sua sobrevivência teria sido chamada de “milagre”.

Mas o que aconteceu com Drew foi o oposto de um milagre. Foi um acidente trágico.

Um acidente trágico que me fez parar de acreditar em milagres. Aos treze anos, qualquer coisa rotulada como “milagre” me deixava puta.

Este é um dos maiores motivos para eu nunca ter participado muito das redes sociais. A quantidade de “milagres” que aparecia no meu feed do Facebook me fazia revirar tanto os olhos que eles quase caíam do meu rosto. Tantas pessoas “curadas” do câncer, graças às preces de todos os seus amigos do Facebook. *“É benigno!*

Aleluia! Deus é tão bom para mim!”

Várias vezes quis entrar na tela do meu computador e agarrar aquelas pessoas pelos ombros e gritar “Ei!

Adivinha só? *Você não é especial! ”*

Muita gente morre de câncer. Qual foi o milagre *delas*? Os amigos do Facebook não rezaram o bastante? Por que a quimioterapia delas não deu certo? Porque não postaram pedidos públicos o bastante nas redes sociais?

Por que elas não receberam seus milagres? Deus considera menos a vida delas do que as que ele poupou?

Não.

Às vezes um câncer é curado... às vezes não é. Às vezes as pessoas batem a cabeça e morrem, mas na maior parte do tempo elas batem e sobrevivem. E toda vez que você ouve sobre alguém sendo a exceção... é só isso que ela está fazendo. *Sendo a exceção*.

Porque as pessoas nunca pensam que, para ser a exceção, muitas mortes infelizes tiveram que acontecer para que aquela sobrevivência em particular fosse considerada “fora da norma”.

Talvez a morte de Drew tenha me endurecido em relação à ideia de milagres, mas, na minha cabeça, ou você sobrevive ou não. A jornada da sua primeira respiração até sua morte não tem nada a ver com milagres, com o quanto você reza, nem com coincidências ou intervenção divina.

Às vezes a jornada de uma pessoa da primeira respiração até a morte não é parte de um plano maior. Às vezes a única coisa que separa sua última respiração da sua morte são meros seis centímetros.

É por isso que, quando o médico entrou na sala de espera para me atualizar sobre o estado de Luke, tive que me sentar ao ouvi-lo dizer:

— Se a bala tivesse entrado apenas mais seis centímetros para a esquerda ou para a direita, Luke teria morrido na mesma hora. Agora só nos resta rezar por um milagre.

Não contei ao médico que não acredito em milagres.

Luke vai sobreviver... *ou não vai*.

— Você devia ir buscar um café — diz Ryan. — Esticar as pernas.

Luke saiu da cirurgia há mais de oito horas. Ele perdeu muito sangue e precisou de uma transfusão, e desde então me recusei a sair do seu lado.

Balanço a cabeça.

— Só vou sair daqui quando ele acordar.

Ryan suspira, mas sabe que não tem como me fazer mudar de ideia. Ele vai até a porta e diz: — Então vou trazer

um café para você.

Eu o observo sair do quarto. Ryan está no hospital há tanto tempo quanto eu, apesar de eu saber que ele provavelmente tem coisas do trabalho que deveria estar fazendo. Dando depoimentos sobre o que aconteceu ontem à noite. *Ouvindo* depoimentos. Lidando com um assassinato, uma prisão, uma tentativa de assassinato.

Não os vi tirando Asa do quarto ontem à noite porque estava preocupada demais com Luke para me importar com o que aconteceria a ele. Mas eu o ouvi. Durante todo o tempo em que eu pressionava as mãos no peito de Luke, esperando os paramédicos chegarem, Asa gritava atrás de mim: “Deixe ele *morrer*, Sloan! Ele não te ama! Eu te amo! *Eu*!”

Não me virei nem uma vez para reconhecer que ele estava lá ou reconhecer suas palavras. Continuei tentando ajudar Luke enquanto tiravam Asa do quarto. A última coisa que o ouvi dizer foi: “É a porra do *meu bolo*! Deixem eu levar a porra do meu *bolo de coco*!”

Não sei o que vai acontecer com Asa. Tenho certeza de que vai ter algum julgamento, mas honestamente não quero depor. Tenho medo de que, se depor, ele se safe mais facilmente do que deveria. Porque eu teria que ser sincera. Precisaria contar a eles tudo o que testemunhei em seu comportamento, especialmente as mudanças drásticas das últimas semanas. É evidente para qualquer um que conheça Asa que é possível que ele esteja desenvolvendo sintomas de esquizofrenia, a mesma doença hereditária de seu pai. Mas, se for o caso, ele provavelmente vai ser sentenciado a uma unidade psiquiátrica de alta segurança, não a uma prisão.

E por mais que eu queira que Asa receba ajuda por seja lá o que está acontecendo com ele, também quero que ele

pague. Quero que pague por cada coisinha que fez e quero que pague para sempre. *Na prisão*. Onde vai apodrecer com homens provavelmente duas vezes piores, que ele jamais poderia pensar em ser.

Algumas pessoas podem achar isso maldade. Eu chamo de carma.

Agarro os braços da cadeira e sussurro para ninguém:

— Estou de saco cheio de pensar em você, Asa Jackson.

E estou mesmo. Ele já ocupou espaço demais em minha vida e agora só quero focar no futuro. Em Stephen.

Em Luke.

Há tubos, fios e agulhas saindo dele, mas de algum jeito ainda encontro um espaço em sua cama onde posso me aninhar. Subo na cama com Luke e passo o braço sobre seu corpo, deito a cabeça em seu ombro e então fecho os olhos.

Vários minutos depois, a voz de Ryan me acorda.

— Café.

Abro os olhos e ele está sentado na cadeira ao lado da cama, estendendo um copo de café para mim. É

provavelmente meu quinto desde que Luke saiu da cirurgia, mas tenho certeza de que tomaria mais um milhão deles se fosse preciso.

Ryan se recosta na cadeira e toma um gole do seu café, em seguida o segura com as mãos e se debruça para a frente.

— Ele já te contou sobre como nos conhecemos? — pergunta.

Balanço a cabeça.

Noto Ryan abrindo um sorriso nostálgico.

— Fomos convocados para um trabalho juntos há um tempo. Luke saiu do disfarce na segunda noite — conta Ryan, balançando a cabeça. — Fiquei tão bravo com ele, mas entendia por que tinha feito aquilo. Não posso dar todos os detalhes, mas se ele não tivesse revelado quem era do jeito que fez, um garoto teria perdido a vida. Luke não conseguiria viver consigo mesmo se isso acontecesse. Naquele momento, eu soube que ele tinha o pior tipo de coração para esse trabalho. Mas, por mais puto que eu estivesse com ele, respeitei pra caralho o que fez. Ele se importou mais com a vida de um moleque que nem conhecia do que com sua própria carreira. E isso não é um defeito, Sloan. É um traço de caráter. Tenho certeza de que é isso que chamam de compaixão — completa ele com uma piscadela.

A história de Ryan me faz sorrir pela primeira vez em séculos.

— Essa é a coisa mais sexy em Luke — sussurro. — A compaixão.

Ryan dá de ombros.

— Não sei, não... Ele tem uma bunda linda.

Eu rio. Não tenho como saber... Luke estava sentado quando tive a única chance de vê-la.

Ponho o café na mesinha de cabeceira, me inclino e dou um selinho nele. Aproveitei para beijá-lo toda vez que pude, só para o caso de não ter mais chances.

Quando afasto os lábios dos de Luke e começo a apoiar a cabeça no travesseiro, escuto um som baixo vindo de sua garganta. Ryan pula da cadeira ao mesmo tempo que ergo a cabeça.

— Ele fez um barulho? — pergunta Ryan, a voz cheia de descrença.

— Acho que sim — sussurro.

Ryan balança os braços para Luke.

— Dê outro beijo nele! Acho que ele acordou com isso!

E eu beijo. Beijo-o de leve na boca, e não há como confundir o barulho que Luke faz dessa vez. Ele definitivamente está acordando.

Ficamos encarando-o por um tempo enquanto suas pálpebras se mexem, abrindo e fechando diversas vezes.

— Luke? Consegue me ouvir? — pergunta Ryan.

Ele finalmente se força a abrir os olhos, mas não olha direto para Ryan. Em vez disso, percorre dolorosamente o olhar pelo quarto até me encontrar, enroscada ao seu lado. Ele me encara por um instante, e então sussurra com a voz fraca:

— Fivelas de cinto caleidoscópicas veem duendes quando a névoa cai.

Meus olhos imediatamente se enchem d’água e preciso engolir o choro.

— Puta merda — diz Ryan. — Ele não está fazendo sentido nenhum. Isso não é bom. Vou chamar o médico.

E então sai correndo do quarto antes que eu possa explicar que Luke está perfeitamente bem.

Levo a mão ao rosto de Luke, toco seus lábios e sussurro:

— Baguetes deprimidas ficaram no play comendo tigelas de cereal até as lesmas murcharem.

Minha voz falha de tanto alívio, de felicidade, de gratidão. Meus lábios encontram os de Luke, e mesmo sabendo que isso não é bom para ele e que provavelmente está com muita dor, eu o abraço onde consigo e o beijo em

todos os lugares a que tenho acesso em seu rosto e pescoço. Me enrolo em volta dele, tomando o cuidado de manter os braços e as mãos longe dos ferimentos. Depois me deito quietinha ao lado de Luke enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Sloan — diz ele, a voz grave. — Não me lembro do que aconteceu depois que estraguei tudo. Você me salvou?

Eu rio e me apoio no cotovelo.

— Não exatamente. Você tirou a arma de Asa da mão dele com um tiro, eu corri até você e fiquei pressionando seu ferimento até os paramédicos chegarem. Eu diria que foi um salvamento mútuo.

Ele tenta forçar um sorriso.

— Eu avisei que não era muito bom no meu trabalho.

Sorrio, concordando de leve.

— Não é tarde demais para pedir demissão, sabe. Você podia voltar para a escola e virar professor de espanhol.

Ele se encolhe de dor ao rir.

— Não é uma má ideia, Sloan.

Luke se esforça para se aproximar e me beijar, mas isso exige demais dele. Ele está a apenas seis centímetros de distância.

Meros seis centímetros entre respiração e vida.

Quando preencho o espaço de seis centímetros e o beijo, sei que estou fechando um capítulo. Um capítulo muito sombrio que há mais de dois anos espero que acabe.

E este beijo é apenas o começo de um livro totalmente novo. Um livro em que talvez milagres não sejam tão impossíveis assim.

QUARENTA E CINCO

Asa

Eu me sento e abro os olhos. Não que eu estivesse dormindo. Ninguém consegue dormir neste lugar maldito.

Inspiro pelo nariz e expiro pela boca, me perguntando por que só agora me lembrei disso. Ela não gemeu *arder*. Ela gemeu a porra do nome dele, *Carter*!

— Vadia do caralho!

FIM

EPÍLOGO

Sloan

Bato levemente na porta do quarto de hospital, mas ninguém responde. Quando a abro e espio lá dentro, vejo que Luke está dormindo. O volume da TV está baixo, mas audível. Olho para o sofá e Ryan está deitado de lado, com um boné cobrindo seus olhos. Também está dormindo.

Seguro a porta enquanto ela se fecha, sem querer acordar nenhum dos dois, mas Ryan me escuta e se senta.

Ele estica os braços para o alto e boceja, se levantando em seguida.

— Oi — diz ele. — Vai ficar aqui por um tempo?

— Provavelmente vou passar a noite — sussurro. — Vá descansar um pouco.

Ele olha para Luke.

— O médico passou mais cedo. Disse que Luke vai poder ir para casa amanhã, mas precisa que alguém fique com ele por um tempo. Vai ter que ficar de cama. Eu me ofereceria, mas tenho certeza de que ele prefere que você faça isso.

Ponho a bolsa no sofá.

— Sem problemas. Posso ficar com ele, se estiver tudo bem por Luke.

— Por mim está perfeitamente bem — diz Luke da cama.

Olho para ele, que está sorrindo preguiçosamente para mim.

Ryan ri e avisa:

— Vou passar aqui amanhã de manhã, depois da reunião com Young.

Luke assente e então olha para mim.

— Venha cá.

Vou até ele e Ryan sai do quarto. Como todas as vezes em que o visitei, Luke desliza para o lado e abre espaço para que eu me deite com ele.

Coloco as pernas em cima das dele e meu braço em seu peito, apoiando a cabeça em seu ombro.

— Como está seu irmão? — pergunta ele.

— Bem. Muito bem. Você vai ter que ir visitá-lo comigo em breve se estiver disposto. Ele ficou olhando para a porta como se você fosse aparecer, então sei que ficou decepcionado por eu não ter te levado comigo.

Sinto a leve risada no peito de Luke.

— Tentei sair de fininho para ir hoje, mas alguém estava sendo superprotetor.

Balanço a cabeça.

— Você levou um tiro no peito, Luke. Quase morreu. Não vou arriscar. — Levanto a cabeça do seu ombro e a apoio em minha mão. — Falando em arriscar, o que exatamente o médico disse sobre sua alta amanhã?

Cama? Nenhuma atividade que exija esforço?

Ele passa a mão pelo meu cabelo e sorri.

— E se eu dissesse que envolve bastante cama *e* atividades que exigem esforço?

— Eu diria que você é um mentiroso.

Ele faz uma careta.

— De quatro a seis semanas. Ele disse que meu coração precisa pegar leve. Sabe como isso vai ser difícil com você cuidando de mim?

Passo os dedos pelo seu peito, sentindo as ataduras por baixo da camisola do hospital.

— De quatro a seis semanas não são nada quando temos para sempre.

Ele dá um risinho.

— Pra você é fácil. Homens pensam em sexo a cada sete segundos.

— Isso é mito. Aprendi em biologia que na verdade são só trinta e quatro vezes por dia.

Luke me encara por alguns segundos e responde:

— Ainda são quase mil vezes para me segurar durante as próximas quatro semanas.

Balanço a cabeça, sorrindo.

— Vou tentar facilitar para você, então. Não vou tomar banho nem pentear o cabelo nem passar maquiagem durante o próximo mês.

— Não vai adiantar. Pode até piorar.

Abaixo a cabeça e beijo seu pescoço.

— Se vai ser tão difícil, podemos contratar um enfermeiro para cuidar de você em vez de mim — provoco.

Luke me abraça com mais força e boceja.

— Ninguém além de você vai cuidar de mim — sussurra ele.

Percebo que os analgésicos estão começando a fazer efeito a julgar pela voz dele, então não respondo.

Ficamos deitados por um tempo, até eu ter quase certeza de que Luke dormiu. Mas então ele pergunta: — Sloan? Onde você está morando?

Eu estava esperando por essa pergunta. Ele está no hospital há duas semanas e toda vez que começa a falar sobre a minha situação, digo que conversamos mais tarde.

Tenho a sensação de que ele não vai me deixar mudar de assunto dessa vez.

— Num hotel.

Ele se enrijece imediatamente, segurando meu queixo e erguendo-o na sua direção.

— Está brincando comigo?

Dou de ombros.

— Tudo bem, Luke. Daqui a pouco encontro um apartamento.

— Qual hotel?

— Um na Stratton.

Ele enrijece a mandíbula.

— Você vai sair de lá hoje mesmo. Não devia ficar lá sozinha, não é um bairro seguro. — Ele tenta se ajeitar até estar sentado, subindo a parte superior da cama. — Por que não me contou?

— Você quase morreu, Luke. A última coisa de que precisa agora é se estressar com minha situação mais do que já fez.

Ele apoia a cabeça no travesseiro, esfregando o rosto com as mãos. Depois se vira para mim.

— Você vai ficar comigo. Preciso de ajuda, de qualquer forma. Não faz sentido ficar pagando um hotel.

— Não vou morar com você. Vou na sua casa cuidar de você por quanto tempo precisar, mas mal nos conhecemos. Isso é demais, rápido demais.

Luke abaixa o queixo e me encara com seriedade.

— Você vai ficar comigo, Sloan. Não estou pedindo que seja para sempre. Mas até eu estar recuperado e você ter seu próprio apartamento, não vai voltar para aquele hotel.

É realmente um hotel assustador, mas o único pelo qual posso pagar. Depois que Asa foi preso, peguei meu dinheiro escondido e algumas peças de roupa e nunca mais pisei naquela casa.

Então concordo.

— Duas semanas, no máximo. Depois vou arranjar meu próprio canto.

Ele suspira, aliviado por eu não estar discutindo. Mas não faço ideia de como vou pagar por um apartamento daqui a duas semanas, sinceramente. Preciso arranjar um trabalho e um carro. Tive que pegar o carro de Luke emprestado para visitar Stephen hoje, mas não posso ficar fazendo isso.

Sinto a mão de Luke deslizar pelo meu cabelo e envolver minha nuca. Quando nos olhamos, há uma suavidade nele que não estava presente há alguns segundos.

— Pare de pensar demais — diz, baixinho. — Você não está mais nessa sozinha, Sloan. Ok?

Suspiro.

— Ok — sussurro.

É a primeira vez na vida em que sinto que meus fardos não são só meus. Nunca conheci alguém que me trouxesse mais alívio do que estresse. Até conhecer Luke.

O amor não deve ser mais um peso. Deve fazer você se sentir leve como o ar.

Asa fazia tudo na minha vida parecer pesado.

Luke faz eu me sentir como se estivesse flutuando.

Acho que essa é a diferença entre ser amada do jeito certo e do jeito errado. Ou você se sente amarrada a uma âncora... ou sente que está voando.

*

— Quer mais alguma coisa? — pergunto a ele.

É a primeira vez que visito a casa de Luke, e fico chocada ao ver como é normal. Uma casa num bairro a uma hora de onde eu morava com Asa. É até mais perto de onde meu irmão está.

Luke diz que é alugada. Afinal, ele nunca sabe onde será seu próximo trabalho, então ainda não se sentiu pronto para se comprometer a comprar uma casa.

— Estou bem — diz ele. — Pare de se preocupar. Eu te aviso se precisar de alguma coisa, ok?

Eu concordo com a cabeça. Olho ao redor do quarto, sem saber muito bem o que fazer. Ele provavelmente quer dormir um pouco. Mas é estranho por não ser a minha casa.

— Quer vir para a cama comigo e ver um filme? — pergunta Luke, levantando o cobertor.

— Parece o paraíso.

Subo na cama e me aconchego nele igualzinho fazia no hospital todo dia. Ele liga a TV e começa a trocar de canal.

— Obrigado, Sloan — diz ele, depois de mais ou menos um minuto.

Olho em sua direção.

— Pelo quê?

Seus olhos examinam meu rosto lentamente.

— Por tudo. Por cuidar de mim. Por ser forte como é, apesar de tudo pelo que já passou.

Sei que o médico mandou Luke não fazer esforço, mas ele provavelmente não sabia que Luke é capaz de dizer coisas tão atraentes. Beijo sua boca, porque é uma sensação maravilhosa ter alguém te agradecendo. E

elogiando. Poxa, só de alguém ser bom comigo já é algo tão novo que derreto toda vez que ele abre a boca.

A mão de Luke segura minha nuca e ele me beija com mais força.

Isso não é bom. Luke tem razão. Quatro semanas assim e ainda esperam que a gente se segure? Caramba.

Estamos ferrados.

Mas então somos poupados por uma batida na porta.

— Vou atender — diz Luke, levantando a coberta.

Eu a puxo de volta sobre ele.

— Não vai, não. Vai descansar. Eu vou atender a porta.

Ele pega minha mão enquanto estou me levantando da cama.

— Confira o olho mágico antes. Se for Ryan, ele vai coçar o pescoço para indicar que é seguro. Se ele não fizer isso, não abra a porta.

Eu paro, imaginando por que os códigos silenciosos deles são necessários. Mas não pergunto nada. Vou ter que me acostumar com essas merdas de trabalhar disfarçado. Espero que Luke tenha falado sério quando disse que ia mudar de profissão.

Quando chego na porta da frente e confiro o olho mágico, não dá outra: Ryan está coçando o pescoço. Mas tem alguém com ele. Uma garota.

— Tem uma garota com ele! — sussurro depois de correr até o quarto.

— De cabelo comprido e loiro?

Confirmo com a cabeça.

— Tudo bem. É só a Tillie.

Tillie. Ótimo.

Volto para a sala e digito a senha do alarme para abrir a porta.

— Oi — diz Ryan ao entrar, seguido por Tillie.

Ela sorri para mim, mas já estou me sentindo intimidada por sua presença. É alguns centímetros mais alta que eu, está usando uma calça justa preta e uma camisa branca de gola enfiada dentro da calça. Os dois botões de cima estão abertos, revelando um colar trançado de prata brilhante. Nunca vi a simplicidade cair tão bem em alguém.

— Tillie, esta é Sloan. Sloan, Tillie.

Ela estende a mão para me cumprimentar e quase dói de tão firme que é seu aperto. Sou incapaz de não pensar no fato de que ela beijou Luke. Mesmo que tenha sido apenas trabalho, saber disso ainda faz meu estômago se revirar. Mas tento não me importar demais. Eu entendo.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, ela diz: — Desculpe por ter beijado Luke na sua casa. Foi necessário, mas nunca mais vai acontecer. Acredite em mim. Foi quase tão ruim quanto a vez em que tive que beijar esse aqui durante um disfarce — diz ela, apontando para Ryan.

Ele revira os olhos.

— Tillie, Tillie, Tillie. Isso foi mais de um ano atrás e você ainda não conseguiu parar de pensar na minha língua dentro da sua boca.

Ela assente.

— Pesadelos são difíceis de superar.

Eu rio. Imediatamente gosto dela. Fecho a porta e aponto para o quarto.

— Luke está no quarto dele — digo aos dois.

Ryan olha na direção do quarto e depois de volta para mim. Alguma coisa na expressão dele me preocupa, mas ele tenta esconder com um sorriso forçado.

— Se importa se conversarmos com Luke sozinhos? — pergunta.

Dobro um dos braços na frente da barriga e seguro o outro. Olho de Tillie para ele.

— Tem a ver com Asa?

Noto Tillie olhar depressa para Ryan, seus olhos revelando que Asa é exatamente o assunto que eles têm para discutir.

— Eu quero saber — digo. — Se não me deixarem ouvir a conversa, vou ficar escutando pelo outro lado da porta.

Ryan não ri. Ele aperta mais os lábios e apenas assente.

— Justo.

Os dois se viram na direção do quarto de Luke e sou forçada a inspirar fundo para me acalmar.

Isso não parece nada bom.

Luke

Vejo Tillie e Ryan entrando no quarto, mas meus olhos estão fixos em Sloan. Ela está em pé na sala com os olhos fechados, parecendo enjoada.

— O que você disse a ela? — pergunto a Ryan.

Assim que digo isso, ela bufa, abre os olhos, endireita as costas e anda até o quarto também.

Ryan balança a cabeça.

— Nada. Ela insistiu em ficar aqui para ouvir o que vim te contar.

Agora Sloan está no quarto, apoiada na porta, observando Ryan e Tillie se aproximarem do sofá. A última coisa que quero é Sloan envolvida. Se eu pudesse escolher, ela nunca precisaria escutar o nome de Asa outra vez. Mas sei que ainda temos um longo caminho pela frente e muitas audiências. Possivelmente depoimentos no tribunal, inclusive. Então até Asa ser condenado e preso de vez, não vou poder protegê-la de tudo isso. Dou um tapinha no lugar ao meu lado na cama e a encorajo a se sentar comigo.

Ela vem. Assim que Sloan se senta e nós dois estamos encostados na cabeceira, olho para Ryan.

— O que quer me contar?

Ele balança a cabeça e se inclina para a frente, entrelaçando as mãos.

— Nem sei por onde começar — diz, me olhando nos olhos. — Encontrei Young hoje.

— E?

— Não foi bom. Nem sei como suavizar isso, então vou simplesmente explicar de um jeito que vocês dois entendam.

Sloan pega minha mão e sinto que ela já está tremendo. Aperto a mão dela para tranquilizá-la. Ryan costuma dramatizar as situações, e eu queria que Sloan soubesse disso para não ficar assim tão preocupada.

— Asa está alegando que atirou no cara no quarto para se autodefender.

Sloan bufa.

— Não foi para se autodefender! — exclama ela. — Eu estava lá!

Ryan assente de leve.

— Não para a defesa *dele* — acrescenta. — Ele alega que estava defendendo *você*. Que ouviu você gritando e quando entrou no quarto, o cara estava te atacando e segurando uma arma. Ele diz que não tinha escolha a não ser impedir antes que o cara matasse você.

Sloan está balançando a cabeça.

— Não foi... — Ela olha para mim. — Luke, ele não precisava ter matado o cara.

Eu sabia que Asa ia começar com essa merda. Passo o braço pelos ombros de Sloan e volto minha atenção para Ryan.

— O que exatamente isso significa? — pergunto. — Que quando o caso for julgado, a defesa dele não vai se sustentar contra o depoimento de Sloan?

Ryan bufa rapidamente.

— É o que estamos esperando. Se for julgado.

— *Se*? — pergunta Sloan, dizendo o que eu estava pensando.

— A questão é que... — começa Tillie — É um caso sólido de legítima defesa. O cara estava portando uma arma

não registrada. Sloan estava gritando por ajuda. Ele a estava atacando. Mesmo com o depoimento dela, a defesa de Asa tem sustentação. E a arma que ele usou é legal, registrada no nome dele. Diferentemente da vítima. Além disso, Asa está alegando que não conhecia os homens que invadiram a casa. E a polícia não encontrou nenhum dos que fugiram. Apenas a vítima foi encontrada até agora, e ela não tem laços comprovados com Asa.

Esfrego as mãos no rosto. Escuto a respiração de Sloan acelerando conforme ela começa a entender o que Ryan e Tillie estão tentando dizer.

— Mas e quanto a nós três? — pergunto a Ryan. — É nossa palavra contra a dele. Sabemos que Asa orquestrou a farsa toda. Ele admitiu em voz alta.

Ryan concorda com a cabeça.

— Ele admitiu para você, Luke — responde ele. — Eu não o ouvi dizer isso, então não vou poder testemunhar contra Asa. Eu não estava no quarto com vocês. E ele... — Ryan para.

— Ele está alegando que vocês dois armaram pra cima *dele*. — completa Tillie ao se aproximar.

Eu me empertigo.

— Está de sacanagem comigo? Que júri vai acreditar nessa merda?

Isso é ridículo. Ryan e Tillie estão aqui dizendo essas merdas absurdas e deixando Sloan chateada. Eu não devia ter deixado Ryan falar sobre esse assunto comigo na frente dela.

— Sei que parece loucura — diz ele. — Todos nós sabemos como Asa é culpado. Mas para um júri... Como acha que vão interpretar o fato de que a noiva de Asa está dormindo com o policial disfarçado que ela sabia que estava

tentando prendê-lo? Como acha que o júri vai interpretar isso quando for a palavra da noiva de Asa e do policial disfarçado contra a dele?

Sloan afasta a mão da minha e cobre o rosto. Meu peito está começando a doer com tudo isso.

— Você sabia que eu estava interessado nela, Ryan. Se eu soubesse que colocaria o caso em risco...

Eu ia dizer que não teria feito, mas fico quieto. Porque eu *teria*. Eu *fiz*. Fui atrás dela, sem me importar com as consequências, e agora isso nos colocou na porra de um beco sem saída.

— Dependendo do juiz — continua Tillie —, pode ser que ele descarte o caso antes mesmo de ir para julgamento. A maioria dos casos de legítima defesa são considerados homicídio justificado se existe uma testemunha que corrobore a versão da defesa.

— Mas não há ninguém para corroborar essa história — observo.

Ryan e Tillie olham para Sloan. Ryan acena com a cabeça na direção dela.

— A história de Sloan provavelmente vai corroborar a alegação de autodefesa dele.

— Como? — indaga ela, estupefata.

Ryan se levanta e dá a volta na cama, apoiando-se na parede mais próxima de Sloan.

— A vítima estava atacando você? — pergunta.

Ela assente.

— Ele estava com uma arma?

Sloan assente de novo.

— Ele estava se passando por policial?

Mais uma confirmação.

— Você gritou pedindo ajuda?

Dessa vez ela não assente. Uma lágrima escorre pelo seu rosto.

— Duas vezes — sussurra.

— E como se sentiu quando Asa entrou no quarto? — pergunta Ryan. — Um júri vai perguntar essas coisas a você sob juramento.

Ela solta um soluço do fundo do peito.

— Aliviada — sussurra em meio às lágrimas. — Apavorada. E aliviada.

Ryan assente.

— É o suficiente para sustentar as alegações dele, Sloan. Ele salvou você de um ataque. Isso não é assassinato aos olhos de um júri, não importa que a gente saiba como Asa é mal. O caráter dele não vai estar em julgamento. Apenas aquela ação.

— Mas... — Sloan seca as lágrimas dos olhos. — Asa não precisava ter atirado. Podia ter impedido o homem sem matá-lo.

Ryan concorda.

— Eu sei que podia. Todos nós sabemos. Mas o júri não conhece Asa como nós conhecemos. E vão dissecar você enquanto estiver no banco, Sloan. Vão fazer Asa parecer a vítima, porque você é noiva dele e mesmo assim estava tendo um caso com o policial disfarçado que trabalhava num caso contra ele. E você sabia disso.

Esse fato traz comiseração pelo caso de Asa e seu depoimento contra ele vai perder qualquer e toda

credibilidade aos olhos do júri.

— Mas... — Ela se levanta, secando os olhos. — E o caso de *vocês* contra Asa? Não vai sustentar minhas alegações? Isso não vai ter influência nas acusações de assassinato?

Ryan olha para mim. Ele expira e volta para o sofá onde estava.

— Esse é mais um motivo para estarmos aqui. Young não quer seguir em frente com as acusações da nossa investigação. Nenhum dos nossos relatórios foi concluído porque a investigação ainda estava em andamento.

Young tem medo de que, se prestar queixa e isso for a julgamento, o departamento seja destroçado pela imprensa. Não vai ser legal um dos nossos policiais estar tendo um caso com a noiva do alvo principal. E ainda tem o fato de que revelamos nossas identidades a agentes falsos. Estão com medo de que as chances de arruinarmos a reputação do nosso departamento sejam maiores do que as de Asa ser acusado de alguma coisa.

Young está pedindo o encerramento do caso sem prestar queixa. Disse que não vale o risco.

— Ai, meu Deus — diz Sloan, sentando-se de volta na cama. Ela apoia os cotovelos nos joelhos e segura a cabeça com as mãos. — Isso é tudo culpa minha.

Estico o braço e puxo a mão dela.

— Sloan, não é culpa sua. É minha. Eu é que estava trabalhando. — Olho para Ryan. — E o fato de que ele tentou me matar? Atirou no meu peito e não foi para se defender. Vai ser indiciado por isso, certo?

Vejo Ryan engolindo em seco.

— Você só pode estar de sacanagem — sussurro, apoiando a cabeça na cabeceira da cama.

— Ele está alegando legítima defesa nisso também — revela Ryan. — Vocês atiraram um no outro. Sloan era a única testemunha. Só posso depor sobre o que ouvi do outro lado da porta.

— Ele quase me matou, Ryan!

Ryan e Tillie se entreolham. Ela pigarreia e diz:

— A questão, Luke, é que... com a merda gigante que rolou naquele dia, se o promotor acusar Asa de qualquer outra coisa, você também pode ser acusado. E os dois vão a julgamento.

— Eu vou ser acusado? Do que vão me acusar?

— Depende do juiz. Agressão, tentativa de assassinato. E sem o departamento levando o caso ao tribunal...

vai parecer que você e Asa tiveram uma briga num quarto. A consequência de um triângulo amoroso que saiu do controle.

Escuto Sloan chorando.

Nem consigo forçar mais uma pergunta; meus pensamentos estão disparados.

— Estão me dizendo que não só aquele filho da puta louco tem chance de se safar depois de tudo o que fez...

como também estou sendo acusado?

Ryan assente devagar.

— A não ser que... a gente faça algum acordo judicial. Os advogados dele estão pressionando para isso.

Querem que a gente concorde em retirar as acusações em troca de informações sobre Jon e Kevin e algumas outras pessoas da investigação. Como eu disse, Luke, tudo depende do juiz. E do promotor, claro. Isso é bom, porque o promotor gosta de você. Não acho que ele vai empurrar

acusações para você. Mas se a gente insistir em prestar queixa contra Asa, os advogados dele vão insistir de volta. Então você precisa pensar muito bem nisso tudo.

Não consigo acreditar no que estou ouvindo.

— E quanto a todo o resto que ele fez? — pergunta Sloan. — Todas as vezes que se forçou para cima de mim? Não posso prestar queixa contra ele por isso?

Tillie assente.

— Pode, mas o que vai alegar exatamente? Estupro? Ele estuprou você?

Sloan olha para mim e depois de volta para Tillie. Ela dá de ombros.

— Nem sei — diz baixinho. — Em várias ocasiões eu... eu tinha pavor de que ele fosse me machucar então... eu deixava.

Tillie se levanta e anda até a cama, sentando-se ao lado de Sloan.

— Você já disse não a ele? Alguma vez pediu que parasse e ele se recusou?

Sloan reflete por um instante e depois nega com a cabeça.

— Não, eu tinha muito medo para dizer não. Fingia estar de acordo toda vez.

Tillie inclina a cabeça para o lado em solidariedade e aperta a mão de Sloan.

— Sinto muito, mas isso não vai se sustentar no tribunal. Tudo que Asa precisa alegar é que não sabia que você não queria transar com ele. Se o acusado nunca recebeu um não e achou que você queria, baseado em suas ações...

Sloan põe a cabeça entre as mãos novamente. Então ela cai em cima do meu peito. Eu a abraço e beijo sua testa.

— Sinto muito — diz Tillie. — Várias coisas podiam ter sido feitas de maneira diferente para preparar um caso sólido contra ele. Várias coisas que agora nos impedem de ir atrás de Asa como queríamos.

— Você quer dizer várias coisas que eu estraguei — interrompo.

Ryan se levanta.

— Não seja tão duro consigo mesmo, Luke. Eu encorajei vários desses erros. Às vezes os casos são curtos e simples. Às vezes conseguimos tudo de que precisamos antes do final de uma investigação. Infelizmente não foi o caso deste. Esta operação foi uma bagunça do início ao fim, e não temos muito com o que trabalhar a essa altura. Não encontraram nada na casa de Asa depois de Jon e Kevin sumirem com qualquer coisa que nos permitisse acusá-lo. Só encontraram dinheiro vivo sem origem explicada e alguns remédios receitados. Não é o bastante para irmos atrás dele... não sem que Asa e os advogados dele atirem de volta em nós. Às vezes a briga simplesmente não vale a pena.

Sinto Sloan ficando tensa. Ela se levanta e olha feio para Ryan.

— Não vale a pena? Ele assassinou uma pessoa! E teria matado Luke se não fosse por seis merdas de centímetros! Agora está dizendo que ele provavelmente vai ficar livre? Que vai conseguir me achar? Achar Luke? Porque ele não vai desistir, Ryan! Ele não vai desistir até Luke estar morto e você *sabe* disso!

— Sloan — digo, puxando-a de volta para mim. — Para. Não sabemos ainda se ele vai ser condenado por alguma

coisa ou não. Tente se acalmar.

Ela chora junto ao meu peito e eu a abraço enquanto Ryan nos encara de cima, o arrependimento e a piedade evidentes na sua expressão. Ele apenas assente de leve e diz: — Sinto muito, Sloan. De verdade.

Ele olha para mim e seus olhos me dizem a mesma coisa. Aceno com a cabeça, deixando-o ciente de que entendo. Não é culpa de Ryan. Não é culpa de ninguém além de mim.

Ryan e Tillie andam até a porta. Puxo Sloan na minha direção e a abraço mais forte, tentando aliviar seu medo. Mas seu corpo inteiro está tremendo. Eu não sabia que Sloan tinha tanto medo de Asa até este momento.

Dou um beijo na lateral da cabeça dela e sussurro:

— Vai ficar tudo bem, Sloan. Você não está sozinha dessa vez. Estou aqui e não vou deixar que ele machuque você. Juro.

Eu a abraço até ela dormir de pura exaustão nos meus braços.

Asa

– Você tem alguma pergunta? — indaga meu advogado.

O nome dele é Paul. O mesmo do meu pai. Quase o recusei quando descobri isso, mas ele tem a melhor reputação do estado. Não vou culpá-lo por ter o mesmo nome da segunda pessoa que mais odeio no mundo.

A primeira é Luke.

— Não — respondo. — Entramos no tribunal. Alego legítima defesa, e o juiz decide se vai a julgamento ou não.

Paul confirma com a cabeça.

— Exatamente.

Eu me levanto, as algemas apertando meus pulsos. Odeio o fato de que Sloan vai me ver com essa coisa.

Pareço meio fraco, e odeio que ela me veja sob uma luz diferente da que sempre viu. Pelo menos me deixaram usar um terno hoje, não preciso andar por aí naquele macacão laranja ridículo. Laranja não é a minha cor, e sei que esse terno é o favorito de Sloan.

— Vamos nessa — digo a Paul. — Vai ser mais fácil que tirar doce de criança.

Paul assente depressa e se levanta. Percebo que ele não gosta da minha autoconfiança. Não gostou desde que nos conhecemos. Também não sei se ele gosta de *mim*, mas não dou a mínima para o que ele pensa. Se me livrar dessas acusações, vai ser minha pessoa favorita no mundo inteiro.

Bem... *segunda* favorita. Até agora Sloan continua em primeiro lugar.

É claro que ela fez um monte de merda que me deixou puto, mas sei que foi tudo por causa de Luke e das mentiras que ele contou. Aposto que agora ela já passou tempo suficiente com ele e longe de mim para ter voltado ao normal.

Sigo Paul para fora da sala, sendo rapidamente cercado por quatro agentes. Dois na frente e dois atrás de mim. Um quinto guarda abre a porta para o tribunal, e assim que entramos, procuro por ela.

Eu o vejo antes. O filho da mãe presunçoso, sentado na segunda fila, ao lado de Dalton, seu amiguinho bicha. Ou Ryan. Seja lá qual for a porra do nome dele.

Mas Sloan não está sentada ao lado dele. Está na ponta da última fila, sozinha. Sorrio para ela, que desvia o olhar assim que encontra meus olhos.

Só tem dois motivos para ela não estar sentada ao lado de Luke. Ou já descobriu como ele é cheio de merda e não quer nada com ele, ou os dois foram aconselhados a não se sentarem juntos, por causa da pequena indiscrição deles pelas minhas costas.

Escolho a primeira opção.

Eu me sento no meu lugar, mas mantenho os olhos fixos em Sloan. Fazer isso significa ficar de lado na cadeira, e não de frente para o juiz. Mas tudo bem. Não vou parar de encará-la até ela olhar nos meus olhos novamente.

— Todos de pé para o honorável juiz Isaac — diz um guarda.

Eu me levanto, mas não paro de encarar Sloan. Ouço portas se abrindo e passos sendo dados, mas não vou olhar para o merda do juiz até Sloan olhar para mim. Ela está de vestido novo. Preto. Parece que está indo a uma porra de funeral. Seu cabelo está preso num coque. Ela parece sofisticada. Sexy pra caralho. Meu pau se retorce na calça e eu queria poder pedir uma pausa para ir ao banheiro e arrastá-la até um corredor, levantar seu vestido até a cintura e enfiar minha maldita cara entre suas pernas.

Sinto falta do cheiro dela. Sinto falta das coxas macias dela em volta do meu rosto. Sinto falta de como todo o seu corpo se enrijecia quando eu enfiava meu pau dentro dela.

— Podem se sentar.

Eu me sento.

Puta merda, está calor aqui.

Escuto o juiz começar a falar enquanto Paul desliza um pedaço de papel para mim. Olho para baixo por tempo suficiente para ler.

Você precisa olhar para a frente por respeito ao juiz.

Rio baixinho e pego a caneta.

Foda-se o juiz e foda-se você, Paul, escrevo. Deslizo o bilhete de volta para ele e volto a encarar Sloan.

Ela está me olhando agora. Seus olhos estão fixos nos meus e seus lábios estão comprimidos, como se ela estivesse nervosa. Gosto disso. Amo, na verdade. Ela está sentindo alguma coisa ao olhar para mim, e percebo que não é em Luke que está pensando.

Eu te amo, mexo os lábios sem fazer som.

Sloan fita minha boca e sorrio para ela. Então aquele puto idiota — *aquele ridículo filho da puta com cara de cu* — se levanta e vai até o fundo da sala, bem onde ela está sentada. Ele anda até a ponta do banco e fica plantado ali, sentado ao lado dela. Ele põe o braço em volta da porra da minha noiva e ela fecha os olhos com força, apoiando o rosto no ombro dele, como se estivesse aliviada por ele ter ido para perto dela. Meus olhos encontram os dele — *o filho da puta de merda e suas lavagens cerebrais* — e Luke se inclina para a frente, bloqueando minha visão de Sloan. Ele me encara intensamente, como se me desafiasse a me virar para a frente.

Quero matá-lo. Por alguns segundos penso em maneiras de fazer isso.

Pegar a arma do segurança e atirar nele.

Correr até o fundo da sala e quebrar a porra do pescoço dele.

Pegar a caneta que acabei de usar para responder o bilhete de Paul e enfiar bem na artéria carótida dele.

Mas não faço nada disso. Eu me controlo, porque tenho certeza de que esse caso vai ser a meu favor e vou sair sob fiança até a próxima audiência.

O assassinato dele pode esperar.

É algo que precisa ser planejado com mais precisão e de preferência sem um juiz me olhando.

Resolvo me virar para a frente. Não porque Luke me desafiou a fazer isso com a merda da expressão na cara dele, mas porque preciso convencer este juiz de que ele está tomando a decisão certa quando descartar o caso como autodefesa.

Tento acompanhar os dois advogados enquanto eles se levantam e falam. Tento acompanhar a resposta do juiz a cada um. Sorrio quando o juiz olha para mim. Mas, por dentro, meu sangue está fervendo. Sabendo que Luke está ali atrás, sentado ao lado dela, abraçando-a. Isso significa que provavelmente ela esteve com ele a noite toda, enquanto fui obrigado a foder minha própria mão, sozinho na cela. Também significa que ele provavelmente esteve dentro dela. Seus dedos, seu pau, a porra da sua língua. Provando e pegando o que é meu. O que era para ser *só* meu.

Minha pulsação está disparada quando o juiz desce o martelo.

— Esta sessão está suspensa.

Inspiro lentamente pelo nariz. Expiro ao olhar para Paul.

— O que acabou de acontecer?

Ele faz uma cara que diz que devo manter a voz baixa. Meu olhar se fixa no fundo da sala, de onde escuto o choro de Sloan. Luke está ajudando-a a se levantar, mas os braços de Sloan estão em volta dele e ela está chorando. Soluçando.

Está chateada. Não pode ser uma notícia boa para mim. Ela está chateada por mim.

— Vai a julgamento? — pergunto a Paul. — Você disse que não ia a julgamento, porra!

Paul balança sua cabecinha magra.

— O juiz decidiu não levar a julgamento. O que significa que sua alegação de legítima defesa foi aceita.

Você vai ter que voltar para a cela, mas só até eu pagar sua fiança pelas outras acusações pendentes. Pode demorar quatro ou cinco horas, mas venho buscar você assim que a fiança sair.

Olho de volta para Sloan, observando Luke ajudá-la a sair da sala. *Por que ela está chorando, então? Se as acusações contra mim foram descartadas, por que ela está chorando?*

— Quanto tempo você acha que leva para alguém se recuperar depois de ter sofrido a porra de uma lavagem cerebral?

Paul olha para mim.

— Do que está falando, Asa?

— Tipo, de quanta terapia você acha que alguém precisa para superar uma lavagem cerebral? Algumas semanas? Meses? Mais de um ano?

Paul me encara por um instante, então balança a cabeça.

— Vejo você em algumas horas, Asa.

Ele se levanta, então me levanto também. Os mesmos quatro guardas me acompanham para fora da sala.

Eu devia estar extasiado pra caralho por este caso ter acabado de ir para o lixo. O próximo deve ser ainda mais fácil, porque Paul disse que o departamento de Luke não está prestando acusações. Então desde que eu faça um

acordo judicial, receba tratamento psiquiátrico e dê as informações que eles querem sobre Jon e Kevin, muito provavelmente não vou ser acusado por ter atirado na porra do peito de Luke.

Isso diz muita coisa sobre o sistema judicial. Chego a seis malditos centímetros de matar um cara a sangue frio e saio livre porque sou um dedo duro e alego ter uma doença mental?

Eu amo os Estados Unidos pra caralho.

Mas quase parece que todos os meus esforços foram em vão. Desde que comecei a suspeitar que alguém estava fazendo lavagem cerebral em Sloan, fui criando essa farsa elaborada e nem estou recebendo crédito por isso. Tive que negar ter qualquer coisa a ver com a falsa batida policial, o que foi bem difícil para o meu ego.

Tenho orgulho pra caralho do que fiz e quero me gabar para o mundo que foi perfeito.

Para não falar na merda da esquizofrenia. *Só porque você toma banho de roupa e verifica a tranca da porta algumas vezes, as pessoas acham que você está ficando ruim da cabeça.* Tive que fazer essas coisas. Eu me conheço e sabia que se descobrisse que minhas suspeitas eram verdadeiras e que Sloan estava trepando com alguém, provavelmente eu ia surtar e matar o cara. Mas não posso matar alguém e correr o risco de ser julgado como um adulto mentalmente competente. Precisei ter um plano B para não apodrecer na merda da prisão como meu pai fez durante a maior parte da vida.

Talvez não tenha sido completamente em vão. Pelo menos posso alegar “esquizofrenia” sempre que eu precisar. O que provavelmente terei de fazer um dia, considerando que Luke ainda está respirando.

Quando volto para minha cela, caio na cama assim que as grades se fecham com barulho. Não consigo evitar um sorriso.

Tudo está dando maravilhosamente certo. Sloan vai levar um tempo para pensar melhor e mudar de ideia, mas sei que isso vai acontecer. Ainda mais quando Luke estiver fora da parada de vez. Vou ter que, de algum jeito, ignorar o fato de que ele esteve dentro dela. Posso foder Sloan até parecer que ele nunca esteve lá. Só vou ter que comê-la em cada posição até não pensar mais nele ao olhar para Sloan.

— Por que está tão animadinho? — pergunta uma voz.

Viro a cabeça e olho para meu colega de cela. Não lembro o nome dele. Ele já me fez um milhão de perguntas desde que me jogaram aqui dentro, mas esta é a primeira vez que respondo.

— Estou prestes a ser um homem livre — digo, olhando para o teto com a porra de um sorriso enorme no rosto. — O que significa que finalmente vou me casar com minha noiva. Num casamento de verdade. Com um bolo de coco de três andares.

Não consigo não rir ao pensar nisso.

Estou voltando para buscar você, Sloan. Quer você queira ou não.

Você prometeu me amar.

Para sempre.

E agora você vai, porra.

Sloan

Levo a xícara de café até a boca. Minhas mãos estão tremendo tanto que pequenas ondas pretas do líquido parecem bater contra as laterais da xícara.

Olho para o relógio na parede. *Três da manhã.*

Faz dois dias que o caso de Asa foi encerrado. Ele saiu sob fiança naquela tarde. Luke e eu fomos enviados para um apartamento na cidade por proteção até a próxima audiência.

É um bom apartamento, mas quando se está com medo demais para pisar do lado de fora ou até mesmo para olhar pela janela, parece mais uma prisão. Luke me garantiu diversas vezes que Asa não tem como nos encontrar aqui. Mas o que Luke provavelmente não entende é que mesmo que Asa fique trancafiado numa prisão pelo resto da vida, eu vou estar constantemente olhando para trás. Se o próprio Asa não puder machucar a mim ou a Luke, eu não duvido de que contrate uma pessoa para fazê-lo.

Olho para trás quando escuto a porta do quarto se abrir. Luke sai do quarto, esfregando os olhos. Está usando uma calça de moletom preta que mal cobre os quadris e está sem camisa. Os curativos do seu ferimento cobrem parte do peito. Ele está descalço, arrastando os pés pelo chão de madeira enquanto vem na minha direção.

Luke para nas costas do sofá e eu inclino a cabeça em sua direção. Ele se abaixa e beija minha testa de cabeça para baixo.

— Você está bem?

Dou de ombros.

— Não consigo dormir. De novo.

Vejo a compreensão em seus olhos. Luke levanta uma das mãos, afastando uma mecha de cabelo da minha testa.

— Sloan — começa ele, baixinho —, você não precisa se preocupar aqui. Ele não tem como nos encontrar.

Estamos seguros até o próximo julgamento, eu prometo.

Assinto de novo, mas as palavras dele não me consolam muito. Nunca vou confiar em Asa, não importa o quanto eu devesse me sentir segura.

Ele dá a volta no sofá e se senta, me puxando para seu colo até eu estar de frente para ele. Luke passa as mãos pelas minhas costas e pergunta:

— O que posso fazer para ajudar você a dormir?

Eu sorrio. Gosto desse método de distração.

— Você recebeu alta só duas semanas atrás. Ainda faltam mais duas.

Suas mãos seguram minha bunda por baixo da camiseta grande dele que estou usando. Ele desliza os dedos pela beirada da minha calcinha, me causando arrepios e forçando Asa a sair da minha cabeça por alguns segundos.

— Eu não estava pensando em transar com você — explica ele. — Estava pensando mais no que posso fazer *por* você.

Uma de suas mãos escorrega até minha barriga e depois até meu seio. Seu polegar toca meu mamilo ao mesmo tempo que sua língua desliza pela minha boca. Ele me beija intensamente, mas para bem na hora em que começo a ficar tonta.

— Vou tomar cuidado — promete ele. — Minhas mãos e minha boca vão fazer todo o trabalho, mas garanto que o resto do meu corpo vai pegar leve, ok?

Sei que eu devia encorajar a recuperação dele, mas realmente fico mais calma toda vez que Luke me toca.

Ou menos nervosa.

Estou precisando disso.

— Ok — sussurro.

Ele sorri e tira minha camiseta. Então me empurra até me colocar deitada de costas no sofá e ele ficar em cima de mim. Seus lábios se arrastam pela minha boca, por meu pescoço, meus seios. Sua respiração esquenta cada parte de mim enquanto suas mãos deslizam para dentro da minha calcinha. Abro os olhos assim que Luke enfia os dedos em mim. Eu gemo, e fica cada vez mais difícil manter os olhos abertos; mas ele gosta do contato visual.

Eu também. É uma novidade para mim.

No passado, com Asa, eu sempre fechava os olhos com força porque nunca queria olhar para ele.

Com Luke, tenho medo de perder alguma parte. Não quero perder a maneira como ele me olha, como reage aos meus gemidos. *Amo* contato visual.

Só precisamos nos olhar nos olhos por dois minutos, porque é o tempo que demora para que o toque dele me leve ao limite. Assim que começo a tremer embaixo de Luke, ele toma a minha boca com a sua, engolindo seu nome, que flui dos meus lábios. Ele me beija até o fim e então se abaixa, pressionando seu corpo contra o meu.

Sinto através do moletom que ele está ficando ereto e isso cria outra necessidade em mim.

— Acho que já estou melhor — diz ele, movimentando os quadris na minha direção. — Tenho certeza de que é seguro foder você agora.

Sua voz sai grave, carente, e seria muito fácil simplesmente abaixar a calça dele e deixá-lo me preencher.

Mas eu me sentiria péssima se alguma coisa ruim acontecesse por termos sido impacientes demais para esperar o tempo recomendado. Pode ser que o coração dele ainda não esteja forte o bastante para isso.

— E se fizermos um acordo? Mais uma semana e aí vamos com bastante calma.

Luke resmunga no meu pescoço, mas se afasta.

— Mais uma semana. E então prepare-se para várias vezes por dia. Tenho muito tempo perdido para recuperar.

Eu rio e ele se senta ao meu lado, me puxando para perto. Estou de frente para Luke, com as mãos em seu peito. Contorno seu curativo com os dedos.

— Como será que vai ficar a cicatriz? — sussurro.

Ele põe a mão no meu cabelo e passa os dedos por ele até chegar nas minhas costas, depois nos meus braços.

— Não sei. Só espero que você a beije muito.

Eu rio.

— Não se preocupe. Quando estivermos liberados, você vai ter dificuldade em manter minha boca longe.

Gosto demais do seu corpo. — Olho para ele. — Isso é muito superficial? Gostar de ver você sem camisa?

Ele balança a cabeça, sorrindo.

— Não. A primeira coisa que me atraiu em você foi sua bunda.

— Achei que tinha sido a baba no meu queixo quando me acordou na aula naquele primeiro dia.

Ele assente.

— É, tem razão. Definitivamente foi a baba.

Eu rio. Adoro o fato de que ele consegue me fazer rir em tempos como esses. Nossos lábios se encontram e nos beijamos por cinco minutos inteiros. Até ele começar a pressionar o corpo contra o meu novamente. Estou me sentindo péssima por ele estar sendo tão torturado, mas de

maneira alguma vou deixá-lo descumprir as ordens do médico. Preciso que esteja o mais saudável possível, o mais *rápido* possível. Então o afasto e tento mudar para um assunto que o ajude a se recompor.

— Acha que vai ver sua mãe em breve?

Ele fala muito sobre a mãe. Odeio estarmos escondidos, porque significa que ele não pode vê-la até a próxima audiência terminar e Asa voltar para trás das grades, como esperamos. Claro que existe uma possibilidade de ele ficar livre, mas não falamos sobre isso.

— Vamos vê-la quando tudo isso terminar. Ela vai amar você.

Sorrio, imaginando como deve ser ter uma mãe que ama você. Começo a pensar em Stephen, minha única família, e meu sorriso some.

Luke percebe, porque passa as costas dos dedos pelo meu rosto.

— O que foi?

Tento fingir que não é nada para não preocupá-lo.

— Só estou pensando em Stephen. Espero que ele esteja em segurança enquanto tudo isso está acontecendo.

Odeio não poder visitá-lo.

Luke pega minhas mãos e entrelaça os dedos nos meus.

— Ele está seguro, Sloan. Tem segurança vinte e quatro horas por dia. Não precisa se preocupar com ele, me certifiquei disso.

Odeio o fato de Asa ter nos colocado nessa situação. Uma situação na qual não posso nem visitar meu irmão. Luke não pode visitar sua mãe. Não podemos sair do

apartamento. E precisamos de seguranças para as pessoas que amamos.

Não é certo.

Odeio Asa Jackson. Odeio ter conhecido ele.

— Quero que Asa pague por tudo o que fez, Luke. — Nem consigo olhar nos olhos dele quando estou sentindo tanto ódio. — Quero que ele sofra das piores formas possíveis. E isso faz eu me sentir uma pessoa horrível.

Ele encosta os lábios na minha testa de forma suave e gentil.

— Asa merece passar o resto da vida na prisão, Sloan. Você não devia se sentir culpada por querer isso.

Afasto a cabeça e olho para ele.

— Não, não esse tipo de vingança. A prisão não o afetaria como afeta a maioria das pessoas. Quero que ele *realmente* sofra. Que saiba que não sinto por ele essa coisa psicótica e obsessiva em nenhum grau. Quero que ele veja o quanto amo você só para que sofra tanto quanto ele fez todo mundo sofrer. Quero que ele seja forçado a ver que amo você e que escolheria você em vez dele. Isso o atingiria de verdade.

Noto Luke refletindo enquanto olha para mim.

— Se isso faz de você uma má pessoa, então nós dois somos maus. Porque eu daria qualquer coisa para que ele sofresse assim.

É perverso, mas suas palavras me fazem sorrir. Acho que quando você é levada ao limite, a vingança se torna a única coisa capaz de ajudar a seguir em frente. Isso não é saudável. Sei disso e tenho certeza de que Luke também. Mas saber a diferença entre certo e errado não muda a

forma como alguém se sente. Só faz você se sentir mais culpado por ter esses pensamentos.

Eu me aninho nele e apoio a cabeça em seu peito.

— Às vezes — sussurro —, tenho esses pensamentos terríveis...

Paro de falar, porque nem sei se devia dizer isso em voz alta. Luke beija minha cabeça.

— Me conta.

— Você vai ficar com uma má impressão de mim.

— Isso é impossível.

Fecho os olhos, sem saber o que Luke vai achar da minha confissão. Mas é bom simplesmente dizer em voz alta, contar a alguém quanto ódio estou nutrindo.

— Às vezes... eu queria que apenas uma vez... Asa fosse obrigado a ver você transando comigo. É a única coisa que acabaria com o que resta da alma dele. Às vezes eu queria que de algum modo ele fosse forçado a ver você com o que ele acha que pertence a ele.

Luke não responde nada por bastante tempo. Começo a ficar com vergonha por ter admitido isso em voz alta. Não quero que ele ache que tenho alguma fantasia com Asa nos vendo. Longe disso. Com tudo que Asa me fez passar, sei que isso o magoaria mais do que qualquer coisa. É só disso que se trata: um jeito de conseguir a maior vingança.

— Sloan — diz Luke finalmente. — Asa fez muita coisa que você não merecia. Muito mais do que alguém devia ter que suportar. É perfeitamente normal você querer que ele sofra. Nunca se sinta culpada por isso.

Nunca.

Suspiro de alívio ao ouvir suas palavras.

— E qual seria sua maior vingança?

Luke ri um pouco.

— Minha única vingança seria ver você tendo a *sua* vingança. Só quero ver você se sentindo vingada.

Justificada. Então só quero qualquer coisa que te proporcione isso.

Amo esse homem. Tanto.

— Eu te amo, Luke — digo ao afastar a cabeça de seu peito.

Ele segura meu rosto entre as mãos.

— Também te amo, baby.

E aí nos beijamos.

Mas então paramos.

Batidas.

Batidas altas bem no meio da porta. Imediatamente sinto o terror, os calafrios por todo o corpo, a tremedeira voltando para minhas mãos.

Luke está de pé agora. Nem o vi pulando do sofá. Ele joga minha camiseta para mim. Então atravessa a sala e pega sua arma na bancada.

Mais batidas na porta.

Luke gesticula para que eu me levante e vá para o lado dele. Eu obedeço.

— Quem sabe que a gente está aqui? — pergunto.

— Só Ryan — responde ele, indo até a porta. Eu o sigo. Ele se inclina para a frente e confere o olho mágico.

Então desencosta a cabeça da porta e se apoia na parede ao lado. — É Ryan.

— Graças a Deus — sussurro.

Luke não se mexe. Sua arma continua engatilhada e seus olhos estão fixos nos meus.

— O que foi?

Luke inspira rapidamente e então solta o ar.

— Ele não está coçando o pescoço.

Luke

A expressão de Sloan desmorona. Ela conhece o sinal não verbal que eu e Ryan usamos para quando tudo está seguro. E ela percebeu que agora não está tudo seguro.

Espio pelo olho mágico novamente, na esperança de não ter notado o sinal. Mas ele continua sem coçar o pescoço. E são quatro da manhã. Por que ele estaria aqui?

— Abra a porta, Luke — diz Ryan. — Sei que você está aí dentro.

Ryan está olhando diretamente para o olho mágico. Mas o conheço bem o bastante para saber que ele espera que eu não abra a porta.

Se Asa estiver por trás disso, por que Ryan o traria até aqui?

Confiro mais uma vez o olho mágico e percebo Ryan olhando para a esquerda, como se escutasse alguém lhe dando ordens. Ele respira fundo e encara a porta mais uma vez.

— Ele pegou Tillie. Se você não abrir a porta, vai deixar que a matem. Ele é a única pessoa que sabe onde ela está.

— Merda — sussurro, encostando a cabeça na parede. — Porra.

Não acredito que Ryan colocaria Sloan nessa situação. Não acredito que ele o trouxe até aqui. Tem que haver mais alguma coisa por trás disso. Ryan colocaria a própria vida em risco antes da de outra pessoa. Viro para Sloan e vejo que as lágrimas já estão escorrendo por seu rosto. Os olhos dela estão arregalados de medo.

Olho novamente pela porta, bem na hora em que Asa aparece no campo de visão, apontando uma arma para a cabeça de Ryan.

— Não se esqueça de dizer a ele com quem mais estou — diz Asa, alto o bastante para que o escutemos pela porta.

Ryan fecha os olhos, arrependido.

— Luke — diz ele —, ele botou alguém na porta da casa da minha irmãzinha. Sinto muito, Luke. Sinto mesmo.

Fecho os olhos. A irmãzinha de Ryan é a única coisa que ele protegeria mais do que qualquer pessoa neste mundo. Agora faz sentido. E o fato de Asa ter sido esperto o bastante para conseguir aquilo me faz temer pela vida de Sloan. Pego o telefone para ligar para a emergência.

— Se chamar a polícia e me prenderem, as duas morrem — avisa Asa. — Tillie. A irmã de Ryan. E Ryan.

Meus caras têm ordens estritas. Vou dar a você três segundos para abrir essa porta.

Sloan está chorando muito, balançando a cabeça, me implorando para não abrir a porta. Dou dois passos até ficar bem na frente dela. Passo o polegar pelo meu lábio inferior e sussurro: — Sinto muito, Sloan.

Então seguro o braço dela e a puxo para mim, depois encosto a arma em sua cabeça e abro a porta.

Asa vê Sloan primeiro. Em seguida, seus olhos disparam a arma que estou apontando para a cabeça dela.

— Filho da puta — diz ele.

Andamos de costas até a sala de estar enquanto Asa entra, apontando a arma para a cabeça de Ryan.

— Parece que temos um impasse.

Dou de ombros.

— Na verdade, não. O que você tem meu é descartável. O que tenho seu não é.

Sloan está tremendo tanto que quase morro por ter que fazer isso com ela. Mas ela sabe que é a única ferramenta de barganha que tenho. Asa não gostaria de vê-la morta, então espero que ela entenda que essa pode ser nossa única saída.

É um risco, mas estamos sem opções.

Asa me olha sério.

— Largue ela, Luke. Eu solto Ryan, Sloan e eu vamos embora, e as coisas podem voltar a ser como deveriam.

Nunca vou deixá-la ir para os braços de Asa novamente. Mesmo que ele tenha que me matar antes disso.

— Asa — falo, afastando-a dele. — Lembra da última vez que estivemos trancados num quarto juntos?

Você estava bem curioso sobre os detalhes da minha primeira vez com Sloan.

Ele engole com força.

— Ainda está interessado em ouvir?

Asa inclina a arma num gesto ameaçador, empurrando-a por baixo do queixo de Ryan, forçando-o a levantar a cabeça.

Faço o mesmo com Sloan. Isso a faz chorar ainda mais.

— A primeira vez em que a beijei foi no seu quarto — revelo. — Bem ao lado da sua cama.

— Cala a porra dessa boca suja, Luke — berra Asa. — Vou explodir o cérebro dele em mil pedaços, vai voar por todo esse apartamento.

Concordo com a cabeça.

— Se fizer isso, você também vai saber exatamente como é o interior da cabeça de Sloan.

Ele se encolhe. Estou conseguindo afetá-lo.

— Acha que eu ligo se ela morrer? — pergunto. — Há milhões de outras garotas exatamente como ela, Asa.

Sloan não significa porra nenhuma para mim. Ela me ajudou a me aproximar de você e era só isso que me importava. É uma puta barata que usou você por dinheiro. Acha mesmo que eu levaria uma garota como ela para conhecer minha mãe?

Asa abaixa a cabeça e estreita os olhos para mim.

— Acha que acredito nisso? Boa tentativa, Luke. Sei que quer ficar com Sloan só para você, ou não estaria com ela aqui. Agora diga o que vai ser preciso para que me entregue ela. Viva.

— Não posso fazer isso ainda, Asa. Você tem razão, não quero desistir de Sloan. Só consegui comê-la uma vez. Ela me deve uma ou duas boas fodas.

Asa estala o pescoço. Percebo que ele está se concentrando cada vez mais em mim e menos em Ryan. Eu o provoco mais um pouco.

— Quer saber como foi a primeira vez em que a comi ou não? Última chance.

Asa balança a cabeça.

— Na verdade, não. Eu gostaria de não ter que matar você ou seu parceiro. Eu gostaria que você me devolvesse Sloan para que possamos seguir com nossa vida.

— Você estava desmaiado na sua cama no segundo andar. — Encosto o rosto no de Sloan, esfregando-o na pele dela. Sinto suas lágrimas, e meu maldito coração já está arrependido de cada segundo em que a coloco nessa situação, mas não tenho escolha. — Sloan tinha acabado de sair da piscina. Seu sutiã e sua calcinha estavam encharcados. Os mamilos estavam duros como pedra. Sabe o que ela fez, Asa?

Ele não responde, então continuo:

— Ela andou diretamente até mim, pressionou os mamilos duros contra o meu peito, e então disse que havia descoberto meu disfarce. Disse que sabia que eu era policial. Ela ameaçou contar a você. Então fiz o que qualquer cara faria naquela situação. Levei-a para a lateral da casa, empurrei-a contra a parede e a beijei para que calasse a boca. — Forço um sorriso. — Ela amou, Asa. Gemeu tão alto que fiquei com medo de acordar você. Depois me envolveu com as pernas, deixando claro como me queria. Eu levei Sloan até meu carro, e ela montou em cima de mim. E me fodeu no banco de trás enquanto você dormia no andar de cima da casa. Ela *me* fodeu, Asa. Ela não fodeu Carter. Ela fodeu *Luke*. O policial. Ela me fodeu, sabendo que eu estava ali para acabar com você.

Faço Sloan dar um passo à frente, chegando um pouquinho mais perto de Asa, cutucando um pouco mais a ferida.

— Como isso faz você se sentir? Saber que ela ficou mais excitada ao saber que eu era um policial disfarçado para desmascarar você do que quando achava que eu era só mais um dos seus traficantes?

Asa está inflando as narinas de raiva. Ele está encarando Sloan, cheio de ódio nos olhos.

— Isso é verdade, gata?

Sloan tem razão. Ela é a única coisa que pode acabar com ele.

— Você sabia que ele era da polícia quando transou com ele? — continua Asa.

Sloan está encarando ele, o medo fazendo seu peito subir e descer com força. Ela assente.

— É verdade, Asa — sussurra ela. — E foi o melhor orgasmo da minha *vida*.

Por uma fração de segundo, consigo de fato ver as palavras de Sloan estraçalhando o coração de Asa.

Rasgando toda a alma dele ao meio. Ele afasta as sobrancelhas e expira rapidamente, recusando-se a acreditar nas palavras que ela acabou de dizer.

Aquela fração de segundo é tudo que levo para apontar a arma na direção dele. Aperto o gatilho, atingindo o braço de Asa que segura a arma. Assim que a bala o atinge, Ryan se solta e pega a arma dele, atirando uma vez em cada perna de Asa para se certificar de que ele não vai sair do lugar.

Sloan está me abraçando, um dos meus braços apertando-a com força enquanto o outro está apontado para a cabeça de Asa. Meu dedo está no gatilho, e preciso de todas as minhas forças para não atirar nele. Para não acabar com a porra da vida imprestável dele para sempre.

Ryan percebe minha vontade pela expressão em meu rosto.

— Não faça isso, Luke — pede ele.

Asa cai no chão e Ryan se joga em cima dele, algemando seus braços às costas.

— Cadê Tillie? — exige Ryan.

Asa o olha nos olhos. Ele tem três ferimentos de bala no corpo — nenhum necessariamente sério —, mas seu rosto está solene, como se nem sequer sentisse dor física.

— Não faço a menor ideia, porra.

Ryan se abaixa e bate o cano da arma no rosto de Asa. Sangue espirra na parede. Ele pega o telefone de Asa do bolso e diz:

— Você vai ligar para eles e cancelar! Agora mesmo! Vai libertar Tillie e minha irmã, seu monte de merda!

Asa o encara, gargalhando.

— Sua irmã foi um chute de sorte. Eu a encontrei na internet. Procurei o endereço. Nem tenho ninguém na casa dela, seu merda ingênuo. Aquela foto que mostrei foi tirada ontem à noite.

Ryan o encara longa e duramente. Ele pega o próprio telefone e disca um número.

— Você está bem?

Ele para e então pergunta:

— Tillie, você está bem, porra? Não é uma piada! Onde você está?

Ryan fecha os olhos, e depois de um segundo bate novamente a arma na cabeça de Asa.

— Seu merda patético!

Ele desliga o telefone e liga para a irmã.

— Oi. Estou mandando a polícia até sua casa. Não se desespere, só preciso ter certeza de que você está bem.

Quando Ryan desliga o telefone novamente, ele olha para mim e balança a cabeça.

— Sinto muito, Luke. Eu não tinha como saber se ele estava mentindo ou não. Eu não podia arriscar.

— Eu teria feito o mesmo.

Ryan verifica se as algemas de Asa estão realmente presas na mantilha da lareira e então anda até a porta.

— Vou ligar para a delegacia e mandar buscarem esse coitado de merda. Vou subir com eles. Fique com a arma apontada para Asa até chegarmos.

Assim que a porta bate, puxo Sloan para mim, apertando-a.

— Sinto muito. Sinto muito por ter feito isso. Desculpe por ter colocado a arma na sua cabeça e dito aquelas coisas.

Ela fica na ponta dos pés e me beija.

— Você salvou minha vida, Luke. Não peça desculpas, eu sabia o que você estava fazendo.

— Sai de perto dela, porra — grunhe Asa.

Olhamos para ele. Está algemado à cornija, sua calça jeans coberta do sangue que escorre de suas pernas.

Mas ele ainda não parece se importar de ter levado três tiros. Está encarando Sloan com ódio. Eu só consigo pensar nela e em como estou aliviado por esse merda estar indo definitivamente para a cadeia agora.

Pelo menos Sloan vai se sentir mais segura.

Mas ainda não vai se sentir vingada.

Asa

Filho da puta idiota. As mãos dele estão no corpo de Sloan, sua boca no cabelo dela. Meu estômago parece estar sendo golpeado por um machado. Toda vez que ele toca nela, sinto gosto de vômito.

— Tire as mãos dela — exijo.

Sloan me encara. Ela anda casualmente até a porta e a tranca, então volta para Luke e apoia as costas no peito dele. Então põe os braços dele ao redor de sua cintura.

— Não quero as mãos dele longe de mim — diz ela. — Luke me faz sentir coisas, Asa. Coisas que você nunca poderia fazer.

Ela levanta a camisa e põe uma das mãos dele em sua barriga.

Que merda ela está fazendo?

Está ficando difícil pra caralho controlar minha respiração. Nunca odiei tanto alguém. Se eu tivesse que começar a frequentar a igreja só para acreditar num inferno onde Luke pudesse apodrecer, eu não faltaria a porra de uma missa.

Os olhos de Luke estão fixos nos meus, e ele beija o pescoço de Sloan. Vejo sua mão se movendo por dentro da camisa dela, indo diretamente até seu seio. Ele o aperta e eu sinto ânsia de vômito.

— Sloan — digo com a voz desesperada. — Gata, *para*. Não deixe ele tocar você assim, você não gosta.

Estou puxando meu pulso com tanta força, tentando quebrar essa porra de cornija, que as algemas cortam minha pele e eu começo a sangrar.

Ela joga a cabeça para trás até apoiá-la no ombro de Luke, mas continua me olhando de cima.

— Lembra a primeira vez que transamos, Asa? A noite em que você tirou minha virgindade?

Balanço a cabeça, querendo que ela cale a boca. Aquilo foi especial. Luke não precisa ouvir essa história, ela é minha. *Aquela noite é minha para contar. Garotas boas não falam como ela está falando agora. Só vadias falam assim.*

A outra mão dele aperta a barriga de Sloan e começa a descer lentamente. Ela geme bem na minha frente.

Seu filho da puta doente da porra.

— Eu disse que não estava pronta — continua ela. — Mas quando acordei, você estava em cima de mim.

Balanço a cabeça.

— Para, Sloan. Não fala assim comigo, gata. Você não está falando sério.

— Toda vez que penso naquela noite, vomito bile. Minha garganta arde pra caralho toda vez que penso em como você tirou algo tão especial de mim e tratou como se fosse seu para fazer o que quisesse.

Meus olhos observam a mão de Luke desaparecer dentro da calcinha de Sloan.

Sinto uma coisa no meu rosto. Uma merda molhada. Lágrimas. Vou matar esse filho da mãe tão devagar que ele vai me implorar para acabar logo.

Sloan começa a se enrijecer com o toque de Luke.

Ela levanta o braço e o passa em volta do pescoço dele.

— Eu odeio você, Asa. Odeio você pra caralho. Quando você transava comigo, eu chorava. Quando você vinha para a cama à noite, eu rezava para que não tocasse em mim. Quando você me beijava, eu me perguntava se o gosto da morte era melhor que o seu.

Ela se vira e se apoia no sofá, puxando Luke para mais perto. Sloan deixa Luke beijá-la com a mão ainda dentro de sua calcinha.

Não posso assistir a essa porra.

Viro a cabeça.

— Abra os olhos, Asa — ordena Luke.

— Vai se foder!

Escuto-o marchar pelo chão e então o sinto agarrando meu cabelo. Ele bate minha cabeça na cornija e a segura ali até eu olhar para ele.

— Você vai assistir ou então vou grampear suas pálpebras!

Ele volta até Sloan e abaixa a calcinha dela até os tornozelos, depois a chuta para longe.

Eu viraria a cabeça, mas ainda não acredito que Sloan vai fazer isso. Não tem como ela fazer isso comigo.

Sloan não tem essa maldade nela.

Puta que pariu.

Ela não vai.

Ela não vai deixá-lo entrar nela.

Ela nunca faria isso comigo.

Sloan agarra o cabelo de Luke.

— Me fode, Luke. Fode o que é seu.

Não consigo respirar.

Ela põe a mão na calça dele.

Enfia o pau dele dentro dela.

Porra. Não.

— Luke — sussurra.

Não.

Gata, não.

Meu peito dói.

Merda.

Merda.

Não.

Não, não, não!

Estou me forçando a respirar, tentando pegar ar suficiente para implorar para que ela pare, mas não consigo falar.

Bato a cabeça na lareira atrás de mim.

Uma vez.

Faça ela parar.

Duas.

Faça ele parar.

— Luke! Eu não sabia que podia ser tão bom.

Três vezes.

Quatro vezes.

A dor física nem se compara ao que Sloan está fazendo comigo. Ela abraça o pescoço de Luke.

— Eu te amo — mente ela.

— Também te amo, gata. — Ela morde o ombro de Luke quando ele responde.

Bato a cabeça pela quinta vez.

Sexta vez.

— Vou te amar para sempre, Luke. *Só* você.

Então ela arranca a porra do meu coração do peito. Joga a cabeça para trás e geme.

Quero morrer.

Escuto ele grunhindo. Gemendo no pescoço dela, enterrado dentro dela, nem usando a porra de uma camisinha. Ele a está arruinando. *Arruinando.*

Fecho os olhos para não ter que ver o que vem depois.

— Me mata — sussurro. — Me mata logo, porra.

Escuto sirenes.

Puta que pariu! A última coisa que quero é viver com estas cenas na cabeça dentro da porra de uma prisão.

Abro os olhos e Sloan está colocando a calcinha de volta.

— Vadia filha da puta — murmuro. Então grito: — Sua vadia filha da puta! Me mata logo!

Sloan beija Luke mais uma vez, e então se endireita e anda na minha direção. Ela se inclina na minha frente.

Eu esticaria o braço e a estrangularia, mas acho que perdi sangue demais para mexê-los agora.

— Ninguém vai matar você, Asa. Pelo resto da sua vida, toda vez que você fechar os olhos naquela cela, quero que me veja. Com Luke. Transando com Luke. Casando com Luke. Tendo os filhos de Luke.

Sloan se aproxima mais até eu sentir cheiro de sexo nela. Está sussurrando quando me olha friamente e diz: — E todo ano, no dia vinte de abril, minha linda família vai celebrar seu aniversário com um grande, enorme e delicioso bolo de coco, seu canalha patético da porra.

Luke destranca a porta segundos antes de ela ser empurrada.

Armas são sacadas.

Apontadas para mim.

Mas tudo o que vejo é Sloan.

A vadia está sorrindo, porra, e ela é tudo o que vejo.

PRÓLOGO

Sloan

Dois anos e alguns meses antes...

Faz duas semanas que Stephen começou a receber fundos para o alojamento coletivo. Não podia ter vindo numa hora melhor, bem na época em que comecei meu primeiro semestre na faculdade.

Eu estaria mentindo se dissesse que não fico preocupada por ele estar morando longe de mim, mas fico muito mais aliviada em saber que não está em casa com minha mãe. Meu objetivo, é claro, é trazê-lo para morar comigo, mas é difícil fazer isso enquanto ainda nem tenho um lugar oficial para ficar.

Fui a cuidadora de Stephen durante toda minha vida. Então, enquanto crescia, eu achava que fazer faculdade não seria uma opção para mim. Foi só um mês antes da minha formatura no ensino médio que descobri, através do conselheiro estudantil, sobre a ajuda financeira e a possibilidade de ter assistência do governo para Stephen.

Aparentemente, sempre esteve disponível para minha mãe pedir, mas por que ela faria algo que demandaria esforço? Além disso, tinha a mim para cuidar dele.

Eu simplesmente achava, considerando que minha mãe era a guardiã legal do meu irmão e que ele tinha só dezesseis anos, que Stephen estaria preso e teria que morar com ela até ter idade suficiente para algum tipo de assistência para adultos.

Mas aqui estamos. Descobri o auxílio financeiro e agora sou oficialmente uma caloura na faculdade. Meu único problema é que não consegui auxílio suficiente para cobrir os gastos de morar no alojamento, então por enquanto continuo em casa.

Bem, mais ou menos.

Eu fico com amigos (ok, estão mais para conhecidos) às vezes, até porque minha casa fica a uma hora do campus. Geralmente pego o ônibus até a faculdade, mas só quando tenho dinheiro. Então nos dias em que tenho aula o dia todo, tento arranjar um lugar para dormir. Isso tem acontecido com cada vez mais frequência, porque toda vez que fico no mesmo ambiente que minha mãe, nós acabamos brigando. Tenho evitado sua presença o máximo possível, e agora que Stephen não mora mais com ela, é difícil ficar lá também.

É meio estressante quando paro para pensar demais na minha vida. No fato de não estar morando no alojamento, de não ter ajuda para alugar um apartamento, de estar dormindo no sofá das pessoas na esperança de poder alternar entre suas casas a ponto de não perceberem que vivo só com o que tenho na mochila para evitar minha mãe.

Mas sinto que uma hora o carma só pode virar para o meu lado. E talvez esteja começando. Não preciso mais me preocupar tanto com Stephen como antes, afinal ele agora está em uma habitação coletiva. O que significa... que talvez eu consiga tempo para ter uma vida normal. Enquanto eu crescia, tinha a mesma rotina todo dia. Acordar, me vestir, vestir Stephen, pegar o ônibus e deixá-lo na escola dele, pegar o ônibus de volta para casa, ir para minha própria escola, buscá-lo, voltar para casa, fazer o jantar, ajudá-lo a comer, dar os remédios a Stephen, dar banho nele, aprontá-lo para dormir, fazer meu dever de casa, dormir, repetir.

Mas agora... me sinto um pouco livre. Não que Stephen tenha sido um fardo para mim. Amo meu irmão e faria qualquer coisa por ele, mas é bom finalmente ter tempo para mim. Eu só queria saber o que fazer. Eu me sinto perdida depois da aula e passo a maior parte do tempo na biblioteca. Me inscrevi para empregos de meio período no

campus e estou na lista de espera para duas vagas. Também me inscrevi para trabalhar no McDonald’s que fica no final da rua da faculdade, mas aparentemente todos os outros alunos com pouca renda também querem trabalhar lá.

Enquanto isso, até conseguir um desses empregos e poder economizar para ter um cantinho só meu e de Stephen, continuo tentando levar. E fico torcendo para que a nova unidade de Stephen seja um lugar que ele comece a gostar. Meu maior sonho é que o fundo que ele recebe nunca seja cortado, e que Stephen adore ficar lá e que cuidem bem dele. Porque eu não conseguiria arcar com os gastos do que ele precisa caso morasse comigo enquanto tento estudar e arranjar um emprego.

No geral, minha vida não está ótima agora, mas está melhorando. Devagar, mas certamente melhorando.

E me sentar ao lado desse cara que aparece de vez em quando na aula de história é um dos poucos prazeres

que tenho hoje em dia.

Sempre fico constrangida quando ele finalmente aparece na aula, torcendo para que nunca olhe na minha direção. Nunca tive dinheiro para comprar roupas legais ou cuidar do meu cabelo e das unhas. Não tenho nada a ver com as garotas que dão em cima dele na aula. Meu cabelo é escuro e liso, e como nunca consigo cortá-lo ou arrumá-lo, eu simplesmente o deixo crescer o máximo possível até que eu mesma seja capaz de aparar as pontas.

Às vezes sinto que me destaco na faculdade, e não de um jeito bom. Eu preferia mil vezes me misturar.

Desaparecer em meio à multidão.

Quero ser o exato oposto desse cara. *Asa*, acho que é esse o nome dele. Ele provavelmente é um dos caras mais bonitos que já vi na vida. E não só por causa da aparência... É mais por causa da autoconfiança. Nunca vi nada parecido. Ele entra na sala tão confiante, com seus enormes ombros jogados para trás, a cabeça erguida, os olhos examinando todo mundo como se desafiasse alguém a fazer algum comentário sobre como ele raramente aparece. Nem o professor o repreende, e ainda parece meio nervoso só de pensar em fazer isso.

Qualquer outro aluno que entra na sala permanece de cabeça baixa, os olhos voltados para o chão, correndo até a carteira para não ver todos encarando. Mas Asa quase parece querer que todos olhem para ele. Como se fosse ficar chateado se não tivesse a atenção de cada um da turma.

Que eu saiba, Asa não precisa se preocupar. Tem toda a atenção e até mais.

Olho para ele enquanto o professor dá aula sobre a Guerra Civil. Asa tem um cabelo lindo. Não consigo deixar

de imaginar como ficaria molhado. Como ficaria com minhas mãos nele. Como seria se ele estivesse de frente para mim, me encarando como se quisesse tocar no *meu* cabelo também.

Não sei se ele já olhou para mim, mas gosto de imaginar que às vezes ele faz isso. Imagino como seria ter a atenção de *qualquer pessoa*, na verdade. Nunca tive tempo para garotos por ter me dedicado a cuidar de Stephen. Isto é, por ter sido babá em tempo integral, até nos fins de semana e feriados. Os caras me chamavam para sair na escola, mas eu nunca conseguia arranjar alguém para cuidar de Stephen no meu lugar. Mas eu queria sair com os garotos. Queria todas as coisas normais que as alunas do ensino médio querem. Um namorado, o primeiro beijo, e todo o pacote que vem com isso.

Uma vez, fiquei tão desesperada para dar o primeiro beijo que quando um garoto finalmente me chamou para sair, eu sugeri que fôssemos para minha casa. Assim eu poderia conhecer o cara e ficar de olho em Stephen ao mesmo tempo. Minha mãe não estava em casa naquela noite, então me dediquei a ficar bonita para esperá-lo chegar. Mas pouco antes da campainha tocar, Stephen começou a ter uma crise na mesa de jantar.

Precisei fazer de tudo para acalmá-lo, mas quando finalmente consegui, nós dois estávamos um caco. Cheios de comida na roupa, meu cabelo coberto de batata-doce, um rasgo na manga da minha blusa.

Abri a porta daquele jeito, ofegando de cansaço. O cara deu uma olhada em mim, uma em Stephen e outra na sujeira que ele havia feito na cozinha e deu o fora. “Talvez outro dia”, sugeriu ele.

Mas nunca mais me chamou para sair. E tenho certeza de que contou o ocorrido para todos os outros garotos da

escola, porque depois daquilo ninguém nunca mais me chamou para sair também.

Garotos podem ser grandes babacas às vezes.

Desvio o olhar de Asa e viro para o quadro, me atualizando na matéria que acabei de perder por estar sonhando acordada. Estou escrevendo com pressa no caderno quando a tinta da minha caneta acaba.

Eu a sacudo e tento voltar a escrever, mas não funciona.

Não trouxe minha bolsa para a aula, então não tenho outra caneta. Continuo tentando forçá-la a funcionar, notando que estou só fazendo barulho com a caneta quando sinto Asa olhando para mim.

Nem preciso levantar a cabeça. Sinto os olhos dele fixos em mim, analisando minhas roupas de merda, minhas unhas feias, meu cabelo malcuidado, minha falta de maquiagem. Tenho vontade de engatinhar para baixo da mesa e me esconder do exame minucioso dele, mas é tarde demais.

— Aqui.

Merda.

Não quero olhar para Asa, mas ele está estendendo uma caneta, tentando entregá-la a mim. Imediatamente sinto um calor se espalhando pelo meu corpo — da superfície da minha pele até o fundo do meu estômago.

Quando olho em seus olhos pela primeira vez, eu ofego. O rosto dele é perfeito. Uma mandíbula forte, lábios carnudos, úmidos e convidativos. Quando sorri para mim, covinhas se formam nos cantos de sua boca, dando a quantidade certa de charme masculino à dureza dos seus traços fortes.

Eu poderia ficar aqui durante horas falando sobre a perfeição da aparência física de Asa, mas não sou esse tipo de pessoa. Não sou superficial assim.

Né?

Não importa que o cabelo dele é tão cheio que deve dar para agarrar aos montes. Não importa que seus braços definidos pareçam capazes de me levantar do chão sem nenhum esforço. Não importa que a camiseta azul que está usando fique perfeita nele e que eu não precise passar as mãos por baixo dela para saber como é cada contorno do abdome de Asa.

Nada disso importa. Não sou esse tipo de pessoa.

Então por que está tão difícil respirar, droga?

Ele continua estendendo a caneta, tentando me emprestá-la. Ri da minha demora em reagir e então se levanta da cadeira para deixar a caneta na minha mesa. Ele pisca para mim e volta a olhar para a frente.

Olho para a caneta. Olho de volta para ele, que não está mais escrevendo.

Ele me deu sua única caneta?

Eu a pego e me forço a terminar de copiar a matéria, apesar de saber que agora vou ser obrigada a devolver a caneta e agradecer. O que significa que vou ter que falar com ele.

Quando o professor termina a aula, minhas mãos estão tremendo. Sou completamente ridícula. Arrumo minha mochila e antes mesmo que o garoto se levante, passo por ele e balbucio um “obrigada” ao deixar a caneta em sua mesa e sair apressada.

Saio da sala com minhas pobres pernas. Quando já estou a uns três metros da porta, sinto alguém tocar no

meu cotovelo.

— Oi.

Fecho os olhos porque essa voz parece ainda mais sexy quando é direcionada a mim e de tão perto. Quando me viro e olho para ele, Asa está me encarando, as covinhas fundas com seu sorriso. Os olhos dele percorrem meu rosto, uma parte de cada vez, e eu daria tudo para saber o que ele está pensando ao me observar. Ele se apoia no armário ao meu lado e pergunta:

— Qual é o seu nome?

Ai, meu Deus.

Ele vai me chamar para sair.

O cara que eu achei que nunca me notaria, notou. E, por algum motivo, quer me chamar para sair. Achei que eu ia querer dizer sim, mas não quero. Não depois de vê-lo de tão perto assim. Não depois de sentir o que só a voz dele já faz com meu corpo. Não sou páreo para a experiência dele. Noto pela expressão em seus olhos que ele me comeria viva.

Preciso ir com calma até chegar em alguém como Asa. Não posso mergulhar no mundo dos encontros tendo ele como primeira tentativa sem ao menos ter *beijado* um cara.

Imediatamente dou meia-volta e sigo em outra direção. Alguns passos depois, sinto alguém tocar meu cotovelo de novo.

— *Ei* — diz ele, rindo dessa vez.

Paro novamente e o encaro.

— Já agradeci pela caneta.

Por que estou sendo tão megera?

O sorriso estúpido e adorável continua emplastrado no rosto dele. Até seus dentes são sexy. *Quem é que tem dentes sexy?*

— Eu percebi — diz ele. — E de nada. Mas agora meio que preciso de um favor em troca.

Posso não saber nada sobre namoro, mas sei o que significa quando caras como ele pedem favores.

— Você me emprestou uma caneta. Não é exatamente algo que exija um favor em troca.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Emprestei minha única caneta para você. Agora preciso de uma cópia das suas anotações.

Ah. Talvez ele não queira me chamar para sair.

— Você aparece em uma a cada quatro aulas e agora está preocupado por ter perdido dez minutos de anotações? Sério?

Ele aperta um pouco os cantos dos olhos.

— Na verdade — diz ele, se inclinando para a frente —, estou tentando dar em cima de você, mas você está tornando isso meio difícil.

Ah.

Mordo o canto do lábio inferior por um instante, tentando esconder seja lá qual for reação que aquele comentário tenha desencadeado. Mas Asa provavelmente está acostumado com essa reação, porque tenho certeza de que sou a única garota na faculdade inteira com a qual ele não tinha flertado ainda.

— Meu nome é Sloan. E não estou interessada que deem em cima de mim.

— Sloan — repete ele com um sorriso. — Muito bonito.

Sério? Como três palavras conseguiram me arrepiar?

Asa dá um passo para perto de mim. Ele tem cheiro de hortelã.

— Sloan... você devia ir jantar comigo hoje à noite. Prometo ser um cavalheiro pelo tempo que você precisar que eu seja.

O comentário dele me repulsa e me excita ao mesmo tempo. Não tenho ideia de como. Tenho a impressão de que meu corpo e minha consciência estão em guerra. Especialmente agora que estou encarando sua boca, me perguntando se ele vai ser o primeiro cara que vou beijar. Imagino que beijar seja meio parecido com comer um abacaxi. Meio satisfatório e grudento, mas você continua sentindo o gosto na língua por horas.

Ele me emprestou uma caneta e agora estou sonhando acordada em beijá-lo? Meus pensamentos não são confiáveis perto desse cara.

Balanço a cabeça negativamente e me viro para ir embora.

Não faço a mínima ideia de por que recusei. Não é como se eu tivesse algo melhor para fazer esta noite. Mas alguma coisa nele me diz que vou me envolver demais. Ele não é seguro. Não é uma água rasa na qual as pessoas normalmente andam na ponta dos pés, na altura dos tornozelos. Ele é o fundo do mar infestado de tubarões. Se eu concordar em sair com Asa, estarei caminhando pela prancha dos navios piratas, caindo diretamente na profundeza sombria dele.

E como vou fazer isso se nem sei nadar?

Ele para diante de mim, me fazendo parar também. Dá um passo à frente, e eu, um para trás.

— A gente não precisa rotular de encontro — diz ele. — Mas eu me sinto atraído pra caralho por você e gostaria de comer alguma coisa enquanto olho para seu rosto. Vai me deixar buscá-la hoje à noite para que eu possa olhar para você enquanto como?

Ele abre um sorriso brincalhão e não consigo evitar uma risada. Puxa vida. Que boca suja ele tem. *Por que achei isso tão excitante?*

Ele diz um “por favor” só mexendo os lábios enquanto me olha desesperadamente. Não sei por que adorei esse pedido sem som e não em voz alta.

Tiro um instante para pensar em todas as coisas que estava dizendo a mim mesma na aula. Sou jovem. É

minha primeira vez experimentando a vida agora que Stephen está tendo cuidados em tempo integral. Se eu não começar a fazer as coisas logo, vou ficar muito para trás para conseguir colocar a vida em dia.

Bufo e concordo com a cabeça.

— Tá bom. Vou deixar você olhar para mim enquanto come. Seu esquisito. Me busque na frente do grêmio estudantil às sete.

Ele balança a cabeça.

— Busco você às oito e meia. É quando estarei livre.

— É um encontro bem tarde.

Asa sorri e responde:

— Então é um encontro. — Ele se aproxima de mim, seus lábios chegando bem perto do meu ouvido. — Coloque o vestido que você usou na aula de terça passada, por favor. O das flores amarelas.

Ele esbarra levemente em mim ao passar para ir embora, e nem consigo notar sua expressão após dizer isso.

Sinto como se aquelas palavras tivessem enviado uma corrente elétrica pelo meu corpo.

Ele reparou no que eu estava usando na semana passada?

Escondo meu sorriso com uma das mãos e vou para a aula seguinte.

Eu me arrumo na lavanderia.

Isso não é deprimente?

O vestido que Asa me pediu para usar estava sujo, e não tenho acesso a uma máquina de lavar nem de secar na minha casa ou na casa da garota onde ando ficando nos últimos dias. Então peguei minhas roupas sujas e fui até a lavanderia. Arrumei meu cabelo e passei maquiagem no banheiro de lá enquanto minhas roupas estavam na máquina.

Será que ele ainda sentiria atração por mim se soubesse disso?

Já notei que ele usa roupas de marca. O par de sapatos novos que sempre usa quando resolve aparecer na aula. Até a caneta que me emprestou parecia mais cara que meu vestido.

Ainda não entendo por que ele quer sair comigo. Não me leve a mal, não tenho sérios problemas de autoestima. Só fico curiosa de por que, de todas as garotas que vejo dando em cima de Asa, ele pediu para sair *comigo*. Não falo alto, não busco atenção, não me visto para impressionar. Na verdade, faço o que posso para evitar caras como ele por este exato motivo. Odeio o desconhecido.

Quando você passa a vida toda sem interagir com caras de um jeito sexual, simplesmente chega em um ponto em que se sente tão para trás que não há como alcançar as pessoas da sua idade.

Sinto como se eu fosse de uma raça completamente diferente delas. Fico observando as pessoas passando por mim enquanto entram e saem do grêmio. Algumas me olham, outras não. Dois caras perguntam se preciso de ajuda.

Não sei se estavam dando em cima de mim ou se é por eu estar parada aqui há meia hora. Uma das coisas que menos gosto nas pessoas é atraso. Já encontrei um defeito e ainda nem começamos a sair. Vou esperar mais dez minutos e, se ele não chegar, vou embora.

Um minuto se passa.

Três.

Sete.

Oito.

Nove.

Acabou seu tempo, babaca.

Penduro a alça da bolsa no ombro e me viro na direção do ponto de ônibus. Quando estou chegando na esquina, escuto um carro entrar guinchando no estacionamento e frear. Ouço uma porta bater, mas não olho para trás. Continuo andando.

— Sloan!

Eu o escuto correndo até mim. Estou aliviada por Asa ter vindo. Significa que não me deu bolo. Mas ainda está quase quarenta e cinco minutos atrasado.

Paro subitamente quando ele aparece diante de mim.

— Oi — diz, me olhando da cabeça aos pés com um sorriso largo. — Pronta?

Eu rio, incrédula. *Ele está falando sério? Não vai nem se desculpar pelo atraso?*

— Esperei você por quarenta minutos — respondo, irritada. — Fiquei com tanta fome que passei do ponto da fome e só estou com vontade de dormir. Boa noite, Asa.

Ele imediatamente parece arrependido e segura meus ombros:

— Não. Não, não diga isso. Desculpe. Fiquei preso. Eu teria ligado, mas não tenho seu número.

— Eu não tenho celular.

Ele ergue uma das sobrancelhas.

— Por que não? Quem não tem celular hoje em dia?

— Pessoas *pobres*, Asa. Pessoas que não podem pagar por luxos modernos. Pessoas que gastam seus últimos três dólares na lavanderia para lavar o vestido que o cara que chegou atrasado lhe pediu para usar.

Pessoas que não têm tempo para ficar esperando tarde da noite assim, porque o único meio de transporte que têm é o ônibus, e o último sai em dez minutos. Então se me der licença, preciso chegar no ponto a tempo.

Tento passar por ele, mas Asa põe a mão em meu rosto.

— Por favor, não vá. Fiquei ansioso por esse encontro o dia todo. Fiz tudo o que pude para chegar aqui na hora e sei que estou atrasado, mas estou aqui. Podemos, por favor, começar de novo? Podemos fingir que eu falei que o encontro era às nove e dez e que cheguei na hora exata e você está realmente animada para saber aonde vamos?

Asa me encara com uma expressão desesperada. Ele realmente é meio cativante por baixo daquela presunção toda. Que combinação mortal.

Merda.

Forço um sorriso.

— Aonde vamos?

Ele sorri.

— *Obrigado* — diz, sorrindo ainda mais. — É surpresa. E vamos até lá a pé, tudo bem?

Concordo e tento abstrair o fato de ele estar tão atrasado. Muitas coisas podem ter acontecido para causar seu atraso de mais de meia hora, e Asa tem razão. Ele veio, então obviamente não foi de propósito. Eu provavelmente não devia ser tão dura assim.

Ele abaixa o braço e entrelaça os dedos nos meus. Para ele, provavelmente é um gesto muito casual que faz com toda garota que leva para sair. Mas, para mim, é muito mais que casual. É monumental. É a segunda vez que fico de mãos dadas com um garoto. Na primeira eu tinha doze anos, então nem sei se conta.

— Você está maravilhosa — diz ele, mudando as mãos para poder dar alguns passos para trás e admirar meu vestido. Seus olhos percorrem meu corpo, param na barra em minhas coxas, e então sobem lentamente até ele estar me fitando nos olhos. Asa sorri e então troca de mão de novo, voltando a andar ao meu lado. — Quando vi você nesse vestido pela primeira vez, não consegui ficar quieto na sala. Tentei falar com você depois da aula, mas a perdi no corredor.

Sorrio.

— Eu nem percebi.

Ele ri um pouquinho.

— Você não percebe um monte de coisas, Sloan. Pode acreditar.

— Tipo o quê?

Ele me olha de canto.

— Ah, só o fato de que nenhum daqueles malditos caras da aula de história conseguem tirar a porra dos olhos de você.

Eu definitivamente teria notado se Asa tivesse olhado para mim um dia.

— Você está viajando.

Ele dá de ombros.

— Prefiro estar viajando e em um encontro com você a estar lúcido e com qualquer outra garota do mundo.

Isso me faz calar a boca. Não sei se me sinto lisonjeada ou insultada com as coisas que ele está dizendo. Ele é tão bajulador... Tenho certeza de que usou cada cantada que sabe em mais de uma garota, mais de uma vez.

Não sou especial para ele.

Então por que as coisas que está dizendo causam tanto efeito em mim?

Sinto um nó no estômago e muito calor, apesar de estar meio frio e de eu ter colocado um vestido sem manga.

Mas sério. Atração é o que põe garotas em apuros com caras como ele, obviamente. Sei que suas declarações são tão verdadeiras quanto notas de dólar com o rosto de Kanye West, mas eu estaria mentindo se dissesse que não gostei um pouco dos elogios. Mesmo que isso não dê em nada, ainda é legal ouvir por algumas horas.

Eu devia simplesmente tentar aproveitar. Passei tanto tempo sem fazer as coisas que outras garotas da minha idade fazem… Devia aproveitar esta noite, mesmo que lá no fundo eu saiba que é só atração. Ele não sabe nada sobre mim, além de como esse vestido fica no meu corpo.

Finalmente, Asa diz:

— É no final da rua.

Estou frequentando a faculdade por quase um semestre inteiro e nunca estive nessa rua. É bonitinha. Tem luzes natalinas nas árvores, apesar de não estarmos nem perto do Natal. Há música sendo tocada, vinda dos alto-falantes presos aos postes de luz. Vejo o restaurante no final da rua e fico meio decepcionada por nossa caminhada estar quase no fim. Faz tempo que não tomo ar puro.

Fico me perguntando sobre o que vamos falar enquanto comemos. E se a gente só jantar e depois ir cada um para um lado? Nunca fui a um encontro, então não conheço todos os passos.

— Qual é sua parte favorita de um encontro? — pergunto, tentando arrancar alguma informação dele sem parecer tão sem noção como me sinto.

Ele olha para mim e sorri.

— O beijo, Sloan. Definitivamente o beijo.

Então isso vai rolar hoje?

De repente perco o apetite de tanto nervosismo. Asa vai ficar tão desapontado quando minha língua não souber o que fazer dentro de sua boca.

Pigarreio.

— Isso sempre acontece bem no finalzinho do encontro?

— Depende do casal. Às vezes acontece durante. Às vezes nem acontece. Às vezes é no começo.

Não seria bom resolver logo isso?

— Quando você prevê que o nosso vai acontecer?

Sorrio e me pergunto se está muito óbvio que estou flertando com ele. Asa puxa minha mão, virando à esquerda entre dois prédios. Ainda estamos a uns nove metros do restaurante, então sou surpreendida pelo desvio.

Estamos num beco. Um beco muito estreito e vazio. Ele se vira de frente para mim e eu arfo ao notar a expressão em seus olhos. Suas mãos vão até meus quadris e então minhas costas tocam a parede do prédio.

— Acho que agora seria uma boa hora — responde ele, momentos antes de sua boca encontrar a minha.

Minhas mãos agarram sua camisa com nervosismo. A língua dele desliza em meio aos meus lábios apertados e isso praticamente me faz derreter. Abro a boca e suspiro quando a língua dele toca a minha.

Nem me sinto mais nervosa. Um instinto que eu nem sabia que existia toma conta de mim, e eu acompanho o beijo dele. Afago por afago, respiração por respiração, faço tudo o que ele faz. Tenho certeza de que depois de uns trinta segundos eu já entendi como tudo funciona, mas assim que tenho certeza absoluta, ele afasta a boca da minha.

Asa apoia as mãos na parede atrás de mim e encosta a lateral da cabeça na minha. Sinto sua respiração acelerada em meu ouvido. Fico feliz por ele não estar olhando para o meu rosto, porque estou sorrindo.

Foi bom. Nem de perto foi intimidador quanto eu achava que seria. Estou me sentindo tão confiante que por algum

motivo confesso que foi meu primeiro beijo, mas imediatamente sinto Asa se enrijecer e me arrependo.

Ele afasta a cabeça, seus olhos escuros ainda mais intensos depois do beijo.

— Está brincando, né?

Eu devia rir e responder que estava, claro. Em vez disso, balanço a cabeça.

— Você nunca saiu com um cara?

Nego com a cabeça de novo e admito:

— Não.

Ele inclina a dele de lado e me olha.

— É por causa de alguma esquisitice de religião?

Eu rio.

— Não. De maneira alguma. Não sou pudica nem estou esperando para me casar ou nenhum motivo em particular. Eu só andei... ocupada. Andei ocupada a vida inteira, da manhã até a noite. Nunca tive um segundo livre para sair.

Ele me olha com descrença.

— Então... você nunca foi tocada por um cara? Ou beijada? *Nenhum* cara?

Assinto mais uma vez.

— Nunca. Essa foi a primeira vez. Você... me beijando. É o máximo de experiência que já tive. Então não me julgue se eu tiver sido péssima.

Ele expira lenta e deliberadamente.

— Puta merda.

Então põe sua boca em cima da minha novamente, com muito mais intensidade dessa vez. Isso me pega de

surpresa, mas não demoro a acompanhá-lo.

Ele está me devorando agora, me beijando desesperadamente, pressionando seu corpo contra o meu. Ponho os braços em volta do seu pescoço porque a intensidade do beijo está tirando meu equilíbrio. Meu corpo está ficando tão fraco que não consigo mais confiar nele para me manter de pé.

Não consigo acompanhar Asa. Estou arfando por ar enquanto ele beija meu queixo, meu pescoço, e volta para minha boca. Ele agarra meu cabelo e eu agarro o dele. Ele geme e se abaixa, pegando minhas pernas e me levantando, me fazendo deslizar alguns centímetros para cima pela parede.

É incrível como nosso segundo beijo é diferente do primeiro.

Imagino como será o terceiro.

Asa põe minhas pernas em volta dele e desliza as mãos pelas minhas coxas até estar me segurando por baixo do meu vestido, certificando-se de que estou bem apoiada na parede. Quando seus lábios tocam meu pescoço outra vez, encosto a cabeça na parede.

— Asa — sussurro. — A gente provavelmente vai precisar comer em algum momento.

Sinto-o rir junto ao meu pescoço.

— Eu sei — murmura ele. — Não consigo parar. Saber que você é... que você... *porra*, Sloan. Não consigo parar de beijar você, estou tentando.

Sua boca volta ao meu pescoço e então meu foco não está mais na comida nem no beijo. Está na maneira como minhas pernas o estão envolvendo, em como nossos corpos estão unidos, em como acabei de começar a me movimentar contra ele para sentir coisas que nunca senti.

— Meu Deus — sussurro, apertando-o ainda mais com as pernas.

— Achei que não tinha a ver com religião.

O comentário dele me faz rir durante o beijo. Minha risada o faz grunhir e então ele me levanta da parede, me pondo de pé novamente. Ele beija minha testa e encosta a dele na minha, me encarando. Depois entrelaça os dedos nos meus e, sem dizer mais nada, me puxa do beco até o restaurante.

Não sei se é porque está muito tarde ou se o lugar não é muito bom, mas quando passamos pela porta, somos os únicos clientes. O recepcionista sai de uma sala dos fundos e pega dois cardápios. Ele é mais velho que nós dois, com cerca de trinta e poucos anos.

— Achei que você não ia chegar — diz ele a Asa.

Asa dá de ombros.

— A gente ficou preso.

O cara assente e aponta para uma sala que fica depois da área principal.

— Por aqui.

Somos levados a mais uma sala vazia, à esquerda. Há uma mesa circular posicionada com privacidade no canto, com uma garrafa de vinho já no gelo e duas taças. Minha vontade é mencionar que não tenho idade para beber, mas tenho a impressão de que não faria diferença.

Asa me deixa sentar primeiro e então se acomoda bem perto de mim, com a mão no meu joelho. O cara põe os cardápios na nossa frente e abre a garrafa de vinho, servindo duas taças em seguida.

Quase nunca bebo, mas esta noite parece uma boa ocasião. Especialmente se ninguém vai pedir minha

identidade. Asa pega sua taça como se quisesse fazer um brinde, então pego a minha também.

— A primeiros beijos. A primeiros encontros. E a primeiras... seja lá o que mais você vai me permitir ter.

Eu rio.

— Sobremesa, pelo menos.

Brindamos com nossas taças e eu provo o vinho. Não é doce como eu esperava, mas é gostoso. Quando desço minha taça, Asa se aproxima e beija o canto da minha boca.

— Talvez eu devesse ter esperado até o fim do encontro para beijar você.

— Por quê?

— Porque agora só consigo pensar nisso. Mas tem tanta coisa que não sei sobre você... E eu devia ser uma boa companhia e fazer um milhão de perguntas.

Sinto que não há muita coisa da minha vida que valha a pena contar. Mesmo.

— Tenho dezoito anos. Meu aniversário é mês que vem. Tenho uma mãe que devia ter prestado uma prova para ter permissão de ter filhos. Tenho um irmão que amo muito. Agora você já sabe mais sobre mim do que qualquer outro cara no mundo. Que tal?

Ele me observa por um momento, os olhos fixos nos meus.

— Gosto de você.

E então voltamos a nos beijar.

Beijos lentos, enquanto os dedos dele exploram a parte externa da minha coxa. Durante o beijo, de alguma maneira nos viramos um para o outro. A única coisa que nos separa é a presença do garçom pigarreando.

— Já sabem o que vão pedir? — pergunta ele.

Asa ri antes de se afastar um pouco de mim.

— Porra, já — diz ele. — Vamos querer o especial.

O garçom assente e sai.

Tomo mais alguns goles do vinho enquanto Asa faz o mesmo.

— Você acabou de pedir por mim? E se eu não gostar do especial?

Ele sorri.

— Então peço outra coisa para você.

Sua boca volta a tocar a minha e começamos a nos beijar de novo. Dessa vez, as mãos dele ficam mais ousadas. Ou talvez o vinho tenha me deixado menos resistente.

Nós nos beijamos por tanto tempo que nem noto que a mão dele está na parte interna da minha coxa. Seus dedos lentamente vão me acariciando para cima e para baixo, em círculos, ficando cada vez mais ousados.

Acho que ele está fazendo isso porque arfo toda vez que ele chega até o alto da coxa, perto da minha calcinha.

— Asa — sussurro.

Ele balança a cabeça.

— Eu sei. Sei o que você vai dizer. Vou mais devagar.

E ele cumpre a promessa por um tempo, mas pode ser apenas porque nossa comida chegou.

É indiana. Para a sorte dele, comida indiana é minha preferida. Tentamos comer sem interrupções, mas volta e meia ele se aproxima e tenta passar os lábios no meu

queixo ou na minha orelha. Toda vez que faz isso, preciso beber mais vinho.

Estou na minha terceira taça quando terminamos de comer e ele pede a sobremesa. Mas pede para trazerem só daqui a quinze minutos. Eu posso já estar na quarta taça de vinho agora. Não tenho mais certeza.

Tudo que sei é que beijar é bom. Muito bom. Tão melhor do que imaginei que seria, especialmente sendo minha primeira vez.

Fico paralisada ao pensar nisso. E se eu estiver deixando ele fazer coisas demais? Eu não sei. Não tenho ideia do que garotas de dezoito anos fazem hoje em dia em restaurantes com caras que parecem saber dizer exatamente as palavras certas e o jeito certo de mover a boca na delas.

— O que foi? — pergunta ele, se afastando.

Tento focar em seus olhos, mas minha atenção está na mão ainda em minha coxa, ainda subindo.

— Eu... — Expiro rapidamente. — Eu não sei. Acho que talvez devêssemos ir mais devagar.

Os dedos dele fazem um círculo em minha coxa e eu sinto tanta coisa que é impossível pedir para ele ir mais devagar agora. Mas sei que eu devia. Não devia estar deixando ele me tocar assim ainda.

Ou devia?

— Sloan — recomeça ele, passando o polegar da outra mão por minha bochecha. — Você não gosta de como está se sentindo? Isso não é gostoso para você?

Concordo com a cabeça.

— É, mas... a gente se beijou pela primeira vez há uma hora. Sinto que estou deixando ir longe demais.

Ele encosta o nariz no meu e se afasta novamente.

— Engraçado, porque eu sinto que não estou indo longe o suficiente.

— Mas... — Fecho os olhos. — Me sinto boba por perguntar isso. — Eu o encaro. — Isso é normal? Tipo...

estou sendo muito... piranha?

Ouço a gargalhada vindo do peito dele. Asa encosta a boca na minha e se afasta. Os olhos dele mostram que está se divertindo. A expressão em seu rosto é cativante.

— Você é uma mulher adulta, Sloan. Se está bom para você, é só isso que importa. Este encontro é nosso, de mais ninguém. — Ele beija minha mandíbula. — Você quer que eu pare de te beijar?

Balanço a cabeça.

— Na verdade, não. Não.

Ele aproxima a boca do meu ouvido.

— Que bom. Porque não quero parar. E isso não faz de você uma piranha, Sloan. É meio difícil ser uma vadia quando você só foi beijada por um cara, certo?

A lógica dele faz sentido. Mais ou menos. Estou meio tonta.

Seus dedos voltam a se movimentar em minha coxa. Ele os retira e morde o lábio inferior. Olho para sua boca. Seus dentes largam seu lábio e ele sorri para mim.

— A única coisa com a qual você precisa se preocupar é se o jeito como a toco é bom. Ok?

Expiro e concordo, bem quando os dedos dele começam a escalar minha coxa.

— Está se sentindo bem agora? — sussurra ele.

Deixo a cabeça pender para trás no banco.

— Sim — sussurro, com a respiração pesada.

Meu corpo inteiro se sacode quando ele toca minha calcinha. Asa não está me beijando. Está me observando, os olhos fixos na minha boca enquanto desliza um dedo pela superfície da minha calcinha, bem no meio. Isso me faz estremecer.

— E agora? Isso faz você se sentir bem?

Tento dizer que sim, mas só consigo choramingar.

Penso no fato de estarmos em público. Penso no fato de que nosso garçom vai trazer a sobremesa em alguns minutos. Penso no fato de que eu não devia estar agindo assim aqui e agora.

Mas também *por que não?*

Os lábios de Asa mal tocam os meus quando ele diz:

— Preciso que confirme isso para mim. Nenhum cara nunca te tocou assim? — Seus dedos alcançam a beirada da minha calcinha e ele os passa para dentro e puxa o tecido. Arfo quando acrescenta: — Ninguém sabe como é tocar você?

Meu coração parece estar batendo em todas as partes do meu corpo, mas minha pulsação está latejando entre as minhas pernas, querendo que ele seja o primeiro a me tocar, ao mesmo tempo que luto contra minha consciência dizendo que isso não devia acontecer aqui. Mas estou muito aliviada por Asa não ter ficado desanimado com minha inexperiência. Na verdade, ele pode até ter ficado mais excitado com isso. Não é algo que eu esperava.

— Ninguém, Asa — sussurro. — Ninguém nunca me tocou assim. Você foi o único.

Ele solta o ar pesadamente, e percebo que tenho razão. Ele gosta de ser o primeiro. Pode até estar amando isso.

Ele mergulha a língua na minha boca ao mesmo tempo que sinto a pressão entre minhas pernas. Seu dedo desliza para dentro de mim inesperadamente, mas não faço nada para impedi-lo. A boca de Asa engole meus gemidos e arfadas enquanto tento relaxar em sua mão. Tento me familiarizar com ela, com como se move em mim.

— Isso aí — diz ele, sussurrando em meus lábios. — Relaxe. Quero fazer você se sentir bem.

O polegar dele me pressiona e a sensação faz minhas pernas ficarem tão tensas que deslizo no banco para longe dele. Mas isso não o detém. Ele simplesmente se aproxima mais. Aperta a boca com ainda mais força contra a minha.

Fico chocada com o jeito instintivo com que meu corpo começa a se mover em sua mão. Quando o faço pela primeira vez, ele geme, então continuo.

Sinto a pressão dos dois dedos de Asa dentro de mim enquanto ele os empurra o máximo que consegue para dentro.

— Porra — grunhe ele. — Você é tão apertada, Sloan.

Sua voz faz coisas comigo quando sai tão carregada de desejo assim.

— Mal posso esperar para estar dentro de você. — Os lábios dele deslizam pelo meu pescoço. — Está me matando não poder te comer bem aqui. Bem agora.

Caramba. Acho que talvez eu goste de falar sacanagem. Isso me surpreende, mas ouvi-lo dizer que me quer tanto está me deixando com vontade de dar para ele. Só que ainda não. Definitivamente não esta noite. Já estamos indo rápido demais, mas Asa dá a impressão de ser perfeitamente ok.

— Quero sentir seu gosto — sussurra ele. — Quero me enfiar embaixo da porra dessa mesa e devorar você.

— Asa — sussurro.

É tudo o que consigo dizer, porque tenho medo de falar mais e estragar o clima. Acho que não consigo falar como ele. Do jeito que ele está falando...

— Gosta disso? — pergunta Asa.

— Gosto.

Minhas palavras devem ter sido exatamente o que ele queria ouvir, porque os trinta segundos seguintes se passam como um borrão. Sua língua está devorando a minha, e a mão dele está me tocando no lugar tão certo que começo a tremer. A estremecer. Tremores tomam conta de mim e eu tento me afastar dele porque a sensação é demais. Mas Asa vem para cima de mim com ainda mais força, bebendo meus gemidos como se fosse vinho.

Seus dedos ficam dentro de mim, mas sua mão está parada quando ele afasta a cabeça para ver minha recuperação do que ele acabou de fazer comigo. Seu peito está subindo e descendo junto ao meu, e de alguma maneira ele está tão perto da minha coxa que sinto seu pênis ereto através da calça jeans.

Espero ter recuperado todo o fôlego até finalmente falar. E então, por sei lá qual motivo, decido perguntar: — O que acontece agora?

Digo isso mais por não saber se devo fazer algo para ele. Olho por olho. Devolver o favor. Sou uma idiota.

Uma idiota rejuvenescida.

Ele dá um grande sorriso.

— Agora... a gente come a porra da sobremesa.

Assim que ele diz isso, suas mãos deixam meu corpo e o garçom aparece. Endireito as costas, tentando esconder o fato de que meu cabelo está uma zona e de que continuo ofegante.

O garçom finge não perceber que há algo acontecendo. Sou grata a ele por isso. Ele põe um prato com uma fatia enorme de bolo de coco e dois garfos na nossa frente.

— Aproveitem a sobremesa — diz.

Asa enfia o dedo, aquele que há pouco estava dentro de mim, no bolo de coco. Eu o observo colocando-o na boca e chupando. Então começa a tirar o dedo lentamente.

— Este é meu novo sabor favorito — diz ele, sorrindo. — Bolo de coco misturado com você.

Fico corada.

Ele pega um garfo, e eu, o outro. Como um pedaço e sorrio.

Gosto dele. Ele me faz sentir... eu não sei. Boa e perigosa. Pode não ser uma boa combinação, mas agora está sendo legal. Aqui. Esta noite. Qual a pior coisa que poderia acontecer? Tenho dezoito anos. Não é como se eu fosse ficar o resto da vida com ele.

— Passe a noite comigo — pede ele, depois de engolir um pedaço.

Não respondo.

Penso no seu pedido. Na verdade, não tenho onde dormir hoje. Já está tarde demais para pegar o ônibus para casa, e eu me sentiria mal de aparecer na casa de um dos meus amigos a essa hora.

— Sob uma condição.

Ele assente.

— Prometo que não vou pedir que faça nada que não queira fazer.

Nem preciso mencionar a condição. Ele acaba de dizer por mim.

— Ok.

Ele larga o garfo e grita:

— A conta, por favor!

Estávamos nos beijando ao entrar na casa dele. Não consigo vê-la muito bem, mas olhei o bastante para saber que não estou nada chocada. Com base nas roupas dele e no carro que dirige, a casa não é tão destoante da sua carteira. A única coisa que parece estranha é o fato de ser própria. Ele me contou isso no caminho.

Asa me levanta e me carrega escada acima, me beijando até seu quarto. Contei a ele que acho que não estou pronta para transar. Que esta noite já experimentei mais do que sou capaz de lidar.

Ele me garantiu que não aconteceria, que só nos beijaríamos até dormir. Mas tenho a sensação de que ele vai precisar de mais do que apenas uns amassos.

Não sei do quê. Nunca fiz sexo oral num cara, então acho que até isso é ir muito mais longe do que eu pretendia este ano. Mas me sinto culpada. Recebi mais do que dei esta noite.

Agora estamos no quarto dele. A porta bate e logo estou encostada nela, Asa me apertando. Suas mãos estão no meu vestido, levantando-o por minha cabeça.

Puta merda.

Eu não esperava ficar seminua tão rápido.

Naturalmente, tento me cobrir, cruzando os braços na frente do sutiã. Assim que faço isso, me sinto uma boba. Mas eu não estava esperando por isso.

Ele pega meus pulsos e os puxa para baixo.

— Quero ver você, Sloan — diz, com um tom de voz gentil. Ele dá um passo para trás e olha para mim.

Felizmente lavei a calcinha e o sutiã que combinavam antes do encontro. — Porra — sussurra ele, seus olhos descendo por minhas pernas. — Tem certeza de que não me quer dentro de você esta noite?

Ele se aproxima até suas mãos estarem em minha calcinha, descendo-a por meus quadris, por minhas pernas.

É rápido demais.

— Asa — sussurro. — Para.

Minha mente continua confusa por causa do vinho, mas mesmo bêbada eu sei que a calcinha devia ficar em mim por um pouco mais de tempo. Até eu estar completamente pronta para tirá-la.

O que pode nem ser hoje.

Ele desliza para cima, por meu corpo, parando para me beijar em vários lugares diferentes. Quando chega até minha boca, sussurra:

— O que foi?

Expiro, minha respiração saindo trêmula. Nervosa.

— É demais — respondo, dando a volta nele. — A noite toda... Eu não estava preparada para isso tudo.

Sinto como... — Seguro minhas palavras até esclarecer meus pensamentos. Asa ainda está virado para a porta quando bufa lentamente, meio frustrado. — Acho que você pensa que sou um tipo de garota diferente do que sou. Não

estou acostumada a fazer essas coisas, Asa. Não tenho experiência, não estou confortável como você agora. Você me deixa nervosa. E não é culpa sua. Acho que você presumiu que eu fosse diferente do que sou.

Talvez... talvez você devesse me levar para casa.

Ele está de frente para mim, então noto quando se encolhe, como se talvez eu não tivesse escolhido as palavras certas. Caramba, talvez eu não tenha mesmo. Não sei o que estou fazendo, o que estou dizendo. Esta noite inteira foi um enorme lembrete de como sou diferente dele. De como ele tem mais experiência de vida do que eu. E só porque o deixei ir longe demais não significa que precise ir até o fim.

Preciso pisar no freio, não importa se Asa vai ficar chateado ou não. De certa forma, é egoísmo da minha parte, eu acho. Mas de repente não me sinto mais confortável. Ainda mais estando na casa de um cara que mal conheço. Passando a noite com ele.

Suspeito que exista mais chance de ele pegar as chaves e me levar depressa para casa do que de ter uma conversa madura sobre como dar o primeiro beijo e perder a virgindade na mesma noite pode ser coisa demais, rápido demais.

Ele passa a mão pelo cabelo e pela nuca, enquanto me olha do outro lado do quarto. Então, demonstrando pura determinação, Asa anda rapidamente até mim, segurando meu rosto e me forçando a olhar para ele.

— Você acha que não sei que tipo de garota você é? — Sua voz é baixa, mas firme, e ele examina todo o meu rosto. — Tenho observado você na aula há semanas, Sloan. Sei *exatamente* que tipo de garota você é.

Estudei você. Admirei você. Pensei demais em você. E ultimamente... me convenci de que você é o que falta na minha vida. Você é o tipo de garota com a qual sonhei. É o tipo de garota que não acreditei que existisse durante a maior parte da minha vida. Mas você é real e... já é especial pra caralho para mim. Na minha vida, coisas especiais assim são raras de aparecer. Raras pra *caralho*. Pode ser que você seja a primeira coisa especial que cheguei tão perto de ter. Então, se estou sendo muito agressivo e apressado, é por isso. Não tem nada a ver com minhas expectativas quanto a hoje. Não tem nada a ver com sua inexperiência. Não consigo tirar as mãos de você porque estou morrendo de medo de que, se eu for devagar demais, se não levar as coisas adiante logo, possa ser tarde demais.

Não deixo o ar sair dos meus pulmões.

Espero até ter tempo de absorver cada palavra que ele acabou de me dizer.

Antes que eu termine de absorver tudo, ele continua falando: — Passe a noite comigo. Por favor. Pode colocar a calcinha de volta, seu vestido de volta. Caramba, se quiser pode tirar o sutiã e dormir completamente nua. Não me importo. Só quero você na minha cama, só isso.

Eu juro, Sloan. Só preciso dormir ao seu lado.

A expressão dele é sincera. Suas palavras são ainda mais. Por isso estou assentindo... porque seja lá por qual motivo, confio nele agora. E nunca fui de confiar facilmente nas pessoas.

— Ok — concedo.

Em vez de ir atrás do vestido, levo as mãos até as costas e abro o sutiã. Deixo-o cair no chão. Os olhos dele estão fixos em mim, e eu permaneço diante dele, completamente exposta.

— Vamos dormir — sussurra ele com a voz rouca.

Vou até a cama e entro debaixo das cobertas. Quando olho para Asa, ele já está sem camisa e tirando a calça jeans. Ele fica de cueca e se deita comigo. Então se aproxima de mim.

— Vire para o lado para a gente ficar de conchinha.

Eu rio e obedeço. Eu nunca poderia imaginar que terminaria esta noite dormindo de conchinha, mas fico feliz por isso ter acontecido.

Asa me abraça forte e dá um beijo na minha cabeça.

— Bons sonhos — sussurra ele.

— Você também.

Não sei se gosto da sensação de estar bêbada. É a primeira vez que tomo mais de uma taça de vinho em uma noite. Puxa, acho que bebi cinco taças durante o jantar. Acho que bebi tanto porque me acalmou, me deixou mais confortável comigo mesma. Confortável demais, talvez. Porque agora estou cruzando o limite entre estar apagada e agitada demais para dormir.

Tudo parece mais pesado quando você está bêbado. Sua cabeça pesa mais, seu corpo fica pesado demais para ser controlado, suas emoções de certa forma também parecem mais pesadas. E agora até o ar parece mais pesado, como se o mundo todo estivesse se equilibrando em cima de mim enquanto me esforço para abrir os olhos.

Mas estar bêbada tem suas vantagens. De alguma forma, enquanto sinto todo o peso, também há uma leveza interior. Parece uma pena fazendo cócegas no meu estômago. Acariciando meus lábios, me fazendo desejar cada pressão... cada toque. Foi bom quando Asa me tocou esta noite. O álcool me fez gostar, apesar da minha consciência se esforçando para me avisar que eu não devia.

Até agora, no meio do meu sono, eu sinto. O calor dele, a força das suas mãos, o som da sua voz.

Estou suspensa em algum ponto entre a realidade e o sonho e ainda não consigo entender em qual dos lugares realmente estou. Na verdade, não quero acordar, mas parece tão real... As mãos dele em meus seios, sua boca entre minhas pernas. Parece tão real... Eu me encolho com o arranhão da barba por fazer na pele macia das minhas coxas.

Eu arfo.

Meu coração está se sacudindo dentro do meu peito. Minhas mãos estão agarrando os lençóis.

Não estou sonhando.

Isso parece real demais.

Cedo demais.

Rápido demais.

— Asa — sussurro.

Estou confusa em relação a onde exatamente ele está. Sinto as mãos dele em mim... descendo dos meus seios até minha cintura.

Ele está... Ai, meu Deus.

— Asa — repito, meu corpo inteiro ficando tenso.

Como isso aconteceu? Como chegamos a este ponto?

Apesar da sensação que a língua dele está causando em mim, o fato de eu ter acordado com isso já acontecendo parece errado. Certo e muito errado. Eu pedi por isso? Enquanto dormia?

Ou ele simplesmente resolveu fazer?

Tento fechar as pernas à força, obrigar a boca dele a se afastar de mim. Mas ele aperta minha cintura com mais força e desliza a língua pelo meu centro... lentamente.

Eu gemo.

Quero chorar, mas em vez disso solto a merda de um gemido. Minha voz é uma traidora.

— Por favor — sussurro, a palavra saindo em meio a respirações pesadas.

Sinto sua língua me deixar. Seus lábios beijam a parte interna da minha coxa. Estou totalmente ciente de cada movimento dele agora, porque não consigo entender como quero tanto que se afaste e ao mesmo tempo quero que a boca dele volte para mim.

— Relaxa — sussurra Asa, sua respiração quente em minha coxa. — Você merece isso. Você merece tudo de bom, Sloan.

O quarto está girando. As mãos dele estão em minha barriga, me acariciando, me fazendo sentir como se este erro de alguma maneira fosse certo.

As palmas das mãos de Asa descem por meus quadris, passam por minhas coxas e joelhos. Ele faz pressão entre minhas pernas, abrindo-as ainda mais.

— Apenas feche os olhos e relaxe. Por favor, me deixe fazer isso por você.

Antes que eu possa concordar ou não, a boca dele volta a me tocar, sua língua entrando em mim, subindo até o alto, depois descendo. Arqueio as costas e continuo agarrando os lençóis com todas as minhas forças.

Asa começa a fazer movimentos mais curtos, até que fica movendo-a em círculos no meu clitóris.

Nunca senti nada parecido.

Fecho os olhos com força e sinto que estou começando a aceitar isso tudo. Deixo o peso e a leveza do álcool me levarem a todos os lugares certos e, segundos depois, deixo que minha voz me traia ainda mais alto.

— Asa.

Estou gemendo.

Estou ofegando.

Largo os lençóis e agarro o cabelo dele, puxando-o, precisando que ele se aproxime.

— Não pare — digo, apesar da minha consciência estar gritando PARE!

Não pare.

Pare.

Não.

Sim.

Não.

— Sim.

Minha cabeça cai de volta no travesseiro.

Meu corpo se rende completamente a ele enquanto minha consciência demora a entender. Começo a ficar tensa de um jeito diferente dessa vez. Minhas mãos estão no cabelo dele conforme meu corpo começa a reagir de novas maneiras. Ele tem razão. Isso é bom. Muito bom. Tão bom que não me permito pensar no que isso vai me custar quando terminar.

Nunca tenho coisas boas na vida. Preciso disso. Preciso sentir uma coisa boa.

Agora estou tremendo. Meu corpo todo. A língua e os lábios dele estão se movendo em mim com vontade, como

se o único desejo de Asa fosse me dar prazer. A sensação começa a se intensificar... minha respiração vai ficando mais irregular, meus gemidos, mais desesperados.

E então acontece.

Sinto aquilo tão profundamente que me questiono se de fato estou acordada. Só posso estar sonhando. Nada na vida pode ser assim. É tão intenso que fico paralisada enquanto a sensação percorre meu corpo. Paro de gemer. Paro de tremer. Paro de respirar. Segundos se passam e a sensação me mantém refém. Mais segundos se passam enquanto ela me liberta, me fazendo despencar.

Estou tremendo de novo, ofegando. Ele afasta a boca de mim e engatinha por cima do meu corpo até beijar meus lábios. Sinto meu gosto nele... Sua língua na minha boca, seus lábios molhados nos meus.

— Porra — murmura ele. — Eu estava errado. *Esse* é meu novo sabor favorito.

Asa enfia a língua mais fundo na minha boca e engulo seu grunhido enquanto ele se deita em cima de mim.

Estou lutando por ar. Perdi todo o que tinha antes de Asa me beijar, e agora não consigo mais respirar com ele me beijando com tanta ferocidade. Minha cabeça está pesada, mas meus pensamentos estão leves, e eu queria pedir a ele para ir mais devagar. Queria pedir para me dar um segundo para respirar. Queria dizer tanta coisa, mas o quarto está girando e eu estou me afogando em culpa por ter permitido o que acabou de acontecer quando eu nem tinha certeza de que queria ou não.

Asa finalmente afasta a boca da minha. Arfo por ar enquanto ele pressiona a bochecha na minha.

— Prenda a respiração, Sloan. Isso pode doer.

Sinto a palma de sua mão em minha barriga e não faço ideia do que ele está fazendo ou do que vai doer.

— O que pode doer?

A resposta vem com meu próprio grito.

A dor me rasga enquanto ele se força para dentro de mim em um rápido e indesejado empurrão.

E então outro.

— Asa! — grito.

Ele me beija de novo, bem na hora em que começo a chorar.

— Sloan — murmura ele, tapando minha boca com a sua, empurrando seu corpo contra o meu uma terceira vez. Uma quarta.

Tento fechar as pernas, tento forçá-lo a sair de dentro de mim e uso as mãos para empurrar os ombros dele.

Mas suas mãos encontram as minhas, uma de cada vez, e ele as leva para o alto da minha cabeça, pressionando-as no colchão.

Isso não é bom. Ter ele dentro de mim é muito diferente de quando sua boca estava lá.

— Você é incrível pra caralho, Sloan — sussurra ele. — Obrigado. Obrigado por me dar isso.

Dar isso?

Eu dei isso a ele? Não me lembro de ouvir Asa perguntando se eu estava pronta. Se eu *queria*. Ele simplesmente pegou.

Eu acho.

Quem faria uma coisa dessas? Tudo que ele disse mais cedo me fez acreditar que estava disposto a esperar.

Fecho os olhos com força e tento pensar. Só consigo sentir a pressão dentro de mim. Minhas pernas estão doendo por terem sido afastadas à força enquanto eu tentava fechá-las.

Acordei daquele jeito. Com ele me tocando... me beijando. E não o impedi.

Eu disse *sim*.

Eu disse essa palavra em voz alta.

Eu disse *não pare*.

Ele entendeu errado o que eu estava pedindo. O que eu estava disposta a fazer.

Fui descuidada com as palavras, e não foi culpa dele. Foi culpa *minha*.

Não sou mais virgem, e não tenho ninguém a quem culpar por isso a não ser eu mesma.

Ele desliza os lábios pelo meu rosto e sinto sua língua seguindo o rastro das minhas lágrimas.

— Você não vai sentir dor da próxima vez — sussurra ele, movendo os lábios até o outro lado do meu rosto.

— Prometo.

Se ele pensou por um só instante que simplesmente tirou minha virgindade sem minha permissão, não está demonstrando. Está me agradecendo por dá-la a ele. Ele sabe muito bem o que está acontecendo entre nós, e eu ainda me sinto meio adormecida e confusa, sem saber se foi consensual ou não. *Tinha que ter sido.*

Ele não estaria fazendo se não fosse. Se eu realmente não queria, o que eu estava fazendo dormindo ao lado dele? Nua? Eu mal o conheço.

Devia ter me preparado melhor.

Preparado.

Eu ofego. *Não estamos preparados.*

Ele nem usou proteção. Tento soltar as mãos das dele, mas Asa não se mexe.

— Asa — imploro. — Camisinha.

Ele geme no meu pescoço.

— Estou usando, gata. Não esquenta. — Ele aperta minhas mãos e afasta a cabeça, olhando para mim. — Você é tão apertadinha. Parece até um sonho.

Ou um pesadelo.

Ele solta minhas mãos. Durante todo esse tempo, eu não disse não a ele nenhuma vez.

Nenhuma vez.

E nem sei o que quero agora. O que aconteceu, aconteceu. Não sou mais virgem, e me sentiria mal de fazê-

lo parar agora. Não quando ele acha que eu quis isso. Eu me sentiria ainda mais imatura e inexperiente.

Receber prazer de Asa duas vezes esta noite... e dizer não quando é sua vez?

Uma de suas mãos está embaixo do meu joelho, levantando minha perna, envolvendo sua cintura com ela.

Eu me encolho, porque essa nova posição o faz mergulhar ainda mais fundo em mim.

— Dói? — sussurra ele.

— Dói.

Ele sorri de leve, e sinto seu sorriso me machucar. *Por que ele sorriu?*

— Vai doer mais se eu parar — diz. — Não vai ser assim da próxima vez. Prometo. Apenas respire, ok?

Vai doer mais se ele parar? Ai, meu Deus. Eu não sabia que a primeira vez era assim. Por que me sentia patética por ter esperado tanto? Eu poderia muito bem ter esperado a vida inteira se soubesse que a primeira vez doeria tanto.

— Ponha a outra perna em volta de mim — ordena ele. — Vai ficar melhor se você parar de resistir.

Faço o que ele diz e tento relaxar. Qualquer coisa para não doer mais tanto assim.

Ele me beija, então seus dentes mordem de leve meu lábio inferior. Fecho os olhos e faço o possível para meu corpo parar de resistir. Como pude desejá-lo tanto antes disso começar e de repente sentir o exato oposto?

Não é justo com Asa. Receber o que é bom para mim de forma egoísta e então querer negar o que é bom para ele.

— Você é tão doce, Sloan. Doce pra caralho.

Suas estocadas ficam mais rápidas. Mais fortes. Espero que isso signifique que está quase acabando.

Uma de suas mãos seguram a cabeceira da cama e ele ergue o corpo. Seu peso pressionando a cabeceira a faz bater na parede toda vez que ele se empurra na minha direção. É quase como se isso o excitasse — o fato de estar deixando marcas na parede —, porque ele empurra com mais força toda vez.

— Puta que pariu — grunhe.

Não consigo fechar os olhos. Observá-lo em cima de mim, ver como está envolvido na sensação de estar dentro de mim, quase faz a dor passar.

Quase.

Tento encontrar algum prazer nisso. Acho que parte de mim consegue. A maneira como ele está me olhando, grunhindo, me tocando com a mão livre. Ele aperta meu seio.

— Já está gostando?

Choramingo, porque estou. Parte de mim está começando a gostar de como ele está me olhando. Asa passa o polegar pelo meu mamilo, e então sua outra mão solta a cabeceira da cama. Ele se abaixa até seus lábios estarem no meu seio, sugando-o gentilmente. Não está mais me fodendo.

Está sendo gentil agora. Quase sem se mover dentro de mim.

Isso é melhor.

Não dói tanto.

Ele leva a boca até meu outro seio e ergue o olhar para encontrar o meu, enquanto sua língua circula meu mamilo lentamente.

— Gosta disso, Sloan?

Concordo com a cabeça. Ele sorri, ainda me provocando com a boca. Ele suga meu mamilo uma vez, mordiscando-o de leve com os dentes. Então solta meu seio e roça os lábios de forma delicada nos meus.

— Obrigado — diz ele, dando um lento empurrão dentro de mim. — Obrigado por confiar em mim.

Obrigado por ter me dado o que você nunca quis dar a outro homem.

A língua dele desliza suavemente pelo meu lábio inferior. Sua mão sobe até meu peito e envolve meu pescoço.

Apesar do salto que meu coração dá quando o sinto apertar meu pescoço, é um apertão leve.

Ele deve ter notado o medo em meus olhos, porque sussurra:

— Preciso tocar seu pescoço. Não vou machucar, mas quero deixar minha mão aqui. Tudo bem?

Não tenho a mínima ideia do que é normal ou não durante o sexo. Só tive dez minutos de experiência.

Engulo em seco e então concordo de leve com a cabeça.

Ele fecha os olhos e encosta a testa na minha. Seus lábios mal tocam os meus; ele não me beija. Apenas começa a se movimentar sem pressa, saindo e penetrando profundamente de novo. A cada movimento, ele acelera mais um pouco. Um pouco mais deliberado. Sinto sua respiração forte na minha boca, sua mão ainda em meu pescoço. Mas delicada. E mesmo que isso não se pareça nem de perto com a sensação da sua boca entre minhas pernas, é uma sensação diferente. Uma sensação de desejo, de querê-lo assim. De gostar do que provoco nele.

Fico com os olhos abertos o tempo todo, fascinada pela intensidade dele. Asa mantém a cabeça perto da minha, seus lábios ainda não tocando totalmente os meus, suas mãos começando a me apertar com mais força.

— Porra — sussurra ele em minha boca. — *Porra* — repete.

Asa começa a tremer ao gozar, e minha respiração está em sintonia com a dele, mas de desespero. Estou ofegando conforme os tremores de Asa tomam conta de seu corpo e ele se enfia em mim de novo. E então fica imóvel, os lábios entre os meus, sua respiração colidindo com a minha.

Ele cai em cima de mim e enterra o rosto em meu pescoço por um minuto inteiro antes de beijar minha pele.

— Obrigado — sussurra.

Não respondo de nada.

Fico encarando o teto, me perguntando por que me senti em conflito. Gostei de tê-lo feito se sentir bem.

Gostei de quando ele fez com que eu me sentisse bem.

Mas não gostei do resto.

Acho que por isso já li que o sexo na vida real é diferente do sexo nos livros e na TV. Na vida real, é desconfortável. Esquisito. Até parece errado e indesejado às vezes. Espero que não seja assim toda vez. Espero que só melhore.

Ele põe a mão na lateral da minha cabeça e encosta a boca no meu ouvido.

— Vai ser difícil para você se livrar de mim agora.

Sorrio. Pelo menos Asa me convenceu de que isso realmente significou alguma coisa para ele. Que ele não me considera apenas uma garota para uma noite só. Isso só pode ser algo positivo. Mas ainda acho difícil decifrar as coisas com Asa. Às vezes as positivas parecem negativas e as negativas parecem positivas. Ele é uma névoa de confusão para mim. Porém não tenho mais nada para comparar a isso. Ninguém mais para comparar a *ele*.

— Já volto — diz Asa, descendo da cama.

Ele se levanta e é a primeira vez que o vejo nu. Cada músculo do seu corpo é grande e definido. Ele se abaixa, cuidadosamente tira a camisinha e a joga na lata de lixo.

Nem me lembro de tê-lo visto colocando a camisinha. Deve ter acontecido quando eu disse que faria sexo com

ele. É isso que acontece, né? Você fala sobre sexo e então pega a camisinha. Eu devia estar meio dormindo ainda.

Odeio o fato de que houve momentos em que duvidei dele esta noite. Asa foi bom comigo. Honesto. Estou punindo-o por meus sentimentos não ditos de indecisão. Como ele poderia ter parado quando eu nem sequer fui capaz de dizer não em voz alta?

Asa sai do quarto, mas volta em menos de um minuto. Fecha a porta e anda até a cama, deitando-se ao meu lado. Está segurando alguma coisa. Ele se inclina para a frente e põe uma das mãos no meu joelho, abrindo minhas pernas. Então pressiona alguma coisa morna em mim. Alguma coisa molhada.

— Quero ajudar com a dor — explica ele, a preocupação evidente em seus olhos. — Deixe eu segurar isso aqui por alguns minutos.

Concordo e relaxo as pernas enquanto ele segura o pano morno em mim. Não falamos nada. Tudo parece meio estranho e surreal, e não quero piorar ainda mais com palavras. Nem faço a mínima ideia do que dizer, aliás.

Ele beija meu joelho e então usa o pano para me limpar.

— Você sangrou um pouco. Mas tudo bem, já parou.

Asa joga o pano no cesto de roupa e então se deita ao meu lado. Ele nos cobre com o lençol e ficamos de frente um para o outro.

— Você gostou? — pergunta ele, afastando uma mecha de cabelo do meu rosto.

Não quero magoá-lo, então minto.

— Gostei — sussurro. — Doeu. Mas eu gostei.

Ele beija minha bochecha.

— Bom, eu *amei*. — Ele passa o braço por mim, apertando minha bunda com a mão. Depois me puxa para perto. — Vou levar você para casa amanhã — continua ele, se enroscando ao meu redor. — Mas espero que você fique por tempo suficiente para eu fazer você amar isso também. Prometo que vai. A primeira vez é sempre a mais difícil.

Durante os minutos seguintes, os lábios dele tocam cada parte do meu pescoço e ombro. Nunca sua língua.

Apenas seus lábios suaves e gentis na minha pele. Nunca me senti tão delicada. Toda vez que acho que Asa dormiu e estou prestes a adormecer também, ele me beija novamente. É como se estivesse com medo de pegar no sono e acordar para descobrir que tudo não passou de um sonho.

Estou quase dormindo de novo quando ele beija meu pescoço, me fazendo acordar com um susto.

— Asa — sussurro. — Vai dormir. Não vou embora.

Sinto-o se mover de repente, então abro os olhos. Ele está se apoiando no cotovelo, me olhando intensamente. Não sei o que acabei de dizer, mas sei que ele ficou chateado. Ou talvez tenha tido o efeito completamente oposto. Não tenho certeza.

— Você jura? — pergunta ele, os olhos fixos nos meus. — Você não vai embora?

Confirmo com a cabeça, porque ele parece precisar dessa afirmação.

— Eu juro.

Asa expira, apoiando a testa na minha novamente. E então ele está me beijando.

— Não quero que você vá embora — diz entre os beijos. — Não me deixe, Sloan.

Não gosto do tom de sua voz. Do medo em seu apelo. Não faço ideia de por que ele está dizendo isso, nem se está se referindo a agora, a esta noite, ou para sempre.

Certamente não é para sempre.

Seja lá o que for, me faz imaginar que tipo de coisa deve ter acontecido com Asa para que seja tão intenso.

Ou ele foi amado profundamente ou odiado profundamente. Espero que tenha sido a primeira hipótese.

— Prometa — pede ele, me beijando outra vez. — Diga que não vai embora.

Seguro seu rosto entre as mãos e sussurro:

— Eu não vou, Asa. Prometo. Vou estar aqui quando você acordar.

Ele me puxa para perto e me aperta forte por tanto tempo que só me solta quando finalmente dorme.

Fico olhando para ele por um tempo. Parece menos masculino dormindo e mais um menino vulnerável. Seus traços estão mais suaves; sua boca não parece tão tensa. Ele relaxa durante o sono. Relaxa comigo em seus braços.

Eu me ajeito lentamente até ficar de bruços. O braço dele ainda está em volta de mim, mas me viro na outra direção, de frente para a parede, deixando meu braço cair na lateral da cama. Fecho os olhos e penso no dia de hoje.

Fui beijada pela primeira vez.

Fui a meu primeiro encontro.

Fiz sexo pela primeira vez.

E mesmo que não tenha sido nada como achei que minha primeira vez seria ou deveria ter sido, Asa me trata melhor do que qualquer pessoa já me tratou durante toda minha vida. Eu o conheço há um dia e já me sinto mais

importante para ele do que jamais senti que era para minha própria mãe.

Fico aliviada pela forma como Asa está me segurando. É bom ser querida. É uma sensação ainda melhor ser necessária. Estou quase dormindo quando o sinto se aproximando de mim. Ele toca minhas costas com a boca e dá um beijo delicado.

— Você dorme de bruços? — sussurra ele. — Não sei por que, mas gosto pra caralho disso.

E é assim que adormecemos.

Eu de bruços.

Ele metade em cima de mim, garantindo que não vou embora mesmo enquanto dorme.

EPÍLOGO DO EPÍLOGO

Asa

Recentemente foi noticiado um caso sobre um cara qualquer que estuprou uma garota. Ele pegou alguns meses de cadeia porque era branco, ou porque tinha medalhas, ou alguma combinação de merdas desse tipo.

A porra do país inteiro ficou louco com o caso. A sentença leniente que ele recebeu era tudo sobre o que as pessoas comentavam em qualquer o lugar que você fosse. Isso inundou os noticiários durante semanas. Não sei todos os detalhes da história, mas não é como se o cara fosse um estuprador em série. Tenho certeza de que foi seu primeiro ou segundo crime, mas todo mundo agiu como se ele fosse o filho da puta do Hitler.

Não que o idiota de merda não merecesse o tempo que pegou de cadeia, ou até uma sentença mais longa.

Não estou defendendo aquele filho da mãe. Só estou meio irritado por meu caso não ter recebido nem um

maldito segundo de cobertura nos noticiários nacionais. Eu *assassinei* a porra de um cara e nem fui punido.

Comandei o maior esquema de tráfico em campi desde a *invenção* das faculdades e não fui punido. Mesmo depois de ter mantido uma arma apontada para Ryan, o juiz me deixou aguardar o julgamento em liberdade.

Prisão domiciliar. Seis meses gloriosos disso.

É uma piada. Esse país inteiro e os hipócritas racistas de merda que o governam são uma piada, e caras como eu só se beneficiam. Eu teria vergonha deste país se não o amasse tanto pela falta de repercussão.

E enquanto estamos falando de caras brancos fazendo sexo não consensual com meninas sem ter repercussão... eu não tenho dedos suficientes nas mãos para contar quantas vezes estive dentro de uma garota sem permissão. Caramba, nem consigo contar quantas vezes estive dentro de Jess sem que ela quisesse.

Sinceramente, é o único motivo pelo qual eu me dava o trabalho com ela. Eu gostava de como Jess me odiava.

Não entendo como posso me safar dessa merda toda e ninguém criar caso. Sou mais bonito que a maioria dos caras que recebe cobertura nacional da mídia. Também não sou um covarde... o que a maioria deles parece ser. Qual é a desses brancos feios e covardes ganhando tanto tempo assim na TV?

É porque não venho de família rica?

Deve ser. Cresci órfão com pais de merda. A mídia sabe que as pessoas não devoram histórias como a minha, simplesmente porque não tenho pais brancos privilegiados ao meu lado me apoiando.

Tinha que ser. Minha grande chance de notoriedade e meus pais continuam estragando as coisas para mim.

Paul, meu advogado babaca, diz que é bom a mídia ter preferido não divulgar minha história. Ele diz que quando a imprensa se mete na merda, eles de alguma forma distorcem tudo, e o juiz se sente mais inclinado a dar uma sentença mais dura. *Para fazer de você um exemplo.* Faz sentido, eu acho, mas não sei se Paul compreende o efeito que causo nas pessoas. Sou carismático pra cacete. A mídia me amaria. E Sloan seria forçada a acompanhar a história porque estaria em todos os canais de notícias toda vez que ela ligasse a TV.

Merda, fiz de novo. Deixei pensamentos sobre ela entrarem na minha cabeça. Tenho tentado escutar meu psiquiatra... tentado não pensar nela. Toda vez que penso em Sloan, eu me sinto como um velho obeso com colesterol alto, morrendo de ataque cardíaco. É como se alguém estivesse esmagando meu coração, como se meus joelhos quisessem tocar o chão.

Engasgo com nervosismo ao lembrar o que ela fez comigo.

Minha Sloan.

É tudo culpa minha. Eu devia saber que não podia amar alguma coisa tanto quanto a amava. Mas não consegui evitar. Foi como se ela tivesse sido feita para mim. Como se tivesse vindo para a Terra com o intuito de compensar toda a merda que aturei enquanto crescia. Por um tempo, achei que ela era o pedido de desculpas de Deus para mim. Como se ele a tivesse feito descer diretamente do céu, dizendo: “Aqui, Asa. Criei esse raio de luz para compensar toda a escuridão que seus pais jogaram sobre você. Ela é meu presente para você, filho.

Com ela, sua dor vai desaparecer.”

E desapareceu. Por mais de dois anos eu tive meu paraíso toda vez que queria. Sloan era como Eva antes que

a porra da serpente a corrompesse. Era doce e inocente. Imaculada. Meu próprio anjinho em forma humana.

Até Luke.

Luke é como o Satã para minha Eva. A serpente. Tentando-a com sua maçã, introduzindo-a ao pecado.

Corrompendo-a.

Quando penso em Sloan — o que acontece a cada segundo de cada porra de dia —, penso na Sloan antes de Luke. Na Sloan que amei. Na Sloan que se acendia como a porra de uma árvore de Natal toda vez que eu dava o mínimo de atenção a ela. Na Sloan que fazia bolo de coco e espaguete com almôndegas para mim só porque sabia que me faria sorrir. Na Sloan que dormia na minha cama toda noite, esperando que eu a acordasse fazendo amor com ela. Na Sloan que expressava seu amor por mim cuidando da minha casa como fazem as mulheres boas. Mulheres que não são vadias. Eu adorava pra caralho vê-la limpando tudo. Ela nunca reclamava de todos aqueles porcos que não respeitavam minha casa. Ela simplesmente limpava a bagunça deles, porque sabia que eu amava uma casa apresentável.

Sinto saudade dela. Sinto saudade do quanto ela costumava me amar. Sinto falta de quando ela era inocente... meu anjo... meu próprio pedido de desculpas de Deus.

Mas agora, depois de ter caído na conversa daquela maldita serpente, quero que ela morra. Quero que os dois morram. Se ela morrer, não preciso pensar em como ela não é mais a mesma pessoa por quem me apaixonei. Se ela morrer, não precisarei pensar nos sons que ela faz ao ser comida por Luke. Se ela morrer, poderei superar o ódio que sinto pela versão pós- *Luke* de Sloan que tomou conta de todas as partes dela que um dia eu amei.

Já me perguntei se, caso eu mate Luke — se ele estiver fora do jogo —, ela poderia voltar a ser a Sloan que sei que ainda existe. Às vezes penso em dar uma última chance a ela. Talvez se eu matasse Luke primeiro e desse tempo a ela para se reajustar comigo, eu poderia aprender a amá-la do mesmo jeito que a amava.

Mas isso é uma ilusão. Ele esteve dentro dela. Não só do corpo dela, mas da cabeça. Luke a fez pensar que ele é melhor que eu, que ele pode oferecer mais que eu a ela. Não sei bem se quero perdoá-la por ser burra pra caralho assim.

O brilho dela se apagou. Sloan se tornou um brinquedo chato. Usado por crianças demais.

É uma pena.

Mas não vai demorar. Já descobri onde afetá-los. É só uma questão de como.

Eu me deito de volta no sofá e fecho os olhos. Enfio as mãos dentro da cueca, me perguntando quando vou parar de ter que pensar em Sloan para gozar. Mesmo a odiando tanto quanto a odeio, ela é a única coisa em que penso que me deixa de pau duro.

Penso na Sloan pré-Luke. Penso na primeira noite em que a beijei, naquele beco. Penso no fato dos meus lábios terem sido os primeiros a tocar os dela. Penso em como ela era fresca e inocente. No jeito que ficou fascinada por mim. Na forma com que ela me olhava, como se nunca conseguisse se cansar. Como seu eu fosse Deus em pessoa.

Sinto falta da Sloan por quem me apaixonei.

Bem na hora em que estou ficando duro, alguém bate na porta.

— Porra.

Resmungo e tiro as mãos de dentro da calça. Esse cara tem o pior timing do mundo. Eu me levanto, imaginando se algum dia o peso da tornozeleira não vai ser tão estranho assim. Três meses disso e estou quase enlouquecendo. Não tem como aguentar mais três. É melhor eu investir num estoque de tarja preta e dormir durante as próximas semanas.

Confiro o olho mágico e destranco a porta para deixar Anthony entrar. Ele já sabe que não deve falar muita coisa em voz alta. Não sou idiota, sei que aqueles filhos da puta provavelmente colocaram escutas na minha casa.

— Oi, cara — digo, pegando a mochila dele.

— Oi — responde ele, olhando ao redor feito um paranoico de merda. — Achei o bolo de coco que você estava querendo.

Bolo de coco é um código para computador. *Padaria* é um código para Sloan.

Eu me recuso a usar um dos dois computadores que ficaram na minha casa. Quando a promotoria está tentando ganhar um caso contra alguém, eles não simplesmente deixam os computadores da pessoa intocados na casa. Eles os confiscam. O fato de ambos os meus computadores ainda estarem aqui prova que querem que eu pesquise coisas porque estão me vigiando.

Só para irritá-los, passei a todo dia usar o computador para pesquisar coisas do tipo “*Como encontrar a redenção através de Jesus Cristo”* .

Até clico em *podcasts* religiosos e deixo-os tocando para acharem que realmente estou mudando para melhor. Porra, ontem à noite fui tão longe que até criei uma conta no Pinterest. Isso aí. *Asa Jackson tem uma conta no Pinterest.*

Salvei receitas e frases motivacionais durante três horas seguidas só para confundi-los.

Que mundo ridículo do caralho.

Eu me sento na mesa de jantar e abro a mochila. Demorei um mês para finalmente achar um cara que não fosse me dedurar. Tenho informações demais sobre ele. O sujeito pegaria prisão perpétua se me dedurasse.

Além disso, Anthony é desesperado por dinheiro fácil e provavelmente concordaria em matar Sloan e Luke por menos do que paguei por esse laptop. O único problema com Anthony é que ele demorou tempo pra cacete para localizar aqueles dois. Mas deu um jeito de achar um cara que encontrou o endereço deles. Não fiz muitas perguntas, porque quanto menos eu souber sobre os métodos dele, melhor, caso isso volte para me atormentar.

Mas tenho quase certeza de que tem algum filho da puta corrupto no departamento de Luke que abriu a boca por ainda menos do que Anthony cobra de mim.

Esse é o problema dos seres humanos. *Todos* nós fazemos coisas desprezíveis por dinheiro.

— Achou a padaria? — pergunto.

Ele assente.

Puta merda.

Ele achou a porra da padaria.

— Fui lá e vi com meus próprios olhos. — Ele dá um sorrisinho. — Você estava certo. É uma padaria boa pra caralho.

Ignoro a sensação de que meu intestino está entalado na minha garganta por ele estar me dizendo que viu Sloan, e foco no fato de que ele acabou de dizer que ela é gostosa. *Quem esse filho da puta acha que é?*

— O que há de tão especial nessa padaria, aliás? — pergunta ele, recostando-se na cadeira.

Esse cara quer saber por que dei de lambuja dez mil por um computador e o endereço dela. Mais cinco mil foram prometidos se ele conseguisse imagens das câmeras de segurança, provando que ela realmente está morando no tal endereço.

— É uma padaria única, Anthony — explico, tirando o laptop da mochila. Anthony escreveu todas as instruções sobre como acessar as imagens que conseguiu para mim. Na mochila há também um aparelho de wi-fi cadastrado no nome dele para não o rastrearem a mim. — E os cupcakes da padaria? Você trouxe?

Cupcakes é o código para as gravações. Parecemos dois retardados com essa conversa toda sobre doces, e é por isso que mudo tudo sempre que ele vem. Semana passada eram séries de TV.

Ele sorri de novo.

— Sim, estão na sacola — responde, tirando mais folhas de papel da mochila.

Ele desdobra uma e aponta para um e-mail e uma senha, indicando que é onde poderei encontrar as gravações.

Minha pulsação está disparada e estou tentando acalmá-la, mas parece que meu coração está no meio da porra de uma rodinha punk.

Quero que Anthony dê o fora logo para que eu possa assistir à gravação. Preciso ver isso. Faz três meses que pus os olhos nela pela última vez. Preciso vê-la, porra.

Eu me levanto e atravesso o corredor para pegar o dinheiro que devo a ele. Eu o jogo sobre a mesa e aponto

para a porta, deixando claro que ele não é mais necessário hoje. Anthony enfia o envelope no bolso de trás da calça.

— Precisa de mais alguma coisa? Posso passar aqui amanhã.

Balanço a cabeça.

— Não. Eu te aviso quando o bolo tiver acabado.

Ele sorri e vai até a porta.

Instalo o wi-fi e entro na conta. Há um e-mail com os links para o Dropbox. É de Anthony.

Gravei cerca de oito horas ontem e editei para a parte da aparição do casal. Consegui uns minutos

de um cara indo embora e voltando. Na metade da filmagem, vai ver a garota saindo para jogar o

lixo fora. O final da filmagem mostra os dois. Vou gravar mais essa semana. Se quiser, podemos

instalar um* live stream *que você possa acessar deste computador. Leva dois segundos. É só me

avisar.

Respondo o e-mail antes mesmo de baixar a gravação.

Claro que quero o* live stream *, porra. Por que só está me contando que dá pra fazer isso agora?

Clico em enviar e depois faço o download do arquivo. Demora quase cinco malditos minutos para baixar o vídeo do Dropbox. Quando termina, eu me levanto e tranco a porta. Não quero ninguém me interrompendo.

Também preparo alguma coisa para beber porque minha boca está seca pra cacete. Sinto vontade de vomitar só de pensar em vê-la pela primeira vez em três meses.

Eu me sento de volta e aperto o play. O vídeo tem treze minutos de duração. Três minutos são apenas Anthony mirando a câmera para a porta do apartamento deles. O ângulo é de cima, como se estivesse filmando do segundo andar do prédio.

Eu sabia que, seja lá onde Luke e Sloan estivessem ficando, ele estaria paranoico. Provavelmente contratou um segurança para garantir que ninguém está vigiando o apartamento enquanto não está lá. Fiz Anthony alugar um apartamento com vista para a porta deles para que pudesse conseguir boas imagens sem ficar tão evidente, o que aconteceria se estivesse sentado num carro estacionado ali perto.

Na marca de três minutos e trinta e um segundos, a porta do apartamento se abre. Luke sai, olhando para a esquerda e depois para a direita. Gosto que ele esteja paranoico. Gosto do fato de que, toda vez que ele abre a porta do apartamento, está pensando em mim. Perguntando-se se estou por perto, pronto para me vingar.

O filme é interrompido e então recomeça.

E é quando vejo. A porta da frente volta a se abrir.

Vejo seu braço quando ela tira do apartamento um saco de lixo e o deixa ao lado da porta. Mal tenho um vislumbre dos seus cabelos quando ela bate a porta de volta. Parecia que estava tentando se esconder. Como se tivesse medo de estar sendo vigiada. Ela está com medo de ficar lá sozinha.

O filho da puta do *Luke* a deixa sozinha, provavelmente durante várias horas por dia. Não dou a mínima se ele precisa trabalhar para pagar as contas. Se eu estivesse com Sloan, iria até o inferno para achar uma maneira de protegê-la. Se eu soubesse que havia um cara por aí representando perigo a ela, nunca a perderia de vista.

Essa é minha primeira pista de que ele não a ama como eu amo.

Como eu *amava*.

Não a amo mais.

Ou amo?

Merda.

Volto a filmagem mais de vinte vezes, observando aquele braço deixar o lixo do lado de fora. Vendo o cabelo voando por seus ombros quando ela bate a porta. Meu coração se acelera toda vez que a vejo e para toda vez que a porta se fecha.

Puta merda. Eu amo. *Eu ainda amo Sloan.*

Eu a amo pra caralho e está me matando saber que ela está sozinha naquele apartamento, com medo demais até para abrir completamente a porta. Aquele filho da mãe idiota deixa minha Sloan sozinha e assustada enquanto eu fico trancado nessa casa idiota de merda sem poder ir até ela, graças a ele.

— Estou vendo você, gata — sussurro para a tela do computador. — Não tenha medo.

Depois de mais alguns replays, finalmente deixo o vídeo avançar. Pula para algumas horas mais tarde. O

carro de Luke para na frente do prédio. Ele sai e abre o porta-malas. Então começa a pegar suas compras.

Que bonitinho. O filho da puta foi ao mercado para sua familiazinha de mentira.

Ele leva tudo até a porta e usa sua chave para destrancá-la. Tenta empurrar, mas ainda está trancada por dentro.

Garota esperta. Nunca confie numa fechadura só.

Sloan abre a porta para deixá-lo entrar. Luke desaparece lá dentro e Sloan sai e anda — *não, ela sai praticamente saltitando* — até o carro. Está sorrindo. Ela pega mais sacolas de compras no porta-malas enquanto Luke volta a sair de casa, levantando as mãos. Parece que está pedindo para ela parar, avisando que vai pegar as compras. Aponta para ela, na direção da sua barriga, e diz alguma coisa que a faz rir. Ela põe as mãos na barriga e, nesse momento, eu consigo ver.

Vejo aquela porra.

Congelo a imagem.

Fico encarando as mãos dela apertando a barriga. Olho para o sorriso em seu rosto enquanto ela encara as próprias mãos. Quase não dá para notar por baixo da camiseta. Quase.

— Puta merda.

Estou paralisado. Contando dias, meses, tentando entender.

— Puta merda.

Não sei muito sobre o círculo da vida. A única vez que engravidei uma garota, eu a forcei a fazer um aborto porque ela não era Sloan. Mas se tem uma coisa da qual tenho certeza... é que levam pelo menos alguns meses para alguém do tamanho de Sloan começar a exibir uma barriga.

Alguns meses atrás... era *eu* dentro dela. Era *eu* fazendo amor com ela à noite.

Luke transou com ela *uma vez* durante aquele tempo todo.

Eu a comia todos os dias.

— Puta merda — repito mais uma vez.

Não tenho como evitar. Meu rosto se desfaz num enorme sorriso. Eu me levanto, precisando de um momento para respirar. Para me recompor. Pela primeira vez na vida, me sinto prestes a desmaiar.

— Puta merda — digo, encarando o laptop, a tela pausada na minha Sloan. — Vou ser pai.

Eu me sento novamente e passo os dedos pelo cabelo. Encaro a tela por tanto tempo que ela começa a ficar desfocada.

Estou chorando, porra?

Esfrego os olhos e não dá outra, estou com lágrimas nas mãos.

Não consigo parar de sorrir. Dou zoom na barriga dela e toco na tela. Ponho a mão bem em cima das dela, em cima da sua barriga.

— Papai te ama — sussurro para nosso bebê. — Papai está indo te buscar.

DOIS MESES ANTES

Luke

Destranco a porta do nosso apartamento e espero Sloan destravar os ferrolhos.

Todos os cinco.

Odeio ter que ser paranoico. Odeio ligar para ela de hora em hora só para perguntar se está tudo bem, mesmo sabendo que está sendo vigiada por um segurança que fica estacionado do outro lado da rua o dia inteiro, sete dias por semana. Odeio sermos forçados a nos esconder, mesmo com Asa sendo monitorado em prisão domiciliar até o julgamento, que vai, sem dúvida, colocá-lo atrás das grades por um tempo.

Não sei como os últimos dois meses afetaram Sloan. Tentei convencê-la a ir a um terapeuta, mas ela insiste que está bem. Ou diz que *vai* estar, depois que Asa for para trás das grades.

Não existe maneira no mundo de alguém tirar uma tornozeleira eletrônica sem a polícia saber, então isso é uma pequena garantia que temos. Se Asa fizer alguma burrice e resolver sair de casa, saberemos em noventa segundos. Mas não é com Asa que estou preocupado, é com as pessoas que trabalhariam para ele.

O sistema judiciário deste país é uma merda, para dizer o mínimo. Parece que é Sloan quem está sendo punida, simplesmente porque pessoas como Asa são consideradas inocentes até que se prove o contrário num tribunal de justiça. Fico repetindo para mim mesmo que temos sorte por ele ter sido colocado em prisão domiciliar. O juiz poderia ter permitido que ele saísse sob fiança e ficasse em liberdade até o julgamento.

Pelo menos tivemos isso a nosso favor.

Não estava tão ruim até alguns dias atrás, porque ele vinha se recuperando dos ferimentos a bala no hospital.

Mas agora que sabemos que Asa está bem e em casa, com os visitantes livres para entrar e sair conforme quiserem, não nos sentimos mais tão seguros quanto antes. Ontem instalei mais quatro ferrolhos na porta por precaução.

Estamos a duas horas dele e ninguém de fora do departamento sabe onde estamos hospedados. Levo mais de uma hora todo dia para dirigir de volta para casa porque faço vários desvios no caminho, só para ter certeza de que não estou sendo seguido. É exaustivo. Mas vou fazer o que for preciso para manter Sloan em segurança, exceto passar pela porta de Asa e colocar uma bala na testa dele.

Escuto os ferrolhos se destrancarem. Assim que Sloan começa a abrir a porta, entro rapidamente e logo a fecho. Sloan sorri e fica na ponta dos pés para me beijar. Abraço sua cintura e beijo-a de volta enquanto giro para alcançar os ferrolhos e trancá-los. Tento não deixar o movimento muito evidente, porque quanto mais eu me preocupo, mais *ela* se preocupa.

Sloan se afasta enquanto estou trancando o último. Vejo a preocupação no rosto dela, então tento fazê-la pensar em outro assunto.

— O cheiro está bom — digo, olhando para a cozinha. — O que está fazendo?

Sloan é uma cozinheira incrível. Melhor até do que minha mãe, mas nunca vou confessar isso a ela.

Sloan sorri e pega minha mão, me puxando até a cozinha.

— Para ser sincera, eu não sei. Sopa, mas misturei tudo que parecia combinar. — Ela tira a tampa e enfia uma colher na panela, levando-a até minha boca em seguida. — Prove.

Eu beberico a sopa.

— Puta merda. Está deliciosa.

Sloan sorri e tampa a panela de volta.

— Quero deixar cozinhando mais um pouco, então você ainda não pode comer.

Tiro as chaves e o celular do bolso e os largo na bancada. Então pego Sloan nos braços.

— Posso esperar — digo, levando-a até o quarto. Eu a coloco cuidadosamente na cama e engatinho por cima dela. — Você teve um bom dia? — pergunto, dando um beijo em seu pescoço.

Ela confirma com a cabeça.

— Tive uma ideia hoje. Mas pode ser boba, não sei.

Eu me deito de lado e olho para ela.

— Qual?

Ponho a mão sobre sua barriga e levanto um pouco a camisa para tocar sua pele. Não me canso dela. Não me lembro de nenhuma vez na vida ter estado com uma garota que eu não conseguisse parar de tocar. Mesmo quando só estamos deitados aqui tendo uma simples conversa, fico percorrendo os dedos pela barriga ou pelos braços dela ou tocando em seus lábios. Sloan parece gostar, porque também faz isso comigo e eu *definitivamente* não me importo.

— Você sabe que eu sei cozinhar praticamente qualquer coisa, né?

Confirmo com a cabeça. Ela realmente sabe.

— Pensei em juntar algumas das minhas melhores receitas e fazer um livro.

— Sloan, é uma ótima ideia.

Ela balança a cabeça.

— Ainda não terminei. — Ela se apoia nos cotovelos. — Existe um monte de livros de receitas no mercado, então quero algo que se destaque. Quero algo diferente do resto. Por isso pensei em mencionar que aprendi a cozinhar tão bem porque fui praticamente forçada por Asa a cozinhar toda noite. Imaginei um título engraçado, do tipo “Receitas que aprendi a fazer enquanto morava com meu ex-namorado idiota e controlador”. E assim eu poderia doar metade do lucro das vendas para vítimas de violência doméstica.

Fico em silêncio por um momento para ter certeza de que ela terminou de contar sua ideia.

Sinceramente não sei o que pensar. Parte de mim quer rir, porque ela tem razão, um título como esse chamaria atenção de um jeito estranho. Mas parte de mim não gosta de Asa ser o motivo para ela cozinhar tão bem. Porque ele era controlador e não dava escolha a Sloan. Isso me lembra da primeira vez em que a levei para comer e ela agiu como se nunca tivesse ido a um restaurante.

— Você achou uma bobagem — diz ela, finalmente se deitando de volta no travesseiro.

Balanço a cabeça.

— Não, Sloan. Não achei. — Seguro seu rosto com a mão para forçá-la a olhar para mim. — É um título chamativo. Faria as pessoas olharem duas vezes, com certeza. Mas eu odeio que seja tão... *verdadeiro*. Para mim seria engraçado se fosse uma piada, mas não é. É realmente o motivo para você cozinhar tão bem, e eu odeio pra caralho aquele filho da puta.

Ela força um sorriso.

— Graças a você, minha vida não é mais assim.

Constantemente preciso lembrá-la de que não a salvei.

— Graças a *você* sua vida não é mais assim.

Ela sorri de novo, mas desde que entrei em casa, seus sorrisos parecem forçados. Tem algo maior a incomodando e não sei o que é. Pode ser só o estresse de ficar trancada num apartamento o dia todo.

— Você está bem, Sloan?

Ela espera tempo demais para assentir, o que me faz ter certeza de que não está.

— O que foi?

Sloan se senta na cama e começa a se levantar.

— Estou bem, Luke. Preciso mexer a sopa.

Seguro o braço dela para impedi-la. Sloan fica na beira da cama, mas não se vira e olha para mim.

— Sloan.

Ela suspira com o corpo inteiro. Solto seu braço e me junto a ela na beira da cama.

— Sloan, ele não pode sair de casa, se é isso que está preocupando você. Vamos descobrir se ele tentar. Para não mencionar o segurança lá fora. Você está segura.

Sloan balança a cabeça, deixando claro que não é por isso que está chateada. Ela não está chorando, mas noto pela ligeira tremedeira em seu lábio que está prestes a começar.

— É seu irmão? Podemos visitá-lo neste final de semana. Vamos escoltados para ter certeza de que estamos seguros, e ele ainda tem seguranças do lado de fora do quarto.

Ponho uma mecha de cabelo para trás de sua orelha, querendo que ela saiba que estou aqui. Que ela está segura. Que seu irmão está seguro.

Sloan abaixa ainda mais a cabeça e de alguma maneira começa a se curvar, agarrando os próprios braços com as mãos.

— Acho que posso estar grávida.

Ela não quis ficar no banheiro enquanto esperávamos os dois minutos pelo resultado. Eu fiquei lá dentro, encarando a pia. Esperando.

Assim que Sloan me contou que poderia estar grávida, parecia que eu havia falhado com ela. Como se tudo o que eu houvesse feito para protegê-la tivesse sido à toa. Ela ficou sentada na cama com lágrimas escorrendo pelas bochechas, a cabeça baixa e a voz um pouco além de um sussurro, e não havia nada que eu pudesse dizer para acabar com o medo dela. Eu não podia dizer para não se preocupar, porque isso definitivamente é um motivo para se preocupar. Sabemos fazer as contas. Ela esteve com Asa e eu nos últimos dois meses. As chances de o bebê ser meu são menores do que de ser dele, então se eu dissesse que Sloan não precisa se preocupar, estaria mentindo.

A última coisa de que Sloan precisa agora é o estresse de carregar parte daquele homem dentro dela. Algo que a ligaria a ele pelo resto da vida. A última coisa de que ela precisa agora é do estresse de cuidar de um bebê, não importa de *quem* seja o filho. Os próximos meses são cruciais para a segurança dela. Sloan vai ficar trancada neste apartamento, esperando o julgamento de Asa. Para não mencionar que, quando o julgamento começar — se ela estiver grávida —, vai ter que testemunhar perto de dar à luz.

Inspiro lentamente e olho para o resultado do teste. É do tipo que não mostra uma linha. Mostra as palavras “negativo” ou “positivo”. Fui à loja assim que ela me contou. A última coisa que quero é que Sloan fique em dúvida. Quanto mais cedo souber, mais rapidamente pode decidir o que fazer.

Eu espero, passando as mãos pelo cabelo, andando de um lado para o outro naquele banheiro apertado.

Estou olhando para o outro lado quando o despertador do telefone toca, indicando que o tempo de espera acabou.

Expiro para me acalmar. Quando me viro e leio a palavra *positivo*, cerro os punhos, pronto para socar a parede. A porta. Qualquer coisa. Em vez disso, dou um soco no ar e xingo baixinho, porque sei que vou ter que sair daqui e destruir o coração daquela garota.

Não sei se consigo.

Considero ficar aqui por mais alguns minutos, só até a raiva passar. Mas sei que Sloan está lá fora, com medo e provavelmente ainda mais nervosa do que eu. Abro a porta, mas Sloan não está no quarto. Vou até a sala e a vejo na cozinha, mexendo a sopa novamente. Já está cozinhando há mais de uma hora, então sei que está só passando o tempo. Ela me escuta, mas não se vira para me olhar. Entro na cozinha, mas Sloan ainda não ergue a cabeça. Continua mexendo a sopa, esperando que eu lhe dê a notícia.

Não consigo. Abro a boca três vezes, mas não consigo achar as merdas das palavras. Agarro a nuca e observo Sloan por um instante, esperando que ela olhe para mim. Quando continua se recusando a me olhar e eu sigo sem conseguir falar, diminuo a distância entre nós. Eu a abraço por trás e a puxo para o meu peito. Ela para de mexer a sopa e agarra meus braços. Sinto todo o seu corpo começar a tremer enquanto ela soluça baixinho. Meu silêncio é a confirmação de que ela precisava. Tudo o que posso fazer é abraçá-la com força e beijar seu cabelo.

— Eu te amo, Sloan — sussurro.

Ela se vira e afunda o rosto no meu peito enquanto chora. Fecho os olhos e a abraço.

Não é assim que devia ser. Não é *assim* que uma garota devia se sentir ao descobrir que vai ser mãe. E me sinto parcialmente responsável por sua tristeza.

Sei que vamos ter tempo para conversar sobre isso tudo mais tarde. Vamos ter tempo para discutir todas as opções, mas neste momento só foco em Sloan, porque nem faço ideia de como isso deve estar sendo absurdamente difícil para ela.

— Sinto tanto, Luke — diz ela em meu peito.

Eu a abraço mais forte, confuso com seu pedido de desculpas.

— Por que está dizendo isso? Você não tem pelo que se desculpar.

Ela ergue a cabeça, balançando-a, sem olhar para mim.

— Você não precisa se estressar com isso. Está fazendo o possível para nos manter em segurança e agora acabei de piorar tudo. — Ela se afasta de mim e pega a maldita colher para voltar a mexer a sopa. — Não vou fazer você passar por isso. Não vou fazer você me observar carregando um bebê que nem sabe se é seu ou não.

Não é justo com você. — Ela larga a colher e pega um guardanapo, secando as pálpebras. Depois se vira e olha para mim, o rosto cheio de vergonha. — Sinto muito. Eu posso... — Ela engole em seco, como se as palavras seguintes fossem difíceis demais para dizer em voz alta. — Posso ligar amanhã para ver o que preciso fazer...

para abortar.

Fico apenas olhando para ela, tentando absorver tudo aquilo.

Ela está pedindo desculpas a *mim*?

Acha que sou *eu* quem vai se estressar com isso?

Dou um passo à frente e deslizo as mãos pelo cabelo dela, levantando seu olhar para o meu. Mais uma lágrima escorre pelo seu rosto, então a seco com o polegar.

— Se tivéssemos como descobrir que esse bebê é meu, você gostaria de tê-lo?

Ela se encolhe e depois dá de ombros. Então assente.

— Claro que sim, Luke. O momento é péssimo, mas não é culpa do bebê.

Por mais que eu queira abraçá-la de novo agora, continuo segurando seu rosto entre as mãos.

— E se você tivesse certeza de que o bebê é de Asa, gostaria de tê-lo?

Ela não responde por um tempo. Mas então balança a cabeça.

— Eu não faria isso com você, Luke. Não seria justo.

— Não estou falando de *mim* — digo com a voz firme. — Estou falando de *você*. Se você soubesse que essa criança é de Asa, gostaria de tê-la?

Mais uma lágrima escorre por sua bochecha.

— É um bebê, Luke — diz ela baixinho. — Um bebê inocente. Mas como disse, eu não faria isso com você.

Puxo-a para mim, beijo a lateral da sua cabeça e a abraço por alguns instantes. Quando encontro as palavras que quero dizer, me afasto e a forço a olhar para mim de novo.

— Estou apaixonado por você, Sloan. *Loucamente* apaixonado. E esse bebê crescendo dentro da sua barriga é *metade* você. Sabe como eu me sentiria sortudo se você me deixasse amar algo que é parte de você? — Levo a mão até sua barriga e a deixo ali. — Este bebê é meu, Sloan. É seu. É nosso. E se você decidir criá-lo, então vou ser o melhor pai do mundo. Eu prometo.

Ela imediatamente leva as mãos ao rosto e começa a chorar. Chora mais do que jamais a vi chorando. Eu a pego no colo e a levo para nosso quarto, deitando-a na cama. Puxo-a para perto de mim e espero suas lágrimas diminuírem. Depois de vários minutos, o quarto fica em silêncio outra vez.

Ela está deitada com a cabeça em meu peito, o braço em volta de mim.

— Luke? — Ela levanta a cabeça e olha para mim. — Você é o melhor ser humano que existe. E eu amo tanto, *tanto* você.

Eu a beijo. Duas vezes. Então levo o rosto até sua barriga, levanto sua camisa e beijo sua pele. E sorrio, porque ela está me dando uma coisa que eu nunca nem soube que queria. E por mais que eu torça para que o bebê seja meu e não de Asa pelo bem de Sloan, realmente não importa. Não vai importar, porque o bebê é parte da pessoa que amo mais que tudo. Não sou muito sortudo?

Escorrego até ficar bem perto dela e beijo sua bochecha. Ela não está mais chorando. Afasto as mechas de cabelo grudadas em sua testa.

— Sloan, você sabia que colunas de concreto se dissolvem em donuts toda vez que um relógio cai da cabeça de uma tartaruga?

Ela solta uma risada.

— Bem, uma vitória não é uma vitória se o quarto vazio fica cheio de meias sujas quando o panetone de Natal fica velho.

Nosso bebê vai ter os pais mais estranhos do mundo inteiro.

DIAS ATUAIS

Asa

Não sei se herdei a inteligência da minha mãe ou do meu pai, porque se quer saber minha opinião, os dois são uns babacas ignorantes que de algum modo conseguiram fazer só uma coisa direito nos anos que passaram nesta Terra: me conceber.

Não conheci meus avós, mas às vezes gosto de imaginar que meu avô por parte de pai, *que sua alma descanse em paz*, era como eu. Dizem que certas coisas pulam gerações, então provavelmente eu pareço muito mais com ele. Provavelmente ajo muito como ele. E como eu, ele provavelmente está desapontado pra caralho por seu filho — *meu pai* — ter virado um tremendo bundão.

Mas é possível que ele tenha orgulho de mim, e deve ser um dos poucos humanos que, mortos ou vivos, entendem que sou a porra de um *gênio*.

Deixe-me explicar.

Tornozeleiras eletrônicas. São impossíveis de vencer. Se você tenta cortá-las, é pego imediatamente. Os sensores de fibra ótica dentro delas enviam um sinal assim que alguém interfere nelas, e a polícia aparece na sua porta em segundos.

A bateria não pode acabar, senão a polícia é notificada. Não pode simplesmente tirá-la pelo pé, porque pés não se dobram como pulsos e Deus não levou tornozeleiras eletrônicas em consideração quando criou o esqueleto humano, *aquele canalha egoísta*. Você não pode sair do perímetro ao qual está confinado, senão a polícia é notificada. Caramba, você não pode nem ficar bêbado. A maioria delas vem com sensores que testam periodicamente os níveis de álcool em sua pele. Não que eu fique chateado com isso. Nunca fui de precisar de álcool. Gosto de beber, mas posso ficar sem.

A não ser que você seja um nerd da tecnologia que saiba mais que os nerds que inventaram a porra da tornozeleira eletrônica, não há como se livrar de uma sem colocar a polícia imediatamente em seu rastro.

O que é uma droga, porque conhecendo Luke, ele mesmo a instalou para ser avisado assim que eu sair de casa ou mexer no dispositivo. Não tenho como ir daqui até a casa deles sem dar tempo de sobra de aviso aos dois. E, sim, eu poderia mandar alguém ao apartamento deles para fazer o trabalho por mim, mas onde estaria a diversão nisso? Onde estaria a diversão de ver uma bala parar o coração de Luke se eu não estiver na frente dele, sentindo o cheiro da pólvora? Qual a diversão de fazer Sloan perceber que fez uma escolha de vida patética se não sou eu provando as lágrimas que ela vai derramar enquanto implora por misericórdia?

Mas o lado bom é que sou bom em planejar. Planejo tudo. Imagino todos os cenários possíveis e penso em maneiras de passar por eles antes que os eventos realmente aconteçam. Porque sou a porra de um gênio. *Assim como o bom e velho vovô.*

Eu me lembro de que uma vez, quando eu era criança, achei que fosse morrer. Eu tinha entrado de fininho no quarto da minha mãe e roubado alguns comprimidos dela. Porra, eu era tão pequeno que ainda nem sabia ler. Não tinha a mínima ideia do que eu estava tomando, só sabia que queria sentir o que ela sentia. Queria ir atrás da sensação que ela amava mais do que a seu próprio filho.

Acordei algumas horas depois de tomá-los e meus tornozelos pareciam malditas bolas de beisebol. Minhas pernas estavam inchadas. Na época eu achei que era porque estava morrendo e meu sangue estava se concentrando nos meus pés. Mas agora sei que foi por causa do remédio. Antidepressivos e analgésicos bloqueiam

os canais de cálcio. Todos causam edema severo, o que eu estava experimentando. Mas na época não sabia.

Alguns meses atrás, o frouxo do Paul me disse que havia uma chance de eu pegar prisão domiciliar enquanto aguardava o julgamento. A maioria dos réus na minha situação receberia uma oferta de fiança qualquer para andar livremente por aí, mas com meu histórico, ele tinha quase certeza de que eu ficaria confinado em minha casa até darem o veredito no julgamento. É uma das poucas coisas pelas quais sou grato ao frouxo do Paul.

Pelo aviso com antecedência. Isso me deu uma semana inteira para comprar e consumir o máximo desses malditos comprimidos para garantir uns bons cinco centímetros a mais em cada tornozelo. Não foi difícil, considerando que eu já estava num hospital graças aos dois babacas que acharam que seria uma boa ideia *atirar* em mim. Cretinos.

Desde que a tornozeleira eletrônica foi colocada, precisei continuar tomando os remédios para que o oficial da condicional não suspeitasse de nada durante as visitas de acompanhamento. Aquele filho da mãe idiota nunca nem sequer desconfiou que meus tornozelos e canelas estavam do tamanho de troncos de árvore. Seu nome é Stewart. *Quem na vida real se chama Stewart?* Stewart só acha que eu tenho “ossos largos”. Eu me divirto com a burrice dele a cada visita. Também meio que gosto do cara, porque ele se sente mal por mim.

Acha que sou um cara legal porque rio das piadas ridículas dele e converso sobre Jesus. Stewart ama Jesus pra caralho. Até pedi para Anthony me trazer um crucifixo. Antes da visita de Stewart hoje de manhã, eu o pendurei na parede da sala, acima da TV de tela plana diante da qual passo horas e horas vendo filmes pornô.

Que ironia, não? Quando Stewart viu Jesus na cruz, ele fez algum comentário. Falei a ele que era do meu avô.

Disse que ele havia sido pastor da Igreja Batista e que me ajuda ter aquele objeto e saber que vovô está olhando por mim.

É mentira, claro. Duvido que meu avô tenha pisado alguma vez numa igreja. E se ele realmente teve um crucifixo, provavelmente o usava para bater nas pessoas.

Mas Stewart curtiu aquilo. Disse que tem um quase idêntico, mas não tão grande. Também verificou minha tornozeleira, disse que estava tudo ótimo e que me veria em uma semana. Ofereci uma fatia de bolo de coco antes de ele ir embora.

Agora estou aqui, olhando para o frasco de hidroclorotiazida nas minhas mãos. Preciso ser cauteloso com ela, porque tomar demais poderia baixar minha pressão. Mas preciso tomar o bastante para me livrar do edema.

O bastante para criar um espaço grande o suficiente entre o dispositivo de monitoramento e meu tornozelo para que eu possa colocá-lo e tirá-lo do pulso de Anthony.

É aí que entra minha genialidade. Se uma pessoa pudesse de fato tirar uma tornozeleira eletrônica sem interferir nas fibras óticas, as chances de alguém descobrir seriam bem pequenas. As tornozeleiras são monitoradas periodicamente ao longo do dia. Programadas com temporizadores e essas merdas. Então a mudança do meu pé para o pulso de Anthony vai passar despercebida, desde que o equipamento em si não seja danificado. Eles acham que as tornozeleiras são à prova de fraudes porque pessoas de inteligência média não conseguem tirá-las.

São os gênios como eu que deviam preocupá-los. Agora só preciso acreditar que Anthony não vai sair da porra da minha casa nem beber até eu dizer a ele que acabou. Então vou colocar a tornozeleira de volta e vai parecer que nunca saí de casa.

Enquanto isso, ainda tenho que bolar mais alguns planos. Abro o pote e engulo quatro cápsulas do remédio.

Pego o laptop e começo a procurar por obstetras enquanto faço telefonemas durante duas horas seguidas.

Quando finalmente descubro a qual obstetra Sloan está indo, já mijei quatro vezes. A tornozeleira já está começando a parecer mais larga. Eu achava que ia demorar alguns dias, mas pode ser que funcione já amanhã de manhã.

A pessoa que atende o telefone me deixa esperando enquanto procura o arquivo que presumo ser um acordo de confidencialidade.

— Senhor? — chama ela.

— Oi.

— Qual é seu nome mesmo?

— Luke. Sou o pai.

Rá! Eu rio internamente por todas as piadas de Star Wars *que aquele babaca deve ter aturado a vida toda.*

— Pode confirmar seu endereço e sua data de nascimento?

Confirmo as duas coisas. Porque sei as duas. Porque sou um *gênio*. Assim que minha "identidade" é confirmada, ela pergunta:

— E o que estava querendo saber?

— A data prevista de nascimento. Estou fazendo um vídeo para anunciar a gravidez para nossa família e não quero perguntar a Sloan porque ela vai ficar brava por eu ter esquecido. Então eu esperava que você me desse a informação só para ela não me colocar para dormir no sofá.

A mulher ri. *Ela gosta que eu seja um homem tão amoroso e carinhoso, animado com o nascimento do meu filho.*

— Parece que a concepção foi em março. A data prevista é... no dia do Natal! Não sei como você se esqueceu disso, papai — diz ela com uma risada.

Rio também.

— Isso mesmo. No Natal. Nosso próprio milagrezinho. Obrigado por verificar.

— Sem problemas!

Desligo o telefone e consulto um calendário. Sloan ainda estava morando comigo em março.

Mas Luke também estava por perto em março. *Pra caralho*.

Não sei quando a lavagem cerebral começou, ou quando ela se entregou a ele. Mas meu corpo todo se enrijece ao pensar. Não acredito que ele transou com ela. *Minha Sloan.*

Não acredito que ela *deixou*. Não faço ideia se eles usaram camisinha. Com certeza sei que o filho da mãe não usou quando resolveu comer ela na minha frente...

Não vou nem pensar nisso.

Não vou permitir que aquelas imagens se repitam na minha cabeça. O pior momento da minha vida. Digo a mim mesmo que foi um pesadelo, que tudo que vi — as palavras que ela disse, os sons que os dois fizeram — não passou de

um pesadelo. Eu tinha levado quatro tiros e perdido muito sangue. *Não* pode ter sido real. Não há como aquela piranha ter ficado na minha frente enquanto outro cara enfiava seu...

Não. Vou. Nem. Pensar. Nisso.

Eu me levanto, morrendo de raiva novamente. Pego a cadeira na qual estava sentado e a jogo pela sala, vendo-a se estilhaçar ao bater na porta. Corro pelo cômodo e arranco a porra do crucifixo da parede. Eu o bato na TV, quebrando a tela.

Isso foi bom. Sloan estava comigo quando comprei a TV. Foi bom quebrar aquela porra. Procuro mais alguma coisa para quebrar. Um espelho. Corro na direção dele e o atinjo com o crucifixo três vezes, até o vidro estar em pedacinhos no chão.

Piranha maldita. Não acredito que ela teve a ousadia de fazer aquilo bem na minha frente.

Levo o crucifixo pelo corredor até o banheiro. Eu me olho no espelho, me perguntando se o bebê dentro dela é meu. Saber que existe uma chance de ele nascer parecido com Luke já me faz odiá-lo. Saber que estava dentro dela quando Luke a comeu bem na minha frente me faz odiá-lo pra caralho.

Bato o crucifixo repetidas vezes no espelho.

Piranha maldita!

Subo a escada e faço o mesmo com o espelho do segundo andar.

Nem quero essa porra de bebê. Está dentro dela desde março, e não tenho como saber quantas vezes Luke a fodeu desde então. Mesmo se for *meu* bebê, ele já o arruinou. Com certeza fetos têm ouvidos, e toda vez que Luke fala

perto de Sloan, o bebê provavelmente acha que a porra da voz nojenta de Luke é a voz do seu pai.

Enquanto meu bebê estiver crescendo dentro de Sloan, Luke não vai estar por perto para corromper meu filho.

Entro em cada cômodo, encontrando mais coisas para meu pequeno Jesus na cruz destruir. Lâmpadas? Feito.

Vasos? Quebrados. Jesus na cruz está numa missão.

Maldita piranha.

Maldito bebê.

Maldito *Luke*.

Cada maldita coisa boa que tive na vida foi destruída por aquele homem. Meu império. O amor da minha vida. Meu possível filho. Tudo que já significou alguma coisa para mim agora não significa absolutamente nada por causa dele.

Assim que volto para a cozinha, abro o pote e engulo mais um comprimido. Quanto mais cedo eu conseguir tirar essa tornozeleira, mais cedo vou poder destruir o que ele está lentamente corrompendo.

Vou ser pai quando estiver pronto para ser a porra de um pai, e vou ser pai de uma criança que não tem uma única maldita parte daquele monte de merda patético.

Essa coisa crescendo dentro de Sloan não foi feita de amor. Mesmo se for minha, não foi criada de forma inocente. Ela estava permitindo que outro homem a corrompesse enquanto eu fazia amor com ela à noite. Se eu soubesse disso, meu pau nunca teria entrado nela. Eu teria acabado com a raça dela antes que tomasse todas as decisões estúpidas que tomou. Sloan não teria a porra de um útero capaz de gerar uma vida se eu soubesse o que ela andava fazendo pelas minhas costas.

Agora preciso dar um fim nisso. Olho para o protetor de tela do meu laptop. É um print do momento em que Sloan pôs as mãos na barriga e sorriu para a porra daquela abominação. Pego uma nova cadeira e me sento para mudar a proteção de tela. Encontro uma foto de quando Sloan ainda era doce. Configuro como meu papel de parede e fico olhando para aquela imagem, me perguntando como ela deixou aquilo acontecer. Como a vadia ainda tem a audácia de sorrir se nem ao menos sabe de quem é o bebê dentro dela?

— Vadia da porra. — Olho para o crucifixo na minha mão. — Jesus na cruz, quer dar um passeiozinho de carro comigo amanhã? Conheço uma garota com sérios pecados para confessar.

Sloan

Nas últimas duas semanas, preparei e fotografei vinte e sete refeições. Talvez seja porque estou tentando não pensar no fato de que não posso sair do apartamento, mas a ideia do livro de receitas ocupou totalmente minha cabeça.

Quando não estou pensando na gravidez, é claro. O que é um segundo sim, um não.

Não sei o que eu faria sem Luke. Parte de mim acha que ele é bom demais para ser verdade. Que homens como ele não existem e que isso é alguma ilusão minha. Vivo num medo constante de ele só ter sido trazido para a minha vida para eu ter que passar pela dor de perdê-lo. Odeio esses pensamentos e tento não tê-los, mas não adianta. Eles são constantes. Tenho mais medo de perdê-lo do que tenho da morte.

Mas toda tarde, quando Luke chega em casa, me abraça e pergunta como “nós” estamos, ele reforça completamente a ideia de que o bebê é dele. Não importa quem seja o

responsável biológico pela concepção, Luke o ama porque está dentro de mim. Isso basta para ele. E, de alguma maneira, ele me faz achar que basta para mim. Quando estou com Luke, tenho uma sensação de amor próprio. Sinto todas as coisas que Asa arrancou de mim.

Não sei se sou boa em perdoar como Luke parece ser. Ele não me fez sentir vergonha, nem por um segundo.

E continua me relembrando de como ele tem sorte, mesmo eu sabendo que é o contrário. Luke sempre redireciona meus pensamentos quando começo a me preocupar com a possibilidade de Asa descobrir sobre a gravidez, ou quando me preocupo com o julgamento que está por vir. Mas quando ele não está aqui, tipo agora, a única coisa capaz de mudar meus pensamentos é o livro de receitas.

Esta noite estou fazendo lasanha. Não estou me prendendo a determinado tipo de comida, como italiana ou asiática. Estou incluindo todas as minhas favoritas. Até mesmo algumas das preferidas de Asa, como seu maldito bolo de coco. Gosto de pensar que suas receitas favoritas vão fazer parte de um livro que vai contra tudo o que ele é como pessoa. Sinto como se fosse uma pequena vingança. A cada dois dólares que este livro vender, um ajudará mulheres que sofreram nas mãos de homens como Asa.

Então, sim, estou incluindo a porra do bolo de coco idiota, o espaguete com almôndega ridículo e até o shake de proteína imbecil pelo qual ele me acordava para preparar de madrugada. Por mais que eu tenha odiado todas as vezes que ele exigiu que eu cozinhasse, pelo menos algo de bom vai vir disso. Meu livro de receitas é como um enorme dedo do meio para Asa Jackson.

É uma boa ideia, na verdade. Acho que vou incorporar uma pequena ilustração de dedo do meio em todas as

páginas. Um emoji fofinho de dedo do meio.

Quando termino de colocar em camadas a massa e o molho, ajeito a assadeira para fotografar mais. Depois de algumas fotos, ponho a assadeira no forno.

— Que cheiro bom é esse?

Agarro a bancada ao ouvir a voz dele.

Bem atrás de mim.

Não. *Não, não, não, não, não, não, não.*

Não é possível. A porta está trancada. Todas as janelas estão trancadas por dentro. *Estou sonhando, estou sonhando, estou sonhando.*

Sinto que vou lentamente deslizando até o chão da cozinha, pois meus joelhos começam a falhar. Estou entrando em choque. Estou sentindo, estou sentindo, *não, não, não*.

Estou no chão. Passo os dedos pelo cabelo e tapo os ouvidos com as mãos trêmulas. Tento encobrir o som da voz dele. Se eu não escutar, ele não está aqui. Ele não está aqui. *Não está aqui.*

— Meu Deus, Sloan. — Ele está mais próximo agora. — Achei que ficaria um pouco mais animada em me ver.

Fecho os olhos com força, mas ouço ele se sentando na bancada ao meu lado. Abro os olhos e vejo os pés de Asa balançando perto do chão, suas pernas bem na minha frente. Ele não está de tornozeleira e quer que eu veja isso. Sei como funciona sua mente doentia.

Como isso pode estar acontecendo?

Cadê meu celular?

Estou enjoada. Eu me forço a respirar para não desmaiar de tanto medo.

— Lasanha, hein? — Ele joga alguma coisa na bancada. — Nunca gostei muito da sua lasanha. Você sempre colocou molho de tomate demais.

Estou chorando. Eu me arrasto para longe dele, sem encontrar forças para me levantar. Continuo me arrastando, sabendo que não vou chegar a lugar algum, mas esperando que de alguma forma chegue.

— Aonde você está indo, gata?

Tento me levantar, mas assim que começo, ele pula da bancada e me segura por trás.

— Vamos ter uma conversinha — diz, me tirando com facilidade do chão.

Grito de medo e ele imediatamente tapa minha boca com a mão.

— Vou precisar que fique quietinha enquanto a gente bate um papo. — Asa me carrega pela sala até chegar ao meu quarto.

Ainda não olhei para ele.

Não vou olhar.

Eu me recuso a olhar para Asa.

Luke. Por favor, Luke. Venha para casa, venha para casa, venha para casa.

Asa me joga na cama e imediatamente começo a engatinhar para o outro lado, mas ele agarra meu tornozelo e me puxa de volta. Estou de bruços. Tento chutar a mão dele. Agarro um cobertor, um travesseiro, qualquer coisa que minhas mãos consigam tocar, mas minha força não é suficiente para me defender. No que parece ser em câmera lenta, ele me vira de costas e prende minhas mãos com os joelhos enquanto se senta em cima de mim, pressionando

minha barriga. E então descubro que ele sabe. Não é algo que eu consiga esconder a esta altura.

Por isso Asa está aqui.

Sinto seus dedos nas minhas pálpebras, me forçando a abri-las. Quando olho para o rosto dele, vejo que está sorrindo.

— Oi, linda. É falta de educação não olhar alguém nos olhos quando a pessoa está tentando ter uma conversa séria.

Ele é louco pra caralho. E não há nada que eu possa fazer para me proteger. Nada que eu possa fazer para proteger meu bebê.

Minha tosse sai uma mistura de bile e lágrimas. Apesar de Asa estar me prendendo na cama, completamente à sua mercê, de alguma maneira tenho pensamentos lúcidos o bastante. Neste instante, neste segundo, estou me perguntando como minha vida pode significar tanto para mim. Como a ideia de morrer me dá tanto medo, sendo que apenas alguns meses atrás eu sinceramente não estaria nem aí. Eu costumava rezar para Asa me matar logo e acabar com meu sofrimento. Mas era quando eu não tinha pelo que viver.

Agora tenho tudo pelo que viver.

Tudo.

As lágrimas escorrem dos meus olhos até chegarem ao meu cabelo. Ele as observa descendo pelo meu rosto e se inclina para mim, colando sua bochecha na minha. Asa aproxima a boca da minha têmpora e sinto sua língua lamber algumas lágrimas. Quando ele afasta a cabeça, seu sorriso sumiu.

— Achei que o gosto delas seria diferente — sussurra.

Começo a chorar até soluçar. Minha pulsação está tão acelerada que parece ser uma batida só. Ou talvez todos os batimentos tenham parado. Fecho os olhos novamente.

— Acabe logo com isso, Asa. Por favor.

Um pouco da pressão em cima de mim diminui, como se ele estivesse se ajeitando. Então o sinto levantar minha blusa e colocar a mão em minha barriga.

— Parabéns — diz. — É meu?

Mantenho os olhos fechados e me recuso a responder. Ele passa vários segundos esfregando a mão na minha barriga. Sinto-o se aproximar outra vez, sua boca chegando perto do meu ouvido.

— Está se perguntando como eu entrei no seu apartamento?

Eu estava, mas agora estou me perguntando como posso expulsá-lo daqui.

— Lembra que hoje de manhã seu bom amigo Luke deixou o cara da manutenção entrar para trocar o filtro do ar-condicionado?

O cara da manutenção? O quê?! Não, isso é impossível. Luke pediu para ver o RG dele. Verificou a identidade com o gerente. Conhecemos todo mundo que mora aqui, e aquele homem trabalha no prédio há mais de dois anos.

— Ele me fez um pequeno favor e destrancou a janela enquanto Luke estava de costas. Sabe por quanto ele fez isso? Dois mil. Sem perguntas. Ele sabia que você estava aqui, sabia que estava grávida e sabia que eu tinha planejado alguma coisa terrível porque por qual outro motivo eu pagaria dois mil dólares para ele fingir que estava fazendo uma manutenção de rotina? Ele nem se *importou*, Sloan. Dois mil era tudo o que ele queria e então ele deu o fora, sem fazer nenhuma pergunta.

Estou enojada.

Enojada.

Seres humanos são doentes.

Se aquele homem soubesse do que Asa é capaz, nunca teria feito aquilo. Nunca teria destrancado a janela.

Provavelmente achou que Asa queria entrar para roubar a TV.

Eu poderia estar chorando ainda mais agora, decepcionada porque a humanidade não consegue ter o mínimo de moral.

— Seu amiguinho de vigia lá fora nem me viu, porque infelizmente Luke acha que você não vale a grana para contratar vigilância para cada ponto de entrada deste apartamento. Ele acha mesmo que sou tão burro a ponto de tentar entrar pela porra da porta da frente?

Quanto mais Asa fala, menos escuto. De algum jeito, meu medo está me anestesiando. Não sinto mais meu corpo. Não sinto Asa em cima de mim.

Lentamente paro de sentir.

Mas minha consciência não está me ajudando em nada. Continuo ciente.

Estou ciente do fato de que ele está tirando minhas roupas. Peça por peça.

Estou ciente do fato de que a língua dele está dentro da minha boca.

Estou ciente do fato de que ele está fazendo tudo isso na cama que divido com Luke, num apartamento que ingenuamente considerei seguro.

Estou ciente do fato de que ele está dentro de mim agora.

Não estou sentindo.

Não estou vendo.

Mas eu sei.

Estou ciente.

Estou ciente do fato de que esta é minha morte. É assim que minha vida de merda vai acabar. É assim que a vida do meu bebê vai acabar, porque não fui capaz de fazer o que era preciso para nos proteger.

Não mereço Luke. Se merecesse, isso não estaria acontecendo. Luke surgiu em minha vida para que, quando eu passasse por isso, doesse infinitamente mais saber que o estou perdendo.

Não sei o que fiz a Deus para merecer isso. Mas para Asa estar aqui, agora, fazendo essas coisas comigo, eu devo ter feito algo horrível nesta vida. Ou em alguma vida passada.

Eu mereço isso. Tenho certeza de que mereço.

Engasgo com minhas lágrimas; engasgo com a língua dele.

Estou ciente, e é a última coisa que eu queria estar. *Preferia mil vezes estar morta.*

Asa

– Isso foi diferente.

Continuo ofegante, me recuperando do momento não planejado entre nós dois. Saio de dentro dela e caio em cima do seu corpo.

Ela nem ao menos tentou me impedir. Apenas me deixou comê-la e nem disse não.

Que vadia maldita.

Era melhor quando eu sabia que era o único que tinha estado dentro de Sloan. Mas agora há pouco, parecia que eu estava compartilhando toda vez que metia nela. Ter certeza de que Luke sabe como é ser parte de Sloan me fez ter vontade de pôr as mãos em volta do pescoço dela e apertar até arrancar as duas vidas de dentro do seu corpo. Eu provavelmente teria feito isso se Sloan tivesse revidado, mas não foi o que aconteceu.

Ela sente minha falta. Qualquer outra mulher no mundo teria feito o possível para me tirar de cima, mas não Sloan. Ela sabe onde pertence. Embaixo de mim. Em volta de mim.

Eu me deito ao seu lado e me apoio no cotovelo. Ela continua de olhos fechados e tremendo. Não sei se é porque está com medo ou porque quase a levei ao orgasmo. Provavelmente as duas coisas.

Odeio o fato de que ela ainda é tão bonita quanto era quando inocente. O mesmo cabelo escuro e brilhante, longo o bastante para cobrir seus seios. Os mesmos lábios doces e macios que costumavam pertencer só a mim e ao meu corpo. Deslizo o dedo até sua barriga, pelo pequeno montinho, então ponho a mão em concha entre suas pernas. Suspiro ao olhar para ela. Sinto saudades pra caralho. Odeio Sloan pra caralho, mas sinto sua falta.

— Olhe para mim, Sloan.

Ela choraminga e tenta engolir de volta mais um soluço.

— Sloan, *olhe* para mim.

Ela obedece lentamente. Sloan abre os olhos repletos de lágrimas e inclina a cabeça o suficiente para me olhar nos olhos.

— Sinto sua falta, gata. — Esfrego a mão no meio de suas pernas enquanto falo, lembrando-a da sensação que eu costumava provocar nela. Talvez se Sloan se lembrasse

de como éramos bons juntos, possamos voltar a ter aquilo. — Sinto falta de me enroscar em você à noite enquanto dormimos. Sabe como está solitário lá na nossa casa, Sloan? É solitário pra caralho sem você lá. Estou *odiando*.

Ela fecha os olhos de novo. Sorrio, porque sei como é difícil para ela mantê-los abertos enquanto a faço sentir essas coisas com as mãos. Eu adorava vê-la se excitar até seus olhos se fecharem com força e ela gritar meu nome. Deslizo um dedo para dentro e, exatamente como eu esperava, ela fecha os olhos com mais força ainda.

Beijo suavemente sua boca.

— Achei que eu tinha superado você — digo, pensando em ontem, na crise de fúria que tive com o Jesus na cruz. — Eu odiei você, Sloan. Não gosto de odiar você, gata.

Ela inspira demoradamente, e nossas bocas estão tão perto que ela rouba um pouco do meu ar. Dou mais a ela. Pressiono minha boca na sua e a beijo, preenchendo-a com minha língua. Da mesma forma que fez quando eu estava dentro dela um minuto atrás, ela se recusa a me beijar de volta.

— Sloan — sussurro, deslizando os lábios pelos dela. — Gata, preciso que você me beije de volta. Preciso saber se ainda significo alguma coisa para você.

Continuo paciente, tocando-a, observando-a. Ela finalmente abre os olhos. Uma lágrima enorme, maior que as outras, escorre por seu rosto.

E então ela lembra. Levanta a cabeça, abrindo os lábios para mim.

Ela se lembra do quanto fiz por ela. Ela se lembra de como eu a amei pra caralho. Como a amei profundamente. Quando sua língua desliza pela minha, sinto vontade de chorar pra cacete. Meu peito se enche de calor e se eu não

estiver logo dentro dela de novo, tenho medo de entrar em combustão.

— Gata, senti tanta saudade — repito.

Mas então me calo, porque ela está me beijando como costumava me beijar antes de ter sido corrompida.

Está me beijando como me beijou naquela primeira noite no beco, quando minha boca foi a primeira a apresentá-la a um beijo.

Ela está se movendo, levantando os braços, acariciando meu pescoço. Seus dedos percorrem meu cabelo e eu precisava tanto disso. Valeu a pena o risco de tirar a tornozeleira eletrônica. Valeu *muito* a pena. Sei que vim aqui com outras intenções, mas porque eu estava com raiva. Luke me faz sentir tanto ódio, que confundi o que eu sinto por ele com o que sinto por Sloan. Achei que ela era má, mas não é.

Ela é uma vítima.

É simplesmente a vítima de Luke, e só precisava que eu a lembrasse de como é diferente ser abraçada por mim. Precisava me sentir dentro dela para lembrar que está sofrendo uma lavagem cerebral. Mas ela não me esqueceu.

Ela se lembra.

— Asa — sussurra, cheia de desejo. — Asa, sinto muito.

Eu me afasto, chocado por conseguir falar alguma coisa quando preciso tanto dela que mal consigo respirar.

— Gata, não — digo, afastando os fios de cabelo grudados em sua testa. — Tudo bem. Vamos superar isso.

Ele fez você me odiar, e por um momento fez eu te odiar também. Mas nós não somos assim, Sloan. Você não me odeia, Sloan.

Ela nega com a cabeça.

— Não, Asa. Eu não odeio você.

Vejo a culpa estampada em seu rosto. Sinto o arrependimento nas suas palavras e nas lágrimas que ainda estão caindo.

— Eu te amo — diz ela, me matando completamente com essas três palavras. — Desculpe por tudo. Sinto tanto a sua falta.

Eu a beijo novamente e deslizo para cima dela porque aquelas três palavras já deixaram meu pau tão duro que não consigo nem pensar direito. Eu me enfio em Sloan e ela arfa. Dessa vez vou devagar. Não fodo com ela do mesmo jeito que alguns minutos antes, porque naquela hora eu achava que a odiava.

Eu a beijo e sou gentil, porque ela já passou por muita coisa. Faço amor com ela e observo seu rosto o tempo todo porque a amo. Ela é a única coisa boa que já aconteceu comigo e não sei como, mas quase me esqueci disso.

— Eu estava errado, gata. Não está diferente. Está exatamente como era. Você é perfeita.

Sloan força um sorriso, mas é difícil para ela porque essa porra está muito intensa. Estar com ela assim, sentindo suas mãos em mim e suas pernas me envolvendo, me querendo ainda mais fundo dentro dela. É a sensação mais intensa que eu já tive. Quase faz os últimos meses terem valido a pena.

Isso é o paraíso. *Esse* é o pedido de desculpas de Deus.

— Eu te perdoo — sussurro.

Mas não sei se estou perdoando Sloan ou Deus. Talvez eu esteja perdoando os dois, porque isso vale todo o perdão

do mundo. Ela está tão gostosa agora que eu poderia até considerar perdoar Luke.

Ok, isso não é verdade. Nunca vou perdoar aquele merda ambulante. Mas vou me preocupar com ele mais tarde. Neste momento, estou preocupado com o amor da minha vida, me lembrando de cada curva do seu corpo, de cada curva *dentro* do seu corpo.

Tento fazer durar, fazer amor como Sloan merece, mas senti tanta falta de estar dentro dela que não consigo segurar da segunda vez. Enfio o rosto em seu pescoço e espero por seus gemidos. Sloan sempre geme quando começo a gozar dentro dela.

Assim que aquele som precioso sobe pela garganta dela, perco totalmente o controle.

— Porra — digo, enfiando mais uma vez com força. Duas. — Eu te amo pra caralho, Sloan. Eu te *amo* pra caralho, gata, puta que pariu.

São os melhores trinta segundos da minha vida.

Ela ainda está me abraçando quando termino. Está tremendo. Amo fazer o corpo dela inteiro tremer com o meu. Amo. Eu *a* amo.

— Não me deixe de novo, Sloan — peço baixinho. Rolo para o lado e a puxo para mim. Sou incapaz de descrever isso. Achei que a amava antes, mas não se compara a este momento, à intensidade correndo por minhas veias. Meu coração bate por ela. Ela é o motivo pelo qual meu coração bate, e não sei se eu havia percebido isso antes. — Nunca mais ouse me deixar. Se quebrar sua promessa de novo, não sei se vou conseguir perdoar você como perdoei agora.

Talvez isso pareça diferente porque amo mais do que só Sloan agora. Amo o que está crescendo em seu útero. A sensação que tive quando estava dentro dela foi mais do

que eu achava ser capaz de sentir, e até então eu não tinha percebido que é porque agora há mais para amar. Tem Sloan e tem o pequeno pedaço de céu que fizemos juntos, crescendo dentro de sua barriga. E *foda-se* Luke. Luke não seria capaz de criar uma vida que vai nascer na porra do *dia* de Natal.

Sei que eu fiz este bebê com ela porque não me sentiria assim se a criança fosse de Luke. Esta sensação é Deus me deixando ciente de que parte de mim está dentro de Sloan, e que preciso fazer o possível para proteger os dois de Luke.

Encosto a bochecha na barriga de Sloan. Coloco a palma da mão aberta em sua pele e fecho os olhos com força, mas ainda assim as lágrimas vêm. Não acredito que estou chorando agora, porra. *Mas que merda é essa?*

Descobrir que é pai imediatamente transforma homens em mariquinhas?

Eu a aperto com força e beijo meu bebê. Beijo repetidas vezes. Sua barriga é tão linda, e sei que a vida que fizemos juntos vai ser tão linda quanto Sloan. Ela passa os dedos pelo meu cabelo, e as palavras que sussurra em seguida nunca mais vão sair da minha alma. Nunca.

— Você vai ser papai, Asa.

Eu rio e continuo com a porra do choro, e logo fico em cima dela de novo, beijando-a. Não consigo me satisfazer.

— Você é tão linda, gata. Tão linda. Se eu soubesse como ficaria linda grávida, teria mexido no seu anticoncepcional antes.

Sinto-a ficar paralisada por um segundo e isso me faz rir. Afasto a cabeça e olho de cima para Sloan, que abre um sorriso meio amarelo.

— O quê? — pergunta ela. Sua voz falha um pouco. É tão fofo...

Eu rio e a beijo de novo.

— Não pode ficar brava comigo, Sloan. — Ponho a mão em sua barriga outra vez e olho para ela. — Fiz isso por nós dois. Para você não me deixar. — Por algum motivo, ela ainda está chorando. Mas eu também estou. Rio novamente, secando algumas lágrimas dela. — E agora olhe só para a gente. Passamos pelo inferno, mas olha só para a gente. Vamos ter um bebê. — Eu me deito em cima dela e a beijo. Lenta, profunda e esperançosamente. Quando paro, mantenho os lábios apertados de leve nos dela. — Você não vai me deixar de novo, Sloan. Não com meu bebê dentro de você. Certo?

Ela nega com a cabeça.

— Não vou, Asa. Prometo. Eu te amo. Nunca vou deixar você.

Não faço ideia de como acontece pela terceira vez, mas ouvir aquelas palavras me deixou duro de novo. Já estou em cima de Sloan e mal preciso me mexer para entrar nela. Fecho os olhos com força. Beijo as lágrimas no seu rosto. E me movimento dentro dela, lentamente, repetidas vezes, precisando compensar por todas as noites que passamos separados. Sinto o suor escorrendo por minha testa. Sinto meu coração acelerar e palpitar nas paredes do meu peito. Meu corpo inteiro está exausto porque nossa terceira vez dura tanto que começo a me sentir fraco. Mas eu poderia fazer amor assim com Sloan para sempre. E eu *vou*.

Para toda a porra do sempre.

Sloan

Houve um momento.

Foi uma fração de segundo, quase rápida demais para notar. Foi bem quando Asa afastou a cabeça e me olhou de

cima, implorando para eu beijá-lo de volta. Foi um momento de desespero. *E tirei vantagem dele.*

Sei que, se lutar agora, não vou ter como vencer. Lutar de volta é tudo que cada parte da minha alma está gritando para que eu faça. Está gritando para eu lutar, para me defender, desde o momento em que Asa entrou neste apartamento. Nem sei se ele já está há uma hora aqui, mas parece uma eternidade. Sinto minha alma me rasgando por dentro, implorando para ser libertada desta imitação patética de corpo na qual estou presa desde o dia em que nasci.

Mas este é o momento em que minha alma e eu finalmente precisamos nos tornar uma coisa só. Este é o momento em que meu corpo precisa se alinhar com o resto de mim, acalmar meus nervos, proteger o bebê crescendo aqui dentro, preservar nossa vida pelo máximo de tempo possível. E a única maneira de conseguir isso é se eu der este corpo a Asa.

É só isso que estou fazendo. É só um corpo. Minha alma ainda é forte. Está lutando da única maneira que sabe. Mas meu corpo precisa ceder... só por tempo suficiente para me salvar.

Digo a Asa o que ele precisa ouvir. Eu o toco como ele precisa ser tocado. Faço os sons que me treinei para fazer para ele. Falo as mentiras que me treinei a falar.

Fingi estar apaixonada por ele durante dois anos. *O que é mais um dia?*

Por fim, depois que Asa goza... *de novo*... eu sinto. É uma sensação de paz. Uma calma tranquila, me dizendo que minha alma, meu corpo, minha mente e minha perseverança se uniram num acordo. Vamos lutar contra Asa com a única arma mais forte que ele. *Vamos lutar com amor.*

Ele cai ao meu lado e me puxa, me colocando de frente para ele. Eu sorrio e ponho a mão em sua bochecha.

— E agora? — pergunto, acariciando gentilmente seu rosto com os dedos, que de algum jeito pararam de tremer. — Como saímos dessa confusão, Asa? Não posso perder você de novo.

Ele pega minha mão e a beija.

— Nós nos vestimos e saímos pela porta da frente, Sloan. Simples assim. E depois vamos para algum lugar... qualquer lugar. Vamos para bem longe daqui.

Concordo com a cabeça, absorvendo tudo que ele acabou de dizer.

Asa pode ser burro como uma porta, mas também pode ser uma das pessoas mais espertas que já conheci.

Sempre tentei estar um passo à frente dele. Dessa vez não é diferente. Cada movimento que ele faz de agora em diante é um teste. Examino minuciosamente suas palavras e as reviro em minha mente.

Ele sabe que não podemos sair pela porta da frente. Ele sabe sobre a vigilância. Por isso entrou pela janela.

Balanço a cabeça.

— Asa, você não pode sair pela porta da frente — digo, me forçando a parecer preocupada com ele. — Luke colocou gente me vigiando. Se a pessoa lá fora vir você comigo, vai ligar para Luke.

Asa sorri.

Era um teste.

Ele se aproxima e beija minha testa.

— Vamos sair pela janela, então.

— Preciso arrumar minhas coisas primeiro.

Começo a me levantar, mas ele me puxa de volta.

— Eu arrumo para você. Não saia da porra da cama.

Ele se levanta e olha ao redor do quarto. Noto as veias em seu pescoço saltando quando ele vê os pertences de Luke. Tento distraí-lo da própria raiva.

— Tem uma mala no alto do closet.

Aponto para o closet e vejo os olhos dele examinando a distância da cama até a sala. Ele anda até o closet e bate a porta ao passar. Sua maneira de me avisar que é bom eu nem tentar fugir.

Presto atenção na minha postura na cama e percebo que pareço pronta para me levantar num pulo a qualquer momento. Não estou sendo convincente o bastante.

Eu me deito de volta no travesseiro e tento parecer relaxada. Ele sai do closet e me olha, sorrindo. Gostou de eu não ter tentado fugir. Está baixando a guarda.

— Linda pra caralho, amor — diz ele, jogando a mala na cama. — O que quer que eu coloque?

Ele dá uma olhada no quarto. Seus olhos se fixam na cômoda, na foto de Luke comigo. Mandei imprimir uma semana atrás e coloquei num porta-retratos. Vejo Asa engolindo em seco.

— Me dê licença por um segundo — diz ele, andando na direção da porta do quarto.

— Aonde você está indo? — pergunto, me sentando na cama.

Ele abre a porta e vai para a sala.

— Deixei o Jesus na cruz perto da janela. Preciso Dele.

Que porra é essa?

Asa volta antes que eu consiga processar o que falou, e está segurando alguma coisa.

— Isso é um crucifixo?

Mas o que significa isso?

Ele sorri e assente, então ergue o crucifixo acima da cabeça e o desce novamente, bem em cima da fotografia emoldurada na cômoda. Eu me encolho com o primeiro golpe, mas ele bate a cruz no porta-retratos repetidas vezes, até deixá-lo em uma dúzia de pedacinhos.

Estou *completamente* apavorada. Mas me forço a rir. Não sei como. Cada parte de mim quer gritar de pavor, mas sei que é a última coisa que preciso fazer. Estou interpretando um papel, e minha personagem precisa rir para Asa, porque ele tem que saber que não sinto nada por aquela foto.

Asa olha para mim e admira meu sorriso novamente. Ele sorri de orelha a orelha, então aponto para a mesinha de cabeceira.

— Tem uma ali também.

Ele vê o outro porta-retratos e atravessa o quarto. Balança o crucifixo como se fosse um bastão, derrubando a foto e jogando-a na parede. Mesmo sabendo que ele ia fazer aquilo, estremeço. Eu me encolho ao notar quanto ódio ele sente por Luke.

Durante todo o tempo, fico rezando em silêncio para Luke milagrosamente voltar para casa mais cedo. Mas agora estou rezando para ele não aparecer, porque não sei se algum homem derrotaria a pessoa que Asa está sendo agora. Ele está completamente irracional. Sem qualquer pingo de compaixão, de empatia. Está delirando. É perigoso. E prefiro tirá-lo deste apartamento e ser forçada a

acompanhá-lo do que estar com ele aqui quando Luke voltar para casa.

Asa olha mais uma vez ao redor do quarto. Como não vê mais nada que o deixe furioso, joga o crucifixo na cama.

— Que horas Luke chega em casa?

Ele sabe que horas Luke chega em casa.

Eu poderia mentir e dizer que ele pode chegar a qualquer momento, mas se Asa descobriu nosso endereço, então é provável que saiba cada passo nosso. Luke chega às seis todo dia.

— Às seis — respondo.

Asa assente, tira o celular do bolso e confere a hora.

— Vai ser uma longa espera — diz ele. — O que quer fazer durante as próximas horas?

Espera aí... O quê?

— Vamos *esperar* ele chegar?

Asa se senta na cama ao meu lado.

— Claro que vamos, Sloan. Não vim até aqui para pegar minha garota de volta e não me vingar do canalha que a roubou de mim.

De algum jeito, ele consegue dizer aquilo com um sorriso no rosto.

Mais uma vez engulo meu medo.

— Podemos comer a lasanha. Se eu não tirá-la do forno nos próximos dois minutos, vai ficar intragável.

Asa se inclina na minha direção e dá um beijo na minha boca, fazendo um estalo alto.

— Que ideia genial, gata. — Ele desce da cama e me pega no colo. — Estou faminto. Pode vestir sua roupa se quiser.

Ele larga minha mão e vai até o banheiro. Deixa a porta aberta e me observa o tempo todo em que está de pé em frente ao vaso sanitário. Visto a roupa de volta, tentando impedir que minhas mãos tremam de forma muito evidente. Ele dá descarga e volta para o quarto, andando até a sala.

— Eu estava brincando mais cedo — diz ele. — Não odeio sua lasanha. Eu me sinto muito mal por ter dito aquilo, mas eu estava muito chateado com você.

Passo por ele e fico na ponta dos pés para beijar sua bochecha.

— Eu sei, amor. Todos nós dizemos coisas que não queremos quando estamos bravos.

Entro na cozinha. A lasanha ficou no forno por muito mais tempo do que eu pretendia, mas acho que ainda não queimou. Só não vai render fotos muito bonitas para o livro de receitas.

Rio ao pensar nisso.

Sério? Minha vida está pela porra de um fio e estou pensando num livro de receitas idiota?

Quando entro na cozinha, Asa não está muito atrás. Tenho certeza de que ele está no meu pé porque ainda não se convenceu de que não estou indo pegar uma faca. Ele é esperto, porque se não estivesse um passo atrás de mim mesmo, é o que eu provavelmente ia fazer. Pego as caixas vazias de ingredientes espalhadas pela bancada e as jogo no lixo, mas assim que o faço, noto que a lixeira está sem o saco plástico.

É porque tirei o lixo da lata.

Olho para o saco de lixo com um nó no alto, ao lado da lata vazia.

Olho para a lata vazia.

Minha pulsação começa a disparar e faço o possível para esconder isso.

Esqueci a porra do lixo!

Calma, calma, calma. Pego uma luva e abro a porta do forno. Ponho a assadeira da lasanha em cima do fogão. Asa chega por trás de mim e abre um armário para pegar pratos. Ele beija o topo da minha cabeça, pega uma espátula e corta a lasanha, se recusando a trazer uma faca à equação. Enquanto ele corta a lasanha, fico encarando a lata de lixo vazia.

Eu não tirei o lixo de casa.

Luke

Olho para o celular mais uma vez.

— Você não está escutando — diz Ryan, chamando minha atenção de volta para ele.

— Estou escutando. — Deixo o telefone na mesa com a tela para cima. Fico olhando para o aparelho e fingindo prestar atenção em Ryan, mas ele tem razão. Não estou escutando nada.

— Que porra é essa, Luke? — Ele estala os dedos. — Qual é o seu problema, cacete?

Balanço a cabeça.

— Nada, é só... — Nem quero dizer aquilo em voz alta porque vou parecer um idiota. As medidas que Sloan e eu tomamos para nos sentirmos seguros são ridículas, até para os meus padrões. — Já se passaram cinco minutos.

Ryan se encosta no apoio da cadeira e toma um gole da sua bebida. Estamos numa pizzaria qualquer a apenas alguns quilômetros do meu apartamento, discutindo o assunto que sempre discutimos quando nos encontramos: o caso de Asa. Ele vai ser julgado daqui a alguns meses, e prefiro morrer a não fazer o possível para a situação ficar o mais clara e resolvida que der. Quanto mais longa a sentença que Asa receber e por quanto mais crimes for condenado, melhor Sloan vai ficar.

— Cinco minutos desde o quê?

— Meio-dia. *Seis*, agora.

Olho para o celular. São 12h06 e Sloan ainda não tirou o lixo.

Ryan se inclina para a frente.

— Por favor, explique-se, porque você está começando a me deixar puto por não estar prestando atenção na nossa conversa.

— O cara que vigia meu apartamento durante o dia, Thomas, ele sempre me manda uma mensagem logo depois do meio-dia para me avisar que Sloan tirou o lixo. Ela sempre o deixa do lado de fora da porta ao meio-dia, para eu saber que está tudo bem.

Pego o celular e começo a escrever para Thomas.

— Por que não liga e pergunta se ela está bem? — diz Ryan, como se fosse a resposta mais óbvia.

— Isso é uma proteção extra. Se acontecer alguma coisa e alguém estiver com ela, podem forçá-la a atender o telefone e fingir que está tudo bem. Fazemos outras coisas além de telefonemas, por segurança a mais.

Ryan me encara por um tempo depois que envio a mensagem. Sei que ele acha que estou sendo paranoico

demais, mas não pode me culpar. Asa é completamente psicótico e imprevisível. Não sei se alguém ficaria seguro o bastante em relação a ele.

— Na verdade, isso é genial — comenta Ryan.

— Eu sei — respondo, me preparando para digitar o número de Sloan. — Foi ideia dela. E até hoje ela não deixou de fazer nenhum dia. Põe o lixo para fora no horário exato.

Levo o aparelho até o ouvido e espero chamar. Ela nunca deixou de atender o telefone.

Espero.

Ela não atende. Quando cai na caixa postal, recebo uma mensagem do vigia.

Esperando. Ela ainda não tirou o lixo.

Sinto um frio na barriga. Ryan percebe. Ele se levanta ao mesmo tempo que eu.

— Vou pedir reforços — diz ele, jogando algumas notas na mesa.

Saio pela porta antes de poder responder. Estou no meu carro, xingando o trânsito, buzinando e fazendo o possível para chegar logo lá.

Quatro minutos.

Quatro excruciantes e malditos minutos.

É o tempo que vou levar para chegar.

Disco um número.

— Sim? — atende ele.

— E agora? Ela já tirou a porra do lixo?

Estou tentando manter a calma, mas não consigo.

— Ainda não, cara.

Dou um soco no volante.

— Alguém entrou pela porta hoje? — grito, por mais que eu tente manter a calma.

— Não. Não desde que você saiu hoje de manhã.

— Vá até os fundos! — berro. — Confira as janelas!

Ele não diz nada.

— Agora! Vá dar uma olhada nas janelas enquanto falo com você!

Ele pigarreia.

— Você me contratou como vigia. Não tenho nem uma arma, cara. De jeito nenhum vou lá atrás se você está tão preocupado assim.

Agarro o celular com mais força e grito:

— Você está *DE SACANAGEM COMIGO?*

A linha fica muda.

— Filho da puta de merda!

Piso no acelerador e ultrapasso um sinal vermelho. Faltam duas quadras agora. Estou quase no cruzamento quando acontece.

Meu corpo inteiro se sacode com o impacto. Vi o caminhão pelo canto do olho, depois não vi mais. Meu *airbag* é ativado. Meu carro começa a rodar. Sei que tudo está acontecendo mais rápido do que sou capaz de compreender, mas a impressão que tenho é de que a batida acontece em câmera lenta.

Ela se arrasta. Se arrasta por malditas horas.

Quando meu carro finalmente para, o sangue já está escorrendo até o meu olho. Escuto buzinas e pessoas

gritando. Tento tirar o cinto de segurança, mas não consigo mexer o braço direito. Está quebrado.

Tiro o cinto com o braço esquerdo, depois encosto o ombro na porta e a empurro.

Seco o sangue da minha testa.

— Senhor! — grita um homem atrás de mim. — Senhor, você precisa ficar no carro!

Alguém segura meu ombro e tenta me impedir.

— Saia de cima de mim! — grito.

Tento me recompor por tempo suficiente para entender para qual direção estou olhando. Noto a lojinha de conveniência à minha direita. Eu me viro para a esquerda e empurro a multidão que começa a se amontoar em volta do meu carro. As pessoas estão gritando para eu parar, mas só consigo correr.

Duas quadras.

Posso fazer isso em menos de um minuto.

Durante todo o tempo em que corro até o meu apartamento, imagino razões para Sloan não estar atendendo o telefone. Rezo para eu estar errado, para estar exagerando. Mas conheço Sloan. Tem alguma coisa errada. Ela não deixaria de atender o telefone.

Ela não deixaria de tirar o lixo ao meio-dia.

Tem alguma coisa errada.

Quando finalmente chego ao prédio, não estou num veículo, então o sensor da porra do portão não abre.

Procuro por alguma porta, mas quando acho, está trancada. Dou vários passos para trás, então pulo o portão, de algum jeito conseguindo me apoiar no braço que está bom e subir. Não caio de pé. Caio em cima da porra do

ombro direito, e a dor percorre meu corpo como um relâmpago, me deixando sem fôlego. Sou forçado a parar por um segundo para pegar ar. E logo depois já estou de pé.

Vejo Thomas, o cara da segurança. Está em pé ao lado do seu carro. Quando ele me vê, arregala os olhos e ergue as mãos.

— Foi mal, cara, eu estava indo dar uma olhada em Sloan.

Ele se afasta e não consigo evitar: dou um soco em seu pescoço com minha mão boa. Continuo andando enquanto o deixo caído na porta do carro.

— Seu babaca idiota! — grito por cima do ombro.

Corro na direção do apartamento e passo direto pela porta da frente, dando a volta no prédio e indo na direção da parede da sala e do quarto. Corro até a janela da sala e preciso de toda minha força para não gritar o nome de Sloan quando reparo no fecho da janela.

Não está trancada.

Imediatamente deduzo como tudo aconteceu. O cara da manutenção. A culpa é minha, porra. Eu devia ter estado um passo à frente de Asa. Mas não paro para pensar por muito tempo. Eu me encosto na parede ao lado da janela e tento escutar.

Enfio a mão na lateral da calça e saco a arma. Fecho os olhos e inspiro.

Escuto vozes.

Escuto a voz de Sloan. Sinto vontade de chorar ao perceber que não cheguei tarde demais, porém deixo isso para depois. No momento, me aproximo mais um centímetro da janela e tento espiar lá dentro. Mal consigo ver alguma coisa por causa das cortinas.

Merda.

Minha pulsação está à mil. Ouço sirenes ao longe e não tenho a menor ideia se estão vindo para cá porque Ryan chamou, ou se estão indo até o local do acidente que acabei de causar no cruzamento. De qualquer jeito, se eu não fizer nada nos próximos cinco segundos, seja lá quem estiver dentro desse apartamento vai escutá-

las.

E vai ser forçado a agir.

Eu me ajoelho e seguro a arma na mão esquerda enquanto abro levemente a janela com a direita. Espio lá dentro e vejo Sloan. Também vejo mais alguém. Ele está de costas para a janela. Rindo.

Está rindo, porra, e imediatamente sei que é ele mesmo. Asa está lá com Sloan. Ainda não a machucou. Ela está em pé na cozinha.

Se Asa ouvir as sirenes, *vai* machucá-la. Vai entrar em pânico e fazer alguma estupidez. Não sei como ela o manteve tão calmo assim, mas não fico surpreso. Minha Sloan é esperta pra caralho.

Levanto mais dois dedos da janela. Por meio segundo, Sloan me encara nos olhos.

Meio segundo.

Um olhar.

Ela deixa o garfo cair e sei que foi de propósito. Assim que faz isso, exclama: — Merda!

Sloan se abaixa para pegá-lo. Levanto a janela mais um pouco enquanto Asa começa a empurrar o banco para trás. Ele está dando a volta na bancada por algum motivo. Para ver se ela não está tentando armar alguma coisa? Ergo a arma, mal conseguindo posicionar o dedo direito no gatilho.

Asa pega o garfo e o joga na pia, entregando um limpo a Sloan. Assim que o aceita, ela se joga no chão e grita:

— Agora!

Antes que Asa sequer comece a entender o que está acontecendo, eu puxo o gatilho. Não espero para ver onde o acertei. Levanto toda a janela e entro no apartamento, correndo pela sala até chegar a Sloan. Ela está engatinhando em volta da bancada, vindo na minha direção.

— De novo! — grita ela em desespero. — *Por favor*, Luke! Atire nele de novo!

Asa está deitado no chão, a mão no pescoço. Há sangue jorrando por seus dedos, escorrendo pelo braço. Seu peito está subindo e descendo com dificuldade enquanto ele se esforça para respirar. Aponto a arma para ele.

Asa arregala os olhos e olha ao redor, procurando por Sloan.

Ela está atrás de mim, agarrando as costas da minha camisa, com medo. O olhar dele recai sobre ela.

— Vadia maldita — balbucia. — Eu menti. Odeio a porra da sua lasanha.

Puxo o gatilho.

Sloan grita e enfia o rosto nas minhas costas.

Eu me viro e a puxo para mim. Ela está chorando, me agarrando com toda sua força.

Não consigo mais ficar de pé.

Agarro a bancada e desço com ela até o chão. Puxo-a para o meu colo e ela se enrosca em mim. Tento ignorar a dor que sinto no braço ao segurá-la. Enterro o rosto em seu cabelo e sinto seu cheiro.

— Você está bem?

Ela está soluçando, mas consegue assentir.

— Está ferida? — Tento examiná-la, mas ela parece bem. Coloco a mão em sua barriga, fecho os olhos e solto o ar. — Eu sinto tanto, Sloan.

Tenho a sensação de ter falhado. Fiz tudo o que pude para protegê-la, e de algum jeito Asa conseguiu chegar a ela.

Sloan abraça meu pescoço com força, e sinto que está balançando a cabeça.

— Obrigada. — Ela está me abraçando com muita força. — Obrigada, obrigada, obrigada, Luke.

As sirenes estão do outro lado da porta agora.

Alguém está batendo nela.

Ryan entra pela janela e avalia a situação, então vai até a porta da frente e a destranca. Vários policiais uniformizados entram, gritando ordens uns para os outros. Um deles tenta se dirigir a Sloan e a mim, mas Ryan o puxa para o lado.

— Dê um minuto a eles. Caramba.

E eles nos dão. Vários minutos. Fico abraçando-a até os médicos entrarem. Continuo abraçando-a enquanto verificam os batimentos cardíacos de Asa. Continuo abraçando-a quando um deles anuncia a hora da morte dele.

Continuo abraçando-a quando Ryan se senta no chão ao nosso lado.

— Vi seu carro — diz ele, referindo-se ao acidente. — Você está bem?

Confirmo que sim.

— Alguém se machucou? — pergunto.

Ele balança a cabeça e responde:

— Só você, pelo visto.

Sloan se afasta e olha para mim.

— Ai, meu Deus, Luke. — Ela põe a mão na minha testa. — Ele está ferido! Alguém ajuda!

Ela sai do meu colo e um médico corre até nós. Ele examina minha cabeça por um breve segundo.

— Precisamos levá-lo ao hospital.

Ryan ajuda o médico a me levantar do chão. Dou a mão a Sloan ao passar por ela, que a segura com ambas as mãos. Ela está na minha frente, andando de costas e me olhando, frenética.

— Você está bem? O que aconteceu?

Dou uma piscadela.

— Só uma batidinha de carro. Não dá pra se afogar em água mineral se o navio do cruzeiro está cheio de tacos de salmão.

Sloan sorri e aperta minha mão.

Ryan resmunga e olha para um dos médicos.

— Precisa checar se Luke não sofreu uma concussão. Ele fez isso da última vez em que se machucou.

Começou a dizer um monte de coisas aleatórias que não faziam sentido.

Eles me colocam na ambulância, mas ainda estou segurando a mão de Sloan. Ela se senta ao meu lado, se aproxima mais e me beija. Então afasta os lábios e olha para mim, ainda cheia de preocupação.

— Acabou, Luke? Esse pesadelo finalmente acabou?

Confirmo com a cabeça e levo a mão ao seu rosto.

— Acabou, Sloan. De vez.

Luke

Passei três dias no hospital por causa do meu acidente. Sloan me acompanhou porque eu não queria que ela ficasse sozinha no apartamento depois de tudo o que havia acontecido.

Ela ainda não fala sobre o que rolou naquele dia antes de eu chegar. Por mais que eu espere que ela consiga se abrir e me contar algum dia, não vou pressioná-la. Sei do que Asa era capaz e não gosto nem de imaginar o que ela teve que aguentar. Sloan tem feito terapia, o que parece ajudar muito, então isso é tudo que posso exigir dela. Só quero que continue fazendo qualquer coisa que a ajude a passar por essa situação no ritmo que for necessário.

No dia em que recebi alta, um funeral havia sido marcado para Asa. Sloan e eu estávamos no apartamento arrumando alguns pertences quando Ryan ligou para me contar. Repassei a informação para Sloan, mas eu sabia que ela não iria ao funeral depois de tudo pelo que Asa a fez passar.

Mais tarde, naquela mesma manhã, a caminho da casa dos meus pais, Sloan me disse que queria ir ao funeral. Pediu para eu dar a volta com o carro. Claro que tentei convencê-la a não fazer aquilo. Fiquei até um pouco chateado por ela querer se sujeitar a uma coisa dessas, mas precisei lembrar a mim mesmo que ela o conhecia melhor do que ninguém. Mesmo tendo pavor de Asa, ela foi uma das poucas pessoas que significou alguma coisa para ele. Por mais fodido que fosse o jeito dele de expressar isso.

Quando chegamos, éramos os únicos presentes.

Tentei imaginar como deve ter sido para ele. Não ter nenhuma família, e os poucos amigos que tinha não serem de verdade. Ele não teve ninguém nem para preparar o funeral, então foi o serviço mínimo. Não havia mais nenhuma pessoa lá. Só um pastor da funerária, eu, Sloan e outro funcionário da funerária. Nem sei se teriam feito alguma prece se nós dois não tivéssemos aparecido.

Não quero dizer que aquilo me ajudou a entendê-lo melhor, porque ele mesmo foi o motivo para ninguém ter aparecido no funeral. No entanto, senti mais pena dele naquele momento do que nunca. O problema é que Asa prejudicou todos que cruzaram seu caminho durante toda sua vida, e não dá para culpar outra pessoa além do próprio Asa por isso.

Sloan não chorou no funeral. Foi um enterro simples, que só durou dez minutos. O pastor fez um sermão rápido e uma prece, e então perguntou se um de nós queria dizer alguma coisa. Neguei com a cabeça, porque sinceramente eu só estava lá por causa de Sloan. Mas Sloan assentiu. Ela ficou ao meu lado, de mãos dadas comigo, e olhou para o caixão. Expirou cuidadosamente antes de começar.

— Asa... Você tinha muito potencial. Mas passou cada dia da sua vida esperando que o mundo retribuísse os anos de merda que teve na infância. Foi nisso que você errou. Esse mundo não nos deve nada. Aceitamos o que recebemos e aproveitamos da melhor forma. Mas você pegou o que recebeu, cagou em cima e ainda esperou mais.

Ela deu um passo para a frente e soltou minha mão. Não havia flores, então ela se abaixou e pegou um dente-de-leão, colocando-o em cima do caixão. Depois, num sussurro baixinho, continuou: — Toda criança merece amor, Asa. Sinto muito por você nunca ter recebido esse amor. Mas por isso eu te perdoo. Nós dois te perdoamos.

Ela ficou em silêncio por vários minutos. Não sei se estava fazendo uma prece silenciosa por ele ou se estava se despedindo, mas aguardei. Finalmente ela deu um passo para trás e pegou minha mão, dando meia-volta e indo embora comigo ao seu lado. Naquele momento, fiquei feliz por termos decidido ir. Acho que ela precisava ter estado lá mais do que eu pensava.

Desde aquele dia, há mais de sete meses, pensei muito naquele momento. Achei que tinha entendido o que ela falou no enterro de Asa. Mas agora, diante do berço do meu filho, admirando ele dormir pacificamente, acho que acabei de me dar conta do que Sloan quis dizer com "*Nós dois te perdoamos.* "

Na época, achei que ela estava falando de nós dois. Ela e eu. Que nós dois perdoávamos Asa pelo que ele nos havia feito passar. Mas agora entendo que Sloan não estava se referindo a mim naquele dia. Ela estava se referindo a nosso filho. Quando ela falou *nós*, estava falando dela e do nosso filho.

Sloan estava dizendo a Asa que eles o perdoavam, porque mesmo estando grávida de poucos meses na época, acho que ela sempre soube que provavelmente Asa é o pai biológico do nosso filho. Acho inclusive que foi por esse motivo que ela precisava ir ao funeral. Sloan não queria um encerramento para ela.

Ela precisava de um encerramento para a criança que Asa nunca conheceria.

Só conversamos uma vez sobre o fato de que nosso filho, Dalton, pode não ser biologicamente meu. Foi duas semanas depois do nascimento dele. Sloan tinha comprado um teste de paternidade porque achava que eu me incomodava por não saber se Dalton era meu ou de Asa. Tinha medo de eu ficar me remoendo por não ter certeza

sobre ser o pai ou não, e ela não queria ficar entre a verdade e eu.

O teste de paternidade ficou no armário do banheiro desde aquele dia. Ainda não o abri. Ela não me perguntou nada. E agora, observando meu garotinho dormir, sinto que já sei a resposta.

Não importa quem é o pai desse bebê, porque Sloan é a mãe.

Houve um momento, certa vez, quando Asa me apresentou oficialmente a Sloan. Ela estava na cozinha, balançando-se de um lado para o outro, lavando a louça. Ela era completamente hipnotizante. E havia uma paz em seu rosto que eu logo descobriria que era muito rara.

Vejo aquela mesma paz no rosto de Dalton quando ele dorme. Ele tem o cabelo escuro dela, os olhos dela. E

a personalidade dela. Isso é tudo que importa para mim. Queria que Sloan acreditasse nisso. Queria que ela soubesse que, quer aqueles resultados provem ou não que esse bebê é biologicamente meu ou de Asa, isso não muda nada. Não amo essa criança porque tenho a responsabilidade biológica de amá-la. Amo essa criança porque sou humano e não consigo evitar. Amo porque sou seu pai.

Eu me inclino sobre o berço e passo a mão na cabeça dele.

— O que você está fazendo?

Olho para trás e vejo que Sloan está apoiada na entrada do quarto. Com a cabeça encostada no batente da porta, ela está sorrindo para mim.

Puxo o cobertor de Dalton um pouco para cima, me viro, e ando até Sloan. Pego a mão dela e fecho a porta do

quarto. Sloan entrelaça os dedos nos meus e me segue até nosso quarto e depois até nosso banheiro.

Ela continua atrás de mim, segurando minha mão, quando abro o armário e tiro de lá o teste de paternidade.

Quando olho para ela, noto um medo silencioso em seus olhos. Dou um beijo nela para espantar o medo e mantenho minha mão junto da sua enquanto vamos até a cozinha. Eu me aproximo da lixeira e levanto a tampa. Pego o teste de paternidade — ainda na caixa lacrada — e o jogo fora. Fecho a lixeira e me viro para Sloan.

Ela está com lágrimas nos olhos e, por mais que esteja tentando esconder, há um sorriso se formando no canto de sua boca. Eu a abraço e, por vários segundos, ficamos nos encarando em silêncio. Ela está olhando para mim e eu estou olhando para ela de cima. Neste momento, nós dois sabemos tudo o que precisamos saber.

Não importa como os integrantes da minha família surgiram. O que importa é que agora esta é minha família. Somos uma família. Eu, ela e nosso filho.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Tarde demais

Site da autora

https://www.colleenhoover.com/

Facebook da autora

https://www.facebook.com/AuthorColleenHoover/

Instagram da autora

https://www.instagram.com/colleenhoover/

Snapchat da autora

https://www.snapchat.com/add/colleenhoover

Twitter da autora

https://twitter.com/colleenhoover

Goodreads da autora

https://www.goodreads.com/author/show/5430144.Colleen_Hoover

Skoob da autora

https://www.skoob.com.br/autor/9122-colleen-hoover



É assim que acaba

Hoover, Colleen

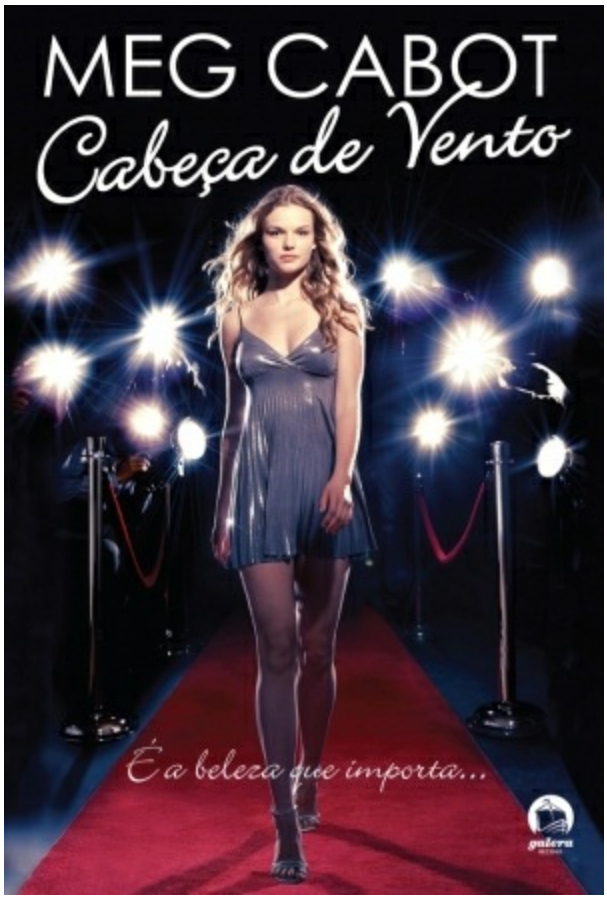
9788501113498

368 páginas

Compre agora e leia

Da autora das séries Slammed e Hopeless. Um romance sobre as escolhas corretas nas situações mais difíceis. As coisas não foram sempre fáceis para Lily, mas isso nunca a impediu de conquistar a vida tão sonhada. Ela percorreu um longo caminho desde a infância, em uma cidadezinha no Maine: se formou em marketing, mudou para Boston e abriu a própria loja. Então, quando se sente atraída por um lindo neurocirurgião chamado Ryle Kincaid, tudo parece perfeito demais para ser verdade. Ryle é confiante, teimoso, talvez até um pouco arrogante e se sente atraído por Lily. Porém, sua grande aversão a relacionamentos é perturbadora. Além de estar sobrecarregada com as questões sobre seu novo relacionamento, Lily não consegue tirar Atlas Corrigan da cabeça — seu primeiro amor e a ligação com o passado que ela deixou para trás. Ele era seu protetor, alguém com quem tinha grande afinidade. Quando Atlas reaparece de repente, tudo que Lily construiu com Ryle fica em risco. Com um livro ousado e extremamente pessoal, Colleen Hoover conta uma história arrasadora, mas também inovadora, que não tem medo de discutir temas como abuso e violência doméstica. Uma narrativa inesquecível sobre um amor que custa caro demais.

Compre agora e leia



Cabeça de vento

Cabot, Meg

9788501400536

320 páginas

Compre agora e leia

Emerson Watts nem queria ir à inauguração da Stark Megastore no SoHo, mas alguém precisava tomar conta da sua irmã caçula, que está loucamente apaixonada por um astro pop britânico que daria autógrafos por lá. Além dele, uma outra pessoa muito famosa também marcaria presença... Nikki Howard, supermodelo internacional, sensação adolescente e rosto dos produtos Stark. Isso, é claro, é a receita para um desastre.Junto com os belos e famosos, uma multidão apareceu para conferir a inauguração - e, no meio das pessoas comuns, alguns manifestantes resolveram demonstrar o quanto são contra o monopólio da Stark, que está acabando com o comércio de rua em toda a cidade. Em meio à manifestação, está Emerson Watts, nerd extraordinaire.

Compre agora e leia



Cidade dos ossos - os instrumentos mortais - vol. 1

Clare, Cassandra

9788501100931

462 páginas

Compre agora e leia

Um mundo oculto está prestes a ser revelado... Quando Clary decide ir a Nova York se divertir numa discoteca, nunca poderia imaginar que testemunharia um assassinato - muito menos um assassinato cometido por três adolescentes cobertos por tatuagens enigmáticas e brandindo armas bizarras. Clary sabe que deve chamar a polícia, mas é difícil explicar um assassinato quando o corpo desaparece e os assassinos são invisíveis para todos, menos para ela. Tão surpresa quanto assustada, Clary aceita ouvir o que os jovens têm a dizer... Uma tribo de guerreiros secreta dedicada a libertar a terra de demônios, os Caçadores das Sombras têm uma missão em nosso mundo, e Clary pode já estar mais envolvida na história do que gostaria.

Compre agora e leia



As regras do amor - As regras do amor - vol. 1

Wells, Pamela

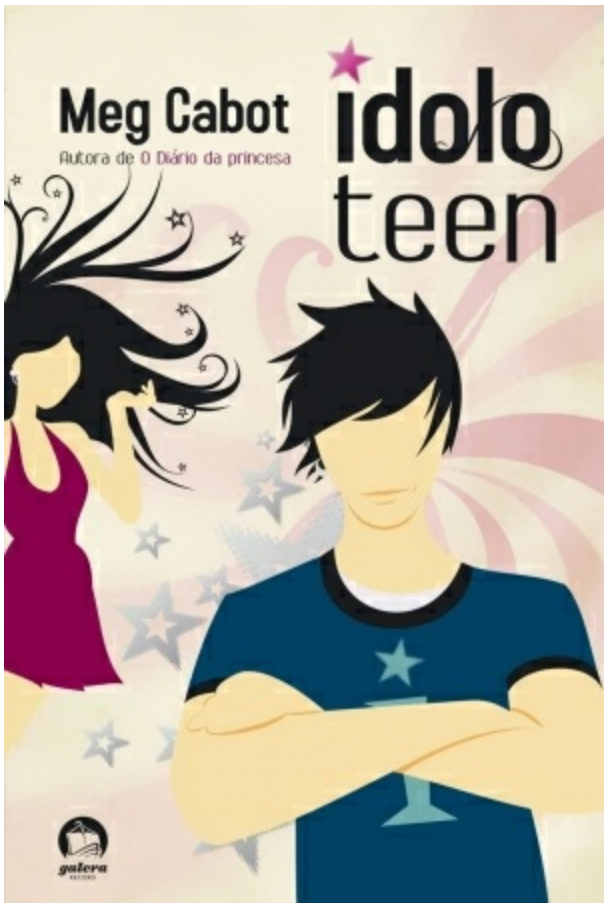
9788501101655

336 páginas

Compre agora e leia

Primeiro volume da série As regras do amor, um chick lit recheado de humor e romance. Três términos de namoro. Quatro amigas. Vinte nove regras para enfrentar uma desilusão amorosa. Sydney, Raven, Kelly e Alexia são inseparáveis. Até que nas vésperas do dia dos namorados, três delas compartilham o azar de serem dispensadas pelos seus respectivos amores. Alexia, que nunca teve um namorado e, portanto, nunca teve seu coração partido, ajuda as outras a deixar para trás a decepção. Com esse apoio, as meninas podem superar seus corações partidos e começar elas mesmas a partir corações.

Compre agora e leia



Ídolo teen

Cabot, Meg

9788501102614

272 páginas

Compre agora e leia

ÍDOLO TEEN é o mais novo e divertido romance de Meg Cabot, autora das séries O

Diário da Princesa e A Mediadora, que juntos alcançaram a marca de 300 mil exemplares vendidos no Brasil. Mas a presença de Luke na escola causa um tumulto tão grande que nem mesmo Jenny sabe consertar. Em especial porque está totalmente envolvida na história! Será que Jen, a confidente de todas as horas, que sempre consegue ajudar todo mundo, vai aprender a seguir o próprio conselho, sair dessa e finalmente encontrará o verdadeiro amor? ÍDOLO TEEN é mais um romance delicioso de Meg Cabot, que vai agradar em cheio as fãs de A garota americana, Garoto encontra garota e O garoto da casa ao lado.

Compre agora e leia

Table of Contents

OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS PELA GALERA RECORD

ROSTO

CRÉDITOS
DEDICATÓRIA
SUMÁRIO

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

CATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

TRINTA E OITO

TRINTA E NOVE

QUARENTA

QUARENTA E UM

QUARENTA E DOIS

QUARENTA E TRÊS

QUARENTA E QUATRO

QUARENTA E CINCO

FIM

EPÍLOGO

LUKE

ASA

SLOAN

LUKE

ASA

PRÓLOGO
EPÍLOGO DO EPÍLOGO

DOIS MESES ANTES

DIAS ATUAIS

SLOAN

ASA

SLOAN

LUKE

LUKE

COLOFON

TARDE DEMAIS

Document Outline

- OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS PELA GALERA RECORD
- ROSTO
- CRÉDITOS
- DEDICATÓRIA
- SUMÁRIO
- UM
- DOIS
- TRÊS
- QUATRO
- CINCO
- SEIS
- SETE
- OITO
- NOVE
- DEZ
- ONZE
- DOZE
- TREZE
- CATORZE
- QUINZE
- DEZESSEIS
- DEZESSETE
- DEZOITO
- DEZENOVE
- VINTE
- VINTE E UM
- VINTE E DOIS
- VINTE E TRÊS
- VINTE E QUATRO

- VINTE E CINCO
- VINTE E SEIS
- VINTE E SETE
- VINTE E OITO
- VINTE E NOVE
- TRINTA
- TRINTA E UM
- TRINTA E DOIS
- TRINTA E TRÊS
- TRINTA E QUATRO
- TRINTA E CINCO
- TRINTA E SEIS
- TRINTA E SETE
- TRINTA E OITO
- TRINTA E NOVE
- QUARENTA
- QUARENTA E UM
- QUARENTA E DOIS
- QUARENTA E TRÊS
- QUARENTA E QUATRO
- QUARENTA E CINCO
- FIM
- EPÍLOGO
- LUKE
- ASA
- SLOAN
- LUKE
- ASA
- PRÓLOGO
- EPÍLOGO DO EPÍLOGO
- DOIS MESES ANTES
- DIAS ATUAIS
- SLOAN
- ASA
- SLOAN
- LUKE

- LUKE
- COLOFON
- TARDE DEMAIS

Table of Contents

OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS PELA GALERA RECORD
ROSTO
CRÉDITOS
DEDICATÓRIA
SUMÁRIO
UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
CATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRÊS
VINTE E QUATRO
VINTE E CINCO
VINTE E SEIS
VINTE E SETE

VINTE E OITO
VINTE E NOVE
TRINTA
TRINTA E UM
TRINTA E DOIS
TRINTA E TRÊS
TRINTA E QUATRO
TRINTA E CINCO
TRINTA E SEIS
TRINTA E SETE
TRINTA E OITO
TRINTA E NOVE
QUARENTA
QUARENTA E UM
QUARENTA E DOIS
QUARENTA E TRÊS
QUARENTA E QUATRO
QUARENTA E CINCO
FIM
EPÍLOGO
LUKE
ASA
SLOAN
LUKE
ASA
PRÓLOGO
EPÍLOGO DO EPÍLOGO
DOIS MESES ANTES
DIAS ATUAIS
SLOAN
ASA
SLOAN
LUKE
LUKE
COLOFON
TARDE DEMAIS